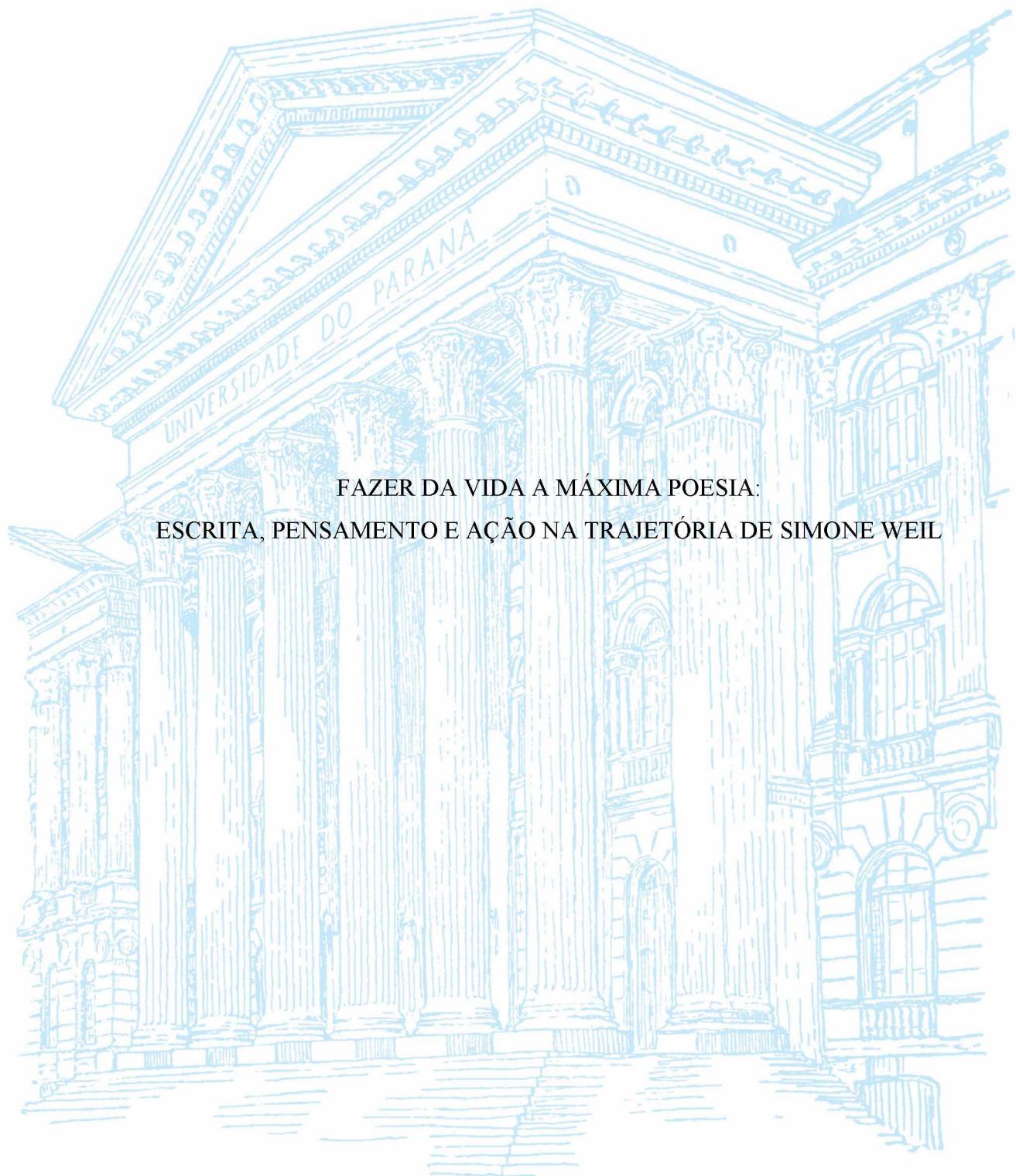


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JESSICA BRISOLA STORI



JESSICA BRISOLA STORI

FAZER DA VIDA A MÁXIMA POESIA:  
ESCRITA, PENSAMENTO E AÇÃO NA TRAJETÓRIA DE SIMONE WEIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em História, Setor de Ciências Humanas, da Uni-  
versidade Federal do Paraná, como requisito par-  
cial à obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Stori, Jessica Brisola

Fazer da vida a máxima poesia: escrita, pensamento e ação na  
trajetória de Simone Weil. / Jessica Brisola Stori. – Curitiba, 2025.  
1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de  
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Doutorado em  
História.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Paula Vosne Martins.

1. Weil, Simone, 1909-1943. 2. Filosofia francesa. 3. Identidade de  
gênero. 4. Mulheres – História. I. Martins, Ana Paula Vosne, 1961-.  
II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do  
Doutorado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -  
40001016009P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **JESSICA BRISOLA STORI**, intitulada: **FAZER DA VIDA A MÁXIMA POESIA: ESCRITA, PENSAMENTO E AÇÃO NA TRAJETÓRIA DE SIMONE WEIL**, sob orientação da Profa. Dra. ANA PAULA VOSNE MARTINS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Setembro de 2025.

Assinatura Eletrônica  
24/09/2025 15:28:05.0  
ANA PAULA VOSNE MARTINS  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
24/09/2025 14:38:00.0  
PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
24/09/2025 20:00:56.0  
ANNA BEATRIZ DA SILVEIRA PAULA  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ )

Assinatura Eletrônica  
25/09/2025 14:17:04.0  
STELLA MARIS SCATENA FRANCO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica  
24/09/2025 18:22:55.0  
ANDRÉ DE MACEDO DUARTE  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ )

*À Eunice*

## AGRADECIMENTOS

A escrita não está só. Até hoje não consegui falar de uma escritora ou ler uma pesquisadora sem perceber a rede ao seu redor. As teias que uma escrita inaugura no mundo são misteriosas, sempre é possível ver um novo encontro. A escrita não está só porque se faz de laços e de contato com diferentes espaços e tempos, perturbando genealogias e tradições estabelecidas. Com esta pesquisa não foi diferente, ela não se fez sozinha, afastada, apesar do tempo de silêncio e de escuta necessário. Se fez do contato, da materialidade e do movimento dos dias.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, a professora Ana Paula Vosne Martins, que está comigo desde as primeiras ideias, ainda em projeto, até as últimas linhas escritas desta tese. A primeira pessoa do plural no texto é um registro de que ele não se fez sozinho e conta com outro olhar, atento e cuidadoso em todo o percurso.

Agradeço às professoras Priscila Piazzentini Vieira, Anna Beatriz da Silveira Paula, Stella Maris Scatena Franco e ao professor André Duarte, pela leitura e pelos generosos e atenciosos comentários – com as suas sugestões e conversas ampliadas, o trabalho com certeza pôde chegar numa melhor versão.

Esta tese é dedicada à Eunice, minha mãe, pois enquanto eu escrevia sobre movimentos – os mais diversos – sabia que ela também estava circulando, andando por aí entregando cartas. Sua imagem não saiu da minha cabeça enquanto escrevia. Sei que a andança é só a primeira camada do que esse retorno significa, seu gosto pela leitura e estímulo pelo estudo continuam aqui. Obrigada, família!

*“Céu, terra e mar calam-se para ouvir dois amigos, dois amores conversando baixo”.* Sobre o amor e a amizade parece estar tudo aí neste verso de Weil. Quando li pela primeira vez, pensei em algumas pessoas com quem tenho conversas do riso leve às escutas mais urgentes. Além da dicotomia dos grandes acontecimentos da vida, sempre tenho vocês por perto, no cotidiano que construímos há algum tempo. Obrigada, Dédallo, Karen, Aninha, Julia, Agnes, Mari e Rafa.

Ainda no terreno dos afetos, gostaria de agradecer a presença de amizades brasileiras que fiz na França, durante o período de estágio em Paris. Na *Maison du Brésil*, tive encontros preciosos: Jess, Roberta, Ana Carol, Carol, Tati e Karina, obrigada pelos três meses de pesquisa, trocas, andanças, trem, chão e livros.

Na França, tive um novo encontro com o fazer historiográfico através das fontes, do contato direto com o acervo de Simone Weil. Um período de explosão de novidades para a pesquisa e para mim mesma, possibilitado através do Programa Institucional de Internacionalização – CAPES – PrInt. Ainda é só o começo, sonho com um Brasil onde pesquisadores do mestrado e do doutorado tenham condições materiais para executarem suas pesquisas, seja no Brasil ou no exterior. Nossas lutas por dignidade e direitos trabalhistas são urgentes.

Agradeço aos professores e aos colegas de linha de pesquisa, Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimentos na História, pelas ideias, caminhos e conversas de percurso. Obrigada aos funcionários e técnicos da Universidade Federal do Paraná e do Restaurante Universitário.

Por fim, agradeço à professora Gabrielle Houbre, da Université Paris Cité, por me receber no *Centre d'Études et de Recherches Interdisciplinaires en Lettres, Arts et Cinéma* (CERI-LAC) em minha missão de pesquisa. Também gostaria de agradecer aos funcionários da Biblioteca Nacional da França, em nome da Chefe de Departamento de Manuscritos, Sylvie Bourel, pela separação do acervo e auxílio nos momentos de consulta. Também agradeço à Sylvie Weil, pela gentileza em autorizar o uso de imagem das fontes aqui reproduzidas.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Não consigo cantar  
em meio a todo esse horror*

Anna Akhmátova

*You. There, with your gazing eyes  
Your blazing eyes*

*You are free for a moment. Then it comes  
back: this*

*This enforced loss of self  
in a greater thing of course, who has ever  
lost herself in somenthing smaller?*

Adrienne Rich

*Escrever é consumir a si mesma, apostar em si mesma*

Susan Sontag

## RESUMO

A trajetória de Simone Weil (1909-1943) é permeada por uma série de criações, experimentações e recusas, todas registradas em sua obra. A filósofa francesa escreveu e realizou ações sobre si e o seu tempo indissociáveis de um modo de vida que se deu a partir de influências diretas e indiretas. Esta pesquisa tem como objetivo investigar seu percurso enquanto pensadora do início do século XX pela problematização do gênero e de suas possibilidades criativas pela escrita. Temos como interesse identificar as condições históricas de gênero contemporâneas à vida de Simone Weil, como se deu a construção da sua subjetividade singular e autônoma em relação aos discursos de gênero e como articulou estes processos em sua escrita e vida. Através desses direcionamentos, investigamos aspectos de sua dissidência de gênero e sexualidade, a entender os caminhos e conflitos encontrados por ela para existir por meio de sua própria criação e em confronto com as categorias de gênio e de intelectual. Destacamos nesse encontro com o gênero, a descrição, palavra-ação apropriada em nossa perspectiva feminista, como uma desarticulação do gênero, da mulheridade e das categorias limitadoras/normativas do ser/viver/existir. No contato com as escritas de si elaboradas nos cadernos, nas cartas e nos diários, investigamos o fazer-se em Simone Weil enquanto uma obra de arte e poesia máxima, acarretando riscos, ambivalências e contradições de uma trajetória intensa que se fez acompanhar de uma produção pluralista. Recorrendo à história das mulheres e aos estudos de gênero, procuramos acompanhar suas andanças pelo mundo com objetivo de compreender a importância do movimento em sua trajetória e em seu pensamento, as suas diferentes experiências de viajante e as condições materiais e afetivas de seus deslocamentos. Simone Weil se fez em um movimento de pensamento autônomo que teve origem ainda na infância, mas não se fez sozinha e distante do mundo. Esta tese não compartilha com representações de santidade, nem de excepcionalidade. Simone Weil foi uma pessoa profundamente atenta ao tempo e à realidade e se apropriou de referências passadas e presentes para construir um pensamento singular sobre diferentes temas, mas sempre em atenção a si, aos outros e ao seu tempo.

**Palavras-chave:** Simone Weil; gênero; descrição; escrita de si; história das mulheres.

## ABSTRACT

Simone Weil's (1909-1943) trajectory is marked by a series of creations, experiments, and refusals, all recorded in her work. The french philosopher wrote and carried out actions about herself and her time that were inseparable from a way of life based on direct and indirect influences. This research aims to investigate her journey as a thinker of the early 20th century by problematizing gender and the creative possibilities it offers through writing. We are interested in identifying the historical conditions of gender contemporary to Simone Weil's life, how her unique and autonomous subjectivity was constructed in relation to gender discourses, and how she articulated these processes in her writing and life. Through these guidelines, we investigate aspects of her gender and sexuality dissidence, seeking to understand the paths and conflicts she encountered in order to exist through her own creation and in confrontation with the categories of genius and intellectual. In this encounter with gender, we highlight decreation, a word-action appropriate to our feminist perspective, as a disarticulation of gender, womanhood, and the limiting/normative categories of being/living/existing. In contact with her writings in notebooks, letters, and diaries, we investigate Simone Weil's development as a work of art and ultimate poetry, carrying the risks, ambivalences, and contradictions of an intense trajectory accompanied by a pluralistic production. Drawing on women's history and gender studies, we seek to follow her travels around the world in order to understand the importance of movement in her trajectory and thinking, her different experiences as a traveler, and the material and emotional conditions of her journeys. Simone Weil developed an autonomous way of thinking that originated in her childhood, but she did not do so alone and apart from the world. This thesis does not share representations of holiness or exceptionality. Simone Weil was a person deeply attentive to her time and reality, and she appropriated past and present references to construct a unique way of thinking about different themes, but always with attention to herself, others, and her reality.

**Keywords:** Simone Weil; gender; decreation; self writing; women's history.

## RÉSUMÉ

Le parcours de Simone Weil (1909-1943) est marqué par une série de créations, d'expérimentations et de refus, tous consignés dans son œuvre. La philosophe française a écrit et réalisé des actions sur elle-même et sur son temps, indissociables d'un mode de vie issu d'influences directes et indirectes. Cette recherche a pour objectif d'étudier son parcours en tant que penseuse du début du XXe siècle à travers la problématisation du genre et de ses possibilités créatives dans l'écriture. Nous souhaitons identifier les conditions historiques du genre contemporaines de la vie de Simone Weil, comment s'est élaborée sa subjectivité singulière et autonome par rapport aux discours sur le genre et comment elle a articulé ces processus dans son écriture et sa vie. À travers ces orientations, nous étudions les aspects de sa dissidence en matière de genre et de sexualité, afin de comprendre les chemins et les conflits qu'elle a rencontrés pour exister à travers sa propre création et en confrontation avec les catégories de génie et d'intellectuel. Nous soulignons dans cette rencontre avec le genre la décréation, mot-action approprié dans notre perspective féministe, comme une désarticulation du genre, de la féminité et des catégories restrictives/normatives de l'être/vivre/exister. En nous référant aux écrits qu'elle a réalisés dans ses cahiers, ses lettres et ses journaux personnels, nous explorons la construction de Simone Weil en tant qu'œuvre d'art et de suprême poésie, avec les risques, les ambivalences et les contradictions d'un parcours intense qui s'est accompagné d'une production pluraliste. En nous appuyant sur l'histoire des femmes et les études de genre, nous cherchons à suivre ses errances à travers le monde afin de comprendre l'importance du mouvement dans son parcours et sa pensée, ses différentes expériences de voyageuse et les conditions matérielles et affectives de ses déplacements. Simone Weil s'est construite dans un mouvement de pensée autonome qui a pris naissance dès son enfance, mais elle ne s'est pas construite seule et loin du monde. Cette thèse ne partage pas les représentations de sainteté ou d'exceptionnalité. Simone Weil était une personne profondément attentive au temps et à la réalité et s'est approprié des références passées et présentes pour construire une pensée singulière sur différents thèmes, mais toujours en étant attentive à elle-même, aux autres et à son époque.

**Mots-clés:** Simone Weil ; genre ; décréation ; l'écriture de soi ; histoire des femmes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caderno de Rascunho.....	25
Figura 2 - Simone Weil no Liceu Henri IV.....	33
Figura 3 – Marie Curie durante a Conferência de Solvedor.....	34
Figura 4 – Caderno de Poesia.....	36
Figura 5 – Caderno 10 de Marselha.....	52
Figuras 6 e 7 – Caderneta “Preta” e Caderno 8.....	68
Figura 8 – Manuscrito de <i>A um dia</i> .....	77
Figura 9 – Caderno 1.....	83
Figura 10 – Caderno 1.....	87
Figura 11 – Caderno 1.....	88
Figura 12 – Caderno <i>Cours de Sévigné</i> .....	94
Figura 13 – São Francisco de Assis, de Giotto di Bondone.....	105
Figura 14 – Caderno de Rascunho.....	108
Figura 15 – Passaporte de Simone Weil.....	121
Figura 16 – Revista <i>La Révolution prolétarienne</i> .....	123
Figuras 17 e 18 – Diário de fábrica.....	131
Figura 19 – Diário da Espanha.....	132
Figuras 20 e 21 – Diário da Espanha.....	134
Figura 22 – Simone Weil na Espanha.....	137
Figura 23 – Caderneta da Itália.....	139
Figura 24 – Caderneta.....	142

## SUMÁRIO

1 Introdução.....	14
2 Uma pessoa estranha e pouco terrena: formação, performance e descrição.....	24
2.1 O intelectual e Simone Weil.....	24
2.2 Entre a estratégia e a recusa do gênero.....	43
2.3 Revisar o gênio: a descrição em Simone Weil.....	56
3 Desfazer a separação entre si e o mundo: a escrita como passagem.....	65
3.1 A escritora mensageira: o espaço da escrita.....	65
3.2 Fragmentos circulares: os cadernos e a escrita de si.....	81
3.3 Fazer da própria vida a máxima poesia: o treinamento de si.....	89
3.4 Ser o teatro vivo do pensamento.....	100
4 Viagens e deslocamentos: o movimento como ação liberadora.....	110
4.1 A experiência de viagem: os caminhos trilhados por Simone Weil.....	110
4.2 A Alemanha espera num silêncio trágico.....	119
4.3 “Está tudo calmo, não estamos matando ninguém”: de trem para Barcelona.....	128
4.4 A arte de viajar é apenas um ramo da arte de pensar.....	138
Considerações finais.....	145
Referências.....	153
Fontes.....	153
Referências de figuras.....	156
Referências bibliográficas.....	158

## **Avisos**

Todas as traduções são livres, exceto quando indicado em nota de rodapé ou em texto sua referência. Fazemos isso para destacar as traduções para o português dos escritos de Simone Weil.

Quando não utilizamos um texto direto do manuscrito, mas alguma edição da obra de Simone Weil, também indicamos no texto ou em nota de rodapé a referência.

## 1 Introdução

Propor uma análise histórica da trajetória de uma pensadora como foi Simone Weil implica em se deparar com um caminho não transparente e descontínuo, mas repleto de camadas, possibilidades e conflitos. Estudar esta trajetória requer a consciência dos limites da historiadora diante de uma complexidade de temas e da diversidade de informações e conhecimentos, de leituras e de fontes. Implica também, a possibilidade de entrar pelas frestas de uma escrita não convencional, como as notas dos cadernos, os rascunhos e os esboços, como os diários e as cartas, registros de um trabalho de reflexão sobre um fazer-se no mundo. Assim, a pesquisa de doutorado que realizamos parte do *falar e estar com* e não um *falar de*, isto é, um devir-com que só foi possível pela problematização da escrita de Simone Weil: um empenho em realizar o diálogo entre pensamento e experiências de vida. Esta pesquisa é também um registro do aprendizado com essa filosofia, um estado de ficar com o problema<sup>1</sup>, entre conflitos e possibilidades, de escrever uma nova perspectiva sobre um percurso de vida.

Simone Adolphine Weil nasceu em Paris no dia 3 de fevereiro de 1909. De família abastada e de origem judaica<sup>2</sup>, desde muito nova Weil se interessou por arte e literatura a partir dos estímulos de seus pais, Bernard e Selma Weil. Seu empenho intelectual na adolescência a levou para os estudos de filosofia no Liceu Henri IV, antes de ingressar na prestigiosa *École Normale Supérieure*<sup>3</sup>. A partir deste período, em contato com a orientação de Alain<sup>4</sup> (1868 – 1952), Weil ajustou seus objetivos de estudo em filosofia alinhando-se ao ativismo político de esquerda.

Após terminar sua formação em 1931, Weil tornou-se professora num liceu para meninas, em Le Puy, na França. Neste período, encontrou dificuldades profissionais por conta de sua atuação política. Além das aulas, participava de projetos pedagógicos voltados às universidades populares e esteve sempre envolvida com manifestações grevistas, atuando junto ao

<sup>1</sup> Nos referimos à reflexão vivaz de Donna J. Haraway em *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*, uma operação de pesquisa-vida explanada por ela em sua atenção à presença, ao presente, isto é, ficar com o problema é também não buscar respostas imediatas ou salvacionistas: “ficar com o problema requer estabelecer parentescos estranhos; [...] precisamos uns dos outros em colaborações, em combinações inesperadas, em amontoados quentes de composto. Devir-com reciprocamente, ou não devir em absoluto” (2023, p. 16).

<sup>2</sup> De acordo com a biografia *Vida de Simone Weil* (1976, p. 5), escrita por Simone Pétrement, os pais de Weil não eram praticantes do judaísmo, apesar da religião ser presente na família paterna. Em carta, de 1942, ao padre Joseph-Marie Perrin, consultada no Fundo Simone Weil da Biblioteca Nacional da França, Simone Weil escreveu que os pais a criaram em um “agnosticismo completo”. No original: “J’ai été élevée par mes parents et mon frère dans un agnosticisme complet ; et je n’ai jamais fait le moindre effort pour en sortir, je n’en ai jamais eu le moindre désir”.

<sup>3</sup> A partir daqui vamos nos referir como ENS.

<sup>4</sup> Alain foi o pseudônimo utilizado pelo professor e filósofo Émile-Auguste Chartier.

movimento operário e sindicalista na década de 1930. Devido às necessidades de seu engajamento, pediu licença algumas vezes para se dedicar aos projetos de pesquisa e de militância, como o processo de proletarização e trabalho em fábricas entre os anos de 1934 e 1935. Até o início da Segunda Guerra Mundial, Simone Weil conciliou sua atuação militante com a docência, a filosofia e a escrita.

Após o período da experiência de fábrica, sua trajetória revelou o interesse e a aproximação da espiritualidade cristã, depois aprofundada em leituras místicas e religiosidades orientais como o hinduísmo e o budismo. Ao mesmo tempo em que continuou seus estudos e militância contra a opressão social, Weil passou a refletir sobre os temas da miséria humana e da marginalização social a partir de uma perspectiva nova, a cristã, chegando a escrever em carta de 1942 “que o cristianismo [era] por excelência a religião dos escravos”<sup>5</sup>. Apesar dessa aproximação envolver certas práticas e comportamentos cristãos, não se batizou e não adotou os dogmas da Igreja Católica, contudo, manteve-se atenta à história do cristianismo e de personagens cristãs que a inspiraram, como São Francisco de Assis e São João da Cruz, especialmente nos últimos anos de vida.

Weil também participou da Resistência na Guerra Civil Espanhola, em 1936, junto aos anarquistas da Coluna Durruti, mas logo teve de abandonar a frente de batalha por conta de um acidente com queimaduras graves em uma de suas pernas. Em 1940, deixou Paris, uma vez que a cidade foi ocupada pelos alemães e, com a sua família, exilou-se em Marselha, na França livre. Mais tarde, em junho de 1942, viajou para Nova Iorque contra a sua vontade.

Sentindo-se profundamente angustiada com a sua partida num momento tão crítico na Europa, retornou depois de quatro meses, dessa vez para Londres, onde continuou a escrever ensaios, notas filosóficas, projetos e artigos para jornais em colaboração com o movimento França Livre. Em agosto de 1943, com 34 anos, morreu num hospital em Ashford, cidade próxima a Londres, de tuberculose agravada pela dificuldade em se alimentar. Apesar do que foi noticiado à época pela imprensa, não é possível afirmar que Simone Weil se negou totalmente a se alimentar, de acordo com Simone Pétrement (1997, p. 720-721) suas últimas semanas de vida foram muito atribuladas, ora não conseguindo ingerir alimentos sólidos, ora pedindo que suas refeições fossem enviadas aos soldados de guerra. Há também a possibilidade de que já estivesse doente em Nova Iorque e então, na Europa, se alimentando pouco e se submetendo a

---

<sup>5</sup> “Là j’ai eu soudain la certitude que le christianisme est par excellence la religion des esclaves” (Carta ao padre Joseph-Marie Perrin, de 1942, consultada no Fundo Simone Weil da Biblioteca Nacional da França).

um trabalho intenso, acrescido do sofrimento por não conseguir atuar como esperava, a debilitaram muito. Simone Weil foi à Inglaterra com o objetivo de participar do conflito e quando percebeu que seus planos não estavam avançando, sentiu-se impotente, o que deve ter contribuído com o avanço do seu quadro de saúde, levando-a à morte aos 34 anos.

Pesquisadores e biógrafos de Simone Weil costumam reforçar a inseparável relação entre vida e obra em sua trajetória. Por isso, entendemos seus escritos autobiográficos, escritas de si e ensaios como partes fundamentais de seu projeto intelectual, pois são registros dessa elaboração filosófica interligados ao seu dia a dia como militante, operária, pensadora e professora. Entendemos a sua filosofia como meditações escritas a partir de suas pesquisas, leituras e experiências e, diferente de um sistema explicativo estritamente teórico e abstrato, a obra de Simone Weil é um esforço de conexão com a prática e o tempo, sem um método definido de pesquisa, análise e escrita. No entanto, o caminho entre a vida e a obra existe, são duas experiências distintas que buscamos analisar nesta pesquisa, interpelando questões e conexões possíveis entre contexto/tempo, escrita e vida.

Entramos em contato com a sua obra a partir dos textos sobre a experiência de fábrica no livro *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* (1979), traduzido por Therezinha Langlada e organizado por Ecléa Bosi. Neste livro, a apresentação de Simone Weil ao público leitor brasileiro se faz a partir de seus esforços militantes em diferentes períodos e circunstâncias, o espaço da fábrica é somente um dos aspectos de sua trajetória apresentados neste livro. Os ensaios teóricos, as cartas e o diário desta edição apresentam uma escrita e uma vida multifacetada em prol de transformações sociais ao lado dos trabalhadores e contra as forças fascistas do início do século passado. Mostra o seu fazer-se como pensadora em diferentes períodos. Em seguida, conhecemos os livros *A Espera de Deus* (2019), *O peso e a graça* (2020) e *Contra o colonialismo* (2019), edições em português brasileiro que adicionaram mais camadas em nossa percepção sobre sua trajetória, apontando para frentes diversas de interesses, de pensamento, de escrita e de ação. As primeiras leituras de suas obras e de seus estudiosos, como Fernando Rey Puente e Maria Clara Bingemer, reafirmaram as facetas de uma pensadora comprometida com o seu tempo pela mobilização de temas teóricos, políticos, filosóficos e espirituais.

Do primeiro contato com a intelectualidade complexa e multiforme de Simone Weil, surgiram questões a respeito da operação do gênero em sua trajetória, afinal foi uma mulher que se construiu como pensadora e intelectual, tendo que ultrapassar barreiras para as mulheres nos ambientes de erudição nos quais ela se formou. Identificamos uma relação não imediata

com a identidade de gênero, nem sempre passível de enquadramento pelo binarismo masculino/feminino, homem/mulher, que remetia à sua infância e adolescência. Também, a relação com o contexto histórico tornou possível a construção de um caminho de investigação sobre sua experiência do ordinário, portanto, distante das descrições que veem mulheres do passado como à frente do seu tempo ou como geniais, por serem poucas ou raras em ambientes majoritariamente masculinos, como o espaço acadêmico do início do século XX. Portanto, essas foram as primeiras inquietações que nos levaram a propor esta pesquisa de doutorado sobre sua trajetória a partir de uma perspectiva histórica pouco usual, em especial no Brasil, como a do gênero.

Em contato com a profundidade e a quantidade de temas sobre os quais Simone Weil escreveu, questionamo-nos sobre o processo de sua criação como intelectual em momentos como os de formação e inserção no ambiente intelectual francês do início do século XX e como o gênero operou diante dos seus engajamentos em lutas contra as opressões sociais e andanças pelo mundo. Nesse sentido, a proposta para a tese é aproximar a teoria feminista e a história das mulheres da trajetória de uma filósofa ainda pouco conhecida no Brasil em sua ampla atuação como intelectual, sendo o nosso principal objetivo vê-la através do recorte de gênero e em sua atuação como escritora, a identificar em seu percurso como se dá a construção de uma subjetividade singular pela escrita de si, pelos fragmentos e pelas cartas, em diálogo com seus temas de interesse enquanto filósofa, militante e viajante. Partimos, então, de sua vida para dialogar com a sua escrita e o seu movimento.

Em *O sujeito e o poder*, Michel Foucault escreve que “o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros” (1984, p. 231). Neste processo de “objetivação do sujeito” (1984, p. 231) acontece o assujeitamento, em que se cria “o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os ‘bons meninos’” (1984, p. 231). Na construção binária da ordem discursiva, subjetiva e prática, torna-se visível os modos pelos quais pessoas tornam-se sujeitos. As feministas pós-estruturalistas ampliaram essa discussão ao constatarem na ordem binária de gênero um processo de assujeitamento ativo, a construir, estimular e auxiliar no processo de subjetivação os discursos sobre o ser homem e o ser mulher. É neste mesmo texto que Foucault diz que somente através da promoção de novas formas de subjetividades que se recusam a estas individualidades assujeitadas e definidas como verdadeiras que se pode repensar o poder – uma tarefa incessante (FOUCAULT, 1984, p. 239).

Nesse sentido, nas camadas multiformes do itinerário de Simone Weil, consideramos ser possível identificar um processo de subjetivação em confronto e em desacordo com a ordem de gênero, mesmo sem assumir um discurso marcado politicamente pelo feminismo. Para

compreender como se deu seu enfrentamento às subjetivações identitárias, foi necessário entender sua elaboração de si, um procedimento que identificamos entre a recusa e a criação, se apropriando ou recusando influências e referências (diretas e indiretas) para criar a si mesma no mundo. Entre acreditar no direito de ser de cada pessoa e obedecer às necessidades de ação do seu tempo, Weil produziu a si mesma de forma ativa, elaborando uma escrita heterogênea e uma existência errática fora de organizações institucionais e categorias identitárias limitantes do ser e do existir. No entanto, a construção de sua autonomia não se deu de forma linear, mas apoiada no ideal da temperança, se utilizando da contenção e da construção no processo do fazer de si a poesia máxima.

Recorremos aos estudos de gênero e das sexualidades, à história das mulheres e às contribuições teóricas do pós-estruturalismo para nos aproximarmos da trajetória de vida de Weil. Para compreender seus momentos de recusa e de criação nos concentramos em sua formação e experimentação intelectual pela investigação dos temas da experiência, do corpo, da escrita e do movimento. Para isso, voltamo-nos à sua infância, adolescência e períodos de conflitos e das viagens que fez na elaboração de sua escrita-vida.

A perspectiva de gênero nos deu a possibilidade de retomar a trajetória de Weil em aspectos da sua subjetivação como pessoa socializada como mulher e as estratégias desenvolvidas por ela no fazer-se intelectual. Mobilizamos autoras como Judith Butler e Elizabeth Grosz e seus estudos sobre sexualidades e gênero para entender tanto o período, no que se refere ao gênero, como para analisar a trajetória de Weil a partir de seus escritos ou relatos presentes na biografia *Vida de Simone Weil* (1997), de autoria de Simone Pétrement.

Entendemos ser fundamental o retorno à sua formação no primeiro capítulo, “*Uma pessoa estranha e pouco terrena*”: *formação, performance e descrição*”, para compreender como se deu a entrada no ambiente intelectual naquele contexto histórico e frente à política de gênero da época. Por ser uma filósofa que se relacionou com diversos temas, incluindo os políticos e religiosos, Simone Weil é estudada especialmente pelas ciências da religião e pela filosofia<sup>6</sup>. Nos estudos sobre a sua trajetória, percebemos a ausência da problematização do gênero e da sexualidade, portanto, um dos principais objetivos deste capítulo é historicizar o corpo e a experiência durante seu processo de formação e autoafirmação intelectual. A partir de uma perspectiva de gênero como a das autoras Anne-Marie Sohn e Françoise Thébaud em seus estudos

---

<sup>6</sup> No Brasil existem vários trabalhos na área de Psicologia Social sobre Simone Weil, pois foi um campo aberto por Ecléa Bosi, uma das principais responsáveis pela entrada de traduções de sua obra no país.

sobre os papéis de homens e mulheres no início do século XX, buscamos compreender como Weil se relacionou com as categorias de intelectual, de gênero e de gênio. Nestas análises, identificamos a recusa e a criação e começamos a conectar este procedimento ao tema da descrição, palavra-ação do vocabulário weiliano. Ainda, identificamos uma Simone Weil próxima da história de seu tempo, não afastada do mundo no espaço reservado aos gênios.

Além do contexto de gênero para as mulheres, foi fundamental compreender o espaço dedicado às mulheres intelectuais do início do século, os processos educacionais disponíveis e a dimensão da estrutura familiar na formação de mulheres burguesas. Com isso, destacamos a importância de compreender o papel da mãe de Simone, Selma Weil, em especial na educação, pois exerceu a função social do cuidado e da vigilância, entendendo que aspectos da feminilidade deveriam ser abolidos na construção da autonomia de pensamento da filha. Para isso, apetidões masculinas deveriam ser desenvolvidas e reforçadas. A partir dessa relação iniciada ainda na infância, o gênero na trajetória de Simone Weil não foi vivido de forma linear, nem de acordo com as expectativas sociais de sua época, algo que buscamos destacar no decorrer da tese.

Para pensar a criação *em e de* Simone Weil, no segundo capítulo, “*Desfazer a separação entre si e o mundo: a escrita como passagem*”, partimos da contextualização de seu processo criativo literário e filosófico, a compreender a sua relação com a escrita, com a notoriedade pública e como se utilizou dela enquanto ação sobre si e sobre o mundo. Simone Weil desenvolveu grande parte do seu pensamento em cadernos, marcados pela fragmentação, diversificação de temas, intertextualidades e pela ausência de um esquema explicativo ou gênero literário definido. Ao entrar em contato com os cadernos, notou-se uma relação com a escrita para além da conexão entre o trabalho filosófico e o texto; veio à tona um espaço dedicado à transformação através da escrita de si.

A escrita de si weiliana foi elaborada também a partir da recepção do mundo antigo, se apropriando de uma maneira de encarar a escrita enquanto meio de conhecer e construir a si mesma, processo que Michel Foucault chamou de artes da existência. Identificamos nos cadernos uma fonte de construção da subjetividade de Simone Weil através da sua compreensão da escrita como um espaço de relação entre conhecimento, invenção e prática de vida. Os cadernos analisados, especialmente entre os anos de 1933 e 1943, quando colocados em contexto, abrem possibilidade de compreensão a respeito de como Simone Weil elaborava a si mesma durante andanças, viagens e exílio. Por isso, o ponto de vista teórico de Foucault e de autores como Fernando Rey Puente e Laia Collel, são muito importantes para nos auxiliar a questionar e entender o processo criativo dos cadernos de Weil.

Quando encontramos em seus cadernos o direcionamento ético-criativo sobre como tornar a vida uma obra musical perfeita ou a poesia máxima, nossa investigação voltou-se para a escrita como um lugar de criação do viver. Na relação de Simone Weil com a escrita de si e nos escritos autobiográficos das cartas e dos diários, foi possível perceber uma nova construção sobre a sua trajetória, onde a santidade e a genialidade foram deslocadas e um processo vibrante de criatividade sobre si foi posto à vista. Neste capítulo pudemos visualizar um processo artesanal e obsessivo sobre a escrita, onde o “eu” é despossuído para dar espaço para um vazio liberador, onde a criação de si é descrição e a escritora, uma mensageira.

No terceiro capítulo, “*Viagens e deslocamentos: o movimento como ação liberadora*”, o objetivo foi investigar as facetas de Simone Weil como viajante em diferentes situações e períodos. Militantes, pesquisadoras e escritoras constantemente têm suas trajetórias interligadas aos seus movimentos pelo mundo. Viajar tornou-se uma abertura não só para lugares e pessoas, mas para o desconhecido dentro de si próprias e para um movimento libertador de autoafirmação. Com Simone Weil não foi diferente, sua trajetória de vida e percurso do pensamento foram marcados pelo deslocamento em diferentes sentidos: de espaço, de classe e de gênero. Propomos um olhar para os caminhos e as experiências da viajante em diferentes momentos, como correspondente, combatente e andarilha, retomando os objetivos, as condições e os desejos envolvidos nessas andanças.

Por fim, em nossa análise, ao mobilizar a trajetória e os temas trazidos por Weil, começamos a identificar uma escritora e escrita obsessivas pelo conhecimento, pela criação e pela ação. Weil lançou um olhar atento ao seu tempo e buscou nas referências do passado e apropriações do seu presente elementos para essas interpelações. Nos interessou compreender como ela criou para si espaços de autonomia em sua formação, em sua escrita e em seu movimento pelo mundo, deslocando-se constantemente de uma perspectiva única sobre si, algo fundamental para a construção de trajetórias de mulheres e pessoas dissidentes do passado. A história das mulheres, os estudos de gênero, a teoria pós-estruturalista e pesquisadores da sua obra foram referências para empreender uma nova perspectiva sobre a trajetória de Simone Weil, sendo possível visualizar a abertura de um novo espaço de reflexão sobre sua obra e vida: a autonomia e o conhecimento de si por onde passou, sem abandonar suas articulações políticas, teóricas e espirituais.

Nessas veredas não vislumbramos somente as transgressões da ordem, mas um intenso diálogo com estruturas de poder, se aproximando do contraditório, articulando o seu sofrimento diante da dor do outro. Uma via de reflexão sobre si através da miséria humana foi lançada e,

mesmo assim, o pessimismo não foi o que a moveu, mas a ânsia da construção: “você não poderia desejar ter nascido em uma época melhor do que essa, em que tudo se perdeu”<sup>7</sup>. Dessa forma, a trajetória de Simone Weil continua a provocar desconfortos por não ser possível enquadrá-la em nenhum outro lugar senão o do terreno aberto, das vigas a serem elevadas, a ser conhecido sempre e mais uma vez.

Por isso sua obra atraiu estudiosas, escritoras e poetas como Susan Sontag, Adrienne Rich, Hilda Hilst, Ingeborg Bachmann e Anne Carson. Nenhum enquadramento único foi destacado por essas autoras sobre Simone Weil, no sentido de aceitarem que há sempre uma nova perspectiva a ser vista e que o caminho da dominação de um estudo de pesquisa não é o único, pelo contrário, a dominação é sufocante e limitadora. Em especial na poesia, várias dessas autoras convocam Simone Weil para a sua escrita, mantendo os sentimentos controversos sobre seu percurso, entre o espanto e a admiração, mas continuam na senda do deslocamento que Simone Weil iniciou. Nossa pesquisa histórica tem um objetivo distinto do das poetas, o caminho também surpreendente de seguir rastros, silêncios e *flashes* de um passado distante e a partir deles elaborar perguntas e fazer conexões com redes, espaços, tempos, palavras e perspectivas de mundo, com o objetivo de se aproximar da sua trajetória. Por outro caminho, também estabelecemos o diálogo e, assim, também encontramos poesia no fazer.

Na surpresa de nossa pesquisa histórica, Simone Weil foi descriada, retirada do lugar da genialidade ou da santidade, ou mesmo do espaço da feminilidade e da mulheridade. Seguimos o seu caminho e ousamos utilizar uma palavra sua para pensar a sua trajetória. Através da descrição, recorremos a uma perspectiva de Weil em seu desfazer/fazer “do ser” e uma nova possibilidade teórico-metodológica feminista a respeito das definições impostas de como viver e ser pôde ser vista ao longo de nosso estudo sobre sua experiência de vida e de escrita. Não fomos as únicas, Yoon Sook Cha em *Decreation and the Ethical Bind* (2017), escreveu que a “descrição é o desfazer do eu através da renúncia à única coisa que se pode reivindicar, nomeadamente, o poder de dizer ‘eu’”<sup>8</sup> e que pertence a uma ética sem “modelo normativo, construtivo ou prescritivo de comportamento” (2017, p. 1-2)<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> “Tu ne pourrais pas désirer être née à une meilleure époque que celle-ci, où on a tout perdu !” (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>8</sup> Decreation is the unmaking of the self through the offering of the one thing can claim, namely, the power to say ‘I’.

<sup>9</sup> Decreative ethics, as I am identifying it in Weil’s work, does not offer a normative, constructive, or prescriptive model for behavior that is basic to familiar forms of ethical inquiry.

De outra forma, mas com encontros pelo caminho, fez Jacob Lau em *Transition as Decreation: A transfeminist phenomenology of Mixed/Queer Orientation* (2018) ao perceber na ideia da descrição a possibilidade do desfazer identitário, ao passo que se constrói a forma desejada de viver/ser/estar no mundo. Entre contradições, ambivalências e conflitos internos e externos, a descrição é a possibilidade de movimento num mundo afetado por categorias, pois une o desfazer do ser enquanto se cria o devir-eu (2018, p. 26)<sup>10</sup>. Lau, pesquisador feminista, parte de sua experiência de transição de gênero e vê na descrição uma postura ética que une pensamento e ação em sua narrativa. Assim como Cha não se concentrou na trajetória de Weil, mas em seus conceitos, Lau não partiu exclusivamente de Weil para pensar a descrição, mas da releitura feita por Anne Carson em *Decreation: Poetry, Essays, Opera* (2005). Portanto, nossas investigações se aproximam pelo entendimento da descrição como possibilidade, mas por caminhos distintos. Entre escrita e vida, Simone Weil viu na impossibilidade a forma concreta da necessidade de agir.

As fontes desta pesquisa são os manuscritos consultados entre agosto e outubro de 2024, no Fundo Simone Weil, na Biblioteca Nacional da França e edições de sua obra. Apesar do registro de grande parte de seu acervo, nos concentrarmos em seus cadernos, cadernetas, cartas e diários, estabelecendo diálogos com os seus textos teóricos e ensaísticos em alguns momentos da pesquisa. Nossa objetivo foi apresentar a escrita de si de Simone Weil por meio de seus originais em diálogo com as edições, biografias e pesquisas de sua obra e vida, dando a ver como Weil criou e se criou nas páginas de seus cadernos sem as mediações editoriais, ainda que através de nossas intervenções de análise histórica<sup>11</sup>.

Retomamos a biografia de Simone Pétrement<sup>12</sup>, *Life of Simone Weil* (1976) e *Vida de Simone Weil* (1997)<sup>13</sup>, a *Oeuvres complètes: VI Correspondance familiale* (2012)<sup>14</sup>, organizada por Robert Chenavier, André A. Devaux e Florence de Lussy, e outros registros familiares como

<sup>10</sup> Decreation as described by Weil and interpreted and articulated by Carson centralizes the contradictions of a project of unmaking self through writing about a becoming self. This is a contradiction I am also taking up by writing about a transition in which I experienced something akin to loss through an articulation.

<sup>11</sup> Durante nossa missão de pesquisa de três meses na França, demos preferência para partes do acervo que não conhecíamos. Por isso, a tese intercala edições da obra e dos manuscritos em nossas referências. Toda vez que houver citação de manuscrito será destacado em nota de rodapé. As citações de edições, seguem as normas de referência bibliográfica – as edições que utilizamos não fazem recorte ou alteração do original, apenas reproduzem os manuscritos. Ao final da tese, é possível visualizar todas as fontes citadas.

<sup>12</sup> Pétrement foi amiga de Simone Weil e sua biografia contém relatos de familiares e amigos não acessados no acervo da BnF. Seu trabalho também foi aprovado pela família, contando com leituras e interações durante a pesquisa e a escrita, conforme foi possível visualizar no acervo de Pétrement na BnF.

<sup>13</sup> A versão em inglês e em espanhol.

<sup>14</sup> A parte do acervo relativo à correspondência familiar não foi encontrada em nosso período de pesquisa na BnF, por isso utilizamos a edição da Gallimard, de 2012.

os livros de memórias *The apprenticeship of a Mathematician* (1992), de André Weil, e *Chez les Weil* (2009), de Sylvie Weil, assim como algumas edições de seus livros para o português, como *O peso e a graça* (2020) e *Espera de Deus: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942* (2019). Também consultamos a organização de Ecléa Bosi de *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* (1996) e a tradução para o espanhol de *Cuadernos* (2001), além de outros escritos de sua obra incluídos na edição da Gallimard de suas obras completas.

O espanto desejado da escrita só se realiza diante do encontro entre o mergulho e as faíscas – momentos em que só faz sentido estar no texto. Das faíscas, as perguntas; das perguntas, os estranhamentos; dos estranhamentos, o deslocamento; do deslocamento, a possibilidade. *Ficar e falar* com Simone Weil foi vê-la através de leituras, perguntas e perspectivas teóricas – em sua maioria colocadas nas páginas que seguem –, mas não só, foi carregá-la no corpo por muitos meses, anos, até o entendimento do inalcançável tornar-se a cada dia mais visível ao mesmo tempo em que o desejo pelo fazer mostrava ser possível continuar a olhar. Soltas no tempo, damos sentido a ele através das inquietações e da abertura histórica para uma nova perspectiva. A tese *Fazer da vida a máxima poesia: escrita, pensamento e ação na trajetória de Simone Weil* é um registro da busca deste novo entendimento sobre um percurso de vida, não solo ou extraordinário, mas feito em contato com o ordinário, com outras daqui e de diferentes tempos e espaços, pensando com as mãos<sup>15</sup> e em relação com a experiência e com a escrita.

---

<sup>15</sup> Além de *Penser avec les mains* (1946) de Denis Rougemont, essa é uma referência às poetas e escritoras que tratam do escrever/pensar com as mãos na contemporaneidade, como Mariana Marino em *não sei quem colocará as mãos em mim* (2022) e Marília Garcia em *Pensar com as mãos* (2025).

## 2 Uma pessoa estranha e pouco terrena: formação, performance e descrição

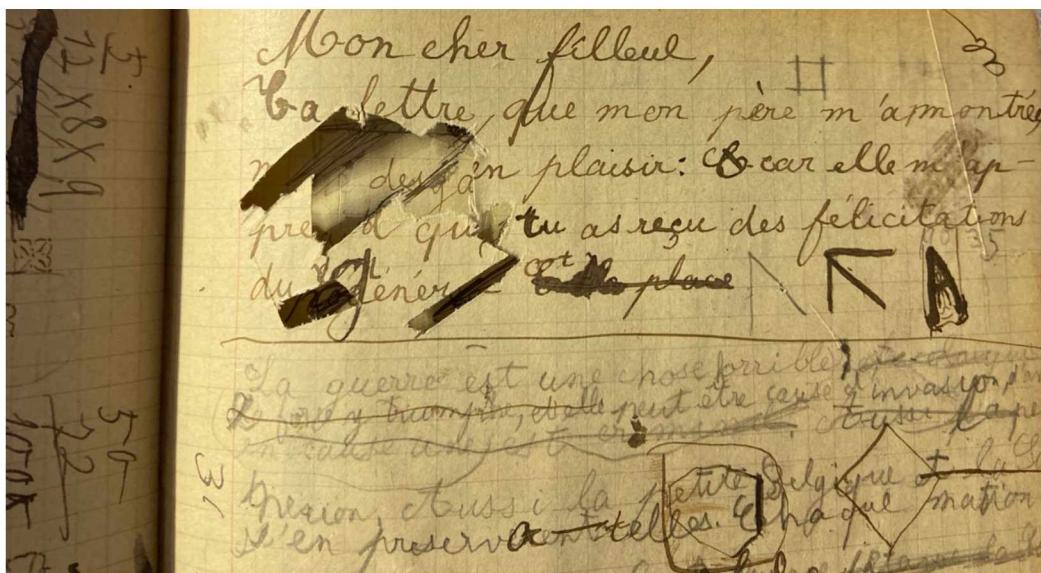
Para uma investigação histórica sobre a trajetória de Simone Weil, entendemos ser fundamental compreender o processo de sua formação e como se deu sua entrada no ambiente intelectual, tendo em vista a operação histórica e social do gênero. Nos estudos sobre o seu fazer-se intelectual, a problematização sobre o gênero e a sexualidade não é enfatizada, portanto, um dos principais objetivos deste capítulo é historicizar o corpo e a experiência em Simone Weil no processo de formação e autoafirmação intelectual.

Neste capítulo, nos concentramos nos períodos da infância e da adolescência, retomando seus escritos mais antigos e aos de seus biógrafos, articulados aos textos memorialísticos da fase adulta. A partir de uma perspectiva de gênero, da história das mulheres e da teoria queer, o capítulo se detém no fazer-se intelectual de Simone Weil através das relações com as categorias de intelectual, de gênio e de gênero. A análise dessas relações revela um procedimento de vida e de obra: entre a recusas e apropriações, Simone Weil criou e descriu a si mesma.

### 2.1 O intelectual e Simone Weil

Filha de Bernard Weil e de Selma Reinherz, Simone Weil soube dos horrores da Grande Guerra (1914-1918) logo cedo, acompanhando as viagens e o trabalho do pai como médico no conflito. Simone e seu irmão, André, apadrinharam soldados com doações de alimentos e doces, ação muito comum à época, pelo envolvimento dos civis no esforço de guerra e nos movimentos patrióticos. Em sua mais célebre biografia, *Vida de Simone Weil* (1997), escrita por Simone Pétrement, filósofa e amiga de Weil desde o Liceu Henri IV, há registros do envolvimento da família com a guerra e do interesse de Simone pelo conflito, informada pelas tias e pelo soldado Louis Craigny, um dos afilhados, dos detalhes sobre as terríveis condições das trincheiras. Encontramos em seu caderno de rascunho da infância um esboço de sua carta a Craigny.

**FIGURA 1** – Rascunho de uma carta ao seu afilhado de guerra: “Meu querido afilhado”. Cahier d’écolier (Na capa : Cahier de Brouillon/Caderno de Rascunho), entre 1915 e 1918



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

A Grande Guerra teve um tremendo impacto sobre o cotidiano e a vida das populações dos países envolvidos. Em diferentes dimensões, todas as classes e categoriais sociais tiveram suas vidas alteradas. Os intelectuais franceses, que no final do século XIX despontaram como grupo relevante e atuante nas discussões públicas e políticas, especialmente a partir do Caso Dreyfus, na década de 1890, interpretaram e construíram teorias e alternativas sublinhando divergências e concordâncias por meio da cultura escrita e da divulgação em jornais, livros e debates. Na França, a atuação dos intelectuais foi expressiva, ganhando novos contornos a partir do envolvimento público e político de escritores, artistas e eruditos.

Dos poucos momentos em que Simone Weil se afirma como parte de um grupo, ela se diz intelectual. No entanto, para entender essa identificação com a vocação intelectual, faz-se necessário entender o que era um intelectual no período de formação de Simone Weil. Quem eram os intelectuais? Como se tornaram intelectuais? Mulheres eram intelectuais naquele contexto? Como Simone Weil tornou-se intelectual a ponto de identificar-se com essa categoria? Quais as redes de sociabilidades em que ela se inseriu, referenciando, ou não, o seu modo de vida e seu pensamento?

Embora não existam dúvidas quanto ao trabalho intelectual de Simone Weil, foi necessário construir-se como tal. Para se definir como uma intelectual numa época em que havia poucas mulheres nas universidades francesas, foi necessário mobilizar recursos e estratégias

que culminaram em sua formação e reconhecimento. Ainda, foi preciso ingressar no campo intelectual. Da *intelligentsia* do filósofo polonês Karol Libelt aos predecessores “homens de letras” do século XIX, os intelectuais do início do século XX consolidaram seu protagonismo e lugar públicos, transformados e ampliados no pós-guerra com o prestígio e a visibilidade de intelectuais conhecidos e lidos não só na França ou na Europa, como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.

Sartre e Beauvoir foram contemporâneos de Simone Weil, vivendo uma experiência de formação acadêmica semelhante, em especial Simone de Beauvoir. As duas foram as primeiras mulheres a ocuparem cadeiras de filosofia na Sorbonne no início do século XX, como alunas. Sartre, Beauvoir e muitos outros intelectuais do entreguerras, são contemporâneos das transformações relativas ao lugar e aos protagonismos que os intelectuais tiveram no espaço público sobre os mais diversos temas. Conforme escreveu François Dosse, no imediato pós-guerra surgiu a categoria do intelectual profeta. Foram eles “gaullistas, comunistas ou progressistas cristãos, todos estavam convencidos de que estavam cumprindo ideias universalizáveis” (2018, p. 6)<sup>16</sup><sup>17</sup>.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, Simone Weil viveu intensamente o impacto da guerra e da ocupação alemã na França, vindo a falecer em agosto de 1943, em Ashford, na Inglaterra. Embora não tenha vivido as transformações do lugar social e político do intelectual no pós-guerra, muitas dessas mudanças começaram a ser elaboradas ainda nas primeiras décadas do século XX, influenciando sua própria maneira de se construir.

Além da rede de sociabilidade intelectual, como trataremos adiante, houve outros tipos de redes de influências ao longo de sua trajetória, passando pelas leituras e os diferentes movimentos artísticos, políticos e círculos de debates e interlocuções da época.

<sup>16</sup> Qu'ils soient gaullistes, communistes ou progressistes chrétiens, tous ont la conviction d'accomplir des idéaux universalisables.

<sup>17</sup> Michel Foucault, em *Verdade e poder*, chamou o intelectual que surgiu após a Segunda Guerra Mundial de “intelectual específico” enquanto anteriormente, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, havia o que chamou de “intelectual universal”. Tendo como referência o físico atômico Robert Oppenheimer, percebeu uma articulação entre as duas figuras, onde “pela primeira vez o intelectual foi perseguido pelo poder político, não mais em função do seu discurso geral, mas por causa do saber que detinha” (1979, p. 10). O intelectual específico “encarnou” uma nova maneira de conectar a teoria e a prática, trabalhando em “setores determinados” onde encontrou problemas específicos e se aproximou “das massas” através dos mesmos adversários, “as multinacionais, o aparelho jurídico e policial”. Já o intelectual universal derivou da figura do “homem da justiça” e teve sua “expressão mais completa no escritor, portador de significações e de valores em que todos podem se reconhecer”, que “empunha sozinho os valores de todos” e que carregava consigo o poder de dar voz a partir de sua elucidação de “escritor genial” e “cientista absoluto” (1979, p. 11).

É importante lembrar dessa multiplicidade de relações, debates e influências porque indicam as diferentes intersecções coletivas, individuais, contextuais e textuais quando se pretende analisar uma trajetória, o que nos leva a não encerrar as possibilidades de uma narrativa histórica sobre o fazer-se intelectual em Simone Weil, pensadora que dialogou com os mais diversos autores, sobre diferentes temas, explícitos, ou não, em seus escritos. No entanto, a formação intelectual de Simone percorreu um caminho pontuado por influências e autoelaboração; da infância até à adolescência e juventude, quando ingressou na universidade para estudar filosofia, iniciando relações com professores e intelectuais, como René Le Senne<sup>18</sup> e Alain.

René Le Senne foi o primeiro contato de Simone em sua incursão pela filosofia, mas não tem destaque como influência em sua obra no decorrer dos anos. A maior influência veio de Alain (1868 – 1951)<sup>19</sup>. Antes mesmo de entrar para a ENS, quando ainda estava no Liceu Henri IV, em 1925, aos 16 anos, Simone já demonstrava interesse em ouvir suas aulas.

Alain teve sua formação no período em que o posicionamento político passou a ser esperado do intelectual. Assim, articulando engajamento e formação acadêmica, Alain foi considerado como a primeira representação do intelectual contemporâneo francês que prevaleceu durante todo o século XX, legando a ele um lugar de importância nesta construção (LETTERE, 2006, p. 15). Alain fez sua trajetória acadêmica como filósofo sem se distanciar dos debates públicos, elaborando discursos e escrevendo crônicas para jornais. Também publicou livros, dedicando-se à escrita filosófica com um olhar sobre a vida, a sociedade, os dilemas do seu tempo e em diálogo com autores do passado.

Um aspecto importante de sua atuação intelectual foi a docência e a orientação acadêmica, descrita por Jean-François Sirinelli (2003) como um “microcosmo”, onde se criou uma atmosfera de grupo, no qual se discutiam as ideias e o pensamento de Alain. De acordo com Sirinelli, Alain não tinha maior projeção na imprensa, mas não era um intelectual de bastidores, ou isolado em seu gabinete universitário. “No interior de uma *intelligentsia*” (2003, p. 253), Alain

constituiu no período entre as duas guerras um grupo ao mesmo tempo unido pela admiração comum por um homem, consolidado pela leitura de uma revista de tiragem quase confidencial, *Les Libres Propos*, e animado por uma profunda fé pacifista (2003, p. 253).

---

<sup>18</sup> Foi um filósofo e psicólogo francês (1882 – 1954).

<sup>19</sup> Como era conhecido o professor e filósofo Émile-Auguste Chartier.

O caráter pacifista deste intelectual estava em sintonia com as ideias políticas e filosóficas do período pós Primeira Guerra Mundial; Alain participou do conflito como soldado, dando-lhe outra perspectiva para suas elaborações filosóficas sobre o julgamento e o consentimento da guerra, com a publicação *Mars ou la guerre jugée*, de 1921. Interlocutor de autores como Paul Valéry, pacifista e antibelicista que mais tarde também trocou cartas com Weil, Alain desenvolveu seu trabalho intelectual conectando vários lugares de ação e reflexão como participante da guerra, escritor, professor e filósofo.

Suas posições político-filosóficas foram recebidas de diversas formas pelos estudantes do entreguerras e no pós-Segunda Guerra, o que indica uma rasura à leitura de Sirinelli quanto à existência de um círculo “relativamente homogêneo, de jovens intelectuais que serviram em seguida de amplificadores para o pensamento do mestre” (2003, p. 254). Além de Simone Weil, Maurice Merleau-Ponty também foi aluno de Alain, e em seu texto *A guerra aconteceu*, de 1945, publicado na primeira edição de *Les temps moderns*<sup>20</sup>, demonstrou uma insatisfação com a posição do seu antigo mestre no período anterior à Segunda Guerra:

Não conseguimos entender por que alguns de nós aceitaram Munique como uma oportunidade de experimentar a boa vontade alemã. Acontece que não fomos guiados pelos fatos. Decidimos secretamente ignorar a violência e o infortúnio como elementos da história, porque vivíamos em um país feliz e fraco demais para sequer vislumbrá-los (MERLEAU-PONTY, 1977, p. 211)<sup>21</sup>.

Mesmo sem citar nomes, Merleau-Ponty aponta para a apatia diante dos indícios da violência nazista por parte de intelectuais franceses. Fredéric Worms (2015) afirmou que Alain consentiu com o Pacto de Munique, confirmado que a revisão crítica de Merleau-Ponty sobre os intelectuais era também endereçada a Alain. A citação de Merleau-Ponty é importante porque aponta para as diferenças existentes no grupo de estudantes e alunos de Alain, do qual participou Simone Weil, mas também porque revela que não foram somente caixas de ressonância de suas ideias, como deu a entender Sirinelli. Nas apropriações feitas pelos estudantes, houve reformulações e recusas de suas ideias e engajamentos.

Mais próxima do círculo intelectual de Weil, Simone de Beauvoir também destacou em suas memórias uma visão similar à de Sirinelli algumas décadas antes, recordando Weil como

<sup>20</sup> Revista política, literária e filosófica fundada por Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Maurice Merleau-Ponty em 1945.

<sup>21</sup> No llegamos a comprender que algunos, entre nosotros, hayan aceptado Munich como una ocasión de experimentar la buena voluntad alemana. Ocurre que no nos guiamos por los hechos. Habíamos secretamente decidido ignorar la violencia y la desgracia como elementos de la historia, porque vivíamos en un país demasiado feliz y demasiado débil para poder ni tan sólo otearlas.

uma estudante “escoltada por um bando de antigos alunos de Alain” (BEAUVOIR, 2009, p. 337) pela Sorbonne, com um exemplar de *Les Libre Propos* sempre à mão.

Na formação de Simone Weil, Alain teve importância, como ela demonstrou, tendo em vista sua influência quando Weil iniciou seus estudos filosóficos no liceu e, em seguida, na universidade. Também, houve influência de Alain nas leituras indicadas e orientadas, especialmente a tríade Platão, Descartes e Kant, dominante no ambiente acadêmico daquele período, além das leituras que foram fundamentais para Alain, como Spinoza, e seu professor de filosofia, Jules Lagneau. Vale mencionar que o método de leitura de Alain não destacava as temporalidades e especificidades dos períodos históricos dos autores que mobilizava, criticado por sua indiferença à história.

Alain era apresentado muitas vezes como um filósofo da *philosophia perennis*, onde os autores reagem uns aos outros através da negação da temporalidade, que não conta ou é cancelada pela grandeza dos debates; assim, Platão se opõe a Hegel e Aristóteles se opõe a Spinoza, sem interferência da época ou do tempo (MYRRHA<sup>22</sup>, 2011, p. 20-21).

Esta maneira de ler os autores e filósofos de diferentes períodos sem se ater à história é um traço que une Alain e Weil, principalmente em seus cadernos. Ao não historicizar os autores do passado, Simone Weil colocava em diálogo autores dos mais diferentes períodos históricos, propondo questionamentos sobre o seu presente, assim como o fez Alain. Segundo Myrrha, para Alain “os antigos *iluminavam*<sup>23</sup> as questões colocadas pelos contemporâneos” (2011, p. 21). O estudioso da obra de Weil, Fernando Rey Puente, explica o objetivo ao dialogar com os autores de diferentes períodos:

Ela não estava preocupada em ser fidedigna às pesquisas mais recentes acerca dos autores, que sempre lia no original com atenção e profundo respeito, nem mesmo em conhecer ou citar a totalidade da obra do autor sobre o qual estivesse escrevendo. Antes, o seu interesse residia em dialogar com esses pensadores a fim de, por meio desse diálogo, criar uma filosofia própria no interior da qual as ideias desenvolvidas outrora por esses autores pudessem encontrar

---

<sup>22</sup> A dissertação *Alain e a arquitetura: uma contribuição para a história das relações entre arte e arquitetura* (2011) de Vânia Myrrha de Paula e Silva é o único trabalho sobre Alain encontrado no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Com uma obra longa e diversa, Alain é pouco conhecido no Brasil, possuindo apenas uma tradução pela É Realizações, do livro *Considerações sobre a educação seguidas de psicologia infantil*, de 2012, por Lília Ledon da Silva.

<sup>23</sup> Autores decoloniais criticam a ideia de iluminação como conhecimento frente ao medo do escuro. O binário *luz x escuro* na perspectiva iluminista produziu uma visão eurocêntrica e hierarquizada de cultura e de conhecimento. Como uma mudança epistemológica, propõe-se o escurecimento como saída, possibilitando ver outros saberes, corpos e linguagens por muito objetificadas. De acordo com Gérard Lebrun: “a questão da escuridão e da obscuridade acaba então por revelar a ideia do diferente e do desconhecido, algo que assusta e provoca nos homens atitudes desmedidas, como o medo, a superstição, o fanatismo e a loucura” (1973, p. 128).

o seu lugar em meio a questões contemporâneas à nossa autora (PUENTE, 2013, p. 89).

Esta passagem é relevante, pois trata de um dos principais interesses da discussão aqui proposta e, de alguma forma, da tese: a criação de uma filosofia própria em meio a uma rede de influências diretas e indiretas, textuais e extratextuais, contemporâneas e distantes no tempo, mas, principalmente, ligada à vida. Simone Weil criou a sua filosofia e o seu lugar de intelectual no seu tempo presente, mesmo quando dialogava com autores de temporalidades diferentes. Não esteve, portanto, fora ou à frente do seu tempo, mas pensando, agindo e se movimentando de acordo com as condições sociais e históricas estabelecidas.

Apesar da forte influência de Alain como um professor e orientador em sua trajetória pela filosofia e na pesquisa acadêmica, Simone Weil saiu dos limites do grupo e criou um caminho próprio partindo de duas perspectivas fundamentais: a experiência no mundo e a presença do corpo no ato de pensar e de escrever. Estes dois aspectos partem da vontade de Simone Weil em colocar-se diante de situações planejadas ou almejadas por ela e, assim, elaborar o pensamento e a ação, que se depreendem na sua obra por meio de fragmentos escritos, ensaios, poesias, dramaturgias, diários e cartas. Como veremos, essas experiências e formas narrativas e discursivas, mesmo quando desejadas, não se deram de forma isolada, mas na intensidade do mundo, correndo riscos e sofrendo as contingências de um percurso de vida.

Weil elencou os problemas sociais e as opressões vividas pelas classes trabalhadoras francesas e de outros lugares do mundo como seus temas de investigação e reflexão, trazendo para a análise do seu tempo presente leituras dos filósofos do passado. Fora do Liceu e da ENS, a reflexão de Weil sobre os temas que atraíram sua atenção não eram exercícios do pensamento abstrato. Sua intenção era ultrapassar a observação e envolver-se, ou seja, colocar pensamento e corpo na experiência da vida e do trabalho no campo e das fábricas para refletir sobre a exploração, a dominação de classe e outros temas que estavam no seu horizonte de investigação filosófica de vida.

As aulas de Alain e as relações com outros estudantes iniciadas ainda no Liceu Henri IV, foram fundamentais para a construção do caminho de insurgência de Weil. Tal disposição iniciou-se na infância, com evidente participação de sua mãe, Selma Weil, que desejava para a filha uma educação e formação intelectual, distante das então chamadas “atividades femininas”. Desde a infância, no ambiente familiar houve estímulo e apoio para a autonomia de pensamento; uma educação diferente das meninas e jovens da sua época, o que implicou numa identidade de gênero não facilmente perceptível pelos padrões sociais e morais. Esta autonomia de

pensamento e ação, foi uma postura conscientemente criada a partir do ambiente familiar e de educação formal<sup>24</sup>. Ainda no Liceu começou a enfrentar as consequências de suas atitudes de inconformismo e insubordinação, como escreveu Simone Pétrement, açãoando suas próprias memórias:

O diretor da escola também não a via com bons olhos e ela recebia reclamações dos professores. Certa vez, ouvi-o dizer que havia visto Simone em Luxemburgo [Jardim] e que a havia repreendido por sua aparência desleixada. O que ele chamava de aparência desleixada era sua maneira de se vestir, seus modos de menino, sua inconformidade (PÉTREMENT, 1997, p. 84)<sup>25</sup>.

A relação entre pensamento e ação acarretou num constante choque com o poder nos espaços em que se formou, seja do Liceu ou da ENS, seja na sua família e nas instituições religiosas e partidárias/sindicais que teve contato. A sua socialização como mulher foi lembrada em situações de insubordinação com as figuras de poder, como a da citação anterior, quando o seu comportamento de rebeldia é associado a desleixo com a aparência, algo não esperado de mulheres. Para citarmos um segundo episódio, no qual ela se manifestou contra a estrutura do Liceu, Pétrement novamente se recorda que durante o terceiro ano havia a regra de meninos e meninas não se sentarem juntos. Ao escrever cartazes ironizando a situação, Simone foi repreendida enquanto os colava na parede (1997, p. 84). Pétrement acreditava ser este o motivo de uma de suas suspensões, mas em contato com a mãe de Weil, descobriu que foi por ter fumado no espaço dedicado aos meninos no pátio do Liceu (1997, p. 84), demonstrando os primeiros embates com os binarismos de gênero fora do ambiente familiar.

Pétrement escreve que já em contato com Alain, Simone foi desaconselhada a manifestar-se e impor-se diante das estruturas de poder do Liceu; ela não deveria admirar o poder, podia desprezar as instituições, mas, contraditoriamente, não deveria desobedecer (1997, p. 84). Simone Weil não seguiu os conselhos de cautela e obediência, pois continuou se envolvendo com manifestações na ENS e, com outros estudantes de Alain, tomou parte em atos e manifestos escritos em prol de demandas que questionavam o poder em várias situações, como a reivindicação de tornar facultativo o serviço militar para homens após a formação no Liceu (1997, p.

<sup>24</sup> Segundo Domenico Canciani, em *Simone Weil: Le courage de penser* (2011), Weil “aprendeu, acima de tudo, a ligar de forma indissolúvel o pensamento e a ação, a reflexão e a vida” neste ambiente de racionalismo crítico do Liceu (2011, p. 48). No original: “Simone [...] a appris surtout à lier de manière indissoluble la pensée et l'action, la réflexion et la vie”.

<sup>25</sup> Tampoco el director la veía con buenos ojos; recibía quejas de los profesores. Le oí una vez decir que había visto a Simone en el Luxembourg y que le reprochó allí su descuidado aspecto. Lo que él llamaba su descuidado aspecto era su forma de vestirse, sus modales de chico, su no conformismo.

104). O questionamento, o envolvimento e o choque em situações de conflito não foram estranhos em sua trajetória, pelo contrário, foram atitudes assumidas por ela.

A foto a seguir é do período em que Simone Weil foi estudante no Liceu Henri IV. É uma imagem pouco conhecida da autora e se encontra no livro comemorativo sobre o Liceu. A imagem foi citada nas recordações de Pétrement, presentes na biografia de Weil, e nos interessei procurá-la. Na fotografia abaixo, além do esboço de um sorriso, destaca-se a postura de confiança da jovem, com os braços cruzados. Weil não está desconfortável no grupo de camaradas, a única no registro da turma de 1926. Sua amiga Pétrement, após tratar na biografia de vários de seus momentos insurgentes, confirma: “em uma foto dos alunos de *khâgne*<sup>26</sup>, ela é vista com os braços cruzados, em uma atitude de feliz desafio” (1997, p. 84)<sup>27</sup>. No canto inferior direito vê-se um chapéu, possivelmente de Alain, presente em outros registros na mesma posição com um adereço semelhante.

---

<sup>26</sup> Como os estudantes chamavam o curso de preparação para a entrada na ENS. Simone Weil fez a primeira educação formal em casa, com professores escolhidos por sua mãe, de acordo com o seu objetivo de uma educação que estimulasse a autonomia de pensamento. Depois, passou pelos liceus, Fénelon e Henri IV e, neste último, se preparou para entrar na ENS, espaço extremamente competitivo, com papel fundamental na formação de inúmeros intelectuais do início do século passado, “onde a dificuldade e a concorrência impunham vários anos de trabalho árduo aos candidatos” (SIRINELLI, 1988, p. 53). Simone entrou para a ENS em 1928, e fez alguns certificados na Sorbonne, onde também retirou o título para dar aulas de filosofia. Em *Génération intellectuelle: khâgneux et normaliens dans l'entre-deux-guerres* (1988), Jean-François Sirinelli destrincha todas as nuances do ensino formal francês do início do século e a importância dos espaços dos liceus e da ENS para a formação intelectual.

<sup>27</sup> En una foto de los alumnos de *khâgne* se la ve con los brazos cruzados, en una actitud de feliz desafío.

**FIGURA 2** – Simone Weil no Liceu Henri IV, em 1926



Fonte: Coleção da *Association pour l'étude de la pensée de Simone Weil*. Publicado em *Le Lycée Henri-IV*, Paris, Collectif, publicado por Gérard Klopp, Paris, 1996. Imagem 22,5 x 13 cm. ISBN 2906535044.

Imagens semelhantes a esta são reveladoras do lugar de cientistas, pensadoras e escritoras que se infiltraram em espaços e grupos majoritariamente masculinos. Marie Curie (1867 – 1934), durante a quinta Conferência de Solvay (1927), aparece na primeira fila, sentada próxima a Albert Einstein (1879 – 1955), e a fotografia se tornou um desses símbolos da aparição de mulheres em espaços de saber, como a física. Mas, diferentemente de Curie, Weil escolheu um caminho de construção de si fora do casamento e da maternidade, mas da mesma forma que Marie Curie, seus experimentos tiveram consequências em seu próprio corpo e saúde.

**FIGURA 3 –** Marie Curie durante a Conferência de Solvay sobre Mecânica Quântica, em 1927



Fonte: Fotografia de Benjamin Couprie, direitos do International Solvay Institutes, Bélgica.

As buscas pela experiência concreta do trabalho intelectual começaram no final da adolescência, no contato com camponeses e pescadores. Em 1927 e 1929, Simone passou alguns dias ajudando trabalhadores agrícolas. Em cartas comentou pouco sobre o tempo passado com eles para não preocupar a mãe, contudo, em seus registros no diário quando foi operária, entre 1934 e 1935, lembrou-se das fadigas de “La Martinière”, local onde passou o verão de 1927: “às 3 horas, um incidente desastroso: quebro um dente em minha serra. Eu sei como isso acontece... Exausta, penso em minhas fadigas de M.” (WEIL, 1951, p. 88)<sup>28</sup>.

Ainda em 1927, em Gouville-sur-Mer, a seis quilômetros de La Martinière, trabalhou na fazenda da família de seu amigo de Liceu, Pierre Letellier, filho de Léon Letellier. Para

<sup>28</sup> “3 h incident désastreux : je casse une dent de ma scie. Je sais comment ça s'est passé... Épuisée, je songe à mes fatigues de la M\*”. Esta alusão ao diário de fábrica é retomada por Pétrement em sua biografia. A versão brasileira de *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* (1996) não possui este registro no diário de fábrica, encontramos na edição de 1951, *La condition ouvrière*.

Simone Weil, o pai de seu amigo representava aquilo que começava a desejar para si, alguém com uma vida dedicada aos estudos, ao pensamento e que agia em seu contexto, pois assim como Alain, Léon Letellier também foi um discípulo de Jules Lagneau:

Filho de camponeses normandos, aos dezesseis anos ele se juntou a um barco de pesca que foi à Terra Nova e depois viajou pelo mundo em um navio de alto mar antes de se tornar um estudante e, aos trinta anos, um discípulo de Lagneau. Finalmente, Léon Letellier retornou à sua Normandia natal e trabalhou como fazendeiro e criador de gado (PÉTREMENT, 1997, p. 88)<sup>29</sup>.

Weil não chegou a conhecê-lo, pois Léon faleceu nos primeiros meses de 1926, contudo, manteve-se próxima à família Letellier por muitos anos. Na passagem de uma carta escrita para a mãe sobre este verão comentou sobre sua vontade de estar entre outras classes sociais e ouvir das pessoas sobre aquele homem que ela admirava (WEIL, 2012, p. 65)<sup>30</sup>. Em 1929, partiu em busca de trabalho ao lado dos camponeses e mais uma vez não deu notícias aos pais a respeito do trabalho que fazia, no entanto, posteriormente soube-se que passava mais de dez horas por dia recolhendo batatas junto com os trabalhadores<sup>31</sup>.

Alguns anos mais tarde, logo após sua *agrégation*, título que a permitia dar aulas de filosofia, foi para a cidade de Puy. Uma das primeiras coisas que fez foi buscar pelos trabalhadores locais, dessa vez os pescadores. Em sua pesquisa, Pétrement encontrou várias impressões dos trabalhadores sobre os pedidos de Simone Weil para estar com eles e ajudá-los de alguma forma. Depois de muita insistência, os irmãos e pescadores Lecarpentier aceitaram que ela embarcasse.

Em seus cadernos, que serão objeto de análise no próximo capítulo, Simone Weil desenvolveu uma escrita muito singular, fragmentada, fluída, recorrendo às repetições. Nestes cadernos há poesias, cópias transcritas de canções populares, sendo que muitos dos temas presentes nestes textos são sobre a vida de pescadores, sobre o movimento do barco ou sobre o mar, como *A vida do marinheiro*<sup>32</sup>, canção transcrita no Caderno 1 (escrito entre 1933 e 1934).

<sup>29</sup> Hijo de campesinos normandos, a los diecisésis años se había enrolado en un pesquero que faenaba en Terra Nova recorriendo después el mundo en un barco de altura antes de convertirse tardíamente en estudiante y, hacia la treintena, en discípulo de Lagneau. Finalmente, Léon Letellier volvió a su Normandía natal y trabajo como agricultor y ganadero.

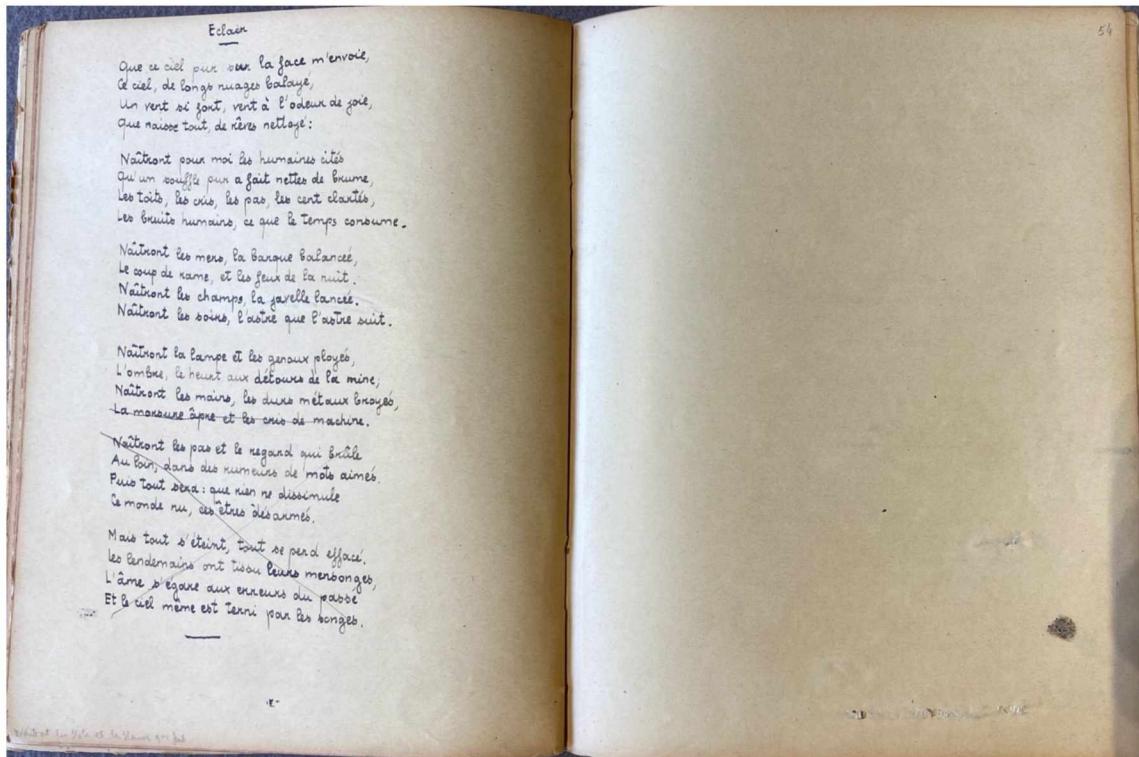
<sup>30</sup> Je passe le reste du temps à voir des gens de toutes sortes, presque toujours intéressants, et pleins du souvenir d'un homme pour lequel tu sais mon admiration.

<sup>31</sup> Nessa ocasião, estava em Marnoz, na casa de uma tia, irmã de sua mãe: “Sólo posteriormente se sabría con qué energía había trabajado, arrancando por ejemplo patatas de la tierra durante diez horas al día” (PÉTREMENT, 1997, p. 118).

<sup>32</sup> “La vie du marin”.

Neste caderno escreveu, “nada é mais belo do que um barco”<sup>33</sup>. Em suas poesias é possível encontrar o mesmo tema em *O mar e Relampejo*, esta última, escrita em 1929 e reproduzida em seu Caderno de Poesia.

**FIGURA 4** – Caderno de Poesia, Sem data. Na capa: “Brouillons de Vers” (Rascunhos de Versos)



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Acreditamos que a poesia *Relampejo* apresente mais profundamente as impressões e sentimentos da época que viveu com os camponeses na fazenda de sua tia, pois em uma carta aos pais menciona uma possível “tempestade” que poderia dificultar os trabalhos na terra. Na tradução de Gabriela W. Porto Alegre, nota-se em sua escrita uma associação entre o anseio por dias límpidos e o nascimento de um novo mundo – ameaçado pelas máquinas, pelas tempestades e pelos gritos de sofrimento:

Que o céu puro na face salve-me / O céu varrido por nuvens compridas [...] limpos os sonhos, que tudo nasça / Nascerão para mim as cidades humanas [...] Nascerão os mares, o barco meneando [...] Nascerão os campos, verter-se-ão seus resíduos [...] Nascerão as mãos, os duros metais moídos, / o ferro mordido

<sup>33</sup> Rien n'est plus beau qu'un bateau. (Consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

sob um grito maquinário / O mundo nasceu; vento, sopre para que ele resista! (ALEGRE, 2021, p. 43)<sup>34</sup>.

A sua pouca idade não a impediu de planejar e reformular suas ações recorrendo à memória dos dias vividos com os trabalhadores e as expectativas sobre um futuro desejado. Sobre a relação entre escrita e experiência, Joan Scott (1999) afirmou que “escrever é reprodução, transmissão – a comunicação do conhecimento conseguido através da experiência (visual, visceral)” (1999, p. 24). No entanto, uma escrita como a de Simone Weil, não se elaborou pela mente afastada da intensidade do mundo, tem uma origem real e material, tem um ponto de partida no corpo em ação no mundo. Nesse sentido, tanto o corpo quanto a experiência são históricos, “não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência” (1999, p. 27), porém, o processo da experiência não é simples, não é somente imposto pelas circunstâncias, existem brechas e escolhas dos indivíduos diante das imposições. Por isso, a margem da ambivalência é requisitada para se compreender a relação entre escrita e corpo, corpo e experiência e experiência e escrita.

Diante dessa reflexão sobre o trabalho do pensar, retomamos as três situações vividas por Simone Weil em anos distintos – anteriores ao período da fábrica - pois nos permitem pensar na apropriação que Simone Weil fez de suas referências iniciais, como Alain e Letellier, ao incorporar em sua própria trajetória traços que identificou como fundamentais: o estudo e a ação. Estudar, ler, escrever e agir (ou agir e escrever) são ações que exigem um corpo em experiência, por isso, há também um processo de recusa na atuação de Simone Weil, ao afastar-se do ambiente acadêmico.

Sua atenção e participação no debate público não se deu de forma convencional através da universidade ou somente da imprensa, como era comum aos intelectuais desde o final do século XIX. A recusa também se deu em sua determinação em articular uma nova relação com o gênero e com a classe. Ao forçar os limites da rigidez destas categorias, seu objetivo foi experimentar, explorar e avançar outros territórios, encontrando na ação e na escrita sua linguagem e expressão.

---

<sup>34</sup> No original, *Éclair*: “Si le ciel sur la face m’envoie / Ce ciel de longs nuages balayé, / Que naisse tout, de rêve nettoyé : Naîtront pour moi les humaines cités [...] Naîtront les mers, la barque balancée, [...] Naîtront les champs, la javelle lancée ; Naîtront les mains, les durs métaux broyés / Et la morsure et le cri des machines”. O final desta poesia a partir do original da edição da Gallimard, de 1968, está como “Naîtront parli les charbons et les grumes, / Entre les docks mille lueurs glacées, / Reflets de quais, d’étoiles et de rues, / Muettes nuits de rumeurs traversées”, que em nossa tradução é: “Os carvões e os guindastes nascerão, / Entre as docas, mil brilhos gelados, / Reflexos de cais, estrelas e ruas, / Noites mudas de rumores cruzados”.

Os três momentos de trabalho agrícola em 1927 e 1929, foram apenas o início de uma relação não imediata entre corpo, experiência e identidade, e encontramos na teoria feminista a possibilidade de enfrentar estas ambivalências, contradições, complexidades e instabilidades. Para retomarmos Joan Scott (1999) e Donna Haraway (1995), o objetivo é de perceber (mais do que tornar visível) a atribuição de posições disponíveis (1999, p. 40) para Simone Weil e o que ela escolheu (ou não) fazer diante disso e dialogar com o seu conhecimento situado e corporificado (1995, p. 22). Não foi a objetividade feminista desejada por Haraway que encontramos em Simone Weil, mas sim um saber localizado a partir de um corpo com história, não transcendente e não universal (1995, p. 27).

O que chamamos de experiência, isto é, o trabalho manual que Simone Weil buscou viver junto com os trabalhadores do campo e das fábricas, não foram experiências impostas por suas circunstâncias de vida, visto que suas condições de classe não impunham a submissão ao trabalho explorado, mas foram experiências buscadas no seu percurso do conhecimento. Contudo, nesses momentos iniciais, o objetivo não estava de todo delineado, mas em processo de construção. Seus motivos eram também de ordem afetiva. Weil sentia-se bem ao estabelecer novos vínculos de amizades e em compartilhar modos de vida – o que não desapareceu depois –, mas se transformou a partir do amadurecimento de sua intelectualidade. Em cartas à mãe, no verão de 1929, escreveu:

O bom de minha estada aqui é que converso com as pessoas da região, o que não pude fazer em Chevreuse<sup>35</sup> [...] Ultimamente, temos passado nossos dias em uma encosta de montanha onde o segundo corte está sendo feito e onde todos nós trabalhamos juntos [...] Você me conhece o suficiente para saber que o que me interessa em uma região não são as pedras antigas ou as belas paisagens. Se eu me sinto em casa aqui, é porque fiz amizade com as pessoas da região. Os trabalhos, as feiras e os festivais são apenas ocasiões para manter essa amizade, compartilhando sua vida (WEIL, 2012, p. 85-86)<sup>36</sup>.

O mesmo tom afetivo aparece em cartas de 1927, onde escreveu que possivelmente não voltaria a encontrar uma situação como aquela novamente; estava entre pessoas que ela amava e que se entendiam (2012, p. 65)<sup>37</sup>. Depois, em outros registros, mesmo com seus objetivos

<sup>35</sup> A família tinha uma casa em Chevreuse, ao sul da França.

<sup>36</sup> Ce qui rend le séjour ici agréable, c'est que je cause avec les gens du pays, au lieu que je ne peux pas à Chevreuse [...] En ce moment nos journées au flanc d'une Montaigne où tout le pays fait maintenant le regain, et où on travaille tous ensemble [...] Tu me connais assez pour savoir que ce qui m'intéresse dans un pays, ce ne sont pas de vieilles pierres ni de beaux paysages. Si je me trouve bien ici, c'est que j'ai fait amitié avec les gens du pays. Les travaux, les foires, les fêtes ne sont que des occasions d'entretenir cette amitié en partageant leur vie

<sup>37</sup> Je suis ici dans des conditions que je ne retrouverai sans doute jamais, avec de gens que j'aime, qui m'intéressent, et avec qui je m'entends mieux.

intelectuais mais definidos, a presença de seu corpo como um aspirante às experiências – visuais, viscerais e afetivas – permanece. Simone Weil não se desfez do seu corpo<sup>38</sup>, ao invés disso, construiu sua memória, seu pensamento e seu conhecimento filosófico através da experiência, no caso anterior, uma experiência afetiva que se deu pelos laços de amizade e camaradagem longe de seu núcleo familiar e das sociabilidades de sua classe, com intenção de fazer parte daquele outro mundo, como se fora o que Pierre Bourdieu (2008) chamou de trânsfuga de classe<sup>39</sup>, só que ao contrário. Segundo Domenico Canciani, esse foi um traço comum entre os intelectuais da geração de Weil, já que “eles sentiram uma necessidade maior de se envolver e se recusaram a se fechar em sua torre de marfim. A palavra que resumia o imperativo moral que os levou à política – *engajamento* – tornou-se parte do vocabulário cotidiano durante a década de 1930 e passou a caracterizar a época” (2011, p. 59)<sup>40</sup>.

Alguns anos mais tarde, entre 1934 e 1935, em seu conhecido ano de fábrica, fica evidente o refinamento de seus objetivos em viver com as classes trabalhadoras. A sua decisão passou de uma circunstância afetiva à da experiência com o “mundo real”, que envolvia relações afetivas, contato direto com os sentimentos de outras pessoas e com suas condições de vida e de trabalho, conforme uma carta à uma de suas alunas:

Embora eu sofra com tudo isso, estou mais feliz do que posso dizer por estar onde estou. Eu queria isso há não sei quantos anos, mas não me arrependo de não ter conseguido antes, porque é somente na minha idade atual [26 anos] que posso extrair todo o proveito que há para mim na experiência. Acima de tudo, sinto que escapei de um mundo de abstrações, para me encontrar entre homens reais – alguns bons e outros ruins, mas com bondade ou maldade reais<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> Não se desfez do seu corpo, mas des(fe)z e desviou a concepção sobre corpo, sexo e gênero em sua própria experiência, como veremos adiante.

<sup>39</sup> A pessoa trânsfuga de classe é aquela que ascende socialmente e sente que trai sua classe social de origem. A escritora ganhadora do Nobel de 2022, Annie Ernaux, elaborou o tema em livros como *A escrita como faca e outros escritos* (2023): “posteriormente, a sociologia me dará a expressão adequada para essa exata situação, ‘trânsfuga de classe’ - ou, ainda, ‘rebaixada para cima’” (ERNAUX, 2023, p. 134). Com Simone Weil se deu o contrário, o objetivo foi adentrar e permanecer entre as classes mais baixas, sem nenhum sentimento de que estivesse traindo sua origem burguesa, pelo contrário, esse era o objetivo entre os intelectuais e militantes com quem ela dividiu espaços, no entanto, viveu as consequências deste movimento “para baixo”.

<sup>40</sup> Un besoin plus fort de s’engager et refusent de s’enfermer dans leur tout d’ivoire. Le mot résument l’impératif moral qui les fait entrer en politique – *l’engagement* – prend place dans le vocabulaire courant au cours des années trente et finit par caractériser l’époque.

<sup>41</sup> Ça n’empêche pas que – tout en souffrant de tout cela – je suis plus heureuse que je ne puis dire d’être là où je suis. Je le désirais depuis je ne sais combine d’années, mais je ne regrette pas de n’y être arrivé que maintenant parce que c’est maintenant seulement que je suis en état de tirer de cette expérience toute [parte da frase cortada pelo estado do manuscrito] surtout, de m’être échappé d’un monde d’abstractions et de me trouver parmi des hommes réels – bons au mauvais mais d’une bonté ou méchanceté véritable. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF. A parte que não conseguimos traduzir do manuscrito, buscamos na edição em inglês de *Seventy Letters*, 1965, p. 11).

Pétrement escutou pela primeira vez os planos de Weil de se tornar operária quando ainda estavam na ENS (1997, p. 135). Em outro registro de 1934, uma carta ao amigo Marcel Martinet, Simone escreveu que pelo menos desde os dez anos sonhava em trabalhar numa fábrica (1997, p. 317). Suas buscas e reflexões foram se desenvolvendo no espaço dos estudos e das sociabilidades do Liceu e da ENS, como também entre os trabalhadores e com o exemplo de Letellier – que uniu suas duas frentes de interesse.

Além dos ensaios teóricos e dos textos escritos para jornais sobre a experiência de fábrica, nos interessa observar como ela se construiu e elaborou o seu conhecimento filosófico nas cartas, nos diários e em seus cadernos, suportes narrativos não usuais para a produção e divulgação do pensamento filosófico na modernidade. A partir desses registros torna-se manifesto um “conhecimento situado e corporificado” (HARAWAY, 1995, p. 22), onde a experiência é atravessada pelas condições sociais da mulher intelectual do início do século XX, mas também pelo firme propósito das recusas às convenções e ao poder para que Simone prosseguisse com seus planos.

Cabe ressaltar que à época da formação escolar de Simone Weil, os impeditivos sociais e culturais para a educação de meninas e jovens mulheres já não eram tão fortes como no século XIX, embora a lógica da divisão de gênero fosse presente e atuante em quase todas as dimensões da vida social. Na educação superior, mesmo com a presença de mulheres em quase todas as áreas, poucas chegaram à docência universitária. Como afirma Rose-Marie Lagrave (2000), “uma parte das diplomadas vão para profissões liberais, como medicina e direito” (2000, p. 517)<sup>42</sup>, outra parte nem chega a exercer uma profissão pela falta de oportunidade ou pela desconfiança de suas capacidades, como ocorreu na França nas primeiras décadas do século XX, onde mulheres podiam advogar, mas jamais tornarem-se juízas (2000, p. 517). Para as chamadas mulheres eruditas, também havia a desconfiança frente à sua “raridade”, como acrescentou Lagrave:

Nas profissões intelectuais, por outro lado, a ordem sexual não é imposta à profissão em si, mas às suas hierarquias internas. E sua influência sobre a autolimitação profissional das mulheres é ainda maior [...] A ideologia da família as leva a buscar um meio-termo entre uma mulher erudita e uma dona de casa, baixando assim o nível de suas ambições para se conformar ao ideal burguês da época, no qual “as mulheres vieram para dar à luz de corpo e alma” (2000, p. 517-518)<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Una parte de las diplomadas abrazan las profesiones liberales, como medicina y abogacía.

<sup>43</sup> En las profesiones intelectuales, en cambio, el orden sexual no se impone a la profesión propiamente dicha, sino a sus jerarquías internas. Y mayor aún es su influencia sobre la autolimitación profesional de las mujeres [...] La

As relações de amizade e a participação em grupos de sociabilidades intelectuais comprovam a forma como mulheres conseguiram se inserir em espaços como liceus e universidades. Weil e Beauvoir viveram na mesma época quando jovens e presenciaram a limitada abertura para as mulheres nos ambientes intelectuais do período. As dificuldades se apresentavam menos na escola e mais no momento de exercer a profissão com as hierarquias e os limites de ascensão nas carreiras, como também a partir da moralidade da época, com publicações a favor e contra a participação das mulheres em todas as esferas e carreiras profissionais. No entanto, não havia dúvida sobre o papel das mulheres na família, mesmo para aquelas que ambicionavam uma formação intelectual, afinal eram mulheres e deveriam, em algum momento de suas vidas, cumprir o compromisso com a família e com o ideal de feminilidade. No caso das jovens da burguesia fica ainda mais evidente tal compromisso, pois precisam “negociar seu título de [intelectual] no mercado do matrimônio” (LAGREVE, 2000, p. 523)<sup>44</sup>.

Simone Weil parece ter encontrado uma saída das negociações e conciliações de classe e de gênero escapando dos seus ambientes e compromissos de origem, construindo para si uma experiência de vida comprometida com o que chamou de vocação intelectual. Simone não deixou de ser atravessada por sua classe e seu gênero, pelo contrário, não conseguiu transcender a si mesma, nem a estrutura social e histórica. Contudo, entre suas apropriações e recusas, foi possível construir uma vida intelectual formada pela “visão desde um corpo [...] um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado” (HARAWAY, 1995, p. 30); um corpo em movimento, que não se guiou, nem se prendeu à uma visão única das experiências humanas e da vida. Em outra passagem da mesma carta à aluna, já mencionada, Weil faz uma diferenciação entre uma vida dedicada às sensações e uma vida dedicada às experiências:

pois a realidade da vida não é a sensação, mas a atividade - quero dizer, atividade tanto no pensamento quanto na ação. As pessoas que vivem de sensações são parasitas, tanto material quanto moralmente, em relação àquelas que trabalham e criam - que são os únicos homens. E estes últimos, que não buscam sensações, experimentam, de fato, sensações muito mais vivas, profundas, menos artificiais e mais verdadeiras do que aqueles que as buscam. Finalmente, no que me diz respeito, o cultivo das sensações implica um egoísmo que me revolta. É claro que isso não impede o amor, mas nos leva a considerar as pessoas que amamos como meras ocasiões de alegria ou sofrimento e a esquecer

---

ideología familiarista las mueve a buscar un compromiso entre mujer erudita y mujer de hogar, con lo que rebajan el listón de sus ambiciones para conformarse con el ideal burgués de la época, en que ‘la mujer ha llegado a dar a luz en cuerpo y alma’.

<sup>44</sup> Las jóvenes de la burguesía convertidas en intelectuales negocian su título en el mercado matrimonial.

completamente que elas existem por si mesmas. Vive-se entre fantasmas, sonhando em vez de viver<sup>45</sup>.

Simone Weil precisou de alguns anos para chegar a estas ideias sobre a sua ação intelectual, levando em conta os primeiros contatos com o trabalho do campo, ainda na sua adolescência. Os estudos e suas referências intelectuais auxiliaram na construção deste objetivo da vocação intelectual. No entanto, o caminho que fez desde o distanciamento da universidade e o afastamento de seu núcleo familiar ou, mais precisamente, da replicação do modelo de relações ali empregados, foi uma escolha e construção sua. Das primeiras redes de sociabilidade, fez novas, chegando à possibilidade de adentrar como operária numa fábrica. Contudo, experimentar não era, para Simone, uma busca de novas sensações/emoções individuais, mas algo muito mais complexo e que se relacionava com um comprometimento coletivo. Precisou, portanto, criar a sua própria intelectualidade, escrita a partir de uma localização particular, na ambivalência de propor uma quebra com o distanciamento entre as classes e não pertencer e de apresentar uma perspectiva de dentro (quando se inseria em ambientes, como o de fábrica), mas não a partir do mesmo ponto de vista – algo impossível mesmo entre aqueles que dividem a mesma origem social.

Este corpo em movimento encontrou leituras sobre si que beiraram a estranheza e a excentricidade, chegando Alain a apelidar Simone Weil de marciana, tal era a inadequação percebida pelas pessoas de seu convívio. Socializada como mulher, ela muitas vezes não correspondeu aos modelos e às expectativas de feminilidade, frente aos seus comportamentos e mesmo de suas expressões de gênero.

Com uma inteligência legitimada por si mesma e por aqueles que foram atraídos por suas ações e ideias, criou-se uma aura transcendental ao redor de Simone Weil, quase como uma operação de subtração do ordinário em sua humanidade, esvaziada historicamente, ora marciana, ora virgem vermelha. Nossa compromisso nesta tarefa histórica de aproximação da vida e do pensamento de Simone Weil é afastar completamente essa aura transcendental. Simone Weil teve um corpo, um corpo com história, marcado pelo gênero, pela raça e pela classe,

---

<sup>45</sup> Car la réalité de la vie ce n'est pas la sensation, c'est l'activité – j'entends l'activité et dans la pensée et dans l'action. Ceux qui vivent de sensations ne sont, matériellement et moralement, que des parasites par rapport aux hommes travailleurs et créateurs, que seuls sont des hommes. J'ajoute que ces derniers, qui ne recherchent pas les sensations, en reçoivent néanmoins de bien plus vives, plus profondes, moins artificielles et plus variées que ceux qui les recherchent. Enfin la recherche de la sensation implique un égoïsme qui me fait horreur en ce qui me concerne. Elle n'empêche évidemment pas d'aimer, mais elle amène à considérer les êtres aimés comme de simples occasions de jour ou de souffrir, et à oublier complètement qu'ils existent par eux-mêmes. On vit au milieu de fantômes. On rêve au lieu de vivre. (Carta à estudante consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

um corpo que não foi capturado pelas normas desses discursos normativos, mas sem negá-lo, ela elaborou seu pensamento singular sobre o mundo e a vida, fazendo-se como uma intelectual, entre criações e recusas.

## 2.2 Entre a estratégia e a recusa do gênero

Neste caminho que enveredamos para conhecer a vida e o pensamento de Simone Weil, tivemos um desafio de antemão: a necessidade de recorrer aos fragmentos para tentar compreender a inteireza da pensadora. O exercício de fragmentação de uma trajetória é sempre uma saída e um obstáculo, pois nos dá oportunidades de acessar algumas partes do repertório da vida de alguém, mas sempre é preciso retomar outras. Ao mesmo tempo, a fragmentação não parece estar distante da autorrepresentação de Simone Weil; seus cadernos mostram um pouco de como funcionava a elaboração de seus pensamentos por notas fragmentadas sobre os mais diversos assuntos. Assim como Weil, vemos na fragmentação uma alternativa metodológica.

Mesmo com a fragmentação, precisamos em certos momentos conectar as partes, propor um sentido, ainda que provisório, por isso não permanecemos na fragmentação, mas fazemos um movimento de ir e vir, uma abertura para a compreensão de uma trajetória de vida a partir de imagens mais fluidas, visto que aqui não dispomos de uma visão encerrada e global sobre sua trajetória, mas temos uma proposta em perspectiva: o corpo e a experiência de Simone Weil. A partir do contato com a sua formação e início da vida intelectual, foi possível adentrar nestes temas passando por outros, como o da história das mulheres e suas relações com a vida do espírito e o pensamento intelectual. Agora, para falarmos mais especificamente sobre o gênero, vamos retomar o corpo.

Diferente do que uma primeira impressão sobre a recepção da sua obra pode indicar, Simone Weil também escreveu sobre as mulheres. Julie Daigle (2020) demonstra em sua tese de doutorado, que a obra de Simone Weil foi sensível a questão das mulheres, especialmente durante o seu período de fábrica. Daigle defende que Weil aprofundou-se num “universo” onde “as desigualdades de gênero influenciaram, talvez pela primeira vez em sua vida, a maneira como os outros se comportavam diante dela” (2020, p. 59)<sup>46</sup> e que “se tinha sido mais fácil para ela passar pelas diferenças de gênero às quais ela esteve sujeita em sua família ou nos meios

---

<sup>46</sup> Elle entre dans un univers inédit pour elle, où les inégalités entre les sexes influencent, peut-être pour l'une des premières fois de sa vie, la manière dont les autres se comportent avec elle.

intelectuais e militantes, a fábrica provavelmente a encorajou a escrever sua reflexão sobre essa realidade” (2020, p. 59)<sup>47</sup>.

A tese de Daigle apresenta estudos sobre Simone Weil pela perspectiva do gênero, aproximando sua obra dos estudos feministas da década de 1990. No entanto, por se concentrar mais nos temas tratados por Weil, Daigle acaba por não dar relevo à questão do gênero na trajetória e experiência de Simone Weil anteriormente ao período de fábrica. Não corroboramos com a explicação de que a fábrica tenha sido um ponto de partida para as suas reflexões sobre o gênero, menos ainda que tenha sido a primeira vez que tratou do assunto. O gênero, a identidade e o corpo aparecem em registros e relatos familiares presentes na biografia escrita por Simone Pétrement desde a sua infância. Ainda, em seus escritos, mesmo sem apontar explicitamente, é possível identificar alguns conflitos em sua relação com o gênero.

O procedimento de recusa e de criação em relação ao intelectual e depois ao gênio, também está presente na forma como Simone Weil enfrentou a estrutura do gênero. Efetivamente, Simone Weil não escreveu sobre o gênero de forma mais aprofundada, no entanto, o gênero estava presente, como uma sombra, interferindo em sua relação consigo mesma e com os outros. Essa sombra, muitas vezes, se fazia presente como se Weil se “despissem” do gênero, ou tivesse um corpo sem gênero; em outros momentos, era como se houvesse uma recusa da feminilidade, assumindo a masculinidade como forma de agir no mundo<sup>48</sup>. Tal forma de viver o gênero pareceu confusa e incoerente para quem conviveu com Weil.

Para entender a forma como Weil incorporou, recriou ou negou o gênero, retoma-se a discussão sobre as condições de socialização das mulheres na sociedade francesa das primeiras décadas do século XX. Aqui, não utilizamos apenas a palavra mulheres, pois identificamos a continuação dos mesmos termos definidores do feminino na categoria mulher, insuficiente não só como uma saída emancipatória e representacional dentro do feminismo, como também metodologicamente falando<sup>49</sup>. Segundo Judith Butler “o ‘feminino’ já não parece mais uma noção

<sup>47</sup> S'il était plus facile pour elle de passer outre les différences sexuées auxquelles elle était sujette dans sa famille ou dans les milieux intellectuels et militants, l'usine l'encourage vraisemblablement à mettre par écrit ses réflexions sur cette réalité.

<sup>48</sup> Um dos poucos trabalhos que passa pela questão de gênero na trajetória de Simone Weil é o de Wanda Tommasi, *Cosmos: la experiencia del cuerpo femenino en Simone Weil* (1993). Tommasi se concentra nos temas tratados por Simone Weil, mas no início da escrita aponta a relação pessoal de Simone Weil com o gênero: “pessoalmente, esta autora foi, na sua forma de se apresentar e na sua rejeição de todos os estereótipos femininos, quase uma espécie de ‘neutro’”. No original: “esta autora haya sido, en su modo de presentarse y en su rechazo de todos los estereotipos de lo femenino, casi una especie de ‘neutro’” (1993, p. 69).

<sup>49</sup> Em especial tratando-se de trajetórias que causam essa fricção do gênero, como é o caso de Simone Weil.

estável, sendo o seu significado tão problemático e errático quanto o significado de ‘mulher’” (2023, p. 10)<sup>50</sup>.

A produção dos padrões de gênero e de sexualidade não são idênticos e não acontecem das mesmas formas; os sujeitos podem romper com certas categorias e ainda assim não se enquadram em modelos de insurgência. Pelo contrário, incoerências e ambivalências são verificáveis; entre o poder e a resistência estão as trajetórias e suas contradições. Os primeiros indícios documentais a respeito da singularidade da identificação de gênero de Simone Weil estão nas cartas escritas para a sua mãe, lembradas na biografia de Simone Pétrement, que dedicou algumas páginas a respeito do assunto. Ela relata que na época da preparação para a ENS, Simone Weil assinava como “Simon” e se despedia pela fórmula “de seu respeitoso filho” nas cartas enviadas aos pais (1997, p. 56)<sup>51</sup>.

Além de Pétrement, outros autores passaram por esse assunto, tratando, mesmo que rapidamente, da identidade de gênero e da sexualidade de Weil (Daigle; Zaretsky). Pétrement e Daigle mencionam o período da adolescência, mas logo passam para o comportamento de Weil quando jovem adulta, ou seja, a questão da adoção de posturas ditas masculinas é justificada como uma estratégia para se tornar uma intelectual. Para Pétrement, a assinatura com seu nome no masculino não foi apenas um jogo, ou uma piada, pois se fosse

não teria durado tanto. Por trás desse jogo, havia razões sérias: os deveres da vida que Simone havia assumido exigiam atitudes viris. Nem sempre é possível evitar que o eu interior, aquilo que é uma resolução profunda, se revele no exterior (1997, p. 56)<sup>52</sup>.

Nessa mesma linha interpretativa, Daigle escreveu: “há muito aqui para se entender sobre a relação de Weil com sua identidade e as dificuldades de ser uma mulher nos círculos intelectuais e da classe trabalhadora na década de 1930” (2020, p. 57)<sup>53</sup>. Concordamos com afirmação de que a adoção por certas estratégias de gênero pode ter sido uma escolha de Simone

<sup>50</sup> Breno Guimarães Barboza, em sua tese de doutorado *Nós, estranhes: estudos feministas da tradução e/m queer-cu-ir* (2023, p. 233) nos lembra que apesar de *Problemas de Gênero* (2017) ser um dos livros mais citados de Butler, *Corpos que Importam, Desfazendo o Gênero e algumas palavras depois* e volumes seguintes possibilitaram revisões fundamentais para o desenvolvimento da teoria queer, como a revisão do conceito de performatividade de gênero.

<sup>51</sup> Um exemplo é a carta de junho de 1926, onde se despede dessa maneira (2012, p. 63).

<sup>52</sup> No hubiera durado tanto. Tras ese juego había razones serias: los deberes en la vida que Simone había asumido y que le exigían sobre todo virtudes viriles. No siempre puede evitarse que lo interior, lo que es resolución profunda, transparezca en el exterior.

<sup>53</sup> Il y a là matière à comprendre le rapport de Weil à son identité et à la difficulté d'être une femme dans les milieux intellectuels et ouvriers au cours des années 30.

Weil para conseguir circular nos ambientes intelectuais e políticos das primeiras décadas do século passado. Entretanto, ao nos determos especificamente sobre o gênero, parece apressado saltar para o período de sua afirmação intelectual na juventude, pois como Pétrement mesmo afirma “a senhora Weil se esforçou para desenvolver em sua filha atitudes masculinas, mais do que um caráter feminino” ainda na infância (1997, p. 56)<sup>54</sup>. Nesta mesma página, continua com a citação completa de uma carta da mãe de Weil ao evidenciar sua participação na formação da filha:

Ela é o tipo de garota, como tantas outras que já vi, que me fez valorizar e amar mais os meninos. Aquela leveza, aquela falta de franqueza, aquelas mímicas e gesticulações [...] Sempre preferi os meninos, barulhentos e sinceros [...] E, de minha parte, faço o possível para estimular em Simone, não aquelas graças de menina, mas a franqueza dos meninos, mesmo que isso às vezes pareça rudeza (PÉTREMENT, 1997, p. 56)<sup>55</sup>.

A garota em questão, que fez Selma Weil valorizar e amar mais os meninos não é Simone, ela se refere a uma outra criança. No entanto, no relato apresenta sua ideia sobre a educação de Simone, sendo os “comportamentos” ligados à feminilidade rechaçados. A mãe de Simone sublinha a importância do papel das mães na educação dos filhos, algo comum para a época, especialmente para mulheres das classes altas como ela.

Embora as oportunidades de acesso à educação formal estivessem mais disponíveis para as mulheres naquela época, “todo o sistema escolar estimulava as meninas a limitar suas ambições intelectuais ao terminar os estudos secundários” (LAGRAVE, 2000, p. 515)<sup>56</sup>. Levando-se em consideração as especificidades de cada contexto e os recortes de classe e de raça, a educação e o trabalho para as mulheres eram aceitos, mas através da “vigilância”, desde “que não se revertessem em prejuízos para a família, que se mantivessem dentro dos limites pensáveis para as mulheres [...] e que não colocassem em perigo [...] a excelência dos títulos e postos que os homens ocupavam” (LAGRAVE, 2000, p. 508)<sup>57</sup>. Ainda, no contexto familiar, o mais importante “seguia sendo a educação dos meninos”; para as meninas o essencial era manter

<sup>54</sup> Por lo demás, hay que señalar que la señora Weil se esforzo en desarrollar en su hija virtudes marculinas, más que un carácter femenino.

<sup>55</sup> Es justamente el tipo de niña como tantas otras que he visto que ha hecho precisamente que yo valore y quiera más los chicos. Esa liviandad, esa falta de franqueza, esas pequeñas mieles y gesticulaciones [...] Siempre he preferido a los chicos, ruidosos y sinceros [...] Y por mi parte hago todo lo posible para estimular en Simone, no esas gracias de niñita, sino la franqueza de los chicos, aunque eso a veces pueda parecer brusquedad.

<sup>56</sup> Todo el sistema escolar estimula a las muchachas a limitar sus ambiciones intelectuales al terminar los estudios secundarios.

<sup>57</sup> Educación y trabajo para las mujeres, sí; pero bajo vigilancia y en determinadas condiciones, siempre que no revierta en perjuicio de la familia, siempre que se mantenga dentro de límites pensables para las mujeres en cada época; siempre que no ponga en peligro la limitación y la excelencia de los títulos y de los puestos que ocupan los hombres.

uma “educação moral e boa conduta”, resultando em uma cobrança por um “comportamento impecável” (SOHN, 2000, p. 143)<sup>58</sup>.

A educação orientada por Selma Weil estava de acordo com o que se esperava em sua classe social. Ela cuidava dos dois filhos, exercendo controle e vigilância no que diz respeito à educação e à saúde. No entanto, há uma curva no aprendizado de Simone. Selma se interessava pelo desenvolvimento de sua capacidade de raciocínio, não sendo defensora de uma educação “feminina”, voltada para desenvolver a moral, as virtudes e as aptidões que deveriam formar boas meninas e, por consequência, futuras boas mulheres e mães. Selma, uma mulher de sua época, queria o que considerava mais e melhor para Simone: queria uma educação “masculina”, que desenvolvesse suas capacidades intelectuais, que a preparasse para saber pensar e agir assim como era a educação de André Weil<sup>59</sup>:

Não tenho escolha a não ser discordar do método usado pela Sra. P. Parece que ela confia na memória da criança para tudo, sem tentar desenvolver seu raciocínio e julgamento (...) E me deixa muito triste pensar que Simone possa ser sempre, nesse sentido, inferior a André, a quem a senhora ensinou a pensar (PÉTREMENT, 1997, p. 30)<sup>60</sup>.

A formação escolar, o tipo de educação e os estímulos intelectuais, bem como a comparação constante com o seu irmão, estiveram muito presentes no processo de formação de Simone Weil, em diferentes níveis. E, nesse processo, as escolhas de Selma Weil tiveram sua parte. Ao mesmo tempo em que houve uma construção de modelo a ser seguido no irmão, Selma não adotou o modelo educativo de feminilidade para Simone, estimulando a autonomia de pensamento. Esse estímulo inicial foi decisivo na busca de sua independência intelectual, algo aceito pela família, tanto a escolha pela filosofia e a formação acadêmica, quanto suas decisões posteriores, como tomar parte na Guerra Civil Espanhola. Isso fica explícito nas inúmeras citações em seus cadernos sobre a importância da autonomia de pensamento. Em notas

<sup>58</sup> Ciertamente, los contemporáneos consideran que la madre debe vigilar particularmente la educación moral y la buena conducta de las hijas, y exigen de ella un comportamiento irre-probable [...] Pero lo esencial sigue siendo la educación de los hijos.

<sup>59</sup> Irmão de Simone Weil.

<sup>60</sup> No tengo más remedio que estar en desacuerdo con el método que la señora P. emplea. Parece como si todo lo fiara en la memoria de la niña, sin intentar desarrollar su razonamiento ni su juicio (...) Y me da muda pena pensar que Simone pueda ser siempre em este sentido inferior a André, al que usted há enseñado a pensar.

simples e diretas, Weil escrevia: “o pensamento constituiu uma força” (2001, p. 19)<sup>61</sup> ou “não há nada que sequestre a liberdade interior” (2001, p. 63)<sup>62</sup>.

Assim, o ideal de autonomia do pensamento foi estimulado desde muito cedo pela mãe de Simone, uma crítica à educação ministrada à época para as meninas. A defesa da autonomia e de uma educação para aprender a pensar, como expressou Selma Weil, parece ser indissociável da recusa a um modelo de feminilidade passiva e intelectualmente limitada, já que Selma considerava a leviandade e a dissimulação componentes de um comportamento feminino condenável. Embora não possa ser compreendido como uma relação de causa e efeito, Simone Weil criou uma relação com a masculinidade como ideal desde muito nova: pelos incentivos autonomistas da mãe, pelo modelo tão próximo de seu irmão, mas também em sua própria compreensão dos mundos diferentes em que viviam homens e mulheres. Por isso, não desejou viver no mundo das mulheres, pelo menos não aquele mundo das mulheres burguesas que sua mãe condenava (e, de certa forma, vivia) devido a uma educação para a submissão e a dependência. Desta forma, pode-se entender o motivo de Simone ter se considerado o filho mais novo dos Weils, Simon, afastando-se das marcas da feminilidade burguesa e de suas fraquezas.

O binarismo de gênero sofreu alterações dentro das experiências de gênero durante as primeiras décadas do século XX. Mesmo sendo justificada pela suposta “natureza feminina”, no caso das mulheres, as mudanças mais aceleradas nas duas primeiras décadas colaboraram para a construção de outras maneiras de estar no mundo como mulher e como homem. Mesmo com o reforço das normas por parte da religião e da ciência, associando a independência e a autonomia de mulheres a um processo antinatural de masculinização e, por consequência, à degeneração e à perversidade (THÉBAUD, 2000, p. 60)<sup>63</sup>, as novas mulheres começavam a povoar não só os espaços das cidades e das instituições, mas também nos romances, como as *garçonnes*:

Garçonne, que quer conquistar sua independência econômica fazendo uma ‘carreira’ e leva a liberdade sexual e moral ao extremo da bissexualidade antes de fundar uma união estável e igualitária com seu ‘parceiro’. Seu comportamento masculino – ‘pense e aja como um homem’ -, as qualidades viris que ela exibe - talento, lógica -, o domínio do dinheiro, como os homens, a consciência de sua individualidade irredutível – ‘eu só pertenço a mim mesma’ - são

<sup>61</sup> El pensamiento constituye una fuerza.

<sup>62</sup> Nada hay que secuestre la libertad interior.

<sup>63</sup> En 1912, en un manual de sexología, el famoso médico alemán A. Von Moll acusa a la emancipación de las mujeres de haber sido la causa de su ‘masculinización’, lo cual implica degeneración de la fecundidad y perversión de la sexualidad.

incorporados em um atributo físico simbólico: cabelo curto (SOHN, 2000, p. 129)<sup>64</sup>.

*La garçonne* (1922) foi um romance de Victor Margueritte, que divulgou um dos estereótipos da “mulher masculinizada” e fora dos padrões de comportamento, que teve milhares de leitores no período após a Primeira Guerra Mundial. Muitas foram as condenações ao livro, dos conservadores, a maioria, mas também das feministas e de homens e mulheres da esquerda, devido ao seu “teor pornográfico”. Segundo Anne-Marie Sohn, o que é interessante é que a partir da recepção negativa houve o reforço do discurso hegemônico sobre a “imagem feminina tradicional: a da mulher do lar” (2000, p. 129)<sup>65</sup>.

Nessa batalha de imagens, muitas mulheres passaram a viver outras experiências e a forçar os limites do binarismo de gênero, não cabendo nos modelos normativos, menos ainda nos estereótipos da mulher mundana ou da santa mãe. Em realidade, os estereótipos e os modelos normativos não representavam a diversidade das experiências vividas pelas mulheres do início do século XX, especialmente aquelas que escaparam à inteligibilidade do gênero, como Simone Weil.

Defendemos que Simone Weil se desatou do binarismo de gênero e incorporou algumas expressões da masculinidade pela abertura e incentivo encontrados no interior de sua família. Se desconectou do feminino a partir de um ideal criado nas características masculinas ensinadas em casa: buscar o conhecimento e “aprender a pensar”. O que se associava com a racionalidade e o conhecimento também se relacionava com o comportamento. Simone Weil se apropriou do vestuário masculino e, por certo, passou a ser vista como uma mulher masculina, uma estranha pelo código binário do gênero. Não foi uma *garçonne*, mas teve semelhanças com esta representação: cabelos curtos e qualidades “viris”:

lembro-me de que, como sua mãe queria que ela fosse à ópera, ela concordou em usar não um vestido de noite, mas um paletó, paletó e saia de tecido preto, e o paletó muito parecido com um terno de homem [...] Foi um ato deliberado (PÉTREMENT, 1997, p. 57)<sup>66</sup>.

<sup>64</sup> Garçonne, que quiere conquistar su independencia económica haciendo ‘carrera’ y lleva la libertad sexual y moral al extremo de la bisexualidad antes de fundar con su ‘compañero’ una unión estable e igualitaria. Su comportamiento masculino — ‘piensa y actúa como un hombre’—, las cualidades viriles que despliega —talento, lógica—, el dominio del dinero, a ejemplo de los hombres, la conciencia de su irreductible individualidad —‘sólo me pertenezco a mí misma’— se encarnan en un atributo físico simbólico: el pelo corto.

<sup>65</sup> Una imagen femenina tradicional: la de la mujer en el hogar.

<sup>66</sup> Recuerdo que, en vista de que su madre quería que fuera a la ópera, aceptó hacerse no un vestido de noche, sino un smoking, chaqueta y falda en tela negra, y la chaqueta muy semejante a la tel traje masculino [...] Se trataba de un acto deliberado.

Sobre a performance de gênero, Annamarie Jagose nos diz que todo gênero é performativo, “não porque é algo que o sujeito deliberadamente e ludicamente assume, mas porque através da reiteração” o sujeito se consolida (2017, p. 455). Jagose aponta para uma perspectiva menos literal da noção elaborada por Butler, que dá um exemplo de subversão corporal enquanto performance do gênero ao citar o caso das drags e transformistas: “ao imitar gênero, a drag implicitamente revela a estrutura imitativa do próprio gênero” (BUTLER, 2023, p. 237). Em *Corpos que importam* (2019), Butler revisou o conceito, ao dizer

Mesmo correndo o risco de me repetir, gostaria de sugerir que a performatividade não pode ser entendida fora de um processo de iterabilidade, uma repetição regulada e restritiva de normas. E essa repetição não é realidade *por* um sujeito; essa repetição é o que permite a um sujeito existir como tal e o que constitui sua condição temporal (BUTLER, 2019, p. 168).

No caso de Weil, o que se vê nesta situação é a apropriação de uma parte dos códigos masculinos em público, como ir à ópera com duas partes de vestuário: a de cima, o paletó, roupa indiscutivelmente masculina; e a de baixo, uma saia, peça do vestuário feminino. Em outros momentos de sua vida continuou a rejeitar a parafernália dos trajes femininos da época, atualizando-os para vestimentas cada vez mais simples, o que passou a ser um dos principais pontos relativos à sua “incoerência” de gênero por outras pessoas que conviveram com ela, não sendo o único, mas causador de “estranhamento”<sup>67</sup>. De acordo com Barboza é a partir da “inteligibilidade que advém a abjeção — aquilo que rompe com as possibilidades de leitura, o que acontece no processo de subjetivação como assujeitamento que desvia da coerência interna ao sistema sexo-gênero-sexualidade” (2023, p. 233). Segundo Butler:

O “abjeto” designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito (2019, p. 18).

---

<sup>67</sup> Há outros trabalhos críticos à categoria “mulher” a partir de performances de gênero que desafiaram a relação de continuidade entre “sexo” e “gênero” no início do século XX. Sublinhamos neste momento a dissertação “*Eu sempre agradeci a Deus por não ser uma mulher*: Gertrude Stein, uma escritora queer no início do século XX”, de Carolina Fernanda Antunes dos Santos (2023). Por uma de suas personagens, Adele, “Stein rejeita explicitamente a categoria ‘mulher’, expondo sua própria desidentificação com os termos culturais que associam feminilidade a corpos determinados biologicamente como femininos, assumindo sua masculinidade” (2023, p. 54). Ou seja, a *garçonne* teve ressonâncias em outras representações, assim como em outras experiências de vida, já que Stein foi contemporânea de Simone Weil.

Encarar Simone Weil por esta perspectiva é perceber a não linearidade em sua relação com o sexo-gênero-sexualidade. Pétrement diz que esta escolha “deliberada” poderia ser apenas um traço juvenil se não tivesse outras justificativas, como uma possível revolta contra o estilo de vida burguês ou preocupações intelectuais maiores que não lhe davam tempo para pensar em vestidos. Ao trazer esses registros, em nenhum momento se questiona a relação de Weil com a identidade, tomando a categoria mulher como natural e os jogos com o gênero como voluntarismos juvenis ou algo que não dava grande atenção.

Quando percebemos a quase ausência de discussões sobre o “ser mulher” em Simone Weil (apesar de se referir a si mesma pelo gênero feminino na maior parte de seus textos e interlocuções), bem como as complexidades postas ao gênero em seu núcleo familiar, nos parece possível entender a desapropriação que Simone Weil efetuou sobre si em relação ao gênero, à mulher e ao feminino. No entanto, não é como se nunca tivesse pensado ou agido sobre, pois em seu Caderno 10, de 1942, escrito em Marselha, há uma passagem sobre o binarismo, quase camuflada, ao afirmar: “a divisão em dois, a dualidade, é a desgraça da criatura. A divisão da vida em dois sexos é um símbolo disso”<sup>68</sup>. O que nos remete a passagem de Butler:

se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da ‘pessoa’ transcendem a parafernália de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos (BUTLER, 2023, p. 21).

---

<sup>68</sup> La division en deux, la dualité est le malheur de la créature. La division de la vie en deux sexes en est un symbole. (Caderno consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

**FIGURA 5 – Caderno 10 de Marselha, 1942**

y a dégramme

le préjugé courant selon lequel les artistes ont besoin d'une vie sexuelle libre pour leur activité créatrice repose sans doute sur une méprise. Ils ont besoin d'excitation, pour la production dans leur organisme de l'énergie nécessaire à leur art - Mais dans leur satisfaction, loin de les aider, leur dérobe une partie de l'énergie ainsi suscitée. S'ils exercent quand même, c'est parce qu'il leur en reste en surplus.

La division en deux, la dualité est le malheur de la création. La division de la vie en deux sexes en est un symbole. La division d'Israël en deux royaumes, après Salomon, est pris comme un symbole de la même vérité Ezechiel (37) où est indiqué le symbolisme de la Croix.  
(Symbole, d'ailleurs, signifie une moitié servant de signe).

Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Assim, a discussão requer que o corpo seja retomado, em vista da existência cultural e histórica de uma associação material e discursiva entre “sexo”, “gênero” e “corpo” e entre “corpo feminino” ou “corpo masculino” e “heterossexualidade”<sup>69</sup>. Quando estas experiências materiais, culturais e do desejo são descontinuadas numa vida, a interpretação é pela alteridade, pelas incoerências de gênero e de orientação sexual e, no caso de Weil, aparecem as nomeações sobre a estranheza e excentricidade. Por isso, Pétrement logo fala da sexualidade de Weil, dizendo que por ela ser muito tímida não achou que poderia ser amada. Ou como fez Susan Sontag, quando escreveu em seu diário que Simone Weil “nunca aceitou o fato de ser mulher” e que precisou se “dessexualizar” diante da maneira como escolheu sobreviver. Isto é, dá mais uma vez como natural a categoria mulher e sugere que Simone Weil só poderia ter sido amada por outra mulher, caso assim desejasse (2016, p. 320).

São afirmações difíceis de serem confirmadas pelos registros de Simone Weil, embora seja possível encontrar ressonância entre o que se pensava no início do século XX e a posição de Sontag, já que mulheres que carregavam em sua postura e comportamento características

<sup>69</sup> Monique Wittig, em 1978, chamou este discurso normativo sobre corpos de *Pensamento Straight* e que “a consequência dessa tendência à universalidade [...] não consegue conceber uma cultura, uma sociedade em que a heterossexualidade não ordene não só todas as relações humanas, mas também sua própria produção de conceitos e todos os processos que escapam também à consciência” (2017, p. 269).

viris eram associadas à lesbianidade (THÉBAUD, 2000, p. 59). No entanto, o que encontramos em seus cadernos é uma escolha de vida que chamou de “temperança”:

Nossa civilização é baseada na quantidade. [...] Também a vida privada, porque a temperança [aqui ela traduz do grego] é impensável nela. Além das regras externas (conveniências burguesas), todo o movimento moral do pós-guerra (e mesmo antes) nada mais é do que uma apologia da intemperança (surrealismo), ou seja, em suma, da loucura... Concepção moderna do amor<sup>70</sup>.

Simone Weil rompe com a *garçonne* ao buscar outra via de afirmação e experimentação do corpo. Sua afirmação não está baseada em dogmas religiosos, nem está comprometida com o gozo sexual com finalidade de um corpo sexuado. Encontrou na Antiguidade Clássica o termo que define melhor suas escolhas: a temperança. Para os gregos e latinos da Antiguidade, a temperança foi um ideal de moderação, de autocontrole e de medida, conforme se vê em Aristóteles, na *Ética e Nicômaco - VIII*, que considera o intemperante como aquele que desfruta em excesso dos prazeres do corpo (mas não só dos prazeres), como se a imoderação lhes tirasse a capacidade de julgamento e a calma necessária para se estar no mundo: “o homem que busca o excesso das coisas agradáveis ou busca em demasia as coisas necessárias, fazendo-o deliberadamente, por elas próprias e nunca tendo em vista algum outro fim, é intemperante” (1984, p. 166)<sup>71</sup>.

A defesa do ideal de temperança por Simone Weil se deu pela crítica às convenções burguesas, mas também por outras expressões, como o surrealismo e a concepção de amor da época. A partir dessa citação podemos ver a recusa e a criação relativas ao gênero e à sexualidade, mesmo quando fala de um modo de vida mais geral. Em sua menção à temperança, se posicionou sobre escolhas e afetos numa época que parecia, aos seus olhos, não ter espaço para as virtudes do espírito e da mente: “infelizmente, é particularmente difícil viver de acordo com a temperança em uma atmosfera moral na qual reina a intemperança. Assim, em muitas áreas, a intemperança só pode ser evitada por meio da privação”<sup>72</sup>.

<sup>70</sup> Notre civilisation repose sur la quantité : la notion de mesure est partout perdue (ex : records athlétiques). Tout s'entrouve corrompu. La vie privée aussi, parce que la tempérance est impensable. En dehors des règles extérieures (convenances bourgeoises), tout le mouvement moral d'après-guerre (et même d'avant) n'est qu'une apologie de l'intempérance (surrealisme), doc, en définitive, de la folie.... Conception moderne de l'amour. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>71</sup> A sua perspectiva sobre a temperança está diretamente conectada com a filosofia antiga, em especial de Platão, de quem foi leitora assídua. Portanto, os vários diálogos de Platão onde a temperança é tema, entre eles, *Cármeides* e *Filebo*, integram sua interpretação e experiência de temperança, de acordo com o seu modo de vida. Mantemos a perspectiva de Aristóteles no texto pela definição de temperança apresentada.

<sup>72</sup> Par malheur, au milieu d'une atmosphère morale où règne l'intempérance, il est particulièrement difficile de vivre selon la tempérance – on ne peut guère alors échapper à l'intempérance que par la privation. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

Percebemos que sua escolha de vida não é resultado de timidez ou voluntarismo infantil. Há muitas camadas de sentido, entre elas o gênero, desestabilizado em sua experiência através de uma decisão que fez para e sobre si. Escolher a temperança e, como consequência, não ter uma experiência de gênero e sexualidade inteligível para os parâmetros de sua época, por vezes acarretou dificuldades. Se adaptou à privação – mesmo sabendo ser o oposto da temperança –, uma postura onde viu ser possível colocar limites, o que não considerava possível se vivesse de acordo com a intemperança<sup>73</sup>. Não à toa, o sofrimento é anunciado, já que não está diante de uma abertura para ser o que gostaria – algo não disponível em categorias<sup>74</sup>. Retomando o gênero, Simone Pétrement relembra uma conversa de Weil com o escritor Maurice Schumann:

A decisão de Simone de levar uma vida de homem explica, em parte, a maneira incomum de se vestir que algumas pessoas ainda reprovam nela. É claro que também havia outros motivos. Depois das palavras de Maurice Schumann, que um dia em Londres lhe disse gentilmente que talvez seu hábito de se distinguir pela maneira como se vestia pudesse não ser compreendido, nem mesmo por seus amigos, ela, em meio a lágrimas, invocou seu estado de saúde, sua luta constante contra dores de cabeça e a pouca energia que lhe restava (1997, p. 56)<sup>75</sup>.

Quer dizer, “viveu” como um homem, mas não foi aceita e nem lida como um. Rejeitou aspectos da feminilidade e foi estimulada para isso desde nova, mas não conseguiu encontrar espaços e meios onde pudesse viver esta autonomia. Encontrou no olhar das pessoas mais próximas a estranheza e a repreensão; viu a si mesma a partir do deslocamento e desenvolveu uma postura que não encontrava respaldo em sua época – e impossível de encontrar no passado, já que na sociedade antiga as hierarquias de gênero não foram mais suaves do que na sociedade burguesa da França entreguerras. Assim, o sofrimento é invocado neste corpo forjado pelo

---

<sup>73</sup> Le plus grave de la privation disparaît quand on ne l'adopte pas comme une règle de conduite en soi, mais seulement comme un pis-aller provisoire, et encore là seulement où on ne croit pas pouvoir s'en dispenser. Elle est certainement un moindre mal : on peut se priver en gardant la tempérance pour objet, encore que privation et tempérance s'opposent – on peut assigner des limites à la privation, non pas à l'intempérance. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>74</sup> O que nos faz pensar com Breno Guimarães Barboza novamente, ao dizer que “as zonas de abjeção são imensamente povoadas” por aqueles que fogem às normas de gênero (2023, p. 235).

<sup>75</sup> La decisión de Simone de llevar una vida de hombre explica en parte esa singular manera de vestir que algunos siguen aún reprochándole. Ciento es que había también otras razones. Pues tras las palabras de Maurice Schumann, que en Londres le dijo un día con suavidad que quizás esa costumbre suya de singularizarse por la forma de vestir podría no ser comprendida, y no comprendida incluso por sus amigos, ella, medio llorando, invocó su estado de salud, su constante lucha contra las jaquecas y la escasa energía que le quedaba libre.

maquinismo de gênero, como descreve num dos momentos mais íntimos de seus cadernos: “não é por acaso que você nunca foi amada... Desejar fugir da solidão é covardia”<sup>76</sup>.

Entendemos a partir dessas reflexões que é muito limitador ler Simone Weil somente como uma mulher insubmissa ou “inadequada” no que diz respeito às normas de gênero. Sua incoerência de gênero remonta à sua educação e formação, estimulada a “ser” através da masculinidade como legitimação de sua capacidade de pensar. Desatou-se dos atributos femininos e não os retomou em outros momentos de sua vida, assumindo para si outros posicionamentos, se tornando ilegível em termos de sinais e linguagem de gênero e sexualidade. No entanto, por meio desse posicionamento (ou da ausência dele), é reafirmado uma naturalização da feminilidade e mulheridade de Simone Weil, tornando sua expressão de gênero como uma repressão de seu “eu interior” feminino que não conseguiu se revelar diante de suas escolhas éticas. Nesta tese, nos opomos a esta explicação naturalizante e psicologizante do gênero e da subjetivação da mulher na experiência de vida e no pensamento de Simone Weil.

Por fim, ao entendermos *queer* mais como verbo do que adjetivo (ÁVILA, 2017, p. 428) percebemos as possibilidades de manobras ao interpretar um corpo na história e um corpo com/em diálogo com a história. Ao *queerizar* ou mesmo *esquisitar* Simone Weil (agora como meio afirmativo), recorrendo ao pensamento crítico de Gloria Anzaldúa (2017, p. 408), se desnaturaliza as categorias identitárias e seus símbolos sociais e culturais colados em sua trajetória de vida. Isto é, nas chamadas excentricidades e esquisitices existiu uma desarticulação da binariedade de gênero e sexualidade. Por isso, nomeamos Simone Weil por outra perspectiva, visto que *queer* surgiu como possibilidade de assumir e pensar a/o diferente” (ADELMAN; SOUZA, 2017, p. 480)<sup>77</sup>.

Ao desorganizar o gênero, Simone Weil teve na temperança clássica um dos seus direcionamentos éticos, pois afirmar-se como mulher ou como mulher feminina pareciam a ela limitadores e restritivos. Ao mesmo tempo, por ser alguém atravessada culturalmente e subjetivamente pela norma e pelos discursos e performances de gênero, não foi possível ultrapassá-los, mas relacionou-se em descontinuidades e incoerências, o que percebemos em seu procedimento de recusa e criação como uma vida ativa. Parafraseando Judith Butler (2002, p. 157),

---

<sup>76</sup> Ce n'est pas par hasard que tu n'as jamais été aimée... (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>77</sup> Butler lembra que *queer* “trata-se de uma politização da abjeção, em um esforço para reescrever a história do termo e para forçá-lo a uma rigorosa ressignificação. Tal estratégia, sugiro, é crucial para criar o tipo de comunidade em que seja possível sobreviver com aids, em que vidas *queer* se tornem legíveis, valiosas, dignas de apoio, em que paixão, ferida, sofrimento e aspiração se tornem reconhecidas sem que se fixem os termos de tal reconhecimento em mais uma ordem conceitual de falta de vida e rígida exclusão” (2019, p. 50).

temos interesse em agrupar aos estudos sobre Simone Weil mais possibilidades para a sua vida corpórea em contato com a história, indicando as complexidades, as interações e as contradições desse encontro.

### **2.3 Revisar o gênio: a descrição em Simone Weil**

Para a crítica literária feminista, a revisão se tornou fundamental na retomada e releitura de obras literárias do passado. Assim como a escrita e a leitura, a pesquisa ganhou novas perspectivas quando as questões de gênero passaram a ser abordadas como categorias dos processos intelectuais e políticos. De forma a expandir a compreensão da intervenção dos significados culturais, políticos e ideológicos na experiência de quem escreve e no texto escrito, a revisão assumiu o lugar de “entrar em um texto a partir de uma nova direção crítica” (RICH<sup>78</sup>, 1972, p. 66). Esta nova perspectiva está em diálogo com a ascensão dos estudos feministas e de gênero a partir da década de 1970.

A revisão como ato de olhar para trás e ver novamente nos fornece a oportunidade de repassar o já dito e visualizar brechas de compreensões críticas ainda não percebidas, como a construção sobre o gênio por Simone Weil. Como foi demonstrado até aqui, houve recusas e criações na formação intelectual de Simone Weil e assim como se deu com o intelectual e com o gênero, há uma feitura de si a partir dessa difícil palavra do vocabulário da erudição e da crítica: o gênio. Para criar e afirmar a si como intelectual, Simone Weil também volta ao problema do gênio em sua escrita por meio de reflexões sobre suas experiências e memórias que remontam ao período da infância e adolescência e de suas relações familiares.

Para tratar deste tema, recorremos ao texto *Autobiografia espiritual*<sup>79</sup>, de 1942, uma longa carta escrita por Simone Weil para o dominicano Joseph-Marie Perrin<sup>80</sup>. Além do caráter epistolar, Weil quis registrar seus pensamentos sobre sua espiritualidade, tema do qual estava próxima e se aprofundou. Lembramos que Simone Weil faleceu em 1943, então se trata de um escrito de seus últimos meses de vida. Nesta *Autobiografia* faz uma retrospectiva de sua

<sup>78</sup> Adrienne Rich foi leitora de Weil e a levou para as suas poesias. A pesquisa de Cynthia R. Wallace em *The literary afterlives of Simone Weil : feminism, justice, and the challenge of religion* (2024) possui um artigo dedicado a essa relação. Rich teve Weil como fonte de expansão das solidariedades feministas na literatura. O poema *Vision*, que Rich escreveu pensando em Weil, tem partes na epígrafe desta tese.

<sup>79</sup> Simone Weil chamou esta carta de autobiografia espiritual e, quando publicada, o texto levou o título.

<sup>80</sup> Simone Weil conheceu padre Perrin em 1941, quando estava em Marselha. Perrin logo apresentou Gustave Thibon, pensador católico, à Weil. De início, apresentou Weil a Thibon, pois Weil tinha objetivo de passar um tempo em sua fazenda trabalhando. Os três iniciaram uma longa conversa a partir deste período sobre espiritualidade, chegando Weil a deixar com eles parte de seu espólio, como os cadernos.

experiência espiritual relacionada ao cristianismo e a importância da vida intelectual à qual se dedicou desde muito nova. O texto é uma análise de si pela seleção de momentos e experiências que nos possibilitam criar um diálogo com outras cartas e relatos citados na biografia de Pétrement.

Apesar da missiva ter o objetivo de explicitar sua “condição espiritual” ao padre Perrin, Weil faz mais do que isso. Ela usa a escrita para se contar; narrar sua trajetória a partir do que considerou importante. O registro é uma narrativa de si e de autoafirmação, pois Simone Weil também está respondendo ao padre sobre ter se negado ao batismo na Igreja Católica, algo que Perrin parece ter insistido por diversas vezes. Neste momento de sua vida, já muito próxima do cristianismo e da história do catolicismo, decidiu por não se batizar em defesa de sua vocação intelectual. Para justificar sua escolha, retomou sua trajetória e relembrou que aos 14 anos passou por um período de “desespero”, onde “pensou seriamente em morrer” diante do que chamou de “mediocridade das minhas faculdades naturais”.

Os dons extraordinários do meu irmão, que teve uma infância e uma juventude comparáveis às de Pascal, forçaram-me a ter consciência da minha mediocridade. Eu não lamentava os sucessos externos, mas lamentava não poder esperar ter nenhum acesso a esse reino transcendente no qual os homens autenticamente grandes entram sozinhos e onde habita a verdade. Eu preferia morrer a viver sem ela<sup>81</sup>.

Não é uma casualidade escrever “faculdades naturais” associadas à mediocridade e a comparação com o irmão, assumindo que homens como Pascal e André, com qualidades transcedentes, podiam acessar a verdade; exemplos da “autenticidade” humana. A lembrança sobre o período também não é um caso isolado e sem justificativa, já que encontramos outros registros sobre a dolorosa consciência de sua autopercepção. Em uma outra carta de 1942, ao amigo e poeta Joë Bousquet, Weil fez uma avaliação de sua trajetória e de aspectos de sua vida espiritual ao relembrar o período de sofrimento na adolescência e de como via sua relação com o

---

<sup>81</sup> À quatorze ans je suis tombée dans un de ces désespoirs sans fond de l'adolescence, et j'ai sérieusement pensé à mourir, à causa de la médiocrité de mes facultés naturelles. Les dons extraordinaires de mon frère, qui a eu une enfance et une jeunesse comparables à celles de Pascal, me forçaient à en avoir conscience. Je ne regrettais pas les succès extérieurs, mais ne pouvoi espérer aucun accès à ce royaume transcendant où les hommes authentiquement grands sont seuls à entrer et où habite la vérité. J'aimais mieux mourir que de vivre sans elle. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

conhecimento: “o esforço de atenção e trabalho intelectual era, em geral, quase tão desesperador quanto o de um homem condenado na véspera de sua execução”<sup>82</sup>.

Nas cartas de Selma Weil, onde examina a educação dos filhos, as avaliações sobre Simone são com frequência em comparação a André, constatando suas dificuldades em relação à “superioridade” do irmão. Em algumas cartas de 1917, quando Simone tinha oito anos, a comparação assim se apresenta: “Simone ainda está atrasada e terá que se atualizar, pois no ano passado ela trabalhou de forma bastante irregular [...] André é tão diferente!” (PÉTREMENT, 1997, p. 37)<sup>83</sup> e “estou muito feliz em ver que o André está começando a gostar de suas aulas. Simone está tendo muito mais dificuldade” (PÉTREMENT, 1997, p. 35)<sup>84</sup>. Estes são alguns exemplos da relação com o conhecimento no interior de sua família, além dos já apresentados no tópico anterior, que dão a ver um ponto de difícil inflexão na trajetória de Simone Weil.

Para além de uma possível dificuldade na aprendizagem, o que não é nada extraordinário, percebemos a partir do gênero o conflito com a feminilidade imposta por sua família, mais especificamente pela mãe, a responsável pela educação dos filhos. Ao exercer sua função de boa mãe burguesa, apresentou à filha a alternativa de romper com a feminilidade. Ela acreditava em Simone e na sua determinação no cultivo da mente e do espírito, um ser pensante, e não uma boneca, no entanto, as comparações com o irmão foram recorrentes, chegando Simone a perceber o impacto em sua adolescência, como o momento de desespero que a levou a pensar na morte. Acontecimento retomado por ela quando de sua narração de si e de seu percurso.

*Autobiografia espiritual* (1942) é um texto que remonta a diferentes momentos de sua vida pela memória. Mesmo se tratando de uma carta, onde as impressões são mais imediatas em relação à vida e as “transcriç[ões] quase simultâneas dos sentimentos experimentados, com o frescor do cotidiano” (ARFUCH, 2010, p. 47), também se aproxima do gênero da autobiografia, já que se propõe a fazer uma “organização de si” pela narração de sua história. Nesta carta e na carta a Joë Bousquet, Simone Weil realizou um trabalho com a memória, que atua, segundo Joel Candau (2011), como uma “reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade” (2011, p. 16). Portanto,

<sup>82</sup> Le plus souvent mes efforts d'attention et de travail intellectual étaient à peu près aussi dépourvus d'espérance que ceux d'un condamné à mort qui doit être exécuté le lendemain. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>83</sup> Simone va todavía atrasa y tendrá que recuperar, ya que el año pasado ha trabajado de forma bastante irregular [...] !Qué diferente es André!

<sup>84</sup> Me da mucha alegría ver cómo André empieza ya a tomarle gusto a las clases. A Simone le cuesta mucho más.

trata-se de um registro que Simone Weil deixou como testemunho de si àquela altura de sua vida.

As duas cartas são do mesmo período, 1942, então se assemelham os temas levantados, as memórias evocadas e algumas alternativas pensadas em seu presente sobre os conflitos pessoais. No entanto, é possível perceber versões distintas de si entregues a seus diferentes leitores de acordo com a intimidade existente e a partir dos assuntos que unem os interlocutores. O registro de si construído nas cartas também pode ser outro a cada nova experiência com a escrita, demonstrando o caráter de seleção na construção da subjetividade em cartas e autobiografias. Para retomar Leonor Arfuch, “para além do nome próprio, da coincidência ‘empírica’, o narrador é *outro*, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar” (2010, p. 54). Isto é, a memória enquanto ato de lembrar e esquecer, torna-se fluída, não possuindo um compromisso com a verdade, mas com a escolha (nem sempre consciente) daquilo que se escreve.

Na carta ao padre Perrin, Simone Weil não se aprofundou no sofrimento vivido nos anos da adolescência, apesar da forte descrição sobre o desespero e a desesperança. Para o amigo Joë Bousquet, a carta alcançou outros níveis de descrição, unindo o desespero e a dor do corpo e da alma, que durou dias e noites, não a abandonando nem durante o sono: “meus esforços pareciam completamente estéreis e sem nenhum resultado imediato”<sup>85</sup>. Para Perrin, Weil apresentou os meios que a permitiram superar tais dificuldades:

Após meses de trevas interiores eu tive, repentinamente e para sempre, a certeza de que qualquer ser humano, mesmo que as suas faculdades naturais sejam quase nulas, penetra neste reino da verdade reservada ao gênio, se ele apenas desejar a verdade e fizer perpetuamente um esforço de atenção para atingi-la. Assim, ele próprio também se tornará um gênio, mesmo que, por falta de talento, esse gênio não possa ser visível do exterior<sup>86</sup>.

Ao olhar para trás e revisar sua própria história, analisando o período de sofrimento, Simone Weil descreveu a forma inesperada que teve a certeza de que qualquer ser humano, como ela mesma, poderia adentrar o terreno reservado aos gênios. Na sequência desta carta o que se evidencia é a relação com o ascetismo cristão, pois comentou sobre seu apreço por São Francisco de Assis e o “espírito de pobreza” que ela tentava adotar em sua vida. No entanto,

<sup>85</sup> Souvent beaucoup plus quand ils apparaissaient tout à fait stériles, et sans fruit immédiat. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>86</sup> Après des mois de ténèbres intérieures j’ai eu soudain et pour toujours la certitude que n’importe quel être humain, même si ses facultés naturelles sont presque nulles, pénètre dans ce royaume de la vérité réservé au génie, si seulement il désire la vérité et fait perpétuellement un effort d’attention pour l’atteindre. Il devient ainsi, lui aussi, un génie, même si faute de talent ce génie ne peut pas être visible à l’extérieur. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

mesmo quando se autoafirma, ao dizer que o desejo pela verdade e o esforço perpétuo aproximam os humanos comuns dos gênios, Weil adverte que a genialidade talvez não possa ser vista pelos outros, por isso a importância do desejo e da atenção para acreditar em si mesma.

O tema do gênio atravessou a experiência de Weil de diversas formas. Em casa, ao se relacionar desde nova com o incentivo intelectual, e em suas leituras acadêmicas, pois vários autores que leu no Liceu e na ENS foram considerados gênios pela tradição filosófica e intelectual, entre eles Immanuel Kant (1724 – 1804) e Arthur Schopenhauer (1788 – 1860). A sua relação com o gênio é próxima da reflexão sobre a sua capacidade intelectual, contudo, por conhecer as discussões sobre o gênio e a raridade histórica, propôs uma revisão. Para enfrentar a comparação entre o “gênio e a beleza”, como se referiam a ela e ao seu irmão quando ainda pequenos (PÉTREMENT, 1997, p. 28)<sup>87</sup><sup>88</sup>, Simone desceu o gênio das alturas habitadas pelos pensadores excepcionais e raros, para o mundo ordinário dos seres comuns, como ela. Mais do que romper com a possibilidade da existência do gênio para si individualmente, Weil se incluiu no potencial coletivo de alcançar o conhecimento.

A ideia do “gênio criador”, uma singularidade natural, se desenvolveu a partir do Renascimento e das relações entre a erudição e as artes com as fontes clássicas. Para haver o gênio é necessário haver o seu oposto, o ordinário, que embora seja a condição da maioria dos seres humanos, foi tomando uma forma e uma definição feminina na Modernidade. Portanto, “o gênio contribuiu para diferenciar a feminilidade da masculinidade diante do estabelecimento das identidades culturais enraizadas na sexualidade, fundadas na diferença biológica” (HIGON-NET, 1991, p. 263)<sup>89</sup>.

Segundo Anne Higonnet, Madame de Staël (1766 – 1817) e George Sand (1804 – 1876) romperam com esta perspectiva masculina do gênio um século antes de Simone Weil, pois “imaginaram gênios femininos que não se enquadravam em categorias artísticas convencionais” (1991, p. 263)<sup>90</sup>. Em diálogo com seu próprio tempo, as duas escritoras apresentaram como alternativa um “gênio” que incluía outras experiências, a destacar as mulheres escritoras e suas próprias articulações enquanto autoras de si e de seus “próprios gênios” (ARAÚJO, 2019, p. 246), isto é, um espaço de existência pela representação.

<sup>87</sup> Y fue también aquí donde una señora definió a los dos niños como ‘el genio y la belleza’.

<sup>88</sup> Após a sua morte serão tratados como o gênio e a santa.

<sup>89</sup> El genio contribuía a diferenciar la feminidad arraigadas en las respectivas sexualidades, fundadas a su vez en la diferencia biológica.

<sup>90</sup> Se atrevieran a imaginar genios femeninos que no encuadraban categorías artísticas convencionales.

O gênio está no debate artístico e filosófico desde a Antiguidade, passando por Sócrates, Aristóteles e Platão, sobre musas e a inspiração como loucura divina. Neste contexto, o gênio aedo estaria possuído ou seria tomado pela musa, logo, poderia criar, fazer poesia. Em outros períodos, especialmente a partir do século XVIII, a ideia de gênio como um equivalente de originalidade e dom inato ganhou maiores desdobramentos. Kant é um dos filósofos que se debruçou sobre o tema, desenvolvendo o gênio a partir de duas características principais, “talento e disposição naturais” (SALES, 2006, p. 143), e onde “o sujeito comum não é capaz de desenvolver a faculdade genial” (CITRO, 2009, p. 14). Aqui, o gênio é ao mesmo tempo uma expressão da natureza, como também apresenta as regras originais de sua própria expressão através da obra de arte. Assim, se o sujeito comum não poderia desenvolver as habilidades do gênio, a mulher enquanto um indivíduo desprivilegiado intelectualmente em relação ao homem, também não poderia nascer com as disposições naturais do gênio.

Outros filósofos são mais explícitos sobre a ausência de gênio nas mulheres. Em Schopenhauer, por exemplo, “as mulheres têm um grande talento, mas nenhum gênio, porque continuam sempre subjetivas” (1997, p. 214). Otto Weininger, no início do século XX, publicou *Sexo e Caráter* (1903), no qual propôs um exame completo das diferenças entre homens e mulheres, chegando à conclusão da impossibilidade de mulheres gênios: “basta dizer em geral que nem uma entre todas as mulheres (mesmo as mais masculinas) na história intelectual pode realmente ser comparada in concreto com até mesmo gênios masculinos de quinta e sexta categoria” (1903, p. 47).

A idealização masculina do gênio é uma das facetas da criação do cânone do pensamento Ocidental, da literatura até a ciência. O gênio não existia para as mulheres, pois foi construído a partir do que mulheres não poderiam ser, especialmente ao se tratar da produção criativa e intelectual. Como destacamos na primeira parte deste capítulo, para se fazerem como intelectuais, mulheres tiveram que negociar papéis de gênero no mundo letrado e acadêmico. Dentro dos recortes de classe, gênero e raça, as mulheres europeias de classes altas foram as que tiveram maiores alternativas para adentrarem à cultura letrada, mas sem nenhuma segurança de permanência e estabilidade. Nesse sentido, assim como se deu com a categoria do intelectual, Simone Weil também teve de se refazer diante da imensidão inacessível do gênio.

Distante da imagem universal pretendida pelo gênio e pelo intelectual, Simone Weil recorreu a uma autorreflexão através da escrita e da filosofia: descriar-se<sup>91</sup>. Quando se depara com o gênio em sua memória, representado pelo irmão, ela rompe com essa “divindade”, mesmo que ainda se utilizando dela para se autoafirmar. Ao dizer que qualquer pessoa pode se tornar gênio, já não está mais pensando no inatingível ideal filosófico, estético e moral do discurso hegemônico defendido por homens do *establishment* acadêmico, pois o gênio de sua autobiografia não é exclusivo, nem excepcional. Não por acaso, *Autobiografia* (1942) é um texto do período posterior ao seu contato com a militância sindicalista, como operária, rompendo com o gênio inalcançável e masculino quando aposta na abertura do espaço de criação e expressão intelectual.

O procedimento de recusa e de criação pela vida intelectual e o enfrentamento do gênio, está amparado nessa palavra que descreve algumas das “forças interiores” e sentimentos que considerava importantes para esta transformação de si: o desejo e a atenção. Para recriar-se diante das categorias excludentes de “criatura”, Simone Weil propõe descriar-se, uma expressão filosófica e intelectual que se relacionou com a sua posição no mundo.

Ao romper e recusar, também propôs uma criação e uma revisão de si em diálogo com o coletivo, já que acreditava na possibilidade de “que todo ser humano tem o direito de ser”<sup>92</sup>. No entanto, o desejo de ser e o esforço pela atenção, isto é, concentrar-se de forma permanente naquilo que deseja através da descrição, não se deu de forma simples, já que a recusa não é completa e a criação de si é feita de apropriações. Descriar-se, em Simone Weil, está ligado à sua perspectiva daquele momento, próxima da espiritualidade cristã, mas fora do dogma religioso. Descriar é renunciar, mas não destruir a si, e esta é uma distinção que faz sobre a descrição nos cadernos 6 e 7 de Marselha: “Destruir é errado, a menos que seja para fazer com que o

<sup>91</sup> Até o momento sabemos das seguintes traduções para o português brasileiro de *décréation* de Simone Weil. Vimos na tradução de Leda Cartum de *O peso e a graça* (2020), a “descriação” e em Julia Raiz do Nascimento (2022), a partir de Anne Carson sobre Simone Weil, a “decriação” (traduzido do inglês *decreation*). Quando justificou a sua escolha por *decriação*, Nascimento apostou na amplitude polissêmica de decriar: “meu amigo Ronie, professor de francês, me ensinou que *dé*, além de prefixo, significa dado (*lancer les dés*: lançar dados). Desde então, decriação para mim passa a ser uma palavra dado, com várias facetas, uma palavra de combinações polissêmicas infinita” (2022, p. 186). Utilizamos a tradução vinda do francês da obra de Weil, de Leda Cartum. Apostamos nesta pesquisa na ideia de descrição enquanto um desfazer, movimento contínuo de desfeitura/feitura, por isso mantemos o prefixo *des* já que se relaciona com “verbos de processo, como *desfazer*; *desmontar*; *desniveler*; *desligar*; *desconstruir*; *desarrumar*” (BONA; RIBEIRO, 2018, p. 615). No entanto, a perspectiva de Nascimento, a partir de Carson, pluraliza os pontos de vista sobre as leituras de Weil e as possibilidades de redes com suas leitoras contemporâneas e aproxima a *decriação* da ideia de “instrumento”, expressivo a partir do prefixo *de*. São duas possibilidades de leitura que se relacionam com a obra de Weil.

<sup>92</sup> Je suis aussi certaine qu’un être humain a le droit de l’être. (Carta ao Padre Perrin, de 1942, consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

criado passe para o inciado” (WEIL, 2001, p. 442)<sup>93</sup> e “A destruição está no extremo oposto da des-criação. Isso deve ser concebido de forma evidente” (WEIL, 2001, p. 541)<sup>94</sup>.

Descrição não foi um conceito elaborado por Simone Weil em um ensaio ou texto teórico, mas uma palavra que encontrou diante de suas inquietações e escrita nos cadernos em diferentes momentos a partir de 1941. Portanto, reflete vários períodos de sua vida. É perceptível que chegou à palavra descrição através das reflexões sobre uma despossessão do “eu” com objetivo de encerrar o domínio da ideia de criatura. Para não destruir, inventa a descrição, uma possibilidade de participar da criação do mundo – uma escrita que só é possível fora do dogma e da instituição religiosa, já que se posiciona ao lado do criador<sup>95</sup>. Em nossa interpretação, a descrição foi uma saída identitária com objetivo de deslocar-se do “feminino” e da “mulher” e refazer-se diante do gênio, do intelectual, do homem, da criatura, ou seja, do que foi criado para o que ainda não foi criado, sem nome, sem forma, sem limites. Assim como identificou Jacob Lau (2018) uma possibilidade de escrever/falar sobre o seu próprio processo de transição de gênero através dessa palavra. Lau viu na descrição uma possibilidade de existência em linguagem, subjetividade e investigação teórica e de vida, já que une o fazer e o desfazer; há um *tornar-se* na proposta pensada por Weil, uma construção de *algo* através de *outra coisa* que está se desfazendo:

Minha definição de mim mesmo [...] deve ser continuamente revisitada, des-criada pedaço a pedaço [...] No espetáculo da minha mistura queer/trans, crio rugas na terra, abrindo espaço para que outros também o façam, mesmo enquanto sigo aqueles que vieram antes de mim (LAU, 2018, p. 41)<sup>96</sup>.

A trajetória de Weil é o movimento gerador de questões sobre subjetividade e linguagem da qual a descrição tem origem (CHA, 2017, p. 4)<sup>97</sup>, mas não se torna, por isso, um modelo prescritivo de como viver. Ao se deparar com a infelicidade, não apenas a sua, mas daqueles que viviam em condições precárias de vida e à margem, encontrou no cristianismo um caminho

<sup>93</sup> Destruir está mal, salvo que sea haciendo que lo creado passe a lo increado. (Caderno 6 de Marselha, de 1941).

<sup>94</sup> La destrucción está en el extremo opuesto de la des-creación. (Caderno 7 de Marselha, de 1942).

<sup>95</sup> Participamos en la creación del mundo al des-crearnos nosotros mismos. (Caderno 7 de Marselha, de 1942 – p. 511 de *Cuadernos*, 2001).

<sup>96</sup> My definition of self, created through my acquired habits, turnings within the environment must continuously be moved through, decreated piece-by-piece for a new transfeminist slantwise view opening up new queer genealogies. In doing so I do not give up the material conditions of my racialized, sexualized, and gendered history, it is always behind and before me as the sides gifted by various relationships to my parents, lovers, friends, passersby, and a certain cocker spaniel. In the spectacle of my queer/trans mixedness, I create wrinkles on the earth making a space for others to do likewise, even as I follow those before me.

<sup>97</sup> For I do not regard Weil’s bios as a model for an other-centered ethics but as generating questions of subjectivity and language to which a decreative ethics gives rise.

filosófico, artístico e existencial para descriar o sofrimento – mas não só, suas leituras de espiritualidades, filosofias e artes outras também são parte dessas reflexões.

Frequentemente, os sofrimentos físicos (e as privações) são, para os homens corajosos, uma prova de resistência e força de espírito. Mas é possível fazer melhor uso deles. Que não sejam, portanto, isso para mim. Que sejam um testemunho sensível da miséria humana (WEIL, 2001, p. 430)<sup>98</sup>.

O seu meio de autoafirmação aconteceu por uma via possível para existir através do sofrimento, se utilizar dele, mas não de forma a se apagar completamente, pois a sua escrita é o registro que deixou da criação de si. De forma ambivalente, contraditória, inconformada e desconfortável – já que vê no vazio e no silêncio uma possibilidade de “ser nada para ocupar no todo o verdadeiro lugar de um” (WEIL, 2001, p. 431)<sup>99</sup>. Seus cadernos, cartas, traduções e poesias são o testemunho de uma existência criativa através do conhecimento que adquiriu nas diversas frentes de atuação. Também possibilitam ver uma Simone Weil contra-excepcional, terrena, ordinária, com sofrimentos reais que atravessaram seu eu, como “ser mulher”, “ser gênio” e “ser intelectual”, não um modelo ético a ser mirado, mas uma experiência em construção, colocando a si em movimento criativo.

Concordamos com Anne Carson quando diz que “é difícil elogiar o extremismo moral que fez Simone Weil falecer aos trinta e quatro anos” (2005, p. 180)<sup>100</sup>. Portanto, esta tese não faz uma ode ao seu estilo de vida, pelo contrário, nos interessa historicizar o corpo, trazê-lo para o comum; não se trata de uma hagiografia, mas da escrita de uma história sobre a trajetória que se fez próxima aos limites, na radicalidade do pensar e do agir, em profunda tensão com o gênero e a sexualidade. Propomos escavar mais fundo seu processo criativo e de existência em contato com suas complexidades e contradições, não relegando Simone Weil apenas ao sofrimento, à excepcionalidade ou à santidade.

---

<sup>98</sup> Con frecuencia los sufrimientos físicos (y las privaciones) resultan para los hombres valientes una prueba de resistencia y de fortaleza de ánimo. Pero se puede hacer un mejor uso de ellos. Que no me resulten, pues, eso. Que me resulten un testimonio sensible de la miseria humana. (Caderno 6 de Marselha, 1941).

<sup>99</sup> Ser nada para ocupar en el todo el verdadero lugar de uno. (Caderno 6 de Marselha, 1941).

<sup>100</sup> It is hard to commend moral extremism of the kind that took Simone Weil to death at the age of thirty-four.

### **3 Desfazer a separação entre si e o mundo: a escrita como passagem**

Simone Weil escreveu vários estilos literários; produziu ensaios teóricos, investigações escritas a partir de suas experiências em diários, poesias, contos e dramaturgias. Neste capítulo vamos analisar suas escritas do íntimo, em especial os cadernos e correspondências selecionadas com objetivo de traçar caminhos para a compreensão do processo criativo de si presentes nestas fontes acessadas no Fundo Simone Weil, na Biblioteca Nacional da França, de agosto a outubro de 2024.

Simone Weil desenvolveu grande parte do seu pensamento nos cadernos, definidos pela fragmentação, intertextualidade, caráter ensaístico, camadas temáticas e pela ausência de um esquema explicativo e gênero literário único. Atualmente não há tradução para o português dos cadernos e os livros disponíveis são compilações de textos e ensaios organizados pelos detentores de seu espólio. Para pensar a criação de si em Simone Weil, partimos de uma contextualização da sua obra e de seu acervo na BnF e sua recepção no Brasil. Este capítulo se inicia questionando a relação de Weil com a escrita, passando pela escrita e elaboração de si presentes nos cadernos e finaliza trazendo aspectos do fazer-se intelectual de Simone Weil a partir dos seus temas, como “renúncia”, “desapego” e “descriação”. Vários de seus temas são abordados, localizando-os em seu pensamento, como “*metaxu*”, “circularidade”, “ritmo” e “vida como obra de arte”.

O propósito deste capítulo é analisar a subjetividade de Simone Weil nesta fonte singular – nem propriamente teórica, nem diarística – e situá-la a partir do contexto de circulação e escrita entre os anos de 1933 e 1943, dando destaque para o período de exílio a partir de 1940.

#### **3.1 A escritora mensageira: o espaço da escrita**

“Assim, a sabedoria é uma pulsação contínua da morte para a melhor vida e da melhor vida para a morte.”<sup>101</sup>

Em visita ao Fundo Simone Weil na Biblioteca Nacional da França, acessamos toda a obra em manuscritos da filósofa, que registrou grande parte de seu processo de criação intelectual em folhas; são rascunhos, anotações de aula, preparações de aula, projetos literários, cópias e reescritas de textos. Alguns poucos manuscritos, como as páginas que compõem *O*

---

<sup>101</sup> “Ainsi la sagesse est une pulsation continuelle de la mort à la meilleure vie et de la meilleure vie à la mort” em *Quelques réflexions autour de la notion de valeur* (1941). (Manuscrito consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

*enraizamento* (2001)<sup>102</sup> e seus *Écrits philosophiques et politiques*, publicados em suas obras completas pela Gallimard, são raros exemplos de plena conservação, pois encontram-se encadernados em edições preparadas pela BnF que protegem o material contra o desgaste e desintegração. Infelizmente, esse procedimento não é extensivo a todo o acervo, pois parte considerável das folhas encontra-se solta em pastas e caixas, sem separação entre elas, muitas se decompõendo ao manuseio.

Após a morte de Simone Weil, em 1943, sua família, Gustave Thibon e Joseph-Marie Perrin – os primeiros, responsáveis legais, e Perrin e Thibon, detentores de grande parte do seu espólio – reuniram o material e o entregaram à Biblioteca Nacional da França. Além do trabalho intelectual de Simone Weil nos mais diversos textos, os responsáveis por seu espólio também reescreveram cadernos e outros materiais com o objetivo de torná-los mais acessíveis a futuras publicações e leituras. Desse modo, muitas caixas contendo seus manuscritos acompanham cadernos com cópias desse material feitos pelos responsáveis. No entanto, não está evidente o que levou à escolha por certos materiais para a reescrita, assim como os que não foram objeto da intervenção dos responsáveis. O acervo não possui informações detalhadas sobre seu tamanho e organização, apenas folhas anexadas com breves informações de datas e conteúdo, nem sempre apuradas, tornando o trabalho com aquele material desafiador (informações também são encontradas no site da BnF sobre o Fundo).

Apesar do estado de alguns de seus manuscritos, sua obra encontra-se publicada pela Gallimard até o momento em sete tomos: I – *Premiers écrits philosophiques*; II – *Écrits philosophiques et politiques : Volume 1: L'engagement syndical (1927-1934), Volume 2 : L'expérience et l'adieu à la révolution (1934-1937), Volume 3 : Vers la guerre (1937-1940)* ; III – *Poèmes et Venise Sauvée*<sup>103</sup>; IV – *Écrits de Marseille : Volume 1 : Philosophie, science, religion, questions politiques et sociales, Volume 2 : Les civilisations inspiratrices : La Grèce, L'Inde et L'Occitanie* ; V – *Écrits de New York et de Londres : Volume 1 : Questions politiques et religieuses, Volume 2 : L'enracinement* ; VI Cahier – Volume 1-4 ; VII – Correspondance : Volume 1 : *Correspondance familiale*, Volume 2 et Volume 3 : *Correspondance générale*<sup>104</sup>.

---

<sup>102</sup> Colocamos esta obra com o título em português (de 2001), pois foi a primeira vez que a obra foi publicada integralmente no Brasil, apesar de contar com partes dela na edição de *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*, organizada por Éclea Bosi e publicada em 1979 pela Paz e Terra.

<sup>103</sup> Ainda não publicado nesta edição, no entanto, a Gallimard publicou, em 1968, *Poèmes suivis de Venise Sauvée Lettre de Paul Valéry*.

<sup>104</sup> Ainda não publicado.

Todas as edições contêm apresentações de estudiosos e especialistas da obra de Weil que indicam o processo de curadoria e organização desses livros a partir do acervo da BnF.

Nesta pesquisa há uma concentração maior nos cadernos, diários e correspondências, ou seja, nos escritos pessoais de Simone Weil, pois indicam caminhos para a compreensão do processo criativo pela elaboração escrita do pensamento da filósofa e a relação com a escrita para além dos objetivos políticos e teóricos. Além disso, mostram uma relação distinta com a própria ideia de escrita pessoal, aspecto que vamos abordar. Além do cotejo entre as edições em francês, português e espanhol, serão apresentadas as fontes acessadas no acervo, como os seus cadernos físicos e cartas, pois possibilitam pensar a própria materialidade da escrita de Weil, ler detalhes que as edições em livros não proporcionam, como a caligrafia, o uso das folhas, a reescrita e os desenhos. Da mesma forma, torna-se possível visualizar informações que as edições já apontam, mas não conseguem reproduzir, como os grifos e as rasuras. Manusear e ler seus cadernos abre nova perspectiva para a pesquisa histórica, pois trata-se da materialidade da escrita sem edição, sem a sobreposição do trabalho de terceiros.

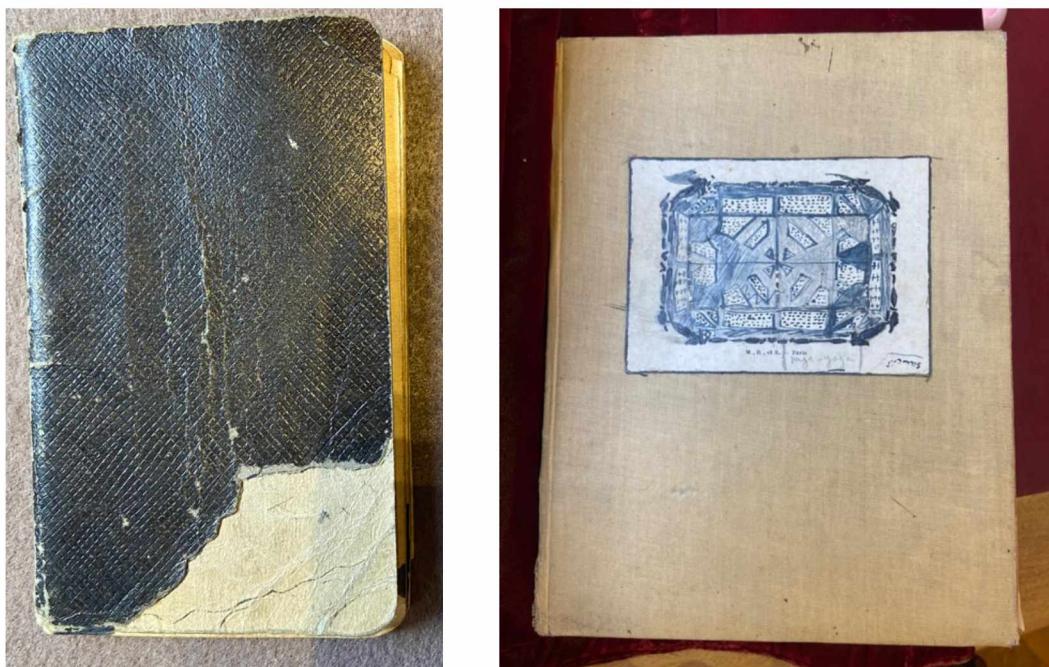
Algumas dúvidas foram sanadas, mas outras surgiram no contato com o arquivo de Simone Weil. Primeiro, identificamos sua predileção pelo suporte material dos cadernos para a sua escrita nos últimos anos de vida, o que possibilita encontrar, no momento espontâneo do registro manuscrito, os temas de interesse, como se fosse um afresco, seja da escrita e reescrita filosófica e literária ou de estudos sobre traduções, filosofia mística, budista e hinduista, e seu interesse pela matemática, álgebra e geometria.

Os cadernos de Simone Weil encontram-se em caixas específicas para suas dimensões e o estado de conservação deste material é bom, apenas alguns poucos exemplares estão desgastados, como o *Cahier d'élcolier* (na capa: *cahier de brouillon/caderno de rascunho*), um caderno de sua infância, já mencionado no primeiro capítulo. Neste caderno, com muitas rasuras e em estado de conservação prejudicado, é possível verificar rascunhos de cartas de Simone Weil na época da Primeira Guerra Mundial e alguns interesses desenvolvidos ainda na infância, como a vida de Joana D'Arc. No entanto, os cadernos escritos na vida adulta, em especial os de seus últimos anos de vida, que compõem os chamados cadernos de Marselha, cadernos da América e os cadernos de Londres, estão em bom estado de conservação.

Ao todo, para esta pesquisa, foram consultados os dezoito cadernos escritos entre 1933 e 1943, que compõem os 4 volumes dos *Cahiers* das edições Gallimard, mais o caderno de

Londres e os cadernos “inéditos”<sup>105</sup>, como consta no Fundo. Os onze primeiros cadernos são conhecidos como os cadernos de Marselha<sup>106</sup>, e os sete a seguir são os cadernos da América ou *La connaissance surnaturelle*. Além do acesso aos manuscritos e cadernos, consultamos caderetas utilizadas por Simone Weil para fazer anotações rápidas, com poucas informações sobre as datas dos registros, mas que revelam relações com a escrita, especialmente a poética e literária, além de algumas passagens autobiográficas. Ressaltamos esses aspectos porque ao analisarmos os cadernos recorremos às passagens de outras fontes relacionadas, dando ênfase para estes materiais pouco trabalhados e tão presentes no cotidiano de Weil.

**FIGURAS 6 E 7** – Caderneta Preta presente na Caixa “Agendas” e capa do Caderno 8 da Caixa de “Inéditos”



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Antes de nos aproximarmos da materialidade e da escrita dos cadernos, faz-se necessária uma discussão a respeito da recepção de sua obra, em especial dos *Cahiers*. No Brasil, assim como em outros países que traduziram as obras de Weil, seguiu-se um formato de publicação semelhante ao da França logo nas primeiras décadas após a sua morte. Os primeiros detentores

<sup>105</sup> Consultamos os cadernos de 1 a 4 e de 7 a 21. De acordo com Sylvie Bourel, Conservadora Chefe do Departamento de Manuscritos da BnF, não existem os cadernos 5 e 6 da caixa de inéditos. Consultamos, ainda, dois cadernos sob o título *Dieu dans Platon I* (Deus em Platão I) e *Dieu dans Platon II* (Deus em Platão II). Outros cadernos podem ser citados, mas não estão integrados às caixas dedicadas aos *Cahiers* de Simone Weil, como um caderno de poemas, sem data, que está na Caixa “Poemas” do acervo.

<sup>106</sup> Com exceção do primeiro, que foi escrito a partir de 1933, período em que Simone Weil ainda não estava em Marselha.

de seus manuscritos publicaram edições com recortes temáticos. Esta escolha se refletiu nas traduções para o português, e os primeiros trabalhos sobre Weil no Brasil não abordaram suas múltiplas experiências como pensadora e intelectual, em favor da mística ou religiosa. Segundo Fernando Rey Puente esse foi o “início do descompasso da recepção [de sua] obra” no país (2013, p. 19). Lembremos que Simone Weil não publicou livros em vida, mas artigos e ensaios para periódicos de sua época, deixando um imenso material a ser editado<sup>107</sup>.

No Brasil, as poucas referências a Simone Weil foram descontinuadas com a publicação da primeira edição de *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*, organizada por Ecléa Bosi, em 1979. Em seus próprios trabalhos, Bosi dedicou longas reflexões sobre a obra de Weil, bem como criou o Laboratório de Memória e História Oral Simone Weil, na Universidade de São Paulo, no qual dissertações e teses foram produzidas a partir do pensamento weiliano na área de psicologia social. O esforço de Ecléa Bosi em divulgar a sua obra no Brasil foi expresso em carta ao poeta e editor Moacyr Félix, em fevereiro de 1979:

De alguns anos para cá estou trabalhando na tradução e descoberta de uma grande pensadora francesa que não escreveu livros, mas deixou cadernos onde anotava seu quotidiano de operária metalúrgica, camponesa, combatente da Guerra Civil Espanhola. [...] Trata-se de Simone Weil [...] É um estudo sobre os temas que ela abordou, mas de um ponto de vista que possa ajudar e guiar os militantes do Terceiro Mundo. Acredito que Simone vai influir em nosso destino, pois nossas angústias foram as suas<sup>108</sup>.

A carta de Bosi revela uma leitora e pesquisadora entusiasmada em publicar uma versão ainda não conhecida de Simone Weil no Brasil. Acreditava ser possível inspirar o ativismo intelectual no país e na América Latina em relação aos problemas de seu tempo pelas reflexões presentes nos diários e ensaios de Weil, escritos durante e após o trabalho no campo e na fábrica. Em sua organização, Bosi apresentou uma leitura mais complexa da trajetória intelectual, militante e filosófica de Weil através da seleção de textos distintos entre si, demonstrando seus múltiplos interesses, aspectos de seu pensamento filosófico, algumas cartas, registros diarísticos, ensaios teóricos e políticos, partes de textos mais longos, como *O enraizamento*, além de um itinerário biográfico cuidadoso no início do livro. No entanto, não há novas traduções que

---

<sup>107</sup> Deixou rascunhos, ensaios e artigos inéditos, poemas, projetos de livros, diários, cartas, uma peça inacabada chamada *Veneza Salva*, um livro chamado *O enraizamento* e muitos cadernos com fragmentos, notas e reflexões filosóficas.

<sup>108</sup> Tivemos acesso a esta carta através do pesquisador da trajetória de Moacyr Félix, Dédallo Neves, do Departamento de Sociologia da UFPR.

abarquem o trabalho de Weil para além das escolhas editoriais francesas<sup>109</sup>. Conforme o pesquisador Thiago Mattos, há um risco na dispersão da obra de Weil:

estamos publicando esparsamente as obras avulsas construídas por Perrin e Thibon e pela família Weil nos primeiros projetos editoriais. Via de regra, são edições que reproduzem acriticamente essas primeiras construções, sem prefácios que problematizem minimamente as condições da escrita de Weil, sua relação com seu pensamento filosófico, a história do estabelecimento e da recepção dessas edições. [Não temos também] nenhuma tradução das biografias (2021, p. 6).

Embora as traduções para o português sejam de grande importância para quem inicia o contato com a obra de Simone Weil e o empenho de Ecléa Bosi e de outros pesquisadores brasileiros, como Maria Clara Bingemer e Fernando Rey Puente, tenham contribuído para o alargamento da leitura e interpretação, ainda não há projetos para traduzir sua obra completa para o português, em especial seus cadernos, “a maior lacuna da recepção tradutório-editorial” (MATTOS, 2021, p. 6) de Weil no Brasil. Segundo Carlos Ortega, tradutor dos cadernos de Weil para o espanhol, a escrita dos cadernos é “o lugar onde foram parar todos os materiais, reflexões, anotações e impressões de leituras, projetos etc., dos quais surgiram todos os seus escritos. Eles são a fonte de sua sabedoria, a base de seu pensamento” (2001, p. 11)<sup>110</sup>.

Em português, o acesso aos pensamentos dos cadernos se dá pela edição de *A gravidade e a graça* (ou, em sua mais recente tradução, *O peso e a graça*). Os textos deste livro são recortes e seleções de fragmentos integrados a títulos elaborados e pensados por Gustave Thibon através de uma linha temática religiosa e mística. A primeira edição brasileira é de 1986, da editora ECE, com tradução de Ecléa Bosi. Em 2025, foi publicada a mais recente edição de *O peso e a graça*, pela Companhia das Letras (Selo Penguin-Companhia), com tradução de Leda Cartum. Apesar de contarem com trabalhos de especialistas e estudiosos da obra de Weil na tradução, essa edição não permite conhecer a complexidade dos cadernos no trabalho filosófico de Weil, nem foi uma proposta.

Com expressa autorização da autora, Thibon selecionou passagens e organizou a publicação a partir de seus interesses, como pensador católico. *O peso e a graça* foi a primeira publicação póstuma, em 1947, com ampla circulação internacional. Já os cadernos não possuem o mesmo alcance, onde as edições traduzidas fora da França nem sempre incluem todo o

<sup>109</sup> Em edições mais recentes, como *Contra o colonialismo*, de 2018, pela Bazar do Tempo, a fragmentação do pensamento de Weil não é tão acentuada e se distinguem das primeiras divisões editoriais. Há, também, uma contextualização maior da obra com apresentação da pesquisadora Maria Clara Bingemer.

<sup>110</sup> El lugar donde fueron a parar todos los materiales, reflexiones, notas e impresiones de lecturas, proyectos, etc. de los que saldrían todos sus escritos. Son la fuente de su sabiduría, el fundamento de su pensamiento.

material dos volumes publicados pela Gallimard<sup>111</sup>. Apesar da autorização de Weil, não é incomum que a escrita de mulheres passe por processos de desintegração e remontagens com seleções, recortes, acréscimos e direcionamentos temáticos para cumprir com algum propósito editorial<sup>112</sup>, o que no caso de Thibon, demonstra a intenção de apresentar Simone Weil como pensadora religiosa, ou melhor, católica.

Thibon sugeriu uma maneira de ler sua obra e vida escolhendo passagens específicas dos cadernos, construindo ensaios e dando títulos a eles. Nenhum daqueles textos foi pensado por Simone Weil da maneira como foram publicados. Além disso, manipulou a escrita dela, acrescentando frases suas, como acontece com a seguinte passagem do Caderno 3 de Marselha: “Não tirar de nenhuma pessoa o seu *metaxu*<sup>113</sup>”, escrita por Weil. Em *O peso e a graça*, no texto com o título *Metaxu*, Thibon continuou a frase com suas palavras, desfigurando o pensamento e a escrita de Weil: “não privar nenhum ser humano dos seus *metaxu* – ou seja, desses bens relativos e misturados (*lar, pátria, tradições, cultura, etc.*) que aquecem e que alimentam a alma e sem os quais, exceto na santidade, uma vida humana não é possível<sup>114</sup>” (WEIL, 2020, p. 184).

Há manipulação e alteração porque na sequência Weil explanou sobre seres humanos como *metaxu* de outros. Será abordada a escrita enquanto *metaxu* logo adiante, no entanto, cabe destacar que o *metaxu* é um intermediário entre duas realidades ou domínios distintos e são vistos nos cadernos a partir de diferentes exemplos, como o amor e as matemáticas, pois “ambos nos conduzem para a realidade exterior, ou seja, para algo diferente de nós” (PUENTE, 2013, p. 164). No entanto, não são os únicos intermediários na escrita de Weil, como veremos, a escrita, o corpo e o outro, isto é, a pessoa humana, também podem ser *metaxu* (algo que Thibon retirou de vista no trecho acrescentado).

A alteração de Thibon é inversa à reflexão que Simone Weil propõe, pois o *metaxu* também ocorre fora da experiência da santidade cristã. Ainda assim, aspectos da vida santa podem ser apropriados por cristãos e não-cristãos, como aconteceu com Simone Weil ao se referenciar a São Francisco de Assis, Santa Teresa D’Ávila ou Santa Joana D’Arc. São

<sup>111</sup> A publicação da Gallimard dos cadernos é próxima dos manuscritos, mantendo o material de acordo com o original. Thibon construiu uma nova obra a partir dos cadernos (*O peso e a graça*).

<sup>112</sup> Para lembrar de alguns exemplos, podemos citar o trabalho de edição de Ted Hughes na obra de Sylvia Plath e o trabalho de edição de Audálio Dantas e de Clélia Pisa na obra de Carolina Maria de Jesus. Ambos os envolvimentos, recortes e direcionamentos editoriais podem ser conhecidos através das pesquisas de Isabella Giordano Bezerra, *A vida após a morte de Sylvia Plath: mutilação de uma obra, censura de uma vida* (2023) e de Raffaella Fernandez, *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus* (2015).

<sup>113</sup> Metaxu (*μεταξύ*) é uma palavra grega que significa “entre” e “no meio de”.

<sup>114</sup> Itálico e negrito nosso para evidenciar o que Thibon acrescentou nesta passagem. A palavra “humana” já estava em itálico no texto de *O peso e a graça*.

aproximações que Simone Weil fez das vidas e das experiências dos santos, mas fora da Igreja Católica e sem considerar-se próxima da santidade, pois em carta, explicando porque não se batizava, Weil escreveu a Thibon: “se me batizasse esta noite, acho que amanhã continuaria tão longe da santidade como estou agora; infelizmente, estou afastada dela por obstáculos muito mais difíceis de superar do que a não participação nos sacramentos”<sup>115</sup>.

O acréscimo das palavras pelo pensador católico também altera o significado, ao associar a palavra *metaxu* a elementos referenciais de identidade nacional após o declínio do fascismo, retomando conceitos como pátria, tradição e lar<sup>116</sup>, sem nenhuma relação com o que Simone Weil escreveu naquela página de seu caderno, como também sobre o que ela escreveu em carta ao padre Perrin sobre o patriotismo e a Igreja Católica:

Tenho medo desse patriotismo da Igreja que existe nos meios católicos. Entendo patriotismo no sentido do sentimento que se atribui a uma pátria terrena. Tenho medo porque tenho medo de ser contagiada por ele. Não que a Igreja me pareça indigna de inspirar tal sentimento. Mas porque não quero para mim nenhum sentimento desse tipo. A palavra querer é inadequada. Sei, sinto com certeza que qualquer sentimento desse tipo, seja qual for o seu objeto, é funesto para mim<sup>117</sup>.

Portanto, o pequeno, mas não sutil acréscimo de Thibon, não só descaracteriza a complexidade, como modifica o pensamento de Weil sobre o *metaxu*. No processo ascendente da graça e do acesso ao conhecimento, possibilitado pelos intermediários “amor”, “matemática”, “corpo” ou “escrita”, bem e mal coexistem e são próprios da experiência da interconexão entre os campos distintos, sendo esses os aspectos elaborados por ela naquele momento sobre o *metaxu*:

A menos que alguém seja um eremita da floresta e não receba de nenhum outro ser humano o necessário para viver, não adianta nada elevar-se acima dos

<sup>115</sup> S'il me baptisait ce soir, je pense que demain je serais encore presque aussi loin de la sainteté qu'en ce moment ; j'en suis tenue éloignée, par malheur, par des obstacles bien plus difficiles à vaincre que la non-participation aux sacrements. (Carta a Gustave Thibon, de 1941, consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>116</sup> Não é o foco desta pesquisa, mas é importante explicar que Gustave Thibon foi um pensador católico próximo à extrema direita, em especial da *Ação Francesa*, colaborando com regularidade na publicação *La Nation Française*, “imediatamente derivada da doutrina política da Ação Francesa” (RAOUL, 1957, p. 769). Thibon é citado por Jean-Yves Camus, estudioso da extrema direita europeia, como “o filósofo monarquista”, no artigo *Intégrisme catholique et extreme droite en France: le parti de la contre-révolution* (1945-1988), e como uma figura do Nacionalismo Integralista francês, pelo historiador Eugen Weber em *Action Française: royalism and reaction in Twentieth-century france* (1962).

<sup>117</sup> J'ai peur de ce patriotisme de l'Église qui existe dans les milieux catholiques. J'entends patriotisme au sens du sentiment qu'on accorde à une patrie terrestre. J'en ai peur parce que j'ai peur de le contracter par contagion. Non pas que l'Église me paraisse indigne d'inspirer un tel sentiment. Mais parce que je ne veux pour moi d'aucun sentiment de ce genre. Le mot vouloir est impropre. Je sais, je sens avec certitude que tout sentiment de ce genre, qu'il qu'en soit l'objet, est funeste pour moi. (Carta ao padre Joseph-Marie Perrin consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

*metaxu*, porque continuaremos na esfera do bem e do mal, graças às relações com aqueles que realmente se encontram nela. O problema do bem e do mal não pode, portanto, desaparecer no movimento ascendente (2001, p. 186)<sup>118</sup>.

Thibon adicionou conceitos de integração social, não à toa descreveu-os como bens que aquecem, alimentam a alma e tornam a vida humana possível. Fora da santidade, só esses conceitos da ordem e da unidade, muito caros à extrema direita francesa, guiariam a vida. Em carta a outro amigo, Maurice Schumann, Simone Weil se colocou fora da santidade e ao lado de comerciantes ladrões e soldados covardes que decidiram amar a Cristo<sup>119</sup>. Seu posicionamento humano, nem santo, nem sobrenatural, mas também fora da moralidade cristã e burguesa, a distanciou da concepção de *metaxu* de Thibon, se percebendo *entre* e não integrada à pátria, às tradições ou ao lar.

No entanto, o autor não encontrou maiores dificuldades para mudar suas palavras, visto que tinha acesso livre aos escritos de Weil, interpretando-os e transformando-os a partir de um léxico conservador. Na carta a Thibon, de 1942, enviada de Casablanca durante o curto período anterior a sua chegada nos Estados Unidos, Weil escreveu sobre o seu desejo de que Thibon utilizasse o material à sua escolha:

Você disse que, em meus cadernos, encontrou mais coisas do que imaginava, outras que não imaginava, mas que esperava; elas, portanto, lhe pertencem, e espero que, depois de sofrerem uma transmutação em você, elas um dia apareçam em *uma de suas obras*<sup>120</sup>. Pois certamente é muito melhor para uma ideia unir sua sorte à sua do que à minha. Tenho a sensação de que a minha aqui embaixo nunca será boa. (Não é que eu espere que seja melhor em outro lugar; não consigo acreditar nisso). Não sou alguém com quem seja bom unir seu destino. Os seres humanos sempre pressentiram isso, mais ou menos; mas, não sei por que mistério, as ideias parecem ter menos discernimento<sup>121</sup>.

---

<sup>118</sup> Salvo que uno sea un ermitaño del bosque y no reciba de ningún otro ser humano lo necesario para vivir, de nada sirve elevarse por encima de los *metaxu*, porque seguiremos estando en la esfera del bien y el mal merced a las relaciones com aquellos otros que sí que se encuentran en ella. El problema del bien y el mal no puede, pues, desaparecer en el movimiento ascendente. (Caderno 3 de Marselha, 1941).

<sup>119</sup> Il existe en fait des marchands voleurs, des soldats lâches, etc. etc. de gens qui ont choisi d'aimer le Christ et sont infiniment au-dessous de sainteté. Bien entendu, c'est mon cas. (Carta não datada, mas escrita a partir de 14 de dezembro de 1942, período que Simone Weil já estava em Londres, seu último destino antes de falecer, consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>120</sup> Itálico nosso. O movimento decidido por Thibon sobre os cadernos foi o contrário, ele transmutou as ideias dela às suas ideias, sem apontar onde ocorreu mudança ou acréscimo de palavras na obra.

<sup>121</sup> Vous me dites que dans mes cahiers vous aviez trouvé en plus de choses que vous aviez pensées, d'autres que vous n'aviez pas pensées, mais que vous attendiez ; elles vous appartenaient donc, et j'espère qu'après avoir subi en vous une transmutation elle sortiront un jour dans un de vos ouvrages. Car il est certainement bien préférable pour une idée d'unir sa fortune à la vôtre qu'à la mienne. J'ai le sentiment que la mienne ici-bas ne sera jamais bonne. (Ce n'est pas que je compte qu'elle doive être meilleure ailleurs ; je ne puis le croire.) Je ne suis pas quelqu'un avec qui il soit bon d'unir son sort. Les êtres humains l'ont toujours plus ou moins pressenti ; mais, je ne sais pas quel mystère, les idées semblent avoir moins de discernement.

A esta altura, Simone já tinha escrito sobre o desapego em diversas passagens de seus cadernos, abarcando as reflexões sobre a descrição, e nesta carta é possível perceber como se deu na prática o seu desapego em relação à escrita, ou ao destino da escrita pela publicação ou notoriedade pública. De sua parte, não havia interesse de que aquelas ideias fossem cristalizadas como um dogma ou uma doutrina, publicadas a partir de uma intenção de coesão com direcionamentos autorais. Em realidade, nesta correspondência a ideia de autoria não tem importância alguma para Simone Weil, abrindo o caminho para o protetor de seu espólio transmutar suas ideias às dele. A única objeção de Weil foi que os cadernos não ficassem com outras pessoas além de Thibon, Padre Perrin e Joë Bousquet, este último, fora do círculo dos amigos católicos, a quem ela “amaria que lesse alguns”<sup>122</sup>. Ainda nesta carta, Weil acrescentou que se durante 3 ou 4 anos a partir daquele momento ele não ouvisse falar dela, era para considerar os cadernos e os textos que enviou como suas propriedades<sup>123</sup>. Um ano e três meses depois, Simone Weil faleceu.

Em outra carta ao amigo e colega de Liceu e ENS, Guillaume Guindey, Simone Weil falou sobre a sua noção de autoria de uma forma próxima à carta a Thibon, mas com algumas nuances. A carta datilografada consultada não está datada, mas pelo contexto e a localização de Weil naquele momento, deve ser de 1940, durante o período de duas semanas que passou em Tolouse antes de chegar em Marselha, onde conheceu Padre Perrin e Gustave Thibon. Nas cartas a Guindey, Simone pedia ao amigo que recuperasse poemas que ficaram em seu apartamento na rua Augusto Comte, em Paris. Como o país estava em guerra, não sabia o que poderia acontecer com seus escritos. Guindey atendeu o pedido da amiga, mas não conseguiu entregar os poemas a ela durante a guerra. Assim que o conflito se encerrou, Guindey entregou o material encontrado na casa de Weil aos pais dela (PÉTREMENT, 1976, p. 383).

Nessas duas cartas enviadas a Guindey, além do pedido de recuperação de seus poemas, Weil reescreveu de memória o poema *A um dia* e enviou a versão que considerava ser a definitiva. Não só o recuperou de memória, como descreveu o processo criativo do poema, ao dizer: “eu até melhorei, retocando, três ou quatro versos, de modo que o texto de Paris não está mais razoável. Gostaria, no entanto, de conhecer as suas versões”<sup>124</sup>. Simone falava aqui de algo que

<sup>122</sup> J'aimerais que Joë Bousquet en voie quelques uns. (Carta a Gustave Thibon, de 1942, consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>123</sup> Si pendant 3 ou 4 ans vous n'entendez [...] parler de moi, considérez que vous en avez la complète propriété. (Carta a Gustave Thibon, de 1942, consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>124</sup> J'ai même amélioré, en les retouchant, trois ou quatre vers, de sorte que le texte de Paris n'est plus bon. J'ai-merais néanmoins connaître les variantes. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

fica visível em consulta ao seu acervo: a presença da reescrita enquanto método de trabalho filosófico, literário e poético e da comparação entre as versões dos textos.

Nesta carta, deu vários detalhes sobre o processo de criação do poema, iniciado em 1938. Manifestou o seu desejo de publicação como uma escrita de reação ao período que estava vivendo: “os acontecimentos tornaram este poema atual”<sup>125</sup>. Trabalhando em *A um dia*<sup>126</sup> por mais de três anos, àquela altura acreditava que o poema estava próximo de seu *état optimum*<sup>127</sup> e deveria ser publicado, pois os leitores iriam concordar<sup>128</sup>. Ela faz, então, uma reflexão sobre autoria:

Se em Vichy ou em Paris você encontrar pessoas mais ou menos literárias, gostaria que você lhes mostrasse este poema para que o publiquem. Não importa onde, desde que seja em condições que permitam que as “pessoas honestas” da França possam lê-lo. Revistas como o *Mercure de France*, a N.R.F. e a *Revue des Deux Mondes* seriam certamente adequadas. Se meu nome não for oportuno nas circunstâncias atuais, que se invente um pseudônimo qualquer ou que se coloque três estrelas. Isso me é totalmente indiferente. Não desejo nenhuma notoriedade literária e não tenho mais a impressão de que esse poema me pertença em nenhum grau. Gostaria apenas que fosse lido, porque seria uma pena, na minha opinião, que ele desaparecesse pura e simplesmente<sup>129</sup>.

Após apresentar o contexto de escrita, etapas de seu trabalho com o poema por vários anos e o seu desejo por comparar versões assim que conseguisse os outros manuscritos, destacou a sua indiferença sobre uma possível notoriedade literária<sup>130</sup>. Nesta carta, não deixou de

<sup>125</sup> Les évènements ont donné à ce poème beaucoup d’actualité. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>126</sup> Este poema também está na tradução de Gabriela W. P. Alegre (2021), já citada no primeiro capítulo.

<sup>127</sup> J’ai l’impression qu’il a atteint maintenant à peu près son état optimum. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>128</sup> Je crois qu’il vaut la peine d’être publié et je pense que ceux qui le liraient en jugeraient de même. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>129</sup> Si soit à Vichy soit à Paris vous rencontrez des gens plus ou moins littéraires, je voudrais que vous leur communiquiez ce poème afin qu’ils le publient. Peu importe où, pourvu que ce soit dans des conditions telles que ce qu’il y a en France d’”honnêtes gens” puissent le lire. Des revues comme le *Mercure de France*, la N.R.F., la *Revue des Deux Mondes* conviendrían sans doute. Si mon nom n’est pas opportun dans les circonstances actuelles, qu’on invente un pseudonyme quelconque, ou qu’on mette trois étoiles. Cela m’est tout à fait indifférent. Je ne souhaite aucune notoriété littéraire, et je n’ai plus du tout l’impression que ce poème m’appartienne à aucun degré. Je voudrais seulement qu’il soit lu, parce que ce serait dommage à mon avis qu’il disparaîsse purement et simplement. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>130</sup> Existem três textos de Weil que têm por objetivo discutir publicamente o papel da literatura e a responsabilidade de escritores diante do bem e do mal, são eles: *Quelques réflexions autour de la notion de valeur* (1941), *Lettre aux Cahier du Sud sur les responsabilités de la littérature* (1941) e *Littérature et morale* (1941), os dois últimos estão assinados nos manuscritos de seu acervo pelo pseudônimo Emile Novis (com exceção do V, é um anagrama de Simone Weil e remete também ao nome de Alain, Émile-Auguste Chartier). Entre suas posições críticas à literatura do século XX, dos surrealistas e dadaístas, por exemplo, é o afastamento da noção de valor, de um pensamento orientado a apresentar o bem e o mal e uma preocupação com a descrição dos estados psicológicos. Apesar de não tratarmos de sua escrita ficcional, como a peça *Veneza Salva*, é interessante notar que Weil utiliza a metáfora do saque para expressar sua reflexão sobre o surrealismo na carta à revista *Cahier du Sud*, e sua peça, em linhas gerais, trata de uma conspiração e tentativa de saque. Sobre os surrealistas, escreveu: “eles expressaram a embriaguez da licença total, embriaguez na qual o espírito mergulha quando, rejeitando qualquer consideração de valor,

reivindicar a autoria, no entanto, o objetivo era fazer circular a obra artística, mais do que receber aclamação e reconhecimento por tê-la escrito.

O tom desta carta é menos de dissolver-se no outro, ou melhor, dissolver suas ideias nas ideias do outro, como ela propôs a Thibon. Com Guindey há uma explanação maior sobre a escrita poética. Encontramos dezenas de páginas de reescritas deste poema em seu acervo, sem contar as anotações esparsas em cadernetas que retomam passagens de *A um dia*, ou em outras cartas enviando seus poemas para amigos e correspondentes. Em Toulouse, sem saber qual seria o seu destino enquanto exilada, questionava no poema: “Que coração não racharia/ se o súbito e doce toque da manhã/ derrotasse a sombra na qual baixinho vibram/ a dúvida, o remorso, o medo do destino?”<sup>131</sup> (WEIL, 2021, p. 46). Ao fim, responde aos conflitos do poema com o desapego: “neste dia de silêncio divino/ Eternamente entregue ao mundo imenso/ um espírito perfurado de amor,/ mesmo se preparado o seu momento,/ e se a sorte cega cessa/ que nasça seu último dia”<sup>132</sup> (2021, p. 51).

A imagem do silêncio divino criada no poema de 16 estrofes corrobora com a sua reflexão sobre a ausência de Deus enquanto uma resposta sobre a sua presença<sup>133</sup>. No silêncio encontra-se o desapego à dúvida, ao medo e ao remorso. O destino já não importa. Neste poema começa a surgir o que vamos abordar mais adiante em seus cadernos, o trabalho sobre si, isto é, como Weil construiu no silêncio e na contemplação respostas para as questões que enfrentou.

Ainda sobre a notoriedade literária, entende-se que as escolhas de Simone Weil foram outras, a se descolar da idealização ou da celebração do eu, no entanto, suas posições não são

---

se entrega ao imediato. [...] A licença sempre embriagou os homens, e é por isso que, ao longo da história, cidades foram saqueadas. Mas o saque das cidades nem sempre teve um equivalente literário. O surrealismo é um desses equivalentes”. No original : “Ils ont exprimé l’ivresse de licence totale, ivresse où se plonge l’esprit quand, rejettant toute considération de valeur, il se livre à l’immédiat. [...] La licence a toujours enivré les hommes, et c’est pourquoi, tout au long de l’histoire, des villes ont été saccagées. Mais le sac des villes n’a pas toujours en d’équivalent littéraire. Le surréalisme est un tel équivalent.”

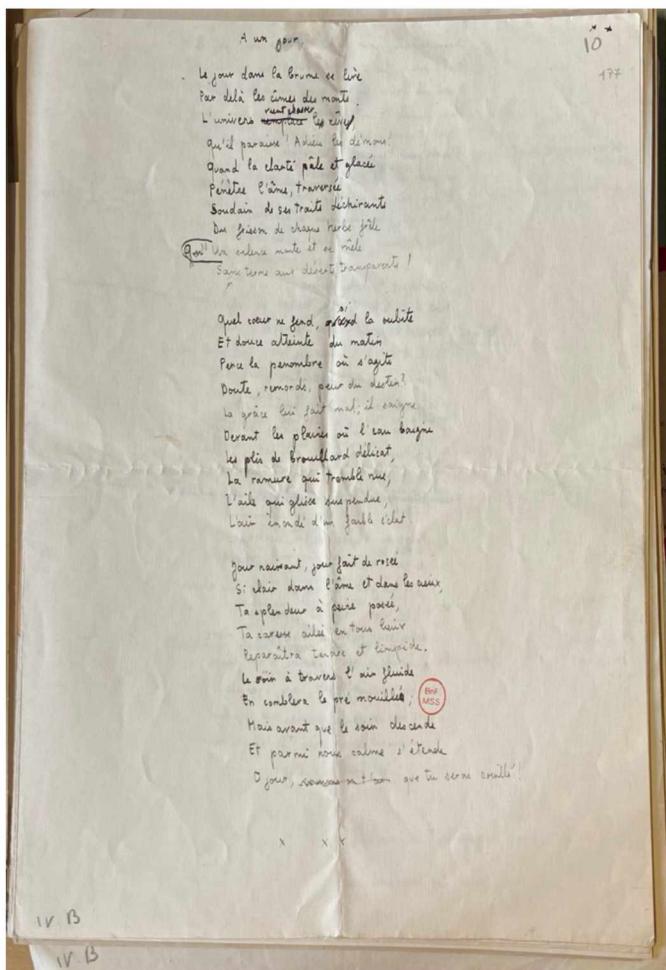
<sup>131</sup> No original: “Quel cœur ne fend, quand la subite/ Et douce atteinte du matin/ Perce la pénombre où s’agit/ Doute, remords, peur du destin?” Em uma versão anterior Weil escreveu: “Honte, crainte, horreur du destin?” (Vergonha, medo e horror ao destino?). (Manuscrito de poesia consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>132</sup> No original: “Ce jour de céleste silence/ Livre à jamais au monde immense/ Un esprit transpercé d’amour,/ Même si son moment s’apprête/ Et si le sort aveugle arrête/ Que soit venu son dernier jour.” (Manuscrito de poesia consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>133</sup> No Caderno 6 de Marselha, de 1941, Weil escreveu: “O contato com Deus nos é dado pelo sentido de sua ausência. Em comparação com esta ausência, a presença é mais ausência do que a ausência”. “El contacto con Dios nos viene dado por el sentido de su ausencia. En comparación con esta ausencia, la presencia es más ausencia que la ausencia (WEIL, 2001, p. 434). Também destaca a beleza artística enquanto uma possibilidade de contato com Deus e enquanto encarnação, um intermediário, um *metaxu*: “Toda a beleza que existe no mundo é como uma encarnação. Em tudo que nos dá o sentimento puro da beleza existe a presença real de Deus”. “Tout ce qu’il y a de beauté dans le monde est comme une incarnation. En tout ce qui nous donne le pur sentiment du beau, il y a présence réelle de Dieu” (Caderno 11, Inéditos, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

construídas alheias à conjuntura histórica. Weil elaborou a si e foi elaborada através de sua família e dos círculos intelectuais e militantes, como também através do gênero que perpassou sua vida enquanto estrutura social. Tensionar sua percepção de desimportância junto ao gênero, visto que ela não o viveu de forma contínua, nem procurou se colocar no mundo e no pensamento pelas referências e experiências de gênero, dá uma nova perspectiva à desimportância dada ao valor intelectual ou poético de si e de sua escrita, sem abandonar sua importante crítica ao “eu”, enquanto centro da experiência de vida. Como escreveu no Caderno 6 de Marselha: “renunciar ao prestígio, a consideração social, constitui uma homenagem à verdade [...] despojar-se dos adornos e suportar em desvelamento. Isso é compatível com a vida social e as cerimônias sociais?” (WEIL, 2001, p. 410)<sup>134</sup>.

**FIGURA 8** – Uma das folhas dos vários manuscritos de *A um dia* (apenas a primeira página)



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

<sup>134</sup> Renunciar al prestigio, a la consideración social, constituye un homenaje a la verdad, a saber: que se pertenece a la materia humana, y que no se tienen derechos. Despojarse de los adornos, y aguantar desnudos. Ahora bien, es esto compatible con la vida social y con los ceremoniales sociales? (Caderno 6 de Marselha, de 1941).

Nas afirmações e perguntas, entendemos sua posição e sua recusa a uma estrutura social que dá notoriedade através da individualização dos sujeitos, algo alheio as suas vontades. No entanto, em sua carta a Guinney, é possível questionar se em seu discurso não existem vestígios de estratégias para fazer circular suas ideias, independente da valorização da autoria. Mesmo sem a intenção evidente, é um meio de fazer circular sua criação artística. O que nos lembra a investigação de Stella Maris Scatena Franco sobre “autonegação, falsa-modéstia, [e] buscas de justificativas para mostrar-se” de escritoras do século XIX. Ao destacar a chilena Maipina De La Barra, apresentou a ambivalência desta autora em negar o “desejo de ser escritora”, mas afirmar a escrita através da “permissão divina” (2017, p. 16)<sup>135</sup>. Embora o período seja outro, conseguimos identificar essa ambivalência em Weil ao não afirmar o ofício de escritora ou a autoria para si de forma pública, mas defender a importância de suas ideias em escrita.

O que leva a outra importante reflexão sobre escrita e autoria, presente nos cadernos e em suas correspondências. Mais de uma vez, Simone Weil destacou que o trabalho da escritora deve ser como o da tradutora: “escrever como uma tradutora, e agir da mesma forma”, Caderno 6 de Marselha (WEIL, 2001, p. 407)<sup>136</sup>. Em carta a Thibon a mesma afirmação é retomada:

Na minha opinião, a verdadeira maneira de escrever é escrever como se traduz. Quando se traduz um texto escrito em uma língua estrangeira, não se procura acrescentar nada; pelo contrário, tem-se um escrúpulo religioso em não se acrescentar nada. É assim que se deve tentar traduzir um texto não escrito<sup>137</sup>.

O caderno e a carta são do mesmo ano, 1941, e Simone Weil revela o que pensava sobre a autoria: não deixar que o texto seja inflado pelo dispensável, aquilo que é imaginativo, ao ponto de desviar a atenção do que é real e “sensível ao tempo e ao espaço” (2001, p. 111)<sup>138</sup>. Cria ainda mais dificuldades para a autoria desejada: ter uma duração – início e fim – que seja a imagem da eternidade<sup>139</sup>. Simone Weil procurava a medida entre o que é necessário e o que

<sup>135</sup> A pesquisa de Franco tem como foco escritos de viagem, no entanto, a conexão entre as tendências encontradas são verificadas. No próximo capítulo, o tema da viagem será aprofundado.

<sup>136</sup> Escribir como un traductor, y actuar igual.

<sup>137</sup> A mon avis, la vraie manière d'écrire est d'écrire comme on traduit. Quand on traduit un texte écrit en une langue étrangère, on ne cherche pas à y ajouter ; on met ou contreire un scrupule religieux à ne rien ajouter. C'est ainsi qu'il faut essayer de traduire un texte non-écrit. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>138</sup> Objeto del arte: hacernos sensibles al tiempo y al espacio. (Caderno 2 de Marselha, de 1941).

<sup>139</sup> Para ela, alguns poemas, como os de Safo, refletiam essa imagem: “Ejemplos de poemas perfectos, con un comienzo y un final, y una duración que sea una imagen de la eternidad. Hay pocos. Éste de Safo: Inmortal Afrodita/ Hija de Zeus trenzadora de engaños,/ yo te imploro, con angustias y penas/ no esclavices mi corazón” (2001, p. 112 – Caderno 2 de Marselha, de 1941). O poema de Safo em português: “De flóreo manto furta-cor, ó imortal Afrodite,/ filha de Zeus, tecelã de ardis, suplico-te:/ não me domes com angústias e náuseas,/ veneranda, o coração”

não é, para que cada palavra tivesse o seu sabor máximo, que fosse possível sentir o seu gosto<sup>140</sup>. Escrever como quem traduz é um exercício de desaparecimento pela insistência em existir<sup>141</sup> e mediar, isto é, estar entre, servir à(a) mensagem. Apontando o conflito daquela que reconhece o tempo e o espaço disponíveis, mas consciente disso, esforça-se para atingir a beleza da obra de arte, deixando que a parte de si mergulhada no eu desapareça, o que Simone Weil chama de virtude negativa<sup>142</sup>.

Ser a escrevente dessa mensagem é estar entre dois planos, colocar em relação o seu tempo e o tempo da arte, alheio, fora de nós, fora do eu. O entre, fundamental para a filosofia weiliana, é retomado por ela em diversos escritos como o intermediário, este possibilitador de encontros e “interconexões entre [...] diversos domínios” (PUENTE, 2013, p. 163). Tratando-se da escrita, o *metaxu* ora é a própria escritora – “ser apenas um intermediário entre a terra inculta e o campo arado, entre os problemas e as soluções, entre a página em branco e o poema, entre o infeliz que tem fome e o infeliz saciado”<sup>143</sup> – ora é a própria caneta na mão da escritora – “que minha alma seja para o corpo e para Deus o que esta caneta é para minha mão e para o papel – um intermediário”<sup>144</sup>. Por isso a relação entre escrita e tradução, pois o trabalho da tradução é próprio do campo da mediação, algo que Simone Weil também foi, uma escritora-tradutora. Ainda, em outra passagem, retomou o intermediário falando sobre si, sobre seu corpo e sua alma. Na ação escrita, a caneta também é o *metaxu* entre as ideias e o papel que, juntos, tornam-se a obra, a beleza a ser contemplada.

---

(2021, p. 74). A citação do poema é da edição de *Hino a Afrodite e outros poemas*, de Safo de Lesbos, com organização e tradução de Giuliana Ragusa. No caderno, Weil escreveu em grego.

<sup>140</sup> Un tiempo con un comienzo y un final. A qué corresponde? Luego el gusto de las palabras: cada palabra ha de tener un sabor máximo. (2001, p. 111 – Caderno 2 de Marselha, de 1941).

<sup>141</sup> A ideia de desaparecer como contrária ao apagamento de si ou de outras vem da pesquisa de Emanuela Siqueira sobre o ato da tradução enquanto uma “forma de ensaiar desaparecimentos”: “essa prática de ensaiar os desaparecimentos passa longe da ideia de ‘apagamento’, no sentido de ‘eliminação, extinção’. Está mais para o sentido do verbo, acoplado ao *des*: ‘aparecer’ / ‘desaparecer’, ‘deixar de estar à vista’, como o movimento contínuo de um interruptor” (2024, p. 68).

<sup>142</sup> A virtude negativa em Simone Weil é um modelo do bem. Como uma prática sobre si mesma, a virtude negativa é um “deixar morrer”, um “não pensar”, que auxilia no processo de esvaziamento da imaginação que preenche o ego com uma falsa divindade. Isso aparece na sua concepção de escrita-tradução no Caderno 3 de Marselha: “escrever – como traduzir – negativo – descartar as palavras que ocultam o modelo, a coisa silenciosa que deve ser expressa. Igual a agir”. “Escribir – como traducir – negativamente – apartar esas dos palavras que encubren el modelo, la cosa muda que debe ser expresada. Igual que actuar” (2001, p. 162).

<sup>143</sup> “N’être qu’un intermédiaire entre la terre inculte et le champ labouré, entre les données du problème et la solution, entre la page blanche et le poème, entre le malheureux qui a faim et le malheureux rassasié” (WEIL, 2008, OC, IV, p. 124). Esta passagem também está no Caderno 4 de Marselha, de 1941 (2001, p. 284).

<sup>144</sup> Que mon âme soit seulement au corps et à Dieu ce qu’est ce porte-plume à ma main et au papier – un intermédiaire. (Caderno 14, Nova Iorque, 1942).

Vários são os *metaxu* apontados por Simone Weil em seus cadernos, eles são este ponto de alcance, o caminho possível para se alcançar a beleza. Ao citar o amor a partir de *O banquete* de Platão, retomou a passagem que dá o tom de sua apropriação do intermediário: o que está entre o mortal e o imortal, entre as coisas humanas e as coisas divinas<sup>145</sup>. Dessa forma, os *metaxu* são valiosos na produção do que importa para Weil, do que é belo, chegando mais uma vez à ambiguidade de sua autopercepção. Ser o meio de comunicação e de passagem entre essas diferentes realidades, entre o que é divino e o que não é, implica em não querer ser destruída: “não sou mais do que um intermediário, mas um intermediário indispensável” (WEIL, 2001, p. 397)<sup>146</sup>. No entanto, em carta a Thibon, é a partir da sua “desimportância” que argumenta em defesa da manutenção das ideias presentes nos cadernos:

Mas, felizmente, o que há em mim ou não tem valor ou reside fora de mim, em uma forma perfeita, em um lugar puro onde não pode sofrer nenhum dano e de onde sempre pode descer. Portanto, nada do que me diz respeito pode ter qualquer importância. [...] Se às vezes você pensar em mim, será como em um livro que leu na infância. Eu não gostaria de ocupar qualquer outro lugar no coração dos seres que amo, para ter certeza de nunca lhes causar qualquer dor<sup>147</sup>.

Habitar a memória das pessoas que ama como um livro lido na infância e ver o que tem em si como algo sem valor são posições diferentes na mesma sentença. Weil decidiu habitar o campo afetivo, pois ser uma lembrança da infância era mais importante do que a sua presença, já que estava no exílio. A condição do exílio impõe o distanciamento e adiciona camadas à sua

<sup>145</sup> Diotima, em conversa com Sócrates, tratou do tema do amor através do intermediário Eros, filho do deus Poros e da mortal Pênia. No verso 202b está assim: “de modo similar com o Amor: tendo admitido que ele não é nem belo e nem bom, não há motivo algum para pensar que é feio ou mau. Ele é algo intermediário entre estes dois, disse Diotima” (PLATÃO, 2017). Simone Weil destaca outra passagem de *O banquete* no Caderno *Dieu dans Platon II*, o verso 202e: “Platão desenvolve a teoria da mediação a partir dele [o amor]. ‘Todo espírito é um intermediário entre o divino e o mortal’. ‘Que poder ele possui?’”. ‘O de interpretar e comunicar aos deuses as mensagens dos homens e aos homens as mensagens dos deuses. Dos homens, as orações e os sacrifícios. Dos deuses, as imposições e as recompensas pelos sacrifícios. Dado que está no meio de ambos, ele preenche esse espaço entre os dois, de tal forma que o conjunto fica ele mesmo ligado numa unidade’’. No original : “Dans le Banquet, l’amour joue ce rôle. Platon fait à propos de lui la théorie de la médiation. ‘Tout ce qui est demi-dieu (mauvaise trad.) est intermédiaire entre le mortel et l’immortel – Et quel en est la vertu ? – D’interpréter (aussi est médiateur !) et de communiquer aux dieux les choses humaines et aux hommes les choses divines, les prières et les sacrifices de la part des hommes, les ordres et les réponses aux sacrifices de la part des dieux. Il remplit l’espace intermédiaire entre l’humanité et la divinité de manière que le tout se trouve relié à lui-même.’’ Percebe-se que Simone Weil não copia uma tradução, mas traduz no caderno e, por isso, há comentários inscritos no trecho como “má tradução” para a palavra “génie” (gênio), à lápis altera para “demi-dieu” (semideus). Também altera a tradução de “le rôle” (o papel) para “la vertu” (a virtude).

<sup>146</sup> No soy más que un intermediario, pero un intermediario indispensable. (Caderno 7 de Marselha, de 1942).

<sup>147</sup> Mais heureusement ce qui est en moi, ou bien est sans valeur, ou bien, réside hors de moi, sous une forme parfaite, dans un lieu pur où cela ne peut subir nulle atteinte et d’où cela peut toujours redescendre. Dès lors rien de ce qui me concerne ne saurait avoir aucune espèce d’importance. [...] S’il vous arrive parfois de penser à moi ce sera comme à un livre qu’on a lu dans son enfance. Je voudrais ne jamais tenir d’autre place dans le cœur d’aucun des êtres que j’aime, afin d’être sûre de ne leur causer jamais aucune peine. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

autopercepção. No entanto, a contradição e a ambiguidade permanecem, Weil escolheu estar na memória daqueles que ama e não ocupar suas vidas no presente (pelo menos o presente da carta). Enviou sua escrita a diferentes interlocutores e insistiu em sua permanência, mas não viu a si, a escrevente mensageira, com algum valor, mesmo quando indispensável e enquanto considerou os *metaxu* valiosos.

A partir dessas considerações, chegamos às perguntas que guiam a análise dos cadernos: Como Simone Weil construiu a percepção sobre si nessas páginas? Como se utilizou dos cadernos enquanto um espaço de reflexão, exercício e transformação de si? Procuramos, portanto, apresentar esta construção sem reivindicar uma linearidade em sua trajetória, mas com atenção às ambiguidades dos processos de elaboração descontinuados, feitos e refeitos, a perceber sua escrita enquanto ação, ação sobre si e sobre o outro a partir do tensionamento e da contemplação das contradições.

### **3.2 Fragmentos circulares: os cadernos e a escrita de si**

Os cadernos de Simone Weil não são escritos autobiográficos em formato diarístico ou memorial, não são escritas do eu em seu formato clássico. Também não são ensaios ou artigos para as revistas de cunho agitador ou político. Através de uma escrita aforística e fragmentária, Simone Weil costurou seus temas de interesse, seus estudos, suas traduções, suas criações filosóficas e literárias e construiu uma escrita desviante, que se conecta à escrita de si.

Pensar nos cadernos a partir dos fragmentos abre a possibilidade para diferentes leituras e formas de entender esta escrita; uma escrita das passagens, com diferentes entradas e saídas, à semelhança de um labirinto. O desafio não é dominá-la como um todo coeso e unitário<sup>148</sup>, mas ingressar pelas brechas, assim como Weil fez com as páginas dos cadernos: como uma abertura poética para processos contínuos e descontínuos de elaborações de si e do outro. Adriano Marchetti em *Poetica atenta* (2010), escreveu que no desejo de unidade do projeto dos cadernos também estava presente o deslocamento, a prática da escrita acontecendo fora de um

---

<sup>148</sup> Laia Collel viu nos cadernos um “projeto coerente e unitário” (2016, p. 40), algo distinto de nossa perspectiva. Apesar de Simone Weil tratar de vários temas que se intercalam e se comunicam, indo e voltando através dos seus interesses daquele período, seus últimos anos de vida, o projeto dos cadernos traz à tona a consolidação de uma filosofia das notas, das descontinuidades, das margens do caderno, dos provérbios e meditações pelas brechas. É uma escrita também da urgência, vide a velocidade e a quantidade de cadernos escrito entre 1941 e 1943. Assim como não há uma só entrada, não há uma só linha de pensamento presente, mas uma teiaposta a ser lida e, principalmente, meditada. Simone Weil buscava questionar/contemplar através da contradição e das analogias possíveis entre projetos de mundo distintos – o diálogo corrente entre cristianismo, budismo, hinduísmo e filosofias antigas é demonstrativo disso.

eixo único, uma escrita em movimento entre gêneros e temas, logo, próxima da poesia. Os cadernos, para Marchetti:

Refletem em sua luz oblíqua a intuição poética, sem, no entanto, assumir os cânones de um gênero literário específico. Sua sequência, independente de qualquer conhecimento prévio, não impõe nenhuma verdade; impõe-se, imperceptivelmente, como um movimento de poesia que dá ao pensamento algo para pensar, de forma rapsódica, em forma musical (2010, p. 217)<sup>149</sup>.

Segundo Maurice Blanchot: “afirmar é muitas vezes uma forma de questionar ou de pôr à prova” (1993, p. 108)<sup>150</sup> para Simone Weil. A escrita dos cadernos não atua sobre o mundo como a escrita dos artigos, livros e cartas<sup>151</sup>, retirando dela a função de resposta imediata, como a do poema *A um dia*, por exemplo, ou o desejo de comunicação manifesto em correspondências. No entanto, no espaço da “disfunção”, daquilo que não se aproveita para uma publicação instantânea, existe o campo da maturação, da criação, do laboratório do pensamento, onde a escrita enquanto prática é a ação em si mesma. Após entregue a outras mãos a escrita é transformada pela edição e apropriação por parte dos editores e leitores, mas enquanto caderno é um espaço de experimentação da escrita e de si mesma<sup>152</sup>.

A partir da própria ideia de função, podemos retomar o fragmento enquanto pulsão do que é “menor” segundo o que se pensa sobre gêneros literários estabelecidos, como o romance. O fragmento presente nos cadernos é a escrita da beirada, das margens, não há interesse em pertencer e, sim, em ocupar a página em branco, afastando-se dos componentes de uma publicação: edição, revisão, publicação e recepção. Esta escrita permanece com Simone Weil, mas não é permanente, como se nos apresentasse os mapas ou circuitos mentais, poéticos e reflexivos dos seus estudos filosóficos nos quase trinta e oito cadernos de seu acervo.

---

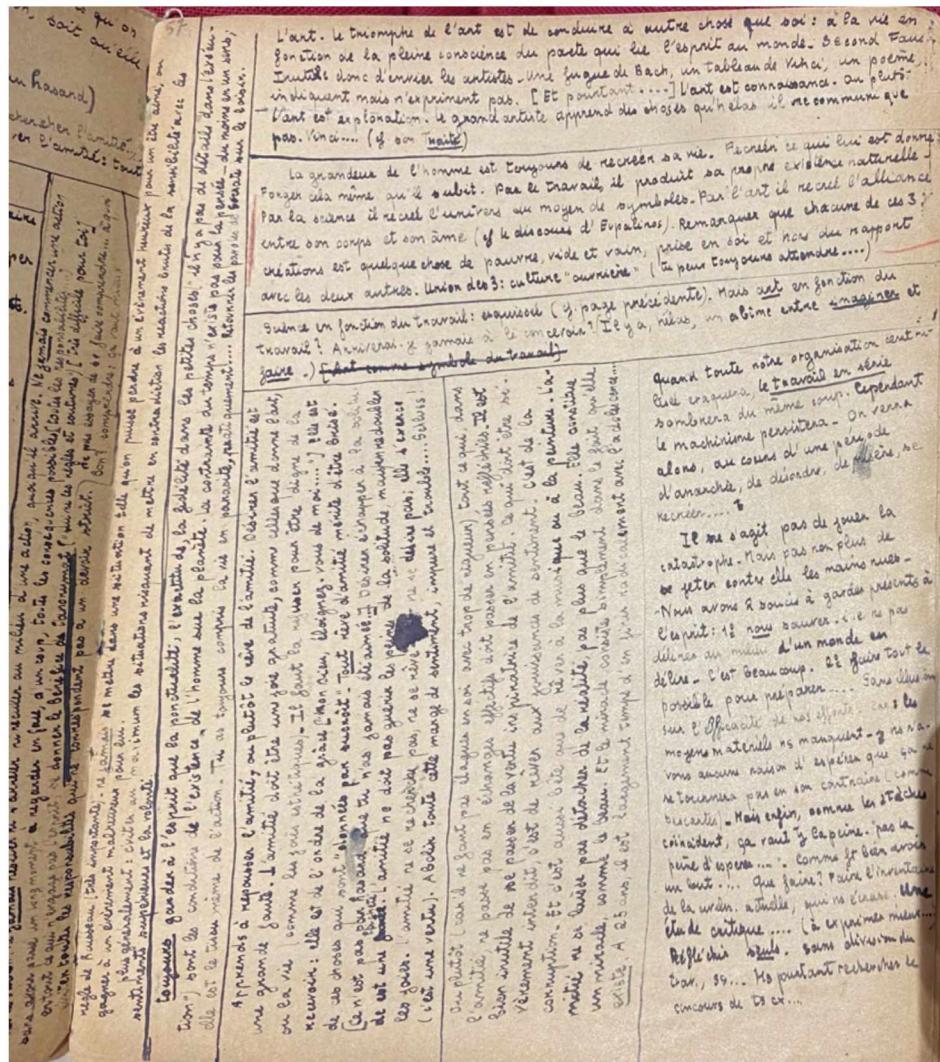
<sup>149</sup> Riflettono nella loro luce obliqua l’intuizione poetica senza tuttavia assumere i canoni di un preciso genere letterario. La loro sequenza, indipendente da ogni sapere preliminare, non impone alcuna verità; s’impone, impercettibilmente, come movimento di poesia che dà al pensiero da pensare, rapsodicamente, in forma musicale.

<sup>150</sup> Affirming is often for Simone Weil a way of questioning or a way of testing.

<sup>151</sup> “La escritura de los Cuadernos a diferencia de la de los artículos, libros y cartas (que siempre tienen una función y unos interlocutores a los que tener en cuenta) no actúa sobre el mundo” (COLLEN, 2016, p. 39).

<sup>152</sup> Embora Simone Weil não cite os cadernos enquanto *metaxu*, como destaca Tasnim Tirkawi (2020, p. 80), entendemos que faz parte da sua concepção de escrita enquanto *metaxu*, isto é, os cadernos são ferramentas utilizadas pela escrita intermediária entre o ser e o universo, entre o interior e o exterior. São as ferramentas de seu cotidiano reflexivo.

**FIGURA 9 – A capa do Caderno 1 possui a descrição “ne compte pas” (não conta) em uma etiqueta colada por Weil, de 1933-1934**



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Esses blocos de escrita da página acima dão a ver a escrita descontínua de Weil no sentido de não seguirem uma redação linear, mas que se complementam e apresentam o fluxo do pensamento da autora em diferentes momentos. Sem data de início ou finalização da reflexão, o que dá fim à escrita muitas vezes é o próprio caderno. No primeiro bloco, na horizontal, Weil escreve que “o triunfo da arte é conduzir a algo além de si mesma: à vida em função da plena consciência do pacto que liga o espírito ao mundo [...] Portanto, não há motivo para invejar os artistas [...] A arte é conhecimento. Ou melhor, a arte é exploração”<sup>153</sup>.

<sup>153</sup> Le triomphe de l'art est de conduire à autre chose que soi : à la vie en fonction de la pleine conscience du pacte qui lie l'esprit au monde [...] Inutile donc d'enviser les artistes. Une fugue de Bach, un tableau de Vinci, un poème

A arte se sobrepõe enquanto uma possibilidade de deslocamento de si mesma – algo que está em toda a obra de Simone Weil. Por isso, não é interessante invejar os artistas, mas dar atenção ao que a obra causa e expressa, na capacidade de um artista de se desfazer de si no momento de criação, isto é, aplicar a virtude negativa, esvaziar a imaginação daquilo que foge à necessidade e se conectar com o que está fora de si. A escrita de Weil indica o movimento do desmonte do “eu” com o objetivo de levar a sua atenção para o que está fora, mas não como uma separação e, sim, enquanto conexão, uma escrita em descrição, um desfazer/fazendo.

Desta forma, a arte é o meio de acessar o conhecimento do fora, além de si. Na página escrita em blocos, Weil continua: “a grandeza do ser humano está sempre em recriar a sua vida. Recriar o que lhe é dado”<sup>154</sup>, sendo a arte a abertura para a recriação da aliança entre corpo e espírito. Nesta mesma página vários esboços se fazem presentes, há várias perguntas colocadas por Weil: “arte em função do trabalho? Será que algum dia conseguirei conceber isso?”<sup>155</sup>. A circularidade dos cadernos é possível, pois nos cadernos os temas são retomados, são reformulados, são postos à prova em momentos diferentes. Os assuntos se entrelaçam e se interconectam no pensamento em criação e mostram a possibilidade da relação entre arte, trabalho e ciência na cultura operária. O caderno em questão foi escrito entre 1933 e 1934; entre 1934 e 1935, Simone Weil esteve nas fábricas como operária.

Todos os blocos se conectam a partir das elaborações contínuas, da ordem da reflexão, pois como destaca Laia Collel, Simone Weil “unicamente pensa. E escreve [...] a escrita é o ato pelo qual o pensamento se realiza” (2016, p. 39)<sup>156</sup> e se esvazia. Há uma notável conexão da escrita dos cadernos de Weil com o fluxo de consciência<sup>157</sup>, não como uma escolha deliberada de Simone Weil, mas possivelmente próxima de sua forma e de seu conhecimento, pois o pensamento é um objeto de sua reflexão enquanto acontece, chegando a citar no Caderno 1, William James, autor de *The principles of psychology* (1890), publicado em 1909 na França,

indiquent mais n’expriment pas. [Et pourtant...] L’art est connaissance. Au plutôt l’art est exploration. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>154</sup> La grandeuse l’homme est toujours de recréer sa vie. Recréer ce qui lui est donné. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>155</sup> Mais l’art en fonction du travail ? Arriverai-je à le concevoir ? (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>156</sup> Únicamente piensa. Y escribe. No hay diferencia entre pensamiento y escritura. La escritura es el acto por el que el pensar se realiza.

<sup>157</sup> Outro autor que percebe o fluxo na escrita de Weil é Adriano Marchetti ao identificar nesta escrita: “lampejos de pensamentos, fragmentos dispersos de linguagem que exigem uma continuidade de leitura capaz de reintegrá-los em uma duração temporal” (2010, p. 216). No original: “In quelle pagine sono versati lampi di pensiero, schegge sparse di linguaggio che domandano una continuità di lettura in grado di reintegrarle in una durata temporale.”

importante influência na obra de Gertrude Stein, autora conhecida por “‘transpor’ as ideias do psicólogo, [criando] uma linguagem em que o leitor experimenta a dinâmica do pensamento dos personagens enquanto ele acontece” (AGUIAR; QUEIROZ, 2015, p. 54). Weil citou o artigo *La théorie de l’émotion*, publicado em 1903, do autor, na página em que pergunta: “qual será o conteúdo deste pensamento?”, a partir do texto de James sobre pensamentos que precedem ações, como a fuga diante do medo ou o medo diante da fuga. A sua resposta para o conteúdo da reflexão é a necessidade<sup>158</sup>. Suas frases curtas e objetivas demonstram o controle de seu fluxo de consciência<sup>159</sup>, segundo Tasnîm Tirkawai (2020, p. 131) em seu estudo sobre os cadernos.

No ato da escrita, o pensamento de Weil se apresenta enquanto experimentação ritmada em afirmações, questões, avanços, pausas e retomadas “através das impressões do corpo” (TIRKAWAI, 2020, p. 79)<sup>160</sup>, onde sua leitura do mundo se forma. O tema da arte e da escrita, por exemplo, sempre retorna, apresentando a circularidade da escrita ainda que compondo novos círculos, pois a reflexão não é repetida, há tensionamentos no seu desenrolar.

O círculo, para Simone Weil, é a imagem da perfeição e da harmonia, “da figura divina” (WEIL, 2001, p. 718)<sup>161</sup>, e também associado à ação, ao movimento, que está presente em sua escrita: “uma ação encerrada sobre si mesma é uma imagem da contemplação. É impossível que uma ação seja direcionada. O que é necessário é uma ação que, ao mesmo tempo, *tenha e não tenha uma direção*. Uma roda” (2001, p. 632)<sup>162</sup>. Isto é, sua escrita tem como objetivo ser cíclica e rítmica, assim como vê a imagem da roda ou do círculo presentes na ação. Logo à frente, no Caderno 8 de Marselha, Weil transpõe o que acabava de escrever sobre a “ação” à “arte”: “um poema *deve expressar algo e nada ao mesmo tempo*” (2001, p. 633)<sup>163</sup>.

<sup>158</sup> “Definición concreta de *libertad*: cuando el pensamiento de la acción precede a la acción. ‘Me voy, luego hay peligro’ (W. James), esclavitud, huida. ‘Hay peligro, luego me voy’, retiro. (La emoción se da en el primer caso, no en el segundo.) Podemos decir ‘huyo, luego tengo miedo’ (W. J), pero no ‘tengo miedo, luego huyo’; esta segunda fórmula debe transformarse en ‘hay peligro, luego huyo’. Cuál será ahora el contenido de este pensamiento? No puede ser otro que la necesidad, porque el pensamiento no tiene más objeto que el mundo” (WEIL, 2001, p. 38 – Caderno 1, de 1933-1934).

<sup>159</sup> Les phrases courtes et directes témoignent de la maîtrise du flux de conscience chez Weil.

<sup>160</sup> C'est en effet par les impressions du corps, et donc à partir de l'extérieur, que le sujet forme une lecture du monde.

<sup>161</sup> Al círculo, figura divina. (Caderno 9 de Marselha, de 1942).

<sup>162</sup> Una acción cerrada sobre sí misma es una imagen de la contemplación. Es imposible que lo sea una acción dirigida. Lo que se necesita es una acción que al mismo tiempo tenga y no tenga una dirección. Una rueda. (Caderno 8 de Marselha, de 1942).

<sup>163</sup> Un poema ha de querer decir al mismo tiempo algo y nada. (Caderno 8 de Marselha, de 1942).

É possível ver a conexão entre forma e conteúdo nos cadernos através da imagem do círculo sendo completo por fragmentos que vem e vão, sempre novos e em direções pouco localizáveis, afinal, não é a razão ou a direção a ação da escrita, mas a construção de caminhos (ou analogias) entre os temas que interessam Weil naquele momento. Nisso, os fragmentos compõem a “imagem autêntica do todo” (LETERRE, 2006, 209)<sup>164</sup> acompanhados do círculo e do ritmo<sup>165</sup>, pois traduzem, “como na tradição pitagórica e nos textos platônicos, uma relação harmônica entre termos contrários” (MARIZ, 2016, p. 98), presentes na concepção escrita e reflexiva dos cadernos de Weil.

Nessa ambiguidade da presença-ausência de direção e do que expressar, perceber os cadernos enquanto espaços de experimentação nos aproxima da estreita relação que Simone Weil construiu com seu pensamento em seus últimos anos de sua vida, período de parte principal dos cadernos consultados e analisados neste capítulo.

Além disso, os cadernos são escritos de exílio e acontecem diante da insegurança da Segunda Guerra Mundial, da andança motivada pelo conflito e da impossibilidade do retorno à casa. Weil escreveu incansavelmente seus cadernos e rascunhos, finalizou ensaios e textos políticos e manteve uma intensa troca de correspondências. Houve uma concentração de seus esforços na escrita diante das impossibilidades do período, embora seus desejos tenham sido outros, como uma atuação mais próxima do conflito. No entanto, a partir da escrita dos cadernos, é possível ver mais uma vez a escrita enquanto ação em si mesma, isto é, uma abertura para a presença como reação à recusa de sua existência<sup>166</sup> e, por consequência, de seu pensamento.

Nos cadernos não encontramos uma leitura sobre o cotidiano de mudanças, alterações de países ou conflitos pessoais e familiares como nos diários. No entanto, há uma inscrição impessoal<sup>167</sup> do seu corpo naquelas páginas, isto é, uma espécie de reação ao momento de temor

<sup>164</sup> Le fragmente est la seule image authentique du tout, car ce tout est l'infini génial que rien ne saurait achever.

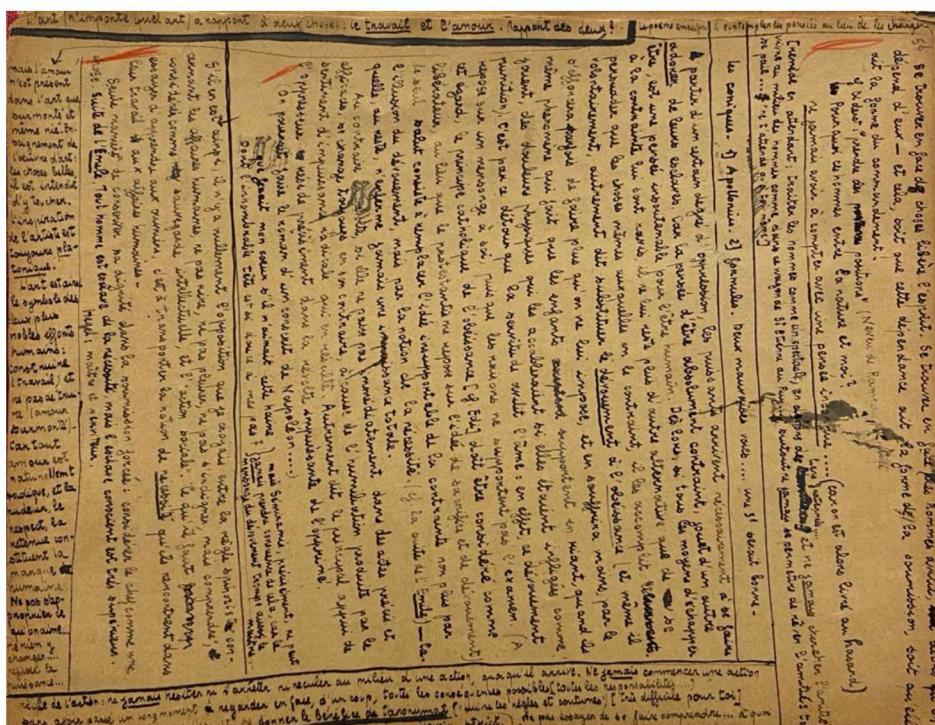
<sup>165</sup> Débora Mariz, autora da pesquisa *O corpo e o trabalho na obra de Simone Weil* (2016), nos lembra que o ritmo é também um *metaxu* para Simone Weil. No Caderno 4 de Marselha, de 1941, escreveu: “o ritmo como *metaxu*. Ponto de contato entre o real não-existente e o devir. Alguma coisa de sensível e cuja realidade é relação”. No original: “Le rythme comme *metaxu*. Point de contact entre le réel non-existent et le devenir. Quelque chose de sensible et dont la réalité n'est que relation” (Caderno consultado no Fundo Simone Weil da BnF). O ritmo tornou-se ponto de atenção para Simone Weil no período de fábrica ao perceber a cadência dos movimentos executados pelos operários mais rápidos do que o pensamento, para ela um fator que remetia à escravidão. No texto *A racionalização* de uma conferência dada por ela em 1937, Weil escreveu: “estou convencida de que, a partir de um certo limite, é muito mais grave para o organismo humano acelerar a cadência, como queria Taylor, do que aumentar a duração do trabalho” (WEIL, 1996, p. 149).

<sup>166</sup> Simone Weil era de origem judia, é importante lembrar.

<sup>167</sup> Tirkawi refletiu sobre a forma impessoal nos cadernos ao perceber que “a escrita se desprende do eu para se refletir por si mesma. O ‘eu’ do eu não está completamente ausente [...] buscando, por um lado, questionar a si

e morte pelo treinamento de seu pensamento na escrita. Um não se perder de si através da continuidade de seu pensamento, de sua vocação intelectual, mas também não se fechar no seu mundo interior. Mesmo sem se referir ao período histórico de Simone Weil, Adriano Marchetti parece ter identificado algo próximo do que propomos nesta tese ao perceber “uma forma de resistir à separação que o ser sofre” (2010, p. 216)<sup>168</sup> nos cadernos enquanto memória. Ou, como Edward Said descreve em *Reflexões sobre o exílio* (2001), “as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre”<sup>169</sup>. Distante das descrições sobre sentimentos e cotidiano, Simone Weil recorreu à ação escrita do pensamento em um período de descontinuidade e deslocamento.

**FIGURA 10 – Caderno 1 de Marselha de 1933-1934**



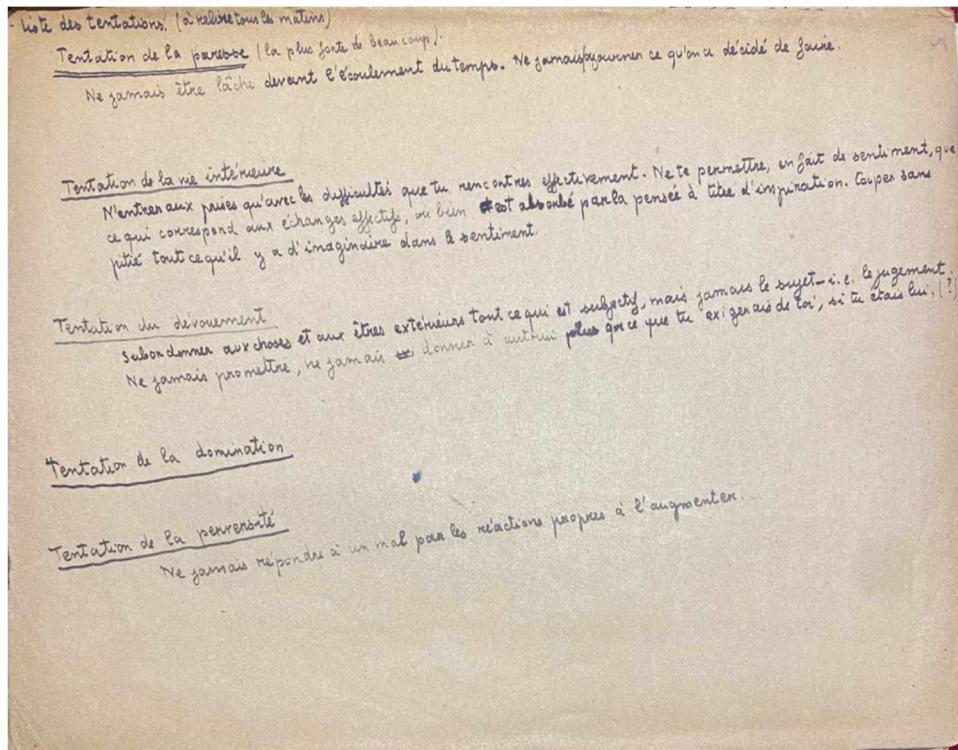
Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

mesmo e suas experiências e, por outro lado, marca uma vontade de disciplina interior, questionando a si mesmo. [...] previne o risco de uma busca de si mesmo, concentrando-se na vida pessoal de seu proprietário” (2020, p. 47). No original: “L’écriture se détache du soi pour réfléchir par elle-même. Le ‘je’ du moi n’est pas complètement absent [...] cherchant, d’une part, à se questionner et à questionner ses expériences, et, d’autre part, il marque une volonté de discipline intérieure, s’interpellant lui-même [...] prévent le risque d’une quête de soi-même, se concentrant sur la vie personnelle de son propriétaire”.

<sup>168</sup> Una scrittura che inseguiva se stessa, come un gesto, un desiderio d’unità e insieme di dislocazione, come una maniera di resistere nella separazione che soffre l’essere.

<sup>169</sup> Said citou Simone Weil para tratar das condições de exílio a partir da última obra da autora, *O enraizamento*. Para ele, Weil elaborou da forma mais concisa possível o dilema do exilado, o que aponta a relação com o seu tempo presente e suas contínuas reflexões para chegar à obra de forma objetiva entre a experiência de vida e a reflexão filosófica e intelectual. Said também retoma o termo “desenraizamento” durante o livro, o que apresenta a influência do pensamento weiliano em autores contemporâneos da teoria pós-colonial.

**FIGURA 11 – Caderno 1 de Marselha, de 1933-1934**



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Quando situados no contexto de exílio e vistos como uma escrita de reação pessoal-reflexiva e não imediata, é possível identificar a escrita de si nos cadernos como uma forma elaborada por Simone Weil para pensar a si mesma e encontrar um “refúgio em uma ascese para a psique [...] que [a] permitiu recuperar seus movimentos livres” (TIRKAWI, 2020, p. 48). Não era algo novo, pois já estava presente em outros cadernos anteriores ao período do exílio, porém a escrita sistemática entre 1941 e 1943 e a presença dos exercícios sobre si, possibilita a visualização do trabalho sobre si presente nos cadernos e como atravessa o deslocamento de Weil diante de uma escrita que retoma suas referências do mundo antigo. No Caderno 1, de 1933-1934, as ações sobre si como experiência escrita já são presentes:

Lista de tentações (para reler todas as manhãs):

Tentação da preguiça (de longe a mais forte).

Nunca relaxe diante da passagem do tempo. Nunca adie o que você decidiu fazer.

Tentação da vida interior.

Enfrente apenas as dificuldades que de fato surgirem em seu caminho. No nível sentimental, não guarde nada que não corresponda às trocas emocionais ou que não seja absorvido como inspiração pelo pensamento. Corte sem piedade tudo o que for imaginário em seus sentimentos.

A tentação da dedicação.

Subordinar às coisas e aos seres externos tudo o que é subjetivo, mas nunca o

sujeito, o julgamento. Nunca prometa ou dê a outra pessoa mais do que você exigiria de si mesma se fosse ela (?).

Tentação de domínio.

Tentação da perversidade.

Nunca responda a um dano com reações que o tornem maior<sup>170</sup>.

Este é um dos exemplos de uma escrita reflexiva sobre o trabalho de si como aperfeiçoamento ético de suas ações no mundo a partir de temas construídos e reconstruídos pela experiência do corpo na linguagem. Portanto, o material dos cadernos foi “escrito para ser lido, relido, meditado e, o mais importante, posto em prática no dia a dia por aquele mesmo que o escreveu” (PUENTE, 2017, p. 26), apresentando a circularidade entre a escritora e a vontade de ação. Ainda, quando situados, os cadernos apresentam as nuances da elaboração filosófica de Simone Weil diante do seu tempo, de sua experiência no mundo e a relação entre escrita de si, memória e deslocamento.

### **3.3 Fazer da própria vida a máxima poesia: o treinamento de si**

No Caderno 8 da pasta de inéditos, dedicado ao estudo do sânscrito e com outras anotações dispersas, Simone Weil escreveu: “fazer da própria vida a máxima poesia. Para isso é necessária uma técnica, tal como na pintura ou na música” (Caderno 8)<sup>171</sup>. Antes do encontro com este trecho, outras passagens de seus Cadernos de Marselha já chamavam a atenção pela vontade expressa de conexão entre vida e arte: “como tornar a vida semelhante a uma obra musical perfeita ou a um poema?” (2001, p. 121)<sup>172</sup>; “o significado de uma ação, como a essência de um poema, deve ser perceptível”<sup>173</sup> (2001, p. 259); “no belo deve sempre se manifestar

<sup>170</sup> Liste des tentations! (à relire tous les matins):

Tentation de la paresse (la plus forte de beaucoup): Ne jamais être lâche devant l’écoulement du temps. Ne jamais [não identificada a palavra em francês, na edição em espanhol está “aplazar”] ce qu’on ce décidé de faire.

Tentation de la vie intérieure: N’entrer aux prises qu’avec les difficultés que tu rencontres effectivement. Ne te permettre, en fait de sentiment, que ce qui correspond aux échanges effectifs, au bien, est absorbé par la pensée à titre d’inspiration. Couper sans pitié tout ce qu’il y a d’imaginaire dans le sentiment.

Tentation du dévouement: Subordonner aux choses et aux être extérieurs tout ce qui est subjectif, mais jamais le sujet – i.e. le jugement. Ne jamais promettre, ne jamais donner à autrui plus que ce que tu exigerias de toi, si tu étais lui (?).

Tentation de la domination

Tentation de la perversité: Ne jamais répondre à un mal par les réactions propres à l’augmenter. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>171</sup> Faire de la vie elle-même la suprême poésie. Pour cela aussi il faut une technique, comme pour la peinture ou la musique. (Caderno 8, Inéditos, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>172</sup> Como hacer que la vida sea similar a una obra musical perfecta o a un poema? (Caderno 2 de Marselha, de 1941).

<sup>173</sup> El significado de una acción, como la sustancia de un poema, debe ser perceptible. (Caderno 4 de Marselha, de 1941).

de forma evidente ‘a natureza do necessário’. É o espaço na pintura; o tempo na música e na poesia. É possível estabelecer uma teoria a partir da abordagem do belo como encarnação”<sup>174</sup> (2001, p. 649).

Fazer da vida uma obra de arte é o objetivo da escrita dos cadernos de Simone Weil. Como vimos, os cadernos são laboratórios de seus pensamentos que não se deixam capturar como uma construção coesa e linear a partir dos seus temas e, como as passagens acima apresentam, frases análogas são encontradas em diferentes cadernos. Por isso, é necessário entendê-los como um todo construído de forma descontínua, um espaço de meditação entre a escrita, a releitura e a reescrita. Um espaço onde a vida, enquanto obra de arte, é testada e colocada à prova a partir da técnica da escrita de si. Ao falar da vida enquanto obra de arte e das técnicas necessárias para atingir tal objetivo, torna-se evidente a influência dos *hypomnemata* para Simone Weil. Em *A Escrita de si*, de Michel Foucault, se encontra a apresentação das funções originais dos *hypomnemata* e a variação de seus usos no mundo antigo:

Eles constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; assim, eram oferecidos como um tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores. Formavam também uma matéria prima para a redação de tratados mais sistemáticos, nos quais eram dados os argumentos e meios para lutar contra uma determinada falta (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a lisonja) ou para superar alguma circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça) (FOUCAULT, 1983, p. 147-148).

Os exercícios de Simone Weil nos cadernos se aproximam do que Foucault apresenta neste texto, pois “o papel da escrita é constituir [...] um ‘corpo’”, isto é, um corpo autônomo que se apropria das suas leituras e reflexões e, com isso, faz a sua verdade: “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’” (1983, p. 152). Michel Foucault, em seu procedimento de retomada do mundo antigo, faz uma pergunta muito próxima à de Simone Weil: “não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte e não a nossa vida?” (DREYFUS, 1995, p. 256). Embora Foucault não cite Simone Weil, a elaboração da sua reflexão sobre a estética da existência perpassa um olhar sobre as técnicas de si por uma via autônoma, como percebemos em Weil. As reflexões de Foucault auxiliam a compreender o retorno ao mundo antigo nos cadernos de Weil e o próprio trabalho *hypomnemata* em sua ação escrita.

---

<sup>174</sup> En lo bello ha de verse siempre manifestamente ‘la naturaliza de lo necesario’. Es el espacio en pintura; el tiempo, en la música y la poesía. Se puede establecer una teoría partiendo del planteamiento de lo bello como encarnación. (Caderno 8 de Marselha, de 1942).

Os exercícios sobre si nos cadernos também foram observados por Tasnîm Tirkawi em *La psychè sur la page: l'expérience du carnet chez Simone Weil* (2020) através da influência do modo de viver na filosofia antiga. O espaço da escrita de si nos cadernos é onde a reflexão e o trabalho sobre si ficam evidentes, por ser a filosofia uma elaboração de vida enquanto intelectual do início do século XX. O entendimento sobre a filosofia era definido por Simone Weil de acordo com a prática antiga, conforme aponta em seu Caderno 14 (Inéditos): “A filosofia é uma virtude (a busca pela sabedoria) – É um trabalho sobre si – Uma transformação do ser – (transformar toda a alma)”<sup>175</sup>. Dessa forma, fica evidente a relação entre vida e escrita em seu caderno tendo como ponto de partida a autonomia, isto é, “a escrita do caderno, sendo ela pessoal e não utilitária, vivendo em páginas que não estão sujeitas às exigências da crítica e da máquina, é, portanto, autônoma em si mesma, pois ela é seu próprio fim (TIRKAWI, 2020, p. 45)<sup>176</sup>.

O espaço dos cadernos é autônomo porque Simone Weil não pratica uma escrita de revisão de si no estilo confessional, como também não se propõe seguir um padrão de gênero literário. Também não compõe sua subjetividade como no diário<sup>177</sup> que segue um padrão normativo de escrita, onde as informações sobre sua autoria estão à disposição a partir da narrativa que procura dar coerência e unidade a si mesma, isto é, dar um sentido aos dias. Nos cadernos, o “eu” é inconstante, ora um eu pessoal, ao citar experiências e primeiras letras de nomes de seus conhecidos, ora é impessoal, retomando um eu filosófico desejado, aspirante aos pensamentos e às ações. Simone Weil, no Caderno 2 de Marselha, de 1941, em meio a reflexões sobre a morte, escreveu: “autobiografia: falta de caráter” (2001, p. 119)<sup>178</sup>. Enquanto o caderno manifesta o desejo de afastar-se do eu unitário, o movimento autônomo da escrita faz com que este “eu” apareça nas páginas:

Abandone definitivamente a esperança de que X seja para você algo mais do que a sombra de um amigo [...] Você também terá que eliminar, na medida do possível, impulsos tão intensos como os dispensados a S. G. [...] Desde os dezenas anos, você nunca esteve sozinha, exceto por um ano (ou menos), e como foi difícil! Aprenda a ficar sozinha com serenidade e alegria. Sem isso,

<sup>175</sup> La philosophie est une vertu (recherche de la sagesse) – C'est un travail sur soi – Une transformation de l'être – (tourner toute l'âme). (Caderno consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>176</sup> L'écriture du carnet, étant personnelle plutôt qu'utilitaire, vivant dans des pages insoumises aux exigences de la critique et de la machine, est une instance autonome en soi, car elle est sa propre fin.

<sup>177</sup> O “eu” dos diários não é coeso e constante, no entanto, existe uma forma a ser seguida e, se confessional, pode limitar a relação com a própria memória, autorreflexão e processos outros de subjetivação. No entanto, os diários são fontes de registro de si e autoafirmação, a exemplo dos diários e memórias escritas por Carolina Maria de Jesus, em especial, *Diário de Bitita*, um livro que reconta a sua história a partir de sua própria perspectiva e inventividade memorial (1996).

<sup>178</sup> Autobiografía : falta de carácter.

você deve se desprezar. Enquanto a X, diga a ele a mesma coisa que disse a S. Sofra por ele, se for preciso, mas não por causa dele<sup>179</sup>.

Passagens como essas são raras e carregadas da intenção do treinamento de si – ambivalentes em sua autonomia e autodisciplina. Os nomes citados não são completos, pois sabe que o material pode permanecer diante da efemeridade da vida (X é possivelmente seu amigo Boris Souvarine e S. G. sua amiga Suzanne Gauchon). Fazê-los permanecer é também uma escolha e a quantidade dos manuscritos é demonstrativa da necessidade e da sua obsessão pela escrita. Os nomes na passagem citada também fazem parte da escolha do que compõe o caderno enquanto objeto de reflexão e representação de si no campo im-pessoal – as duas ações juntas –, pois Simone Weil não quer apresentar nos cadernos seu círculo de relações, em especial as de amizade/amor, mas vez ou outra cita nomes, acontecimentos e memórias do passado.

Dessa forma, os fragmentos do caderno estão próximos do ensaio, onde a teoria, ou melhor, os sistemas de valores, se encontram com o corpo daquela que escreve, há o encarar entre teoria e vida, e faz com que pulse na reflexão camadas do pessoal expressos na linguagem escrita. Através da escrita há uma forte tendência da união entre o que se diz e o que se faz, contudo, a ação em si daqueles objetivos está fora do alcance, restando o registro da vontade e seus testemunhos. No entanto, resistente, o “eu” cotidiano salta à vista nos cadernos: “quando estava em meu preparatório, fazia a meditação ‘ultra-spinozista’: ficava olhando fixamente um objeto com o pensamento: ‘o que é isso?’ e durante horas não pensava ou estabelecia relação com qualquer outra coisa. Era um *koan*<sup>180</sup>” (WEIL, 2001, p. 655)<sup>181</sup>.

O “eu” de 1942, no Caderno 8 de Marselha, também se utilizou da ferramenta da memória, ao retomar a adolescência e o preparo para a entrada à ENS, ainda nos cursos de Alain, e as ações sobre si ligadas à filosofia que já praticava naquele momento. Isto é, há uma tentativa

<sup>179</sup> Quitte définitivement l'espoir que soit pour toi plus que l'ombre d'un ami [...] Il ne faudra, plus non plus, si possible, avoir des élans de cœur aussi complets que pour S.G [...] Tu ne l'as jamais été depuis tes 16 ans, sauf une année (même moins) et combien accablée ! Apprends à l'être sereinement et joyeusement [seule]. Sans quoi tu dois té mépriser. Et quant à X dis-toi pour lui la même chose que pour S. Souffrir à la rigueur pour lui, mais non pas par lui. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>180</sup> Neste momento da escrita do Caderno 8, Simone Weil estava refletindo sobre o budismo e o significado de Koan que, de acordo com a comunidade budista brasileira, são enunciados transmitidos pelos mestres aos discípulos com objetivo de transcender o pensamento lógico, maniqueísta ou dual. A escrita de Simone Weil sobre o olhar fixo sobre um objeto se traduz em suas reflexões sobre a atenção, próxima de suas pesquisas das filosofias orientais e o Koan neste momento auxilia a buscar “respostas” para enigmas, como o conhecimento de um objeto para além da linguagem comum. Em outro caderno, vai citar o Koan como a possibilidade de contemplar os contrários. A atenção enquanto ato de escuta-olhar radical sobre o outro é uma perspectiva trazida pela autora nessa confluência de aprendizados e escritas ocidentais e orientais.

<sup>181</sup> Cuando hacía mi preparatorio, me daba a la ‘meditación ultra-spinozista’: me quedaba mirando fijamente un objeto con el pensamiento: que és? Y durante horas no tenía en cuenta ningún otro objeto, ni establecía ninguna relación con nada. Era un *ko-an*.

de coerência de sua história a partir da retomada da lembrança, relacionando a ação do passado com a vontade do presente, talvez um olhar ao passado como um reforço ao seu presente. No entanto, logo quando conseguimos visualizar a imagem do seu corpo em relação à uma experiência do passado, Simone Weil e sua própria história escapam e ressurge a escrita de si em sua prática ético<sup>182</sup>-política do cuidado de si, o exercício *hypomnêmata*: “algo deve se desenraizar no corpo” (2001, p. 655)<sup>183</sup> para que dele se distancie o pecado, seguido de um texto chinês do século XI e um trecho de Romanos sobre a crucificação de Jesus Cristo.

Margareth Rago, ao pensar especialmente nas narrativas de mulheres, destacou que a escrita de si é como uma tecnologia na qual o indivíduo consegue se elaborar para além das sujeições, regras e disciplinas. A escrita de si, portanto, não é um culto ao eu, mas “uma atividade [...] essencialmente ética, experimentada como prática da liberdade” (RAGO, 2013, p. 50). Sendo uma técnica de si, é também um cuidado de si “como abertura para o outro, como um trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional” (RAGO, 2013, p. 50). Dessa forma, “trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é” (RAGO, 2013, p. 52).

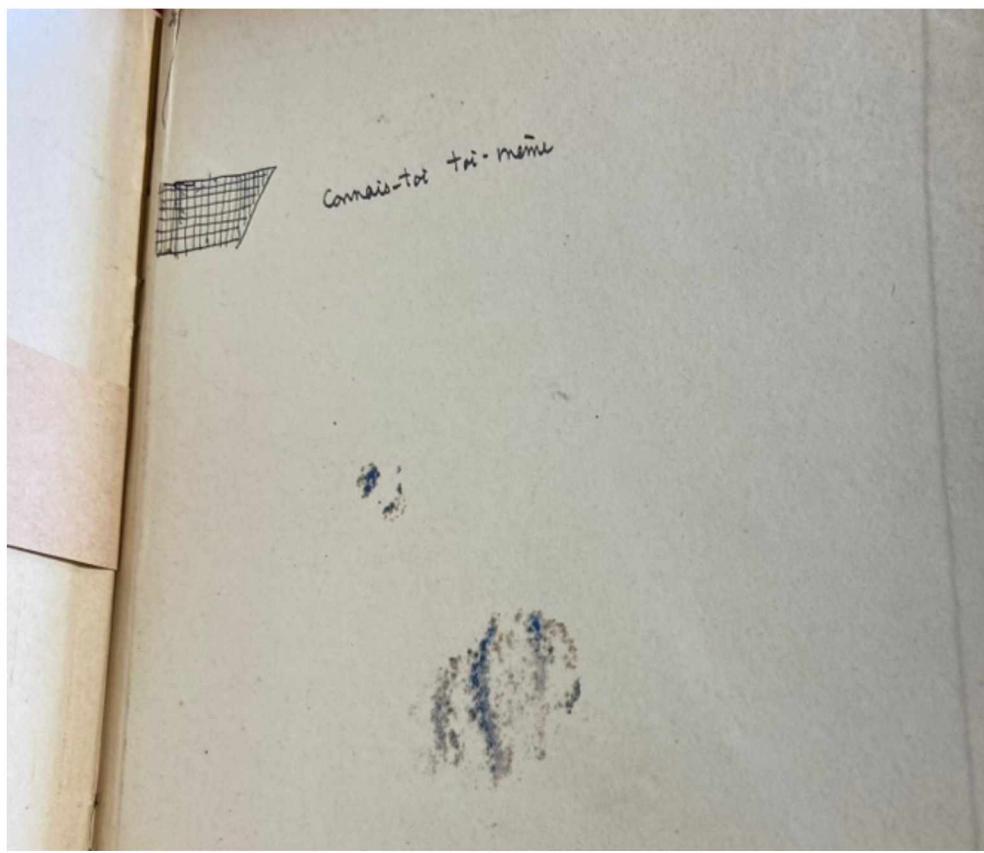
Simone Weil opera a escrita dos cadernos na lógica da autonomia, suas escolhas e direcionamentos dão a ler a si por uma via de autodefinição, não estando sujeita à uma escrita imposta. No entanto, os cadernos carregam as tensões éticas colocadas sobre si mesma através do que propõe enquanto pensamento e ação, um trabalho “segundo a imagem antiga do escultor que revela a beleza no ato de contenção” (TIRKAWI, 2020, p. 66) ou, como está em Plotino, “retorna o olhar a ti mesmo e vê; enquanto não te vejas belo, tal como um criador de uma imagem de culto, que é preciso vir a ser bela, repara isso, lixa aquilo, e a fez lisa e pura, até que mostre um belo aspecto” (2021, p. 135). A escrita do caderno possui a autonomia e a contenção na mesma abordagem, onde ser o que se é não está dado e pronto, mas precisa ser conhecido e criado: “conhece-te a ti mesmo”<sup>184</sup>.

<sup>182</sup> Sobre o conceito de ética, o pensamos através das ideias de Foucault, como um termo que “refere-se a todo esse domínio da constituição de si mesmo” (CASTRO, 2009, p. 156).

<sup>183</sup> Algo debe quedar desarraigado en el cuerpo. (Caderno 8 de Marselha, de 1942).

<sup>184</sup> Frase presente nos diálogos de Platão em seu Caderno *Cours de Sévigné*. De acordo com Celso Vieira, na apresentação de *Alcebíades I*, “em face de uma decisão importante, era costume dos gregos antigos pedirem auxílio a um oráculo. O mais famoso deles era o oráculo de Apolo, em Delfos. Um visitante que ali chegava encontrava, antes da entrada, três admonições: ‘Conhece-te a ti mesmo’, ‘Nada em excesso’ e ‘A garantia precede a ruína’” (2022). Simone Weil passou um curto período no Liceu Sévigné, em 1921, antes de retornar ao Liceu Fénelon, em 1922, segundo Simone Pétrement (1976, p. 22). A caligrafia constante desse período é diferente da presente nos cadernos da vida adulta que analisamos com recorrência neste capítulo. No entanto, há passagens onde aparece a caligrafia da vida adulta, como na imagem abaixo, o que sugere ser uma anotação posterior ao período do Liceu Sévigné.

**FIGURA 12 – Caderno *Cours de Sévigné*, 1922**



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

As reflexões de Margareth Rago pela técnica de si auxiliam a compreender as escritas de mulheres, em especial a escrita relativa ao questionamento sobre o porquê de não tornarmos a nossa própria vida uma obra de arte; do porquê não efetuarmos em nós mesmas técnicas de cuidado de si, como Weil desempenhou em seus cadernos: “fazer do universo uma obra de Deus. Fazer do universo uma obra de arte” (WEIL, 2001, p. 160)<sup>185</sup>. Nas narrativas de si, nos mais diversos contextos analisados por Rago, não se tratava do encontro com uma verdade essencial, mas de “tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela ‘escrita de si’” (RAGO, 2013, p. 52).

Na escrita de Weil encontramos um trabalho de reinvenção da subjetividade marcado por uma atitude de autonomia. Suas experiências escritas são possibilidades filosóficas de transformação, isto é, “o tipo de verdade que Simone Weil está buscando por meio [da] prática es- critural não é apenas uma verdade especulativa” (PUENTE, 2017, p. 26), mas uma verdade que se relaciona com uma prática de existência. Destacamos a sua experiência no período em que

<sup>185</sup> Hacer del universo la obra de Dios. Hacer del universo una obra de arte. (Caderno 3 de Marselha, de 1941).

trabalhou como operária em três estabelecimentos diferentes: *Alsthom, J.-J, Carnaud et Forges de Basse-Indre* e *Renault*, de 4 de dezembro de 1934 a 23 de agosto de 1935.

O período de proletarização de Weil fez parte do seu projeto intelectual, não à toa pede licença do trabalho como professora para realizar estudos pessoais com objetivo de “preparar uma tese de filosofia sobre a relação entre a tecnologia moderna, base da grande indústria, e os aspectos essenciais da nossa civilização” (CANCIANI, 2011, p. 139)<sup>186</sup>. Sua reflexão sobre a classe operária não se deu somente por meio de leituras, mas pela prática cotidiana de ação e de reflexão pela escrita. A sua visão de si enquanto *metaxu* em relação às necessidades comuns se deu por algumas alterações em sua própria vida, como se deu no período de fábrica e sua tentativa de inserção e permanência no trabalho. Após este ano, com objetivo de viver em condições próximas às dos/as trabalhadores/as, se afastou em razão da debilidade de sua saúde<sup>187</sup>. Em carta ao padre Perrin, de 15 de maio de 1942, Weil retomou este período no texto que viria a se chamar *Autobiografia espiritual*:

Após o meu ano trabalhando na fábrica, antes de retomar o ensino, meus pais me levaram a Portugal, e eu os deixei para ir sozinha a um vilarejo. Minha alma e meu corpo estavam, de algum modo, em pedaços. Esse contato com a desgraça havia matado minha juventude. Até então, eu não tinha tido a experiência da desgraça<sup>188</sup>, senão a minha própria que, sendo minha, parecia-me de pouca importância e, que, aliás, era apenas uma meia desgraça, sendo biológica e não social. Eu sabia que havia muita desgraça no mundo, estava obcecada pelo assunto, mas jamais havia constatado isso através de um contato prolongado. Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e aos meus próprios olhos com a massa anônima, a desgraça dos outros entrou na minha carne e na minha alma (WEIL, 2019, p. 34)<sup>189</sup>.

---

<sup>186</sup> ‘Congé ‘pour études personnelles’ afin de ‘préparer une thèse de philosophie concernant le rapport de la technique moderne, base de la grande industrie, avec les aspects essentiels de notre civilisation’.

<sup>187</sup> Simone Weil tinha constantes enxaquecas que se agravaram trabalhando na fábrica.

<sup>188</sup> *Malheur* (a palavra utilizada por Simone Weil) foi traduzida para “infortúnio” na edição da Vozes que possuímos. Preferimos manter a primeira opção dada pelo dicionário, “desgraça”, como é utilizado por Maria Clara Bingemer (2009). Também corroboramos com a tradução por “infelicidade” utilizada no artigo de José Luiz Brandão da Luz, *Simone Weil e a grandeza da infelicidade humana* (2009). No Caderno 2 de Marselha, Simone Weil escreveu: “desgraça : palavra admirável, sem equivalente em outras línguas, da qual não tiramos nenhum proveito”. “desgracia: palabra admirable, sin equivalente en otras lenguas, de la que no hemos sacado partido alguno” (2001, p. 110).

<sup>189</sup> Après mon année d’usine, avant de reprendre l’enseignement, mes parents m’avaient emmenée au Portugal, et là je les ai quittés pour aller seule dans un petit village. J’avais l’âme et le corps en quelque sorte en morceaux. Ce contact avec le malheur avait tué ma jeunesse. Jusque là je n’avais pas eu l’expérience du malheur, sinon le mien propre, qui, étant le mien, me paraissait de peu d’importance, et qui d’ailleurs n’était qu’un demi-malheur, étant biologique et non social. Je savais bien qu’il y avait beaucoup de malheur dans le monde, j’en étais obsédée, mais je ne l’avais jamais constaté par un contact prolongé. Étant en usine, confondue aux yeux de tous et à mes propres yeux avec la masse anonyme, le malheur des autres est entré dans ma chair et dans mon âme. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

As correspondências são uma maneira de ver Simone Weil próxima das ações que propôs nos cadernos. Na carta a Perrin, sua carne e sua alma sofrem a experiência da desgraça conhecida no período de fábrica, um sentimento que não era seu unicamente, mas compartilhado com as outras pessoas com quem dividiu o cotidiano do trabalho explorado e de violência. A escrita de Weil tenta capturar este sentimento que não é possível mensurar ou comparar a não ser no mundo e com os outros. Desenvolveu uma ética em sua escrita, pois esteve em relação, associando este dizer sobre si e sobre o outro com o que está anônimo, isto é, estar confundida à “massa anônima” foi necessário para a sua compreensão da miséria humana. No entanto, não foi prescritiva aos outros, não tinha o objetivo de usar os cadernos para criar um sistema a ser compartilhado, mas uma escrita que apresenta o treinamento de si. No Caderno 6 de Marselha, escreveu: “Toda obra de arte tem uma autoria, mas quando é perfeita tem algo de anônima. Imita o anonimato da arte divina. A beleza do mundo, por exemplo, é uma demonstração de Deus ao mesmo tempo pessoal e impessoal, nem uma coisa nem outra”<sup>190</sup>. Bartolomeu Estelrich (2009), destacou essa postura de escrita-vida em Simone Weil:

Em Simone Weil, filosofia e vida viviam juntas, assim como em muitos filósofos da Antiguidade. Não foi alguém que escreveu apenas tratados filosóficos, mas alguém que se conduziu por uma vida filosófica: necessitada de sabedoria e de verdade desde sua infância; procurou ação e a beleza durante sua juventude; e descobriu a justiça e o amor transcendente em Cristo no fim da sua vida (2009, p. 56).

Nos cadernos, Simone Weil fez da própria vida um testemunho de uma elaboração criativa onde a rigidez e a fluidez foram intercorrentes. Isso se mostra quando questionou se a vida poderia se tornar uma obra de arte e nas ramificações dessa pergunta em afirmações e experimentos estéticos, como quando percebeu nos sacramentos de todas as religiões “a arte que tem a vida como matéria” (WEIL, 2001, p. 449)<sup>191</sup>, entendendo os momentos ritualizados como um deslocamento no tempo e a encarnação do discurso como um espetáculo<sup>192</sup> e uma experiência

<sup>190</sup> Une œuvre d’art a un auteur, et pourtant, quand elle est parfaite, elle a quelque chose d’essentiellement anonyme. Elle imite l’anonymat de l’art divin. Ainsi la beauté du monde prouve un Dieu à la fois personnel et impersonnel, et ni l’un ni l’autre. (Caderno consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>191</sup> Es el arte que tiene a la vida como materia. (Caderno 3 de Marselha, de 1941).

<sup>192</sup> Em carta não datada para Maurice Schumann, do período após a sua chegada em Londres, em 14 de dezembro de 1942, vê a Igreja Católica enquanto uma realidade social e, por isso, permanece fora dela. No entanto, escreveu sobre não acreditar estar fora quando se tratava de uma vida sacramental: “talvez eu esteja errada, mas, se assim for, estarei sendo vítima de um demônio de uma espécie inédita, um demônio que me leva a buscar alimento no espetáculo da missa. É possível”. No original: “Je suis peut-être dans l’erreur - mais je serais alors la proie d’un démon d’une espèce inédite, un démon qui pousse à chercher une nourriture dans le spectacle de la messe – C’est possible.” (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

estética de si: “a eternidade entra no tempo por alguns instantes” (WEIL, 2001, p. 449)<sup>193</sup>. Como Tirkawi descreveu, Simone Weil uniu, em seu ascetismo, a tradição cristã e a filosofia do mundo antigo. Em seus cadernos há a renúncia e o cuidado de si conjugados (TIRKAWI, 2020, p. 33) e revelam o desejo de circularidade de seu pensamento-escrita-ação quando propõe a miscelânea de diferentes fontes:

nada me pertence, senão minha miséria. Nada me pertence, nem a miséria: ela é da carne. Se entendermos (se soubermos adestrar nosso corpo), no entanto, como fazê-lo? Podemos suportar a dor sem desejar alívio? Podemos padecer de fome sem desejar comer? (2001, p. 286)<sup>194</sup>.

Para Weil, “viver era um treinamento incessante para a verdade, a beleza, a justiça e o bem; e filosofar era um exercício contínuo para iluminar e conseguir estes mesmos objetivos” (ESTELRICH, 2009, p. 57). No entanto, sua constatação sobre a desgraça, a miséria e o anonimato não implicaram na elaboração de um projeto pessimista de vida ou no ceticismo, mas uma advertência para a infelicidade, conforme José Luís Brandão da Luz (2009, p. 1545). Também, a miséria tornou-se motivo a ser observado com atenção, um enigma a ser contemplado, no sentido do *Koan*, aquele que busca pensar os enigmas do mundo para além da lógica disponível, alheia às primeiras respostas disponíveis: “a inteligência discursiva se destrói pela contemplação das contradições evidentes e inevitáveis. *Koan. Mistérios*”<sup>195</sup>.

Retomando a ideia de sujeito intelectual em Weil, podemos afirmar que em sua filosofia há a escrita de uma “verdade” que a coloca deliberadamente em risco, pois consiste em um esforço, um esforço ascético para atingir uma nova maneira de perceber a si no mundo para além das subjetividades socialmente disponíveis, como a de gênero. Um caminho acompanhado por muitas referências, mas que Weil não organiza de forma linear para ser aplicada. No entanto, deixar seus cadernos com Thibon foi uma maneira de dar continuidade aos seus pensamentos.

Viver a vida como uma obra de arte, escrever sobre seu modo vida e sobre suas preocupações com o outro; investigar o assunto, reconhecer a desgraça e se preparar para ela, são todas maneiras arriscadas de estar no mundo. São maneiras, ainda, de perceber as nossas próprias

<sup>193</sup> La eternidad entra en el tiempo a través de unos instantes. (Caderno 6 de Marselha, de 1941).

<sup>194</sup> Nada me pertenece, sino mi miseria. Nada me pertenece, ni siquiera mi miseria: es de la carne. Si lo entendemos (si hemos sabido adiestrar nuestro cuerpo [...], aunque cómo hacerlo?), podemos soportar el dolor sin desear un alivio, padecer hambre sin desejar comer, etc. (Caderno 4 de Marselha, de 1941).

<sup>195</sup> L'intelligence discursive se détruit par la contemplation des contradictions claires et inévitables. *Koan. Mys-tères*. (Caderno 15 de Nova Iorque, de 1942).

limitações e incoerências. O que nos sugere algo próximo à parresía, pois o parresiasta no mundo antigo foi aquele que disse a verdade, que falou francamente, apesar dos riscos:

Para que haja parresía [...] o sujeito, [ao dizer] essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. Para que haja parresía é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência (FOUCAULT, 2011, p. 12).

O que nos chama atenção nos riscos presentes nos escritos de Weil, é o esforço para atingir o estado de preparação, isto é, de “atenção” para lidar com a desgraça presente no mundo contemporâneo, vê-la como um enigma meditativo, como uma realidade que deve nos fazer pensar, refletir, e não a atitude de negação pelo recurso à imaginação acumuladora. Ou mesmo pela desumanização imperativa nos ambientes de opressão, como o que presenciou na fábrica, onde “a mecanização do trabalho em cadeia, resultado de uma racionalização técnica, teve consequências graves sobre a atenção do trabalhador” (TIRKAWI, 2020, p. 94)<sup>196</sup>. Por isso a importância do esvaziamento da imaginação, fonte das ilusões, que incapacita a visão da criação de algo novo diante da realidade.

Dessa forma, sua posição é um convite para o enfrentamento, para a reflexão contínua da miséria e não uma atitude passiva de espera pela imolação no sofrimento da infelicidade – mesmo quando em obediência. O risco de dizer a verdade está também na recepção de outras pessoas sobre o que se vive e o que se diz, como vemos nessa recordação de Simone de Beauvoir sobre Simone Weil:

Colette Audry falava-me por vezes de Simone Weil, e, embora fosse sem grande simpatia, a existência dessa estranha se impunha. Ela era professora em Puy; contavam que residia num albergue de carreiros e que no primeiro dia do mês depositava sobre uma mesa o dinheiro de seu ordenado: todos podiam servir-se. Trabalhava na via férrea com operários a fim de poder pôr-se à testa de uma delegação de desempregados e apresentar suas reivindicações; provocara assim a hostilidade do prefeito e dos pais de alunos, e quase fora expulsa da universidade. Sua inteligência, seu ascetismo, seu extremismo e sua coragem inspiravam-me admiração, e eu sabia que ela não a teria por mim, se porventura me conhecesse. Não podia anexá-la a meu universo e sentia-me vagamente ameaçada (BEAUVOIR, 2010, p. 131).

---

<sup>196</sup> La mécanisation du travail à la chaîne issue de la rationalisation technique entraîne en effet de lourdes conséquences sur l'attention de l'ouvrier. C'est cette déshumanisation de l'être à laquelle Weil tente de remédier.

Beauvoir manifestou sentimentos ambíguos, entre a admiração, o estranhamento e a distância em relação ao que considerou extremo no modo de viver de Weil. Nota-se, em seu comentário, que o extremismo de Weil se refere às relações com o outro, essa coragem de viver o risco em se deslocar de si mesma. Isso se deu na fábrica, nas reuniões com os trabalhadores, mas também com os estudantes. Ecléa Bosi, na apresentação de *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* (1996) coligiu os testemunhos das ex-alunas de Weil, demonstrativos da ação extrema e corajosa de uma vida em risco:

Ela não era um professor do modelo comum. Ela se prodigalizava a seus alunos pondo à sua inteira disposição seus conhecimentos e seu tempo. Assim foi que uma de nós, não podendo passar no bacharelado devido ao latim, ela lhe propôs imediatamente ensinar-lhe, e gratuitamente, é claro. Pensando que a história das matemáticas nos interessava ela nos deu um curso suplementar, facultativo e benévolos, quinta-feira; todas as suas alunas assistiram assiduamente. Ela se preocupava com as nossas necessidades materiais. Precisávamos de um livro, por exemplo? [...] quinta-feira ela trazia sempre a suas alunas internas o livro prometido. Que reconfortante era ver chegar Simone Weil nesse pátio de internato onde os professores vinham raramente, sobretudo num feriado! (WEIL, 1996, p. 31).

Albertine Thévenon, militante sindical e amiga de Weil, também a descreveu com admiração. Contudo, nos registros que tratam da convivência com Weil, aspectos de sua simplicidade e do cotidiano também são lembrados, como as longas conversas fraternais que tinha com os amigos: “nós brincávamos com ela, ela ria conosco, nos pedia para cantar [...] ela mesma, sentada ao pé de uma pequena cama de ferro, num quarto sem beleza [...] nos recitava versos gregos” (WEIL, 1996, p. 33).

Os aspectos de sua trajetória não tocam somente os extremos, mas também mostram quem ela foi com os outros e na produção da obra e vida, isto é, revelam a estética de si. Simone Weil não descartou o comum, pelo contrário, se desatou da excepcionalidade na tentativa de se tornar anônima.

Lembramos, portanto, que Simone Weil foi uma mulher que viveu a experiência de ser intelectual fora de um modelo socialmente prescrito e esperado, solteira e sem ligação com um modelo familiar e de feminilidade burguês. Em seus textos, o eu-memorialístico, mesmo quando cria a sua “verdade” interior, está no mundo. Ao nos aproximarmos de sua trajetória intelectual, nos vimos tentadas a conhecê-la por meio de suas criações e forma de pensar, mas não podemos esquecer que sua experiência não pode ser compreendida sem a socialização de gênero, como vimos no primeiro capítulo a respeito de sua formação. Maria Motta José Viana diz que em contato com esses textos, ao reescrever suas trajetórias e análises, devemos estar

conscientes das condições histórico-ideológicas e ao percebermos os cadernos também enquanto memória, a atenção se faz no que se quer construir ali, não como uma conexão imediata com a realidade (VIANA, 1995, p. 16). É também um ato de se elaborar através da criação do sujeito escrito, não se afirmando uma identidade, mas sim, uma força criativa (FOUCAULT, 2004, p. 261).

É através dessa percepção que também destacamos a expressão das escritas de si de mulheres. Encontramos em Simone Weil um sujeito intelectual que criou um modo de vida para si pela filosofia escrita com desejo de ação, obediente ao seu tempo e à sua realidade, mas desviante quando se tratou da criação de uma estética de si na escrita, alinhando perspectivas de autonomia e de treinamento de si.

Portanto, propomos a aproximação dos textos de Weil pelo processo de invenção de si, apesar dos processos normalizadores institucionais, pois parece ser este um ponto importante em sua obra e vida, já que acontece sempre em tensão com essas fronteiras. É em oposição aos poderes existentes e às suas iniquidades que Weil criou o seu modo de vida, como recusa e criação, com coragem e riscos. É, por fim, um modo de viver sua verdade obediente à realidade – consciente nas proposições, não além do seu tempo –, mas um “tomar a si mesma como objeto de uma elaboração complexa” (FOUCAULT, 2010, p. 344). Weil, até mesmo por isso, parece ter desenvolvido sua ação militante fora de instituições que limitariam sobremaneira sua própria criação, como os partidos políticos e a Igreja Católica.

### **3.4 Ser o teatro vivo do pensamento**

Na aula de 29 de fevereiro de 1984, Michel Foucault falou da reverberação do modo de vida cínico na história da cultura ocidental. Com uma produção rudimentar e poucos registros textuais dos modos de vida do cinismo antigo, Foucault estabeleceu três formas para a sua transmissão: o ascetismo cristão, as práticas revolucionárias do século XIX e a arte moderna. Ao tratar das reverberações do cinismo no ascetismo cristão, Foucault notou nas ordens mendicantes medievais, como o franciscanismo, aquele estilo de vida antigo recriado (2011, p. 155).

A análise de Foucault sobre o cinismo traz mais um elemento para nossa compreensão do sujeito intelectual em Simone Weil. Percebemos, num primeiro momento, a experimentação de si através do processo de construção de sua obra e vida pelas técnicas do cuidado e da escrita de si em seus cadernos. Passamos, agora, a tratar de outro traço de sua experiência intelectual, mais próxima de sua espiritualidade, a partir dos escritos sobre a Igreja Católica e de como se

aproximou do cristianismo. Ao entrarmos em contato com algumas referências sobre o ascetismo cristão e personagens como Francisco de Assis e Joana d'Arc, nos aproximamos de outra marca da complexidade de seu modelo ético e político. Pela prática do despojamento, das abnegações, renúncias e de sua escolha pela simplicidade, destacamos em sua constituição como pensadora, referências a estes personagens do cristianismo e da hagiografia:

Eu me apaixonei por São Francisco de Assis desde a primeira vez que ouvi falar dele. Sempre acreditei e esperei que o destino me conduziria a isso um dia e me obrigaria a esse estado errante e de mendicância no qual ele entrou livremente. Eu não achava que chegaria à idade que tenho sem ter ao menos passado por ali<sup>197</sup>.

Personagens cristãs atraíram, mas como suas pesquisas não se afastavam de sua vida, essas referências foram refeitas na sua maneira de estar no mundo. Vale notar que os modelos cristãos também estavam de acordo com um modo de vida que encarava a verdade como um devir. Assim como para os cínicos e para os franciscanos, para Weil, a “verdade” precisava estar presente no estilo de vida, não somente nas palavras, mas a filosofia enquanto transformação de si. É pelo despojamento, pela errância, pela pobreza e pela mendicidade dos franciscanos que os cínicos chegaram até a cristandade medieval (FOUCAULT, 2011, p. 160). O escândalo da verdade presente na experiência das ordens mendicantes em suas origens só foi possível, de acordo com Foucault, em choque com o poder da Igreja Católica, pois no interior do dogma a ideia da desconfiança de si passou a vigorar, impedindo que ações e práticas de autonomia pudessem ocorrer fora da ordem hierárquica e do dogma.

A reflexão de Foucault a respeito do cinismo cristão pode ser útil na elaboração de outra hipótese para a constituição intelectual de Simone Weil. É interessante notar práticas cínicas de escândalo da verdade<sup>198</sup> no manifesto escrito e vivo de Weil que foram percebidas por seus

<sup>197</sup> Je me suis éprise de Saint François dès que j'ai eu connaissance de lui. J'ai toujours cru et espéré que le sort me pousserait un jour, par contrainte, dans cet état de vagabondage et de mendicité où il est entre librement. Je ne pensais pas parvenir à l'âge que j'ai sans être au moins passée par là. (Carta a Joseph-Marie Perrin consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>198</sup> Em suas anotações e cadernos da época de Liceu, encontramos uma página onde toma nota de algumas escolas filosóficas antigas. Escreve sobre “Diogène Le Cynique” e seu modo de vida escandaloso: “idée du stoïcisme mais brutalmt [o que conseguimos ler, talvez era para estar escrito *brutalement*], jetée le monde avec scandale”. Em nossa tradução: “Idéia do estoicismo, só que brutal, lançar o mundo com escândalo” está nas páginas 151 ou 159, dos cadernos de anotações dos cursos de Alain, 1931. Em outro momento, em uma anotação no Caderno de Londres, de 1943, descreve que “a ligação entre a humildade e a verdadeira filosofia era conhecida na antiguidade. Entre os filósofos socráticos, cínicos e estoicos, ser insultado, agredido e até mesmo esbofeteado e suportar tudo isso sem a menor reação de dignidade instintiva era considerado um dever da profissão. O apostolado cristão sendo uma profissão semelhante ou idêntica”. Apresentando as relações que fazia entre filosofias e as referências que estavam em seu radar. No original: “La liaison entre l'humilité et la philosophie véritable était connue dans l'antiquité. Parmi les philosophes socratiques, cyniques, stoïciens, être injurié, frappé et même giflé et le supporter sans

leitores/ras, admiradores/ras, amigos, amigas e companheiros/ras de militância. Quando Foucault descreve a transmissão do cinismo ao ascetismo cristão, fica ainda mais evidente as similaridades com o modo de vida de Weil tanto tempo depois. Sobre o movimento ascético cristão valdense, Foucault diz:

não têm domicílio fixo, circulam aos pares, como os apóstolos (*tan quam Apostolicum*), seguindo nus a nudez de Cristo (*nudinu dum Christum sequentes*). E esse tema (seguir a nudez de Cristo, seguir a nudez da Cruz) foi extremamente importante em toda essa espiritualidade cristã, e, aí também ele se refere, pelo menos implicitamente, ao que foi essa famosa nudez cínica, com seu duplo valor de ser ao mesmo tempo um modo de vida de despojamento completo [...] A opção de vida como escândalo da verdade, o despojamento da vida como maneira de constituir, no próprio corpo, o teatro visível da verdade (FOUCAULT, 2011, p. 160).

Aqui aparecem aspectos do estilo de vida continuado pelos ascetas cristãos que se aproximam das escolhas éticas e políticas de Weil, ao tomar para si aqueles modelos em seu cotidiano, quando da renúncia de seus privilégios para ensinar, se proletarizar e dividir seus ganhos, encarnando aquilo que acreditava e criava em sua escrita. Desejava, portanto, seguir um modelo rígido de renúncia de vontades individuais e suas escolhas eram bem conhecidas. Como veremos no próximo capítulo, essas escolhas de renúncias e abnegações são parte de uma construção de ver a si e o mundo, não necessariamente o todo de seu percurso. Em duas cartas diferentes ao padre Perrin, relacionou suas renúncias com seu projeto intelectual, uma renúncia da própria vida sacramentada por sua vocação: “para colocar um término neste assunto que me diz respeito, digo o seguinte: o tipo de inibição que me mantém fora da Igreja é devido ou ao estado de imperfeição que eu me encontro, ou pelo fato da minha vocação e a vontade de Deus se oponham”<sup>199</sup>. Em outra carta ao padre também fala sobre o mesmo assunto:

Não é que eu me sinta capaz de criar intelectualmente. Mas sinto obrigações relacionadas a tal criação. Não é minha culpa. Não consigo evitar. Ninguém além de mim pode compreender essas obrigações. As condições da criação intelectual ou artística são coisas tão íntimas e secretas que ninguém pode penetrar nelas vindo do exterior. Sei que os artistas justificam assim suas más ações. Mas, para mim, trata-se de algo totalmente diferente. [...] Tenho tanta certeza de que um ser humano tem o direito de ser que sou privada disso por toda a

---

<sup>199</sup> la moindre réaction de dignité instinctive était regardé comme une partie du devoir de la profession. L'apostolat chrétien étant une profession voisine ou identique”.

<sup>199</sup> Pour finir avec ce qui me regarde, je me dis ceci. L'espèce d'inhibition qui me retient hors de l'Église est dûe soit à l'état d'imperfection où je me trouve, soit à ce que ma vocation et la volonté de Dieu s'y opposent. (Carta ao padre Joseph-Marie Perrin, janeiro de 1942, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

minha vida; exceto talvez — apenas talvez — no caso de as circunstâncias me privarem definitivamente e totalmente da possibilidade do trabalho intelectual<sup>200</sup>.

Essa passagem nos lembra a pergunta de Foucault: “que trabalho devo efetuar sobre mim mesmo para ser capaz e digno de ter acesso à verdade?” (DREYFUS, 1995, p. 277). A questão do trabalho sobre si esteve presente na experiência escrita de Weil em diversos momentos. Conforme se aproximou do cristianismo, algo que se deu quando trabalhou nas fábricas, passou a desenvolver filosoficamente sua espiritualidade a partir do despojamento, de recusas e de criações. Vale ressaltar que Simone Weil afirmou que mesmo fora da Igreja, percebeu que sempre esteve próxima do cristianismo em suas atitudes em relação ao mundo, assim como de outras espiritualidades e filosofias, adotando uma maneira holística de ver a si e conceber o mundo.

Essas ações e reflexões estão em diálogo com a elaboração do seu conceito de descrição e seu esforço para atingir a verdade pela renúncia e o despojamento, presentes no cinismo e no ascetismo cristão. Para Weil, para alcançar o conhecimento (ou o amor e a beleza), é necessário fazer o caminho contrário da criação, descriar-se<sup>201</sup>. Weil estabeleceu uma diferenciação importante ao dizer que oposto à destruição de si, onde há culpa, na descrição há uma tentativa de afastamento da infelicidade e da dor pela constatação desse sentimento no mundo e do enfrentamento a partir da obediência às necessidades do seu tempo; descriar-se é, na prática, retirar o eu e seus desejos do caminho da ação e dedicar-se a uma vida-escrita que busca incessantemente constatar esse desapego de si através da filosofia; o deslocamento do eu como uma preocupação de vida, ou da descrição do ego, do individualismo e de categorias como o gênero. Isso fica visível em várias passagens de seus cadernos:

Mesmo que eu morra, o universo continua. Ser alheia ao universo não me consola. Mas o universo está na minha alma como um outro corpo, a minha morte não é mais importante para mim do que a de um estranho. E o mesmo acontece

---

<sup>200</sup> Ce n'est pas que je me sente des capacités de création intellectuelle. Mais je sens des obligations qui ont rapport à une telle création. Ce n'est pas ma faute. Je ne peux pas m'en empêcher. Personne autre que moi ne peut apprécier ces obligations. Les conditions de la création intellectuelle ou artistique sont chose tellement intime et secrète que nul ne peut y pénétrer du dehors. Je sais que les artistes excusent ainsi leurs mauvaises actions. Mais il s'agit de tout autre chose pour moi. [...] Je suis aussi certaine qu'un être humain a le droit de l'être que je suis ainsi privée pour toute ma vie ; sauf peut-être – seulement peut-être – au cas où les circonstances m'ôteraien definitivamente et totalement la possibilidade du travail intelectuel. (Sem data, de Casablancas, nos 17 dias que passou em maio de 1942, consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>201</sup> “Tudo já foi criado, é hora de descriar”, escreveu a poeta Tetê em uma postagem no Instagram em 2024, tornando visível a conversa do pensamento, da obra e da vida de Simone Weil com a literatura contemporânea.

com os meus sofrimentos. Que o universo inteiro seja para mim, em relação ao meu corpo, o que a bengala de um cego é para a sua mão (2001, p. 151)<sup>202</sup>.

Nessa passagem se vê a descrição de si como um movimento de fluidez, como se o corpo pudesse desfazer-se ao fazer parte de todos os outros corpos e, em sua amplitude, do universo. Um ato de liberdade, se retomarmos o trecho de Herman Melville (1851), dissolver-se, tornar-se livre como o ar. Ainda, no contato com seus manuscritos na Biblioteca Nacional da França, encontramos em seus papéis uma cópia de uma carta de Alain ao filho de Léon Letellier, Pierre, que, ao consolar o estudante ao falar do pai, cita uma frase muito próxima a de Weil: “ele queria aceitar a vida como ela era. Ele costumava dizer de si mesmo: ‘Se eu tivesse caído no mar naquele dia ao largo do Cabo Horn, o mundo teria continuado sem mim’. Ele tinha a piedade contemplativa dos estoicos; isso era natural para ele”<sup>203</sup>. Simone Weil pretende chegar ao conhecimento pelo despojamento e a sua consequência entre a igualdade e o anonimato.

Dando continuidade à elaboração sobre o despojamento, no Caderno 7 de Marselha, Weil escreveu sobre a plenitude da cruz vazia, quando o “eu” já não existe e, por isso, a infelicidade também não, “a infelicidade não pode mais destruir nele o eu”<sup>204</sup>. Jesus Cristo na cruz representa uma liberação do eu através do despojamento e da renúncia. Essa nudez representa, na filosofia da descrição, o despojamento necessário para os enfrentamentos das batalhas do seu tempo, a começar pela opressão social que Weil encontrou entre os operários, assim como o franciscanismo relacionado ao cinismo antigo. Segundo Jacques Le Goff, é possível perceber a ação de Francisco sobre o seu tempo por seus modos de vida, que difere da tradição hagiográfica:

Ora, Francisco, que pretendeu agir sobre a sociedade de seu tempo, exprime-se oralmente ou por escrito e sua utilização de palavras, de ideias e de sentimentos é valorizada nesse texto que lança luz sobre os instrumentos de que ele se serviu para tocar aquela sociedade e transformá-la. É um vocabulário de ação (LE GOFF, 2011, p. 12).

---

<sup>202</sup> Aunque yo muera, el universo continúa. Esto no me consuela si yo soy distinto del universo. Pero el universo está en mi alma como un cuerpo más, mi muerte deja de tener para mí más importancia que la de un desconocido cualquiera. Y lo mismo mis sufrimientos. Sea para mí el universo entero con respecto a mi cuerpo lo que el bastón de un ciego con respecto a su mano. (Caderno 3 de Marselha, de 1941).

<sup>203</sup> Toutefois il voulait accepter la vie telle quelle. Il disait en parlant de lui-même : ‘Si j’étais tombé à la mer tel jour au large du Cap Horn, le monde aurait continué sans moi. Il avait cette piété contemplatoire des Stoïciens ; elle lui était naturelle. (Manuscrito consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>204</sup> La desgracia no puede ya destruir en él su yo, porque su yo no existe ya. (2001, p. 541 – Caderno 7 de Marselha, de 1942).

Isto é, a ação sobre o seu próprio tempo é valorizada por aqueles que têm como objetivo alguma transformação. A leitura de Le Goff sobre Francisco a partir das hagiografias lembra que houve tentativas de apagar as incoerências de sua trajetória, despindo-o de sua humanidade. Nesse sentido, a história da reverberação de modos de vida, como o faz Foucault, e o estudo biográfico de Le Goff, devolvem o comum de sua experiência e seus desejos para aquém das instituições, e a ação para fora da tentativa de coerência histórica.

**FIGURA 13** – São Francisco de Assis feita por Giotto di Bondone (1266-1337)<sup>205</sup>



Fonte: Afrescos de Giotto di Bondone na Basílica Maior de Assis, são 28 obras que retratam momentos importantes da vida de Francisco. Informação do site: franciscanos.org.br

---

<sup>205</sup> Esta série de Giotto é retomada por Simone Weil nos cadernos em diferentes momentos, um dos temas elaborados a partir dela é o vazio, que para Weil é o personagem central e não um acaso na obra do pintor: “Quanto ao espaço vazio (que Giotto normalmente coloca no centro – procedimento de enorme força –), ele tem a mesma ou maior existência de um terceiro ponto de vista”. “En cuanto al espacio vacío (que Giotto coloca normalmente en el centro – procedimiento de una enorme fuerza –), tiene cuando menos la misma existencia, si no mayor desde un tercer punto de vista” (2001, p. 116 – Caderno 2 de Marselha, de 1941).

Francisco, assim como Weil, tinha uma saúde debilitada e Le Goff o descreveu como “um homem doente” (2011, p. 63). Sua relação com o corpo foi ambígua, como o “irmão corpo”, ao passo que também foi necessário mortificar o corpo, pô-lo a serviço do amor a Deus. Essa relação de Francisco com o corpo muito se aproxima do conceito de descrição de Weil. Para chegar à verdade, o asceta age sobre si mesmo, se esforçando para a vida do espírito. Weil reconhecia em si um obstáculo para chegar a Deus<sup>206</sup>, por isso efetua em sua obra a descrição, se desloca do próprio centro da sua vida para continuar em relação com o mundo e consigo mesma. Segundo Mariz: “no pensamento weiliano há uma certa transfiguração do corpo no trabalho, visto que o trabalho não é um meio para a realização de um determinado fim” (2015, p. 58), sendo o corpo mais um *metaxu* em sua prática de vida relacional.

Assim como Francisco, que diante das viagens, pregações, fadigas e renúncias, adoeceu, a saúde de Weil também se agravou. Até seus últimos dias de vida praticou o ascetismo em sua errância e em seu despojamento. Susan Sontag diz sobre o percurso de vida de Weil que “eu, por exemplo, não tenho nenhuma dúvida de que a visão sadia do mundo é a verdadeira. Mas é sempre isso, a verdade, que se quer?” (2020, p. 74)<sup>207</sup>. Um passo atrás, notamos em seu despojamento uma atitude não só de extremismo sobre si, mas um movimento contra-identitário, alheio aos limites do eu e do individualismo, próxima, portanto, aos cínicos, aos ascetas cristãos e aos anarquistas<sup>208</sup>, contudo, sem estabelecer um modelo prescritivo ético a partir de suas experiências. É neste terreno de experiências que surgem uma obra e vida complexas e contraditórias, que unem autonomia e renúncia.

Outras conexões entre Simone Weil e personagens cristãs estão presentes em Joana d’Arc (1412 – 1431) e Marguerite Porete (-1310). Tomamos aqui como referências, Ann Pirruccello (2003) e Maria Simone Marinho Nogueira (2019) com o objetivo de destacar esses diálogos e compreender as escolhas éticas de Weil.

Ao escrever para a França Livre em 1943, de Londres, Weil criticou a apropriação nacionalista que se fez de Joana d’Arc. Weil era contra o uso de Joana d’Arc como um símbolo para a unificação contra um inimigo, os alemães. Em sua interpretação, esse uso não tinha

---

<sup>206</sup> Deus, vale lembrar, é apenas uma forma de ver, pensar e amar o mundo na escrita dos cadernos de Weil.

<sup>207</sup> A relação de Susan Sontag com Weil é interessante, pois prevaleceu uma ambivalência, ao passo que faz crítica ao extremismo em suas ações sobre si, também se identifica com Weil, em seus diários escreveu sobre “o lado SW de [seu] temperamento” (2008, s/p).

<sup>208</sup> Priscila Vieira, em crítica à compreensão de Eric Hobsbawm sobre a história do movimento anarquista, destacou que os “utopistas e os anarquistas [...] são como os cínicos da antiguidade, sempre vistos de maneira ambígua e, na maioria das vezes, criou-se uma imagem negativa de suas ações” (2013, p. 95). Ainda, destacou que para Foucault o elogio à existência libertária dos anarquistas é uma forma de “perceber que os ensinamentos cínicos não foram perdidos” (2013, p. 96).

relação com o modelo genuíno de espiritualidade de Joana d'Arc. Pirruccello percebe que mesmo falando pouco de Joana d'Arc, sua espiritualidade foi um arquétipo para a sua filosofia e maneira de ver o mundo. Simone Weil teve contato com a personagem histórica de Joana d'Arc ainda criança, conforme pudemos verificar em seu caderno de rascunhos escolar. No entanto, na vida adulta foi a Joana d'Arc da batalha pela justiça e não da glória, que se tornou referência e modelo de existência:

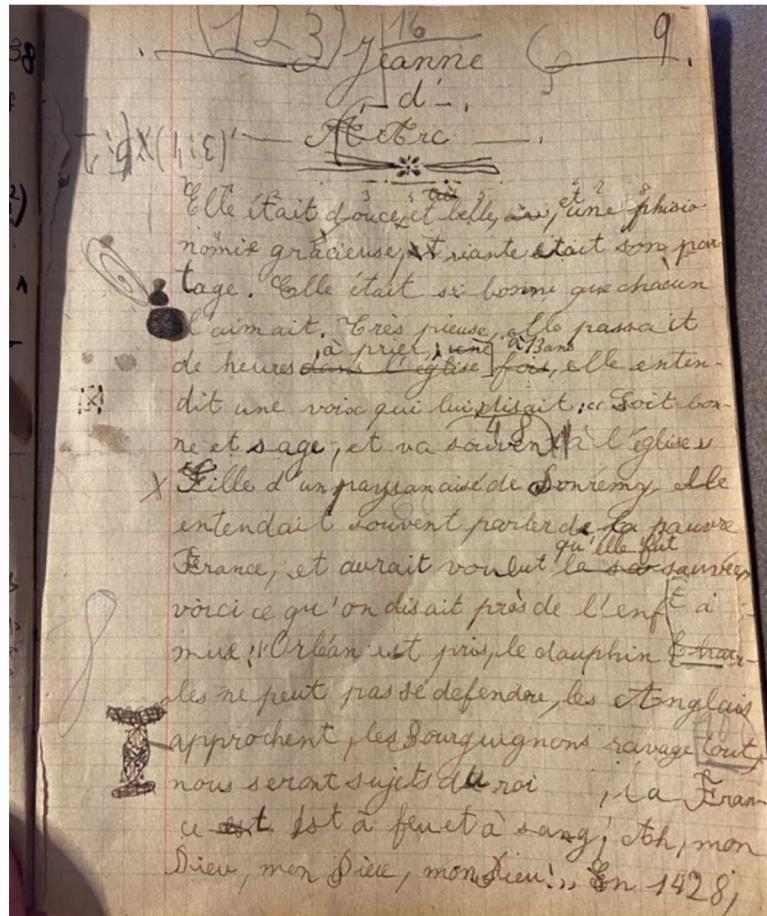
Joana d'Arc provavelmente funcionou como um arquétipo para Weil por quase toda sua vida. Ela estava lá, sem dúvida, quando Weil realizou seus dolorosos experimentos em fábricas e fazendas; certamente foi ela quem levou Weil a deixar a segurança de Nova Iorque a fim de se juntar aos Franceses Livres em Londres. Em resumo, Weil, como sempre, nos dá muito o que refletir enquanto tentamos integrar nossas vidas social, política e espiritual. Como Weil, Joana d'Arc é reivindicada por tantos que não sabemos como reconhecê-la. Cada mulher atesta a riqueza e o alcance de nossas leituras (PIRRUCCELLO, 2003, p. 278)<sup>209</sup>.

Pirruccello demonstrou a complexidade da experiência intelectual e espiritual de Joana e de Weil. Tentamos reconhecê-las por tantas frentes que acabamos sempre as reconstruindo, isso é inevitável, mas o caminho pelo reconhecimento das referências e dos modelos que Weil tomou em seu fazer-se intelectual (assim como as referências mais próximas trazidas no primeiro capítulo), facilita a compreensão de seu olhar sobre a história e sua elaboração filosófica sobre estar no mundo. Percebe-se nos movimentos de Weil pela luta e pelo enfrentamento, os passos de um modelo de renúncia de desejos individuais e despojamento, seja em sua participação na Resistência da Guerra Civil espanhola, seja em seu retorno à Europa quando do exílio nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. É importante lembrar que Weil era de origem judaica e voltar para a Europa naquele momento significava assumir grande risco, afinal a França estava ocupada pelos alemães e tinha desejo de estar no *front*. Dessa forma, Weil não admite a apropriação de Joana d'Arc como um símbolo do nacionalismo francês. Interessa-lhe a Joana d'Arc da justiça, da luta e do imperativo da ação.

---

<sup>209</sup> Joan of Arc probably functioned as archetype for Weil for nearly all of her compressed life. She was there, no doubt, when Weil carried out her pain full factory and farm experiments; surely it was she who moved Weil to leave the city of New York in order to join the Free French in London. In summary, Weil, as usual, gives us much to ponder as we try to integrate our social, political, and spiritual lives. Like Weil, Joan of Arc is claimed by so many that we do not know how to recognize her. Each woman attests to the riches and range of our readings.

**FIGURA 14** – Sobre Joana d'Arc Simone escreve na primeira linha: “Ela era doce e bonita, um rosto gracioso”, em *Cahier d'écolier*



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Sobre Marguerite Porete, Nogueira dá indicações muito relevantes a respeito da aproximação de Weil. Porete foi uma mística que viveu entre os séculos XIII e XIV, condenada e queimada por heresia na França em 1310, por ter escrito e publicado um livro considerado perigoso. O título do seu livro em português é *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor* (2008) no qual também se viu como o obstáculo de acesso à verdade e, por isso, propõe a descrição.

De acordo com Nogueira, é possível que Weil tenha pensado o conceito de descrição a partir das ideias de Porete, pois ela teve acesso à edição inglesa do *Espelho das almas* em 1927. Apesar da distância temporal, há uma semelhança a partir das ideias de aniquilamento e de descrição, mas também pelos modos de vida de entrega e de coragem da verdade, apesar dos riscos. Das poucas informações que se tem sobre a vida de Porete, sabe-se que ficou presa por quase um ano e meio e permaneceu em silêncio diante dos algozes da Inquisição que

insistiram na sua confissão dos crimes de heresia presentes em seus escritos. Porete teve seu livro queimado e proibida a publicação ou divulgação de suas ideias. Nogueira afirma que por ser um livro acessível ao público leigo em vernáculo e por defender a liberdade de conhecimento e de acesso à verdade, foi considerado herético pelos teólogos medievais: “a autora afirma que a alma totalmente livre não se submete a nada” (2009, p. 210).

O que interessa é que Weil teve acesso ao livro de Porete e que modelos de mulheres que escreviam sobre suas experiências espirituais pelo enfretamento e a afirmação, também foram suas referências. Porete defendeu sua maneira de pensar e sua prática espiritual ou mística, o que lhe causou a morte na fogueira por heresia. Dizer e viver a verdade, ainda com riscos à vida, mostra-se como um modelo para Weil em sua defesa da autonomia.

Francisco de Assis, Joana d’Arc e Marguerite Porete são alguns exemplos de modelos éticos e políticos que influenciaram o modo de vida de Weil, em busca pelo alinhamento do pensamento e da prática. O que nos lembra a sua pergunta sobre como fazer da vida a poesia suprema e os exercícios da escrita de si presentes no caderno com referências do seu passado e do seu presente.

Diante da infelicidade do mundo, lançou-se à busca das verdades e às necessidades de seu tempo, como muitos outros que viveram antes e depois dela. Estabeleceu laços fraternos com os mais próximos, porém, estabeleceu laços de “verdade” e afinidade com outros, seja com os antigos, como leitora e tradutora, seja como uma praticante da autonomia e da atitude relacional da coragem da verdade dos cínicos e de personagens cristãs, como Francisco de Assis, Marguerite Porete e Joana d’Arc. Simone Weil se relacionou com o seu tempo e, por isso mesmo, se relacionou tão fortemente com a história.

#### **4 Viagens e deslocamentos: o movimento como ação liberadora**

O tema da viagem é caro para os estudos de gênero e para a história das mulheres. Militantes, pesquisadoras e escritoras constantemente apresentam suas trajetórias interligadas aos seus deslocamentos pelo mundo. A viagem tornou-se um tema de investigação complexo e de difícil alcance, já que não se trata apenas de conhecer lugares e pessoas, mas de uma abertura para o desconhecido em si mesmas. Com Simone Weil não foi diferente, sua trajetória de vida e percurso do pensamento foram marcados pelo deslocamento em diferentes sentidos. Propomos um olhar para os caminhos e as experiências de diferentes facetas da viajante: a correspondente, a combatente e a andarilha.

Retomamos as relações familiares e de amizade, para compreender como se deu o deslocamento de Simone Weil a partir das condições práticas e materiais de suas viagens, considerando os aspectos de gênero e de classe, dois recortes marcantes em sua trajetória, um pelo silêncio, outro pela saliência. Ainda, neste capítulo, voltamo-nos para a escrita autobiográfica dos diários e das cartas, pois são as fontes nas quais encontramos o ordinário, o cotidiano e as dificuldades encontradas por Simone. Também retomamos relatos e construções narrativas que permitiram a aproximação com as redes de sociabilidades de Simone Weil quando de seus deslocamentos espaciais e subjetivos.

##### **4.1 A experiência de viagem: os caminhos trilhados por Simone Weil**

Esta tese propõe acompanhar e interpretar os deslocamentos de Simone Weil a partir do gênero e da sua escrita de si e autobiográfica (cadernos, diários e cartas) desde o período de sua formação e ao longo de seus deslocamentos e exílio. Acompanhar movimentos de seu pensamento e de si mesma nos levou a questionar o seu corpo entre as cidades e os países que visitou. Simone Weil foi uma viajante e andarilha, uma observadora crítica que elaborou seu pensamento filosófico no mundo, em contato com seus interesses de estudo. No entanto, o que nos levou, num primeiro momento, a escolher esse caminho, foi uma carta enviada a sua amiga Albertine Thévenon, professora e militante do movimento sindicalista<sup>210</sup> francês, entre os anos

---

<sup>210</sup> De acordo com Simone Pétrement, no período em que Simone Weil se juntou ao movimento sindical, especialmente na década de 1930, existiam dois grandes movimentos, o C. G. T. (Confederação Geral do Trabalho) e a C. G. T. U. (Confederação Geral do Trabalho Unificado). Ainda existia um terceiro, Federação Independente dos Funcionários ou F. A. (Federação Autônoma) (1976, p. 75).

de 1934 e 1935. A experiência de fábrica de Simone Weil é o assunto desta correspondência. No entanto, logo nas primeiras linhas, Weil manifestou o seu desejo de viajar com a amiga:

Sabe, acabei de ter uma ideia. Estou vendo: nós duas, durante as férias, com algum dinheiro no bolso, andando por aí, pelas estradas, caminhos, campos, de mochila nas costas. Dormir, às vezes, nas granjas. Outras vezes, ajudar um pouco na colheita em troca de comida... O que você acha? (WEIL, 1951, p. 16)<sup>211</sup>.

A essa altura, Simone Weil já havia experenciado o trabalho no campo e alguns anos mais tarde o faria novamente na fazenda de Gustave Thibon, em 1941. Não só o trabalho rural a fez circular entre as cidades, como a maior parte das suas viagens da vida adulta teve como objetivo viver a experiência do trabalho e da organização dos trabalhadores, como participar ativamente dos ânimos políticos em tempos de ascensão do fascismo. O desejo manifestado de estar com a amiga na estrada nos levou a refletir sobre como Simone Weil elaborou a experiência da viagem, a considerar os aspectos materiais e práticos, as dificuldades encontradas, seus objetivos intelectuais e políticos, mas também o significado da viagem para as mulheres naquele período entre guerras.

Simone Weil fez muitas viagens em seus 34 anos de vida. Na infância, sabe-se que a família realizava longas viagens devido aos compromissos de trabalho do pai, Bernard Weil, médico que também se interessava por passeios de bicicletas, caminhadas nas florestas e montanhas. Assim como na vida adulta, através das cartas que trocou com a mãe, é possível identificar como a viagem teve um destaque importante para a família Weil. Simone, em diferentes ocasiões, escreveu dos lugares onde se encontrava em viagem para os pais, que, por sua vez, também estavam em viagem, seja por motivos profissionais de Bernard, seja em viagens de lazer. Assim também acontecia com o filho, André Weil, que viajou por diversos países na Europa e fora, como a Índia e o Brasil<sup>212</sup>, devido a sua atuação como pesquisador de matemática e professor.

---

<sup>211</sup> Tu sais, j'ai une idée qui me vient juste à l'instant. Je nous vois toutes les deux, pendant les vacances, avec quelques sous en poche, marchant le long des routes, des chemins et des champs, sac au dos. On coucherait des fois dans les granges. Des fois on donnerait un coup de main pour la moisson, en échange de la nourriture. Qu'en dis-tu ?

<sup>212</sup> Dois anos após a morte de Simone Weil, em 1945, os pais estiveram em São Paulo, acompanhando André, que foi professor na USP naquele ano. Em nossa consulta ao acervo de Simone Pétrement, na BnF, é possível encontrar uma série de cartas trocadas entre ela e Selma Weil. Em uma carta de 1945, no Hotel Rancho Alegre, em Campos do Jordão, acompanhando o filho e a neta, Selma escreveu: "foi ela que nos ajudou a viver" ("C'est elle qui nous a aidés à vivre"), se referindo a Sylvie Weil, filha de André, após a morte de Simone. Notável em sua dedicação à obra e vida da amiga, também próxima à família, Pétrement manteve essa troca de correspondências e uma série de documentos de sua pesquisa sobre Simone Weil na BnF, onde atuou na área de conservação de patrimônio.

Em sua trajetória, Weil relatou viagens em diferentes países, como França, Suíça, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, Marrocos, Estados Unidos e Inglaterra. Sabe-se que ela esteve em várias cidades francesas e que planejava ir à Indochina depois que a guerra acabasse para escrever sobre o colonialismo, objetivo que não se concretizou porque faleceu. Conforme identificamos no capítulo anterior, a escrita é a principal ferramenta de Simone Weil depois de seu próprio corpo. A escrita é o gesto de expressão de seu pensamento analítico, filosófico, observador e criativo. Portanto, com as viagens não seria diferente, sempre acompanhada de cadernos, cadernetas e livros, Simone Weil foi em busca da experiência ativa de espaços, pessoas e situações em diferentes países.

Como é recorrente em sua autorreflexão, Simone Weil não falou sobre o gênero de forma explícita em suas viagens. No entanto, da mesma forma que observamos nos anos de sua formação, sua postura diante da viagem é de autoafirmação e de escolha para viajar e para escrever sobre suas observações, sem falsa modéstia em sua escrita. A sua escrita de viagem se difere dos relatos de autoria de mulheres, como os que foram analisados pela historiadora Stella Maris Scatena Franco (2017) a respeito de mulheres viajantes do século XIX, que recorriam de uma retórica estratégica de gênero, “da autonegação, da falsa modéstia, as buscas de justificativas para mostrar-se”<sup>213</sup> (2017, p. 16). No entanto, na escrita de viagem de Simone Weil é possível verificar uma anulação, um apagamento do gênero, ou de seu corpo e de sua identificação de gênero, no exercício da atividade intelectual, do pensamento filosófico e da experiência de viajante – talvez, também, como uma estratégia para mostrar-se.

No século XX, os exemplos de mulheres viajantes e “aventureiras” aumentam, além das condições de viagem serem facilitadas, os acessos educacionais também foram ampliados para as mulheres das classes privilegiadas. Trajetórias como a de Isabelle Eberhardt são associadas a uma nova imagem da mulher viajante. De acordo com Sylvain Venayre, no contexto do entreguerras na França, nenhuma outra mulher encarnou melhor a mudança na imagem da viajante aventureira e intrépida do que Eberhardt (2006, p. 143). Pensando num modelo ou *encarnação*, é possível que outros percursos de viajantes fiquem de fora, pois nas primeiras décadas do século XX muitas mulheres estiveram em deslocamento, motivadas por razões distintas, como é o caso das viagens com objetivos de militância e de pesquisa, como as de Emma Goldman, de Jeanne Bouvier, de Marguerite Yourcenar e de Simone Weil. A busca por encarnações talvez

---

<sup>213</sup> A pesquisa em questão tratou de autoras latino-americanas que viajaram à Europa e aos Estados Unidos no século XIX. Franco não propõe uma generalização, no entanto, entre as singularidades de autorias e de relatos, estabelece o jogo entre contexto, estratégias e relações possíveis para entender certas tendências, como o apaziguamento no discurso ou a autonegação nos relatos dessas mulheres.

se apresente justamente no aspecto colocado por Venayre ao lembrar que a experiência da aventura da viagem para as mulheres permaneceu mais restrita até meados do século XX (2006, p. 149). Na segunda metade do século, uma nova relação com a aventura e com a *trip* se apresentou para as mulheres de acordo com as suas identificações de classe e de raça.

Apesar da vontade de viajar com outras pessoas, como acontece na carta citada à amiga, Simone Weil fez suas viagens na maior parte do tempo sozinha, o que não era algo comum ou aceito para mulheres jovens e solteiras. No entanto, sem referências ao gênero e contando com o apoio da família, Simone Weil fez, em seus 34 anos, viagens com propósitos diferentes em vários momentos e sem oposições. A educação dada por Selma Weil – estimulante intelectualmente –, os pais sempre em viagem e o irmão, que desde os anos de formação, realizou várias viagens para dar aulas em diferentes universidades do mundo, tornava a viagem uma experiência conhecida e trivial para Simone Weil. Portanto, suas demandas intelectuais não foram limitadas, pelo contrário, estiveram na origem de suas viagens, com apoio familiar.

É importante notar que devido às suas condições privilegiadas de classe social burguesa, tinha apoio financeiro e material de seus pais, embora não fizesse maiores exigências. No entanto, as correspondências trocadas com a sua família mostram um frequente contato entre mãe e filha, e Selma exerceu um papel bem importante na organização e realização das viagens de Simone, e não somente das viagens mais longas a outros países, mas também nas viagens de mudanças para outras cidades para dar aulas, envolvendo questões práticas como aluguel de apartamentos, compras de livros, materiais de escritório e gêneros alimentícios. Simone Weil viajava sozinha, mas mantinha uma base de apoio por perto, mesmo quando era restritiva com os pais, desaprovando o excesso de preocupação da parte deles. Ainda assim, os pais, com regularidade, sabiam e acompanhavam a filha, mesmo que à distância. A relação entre mãe e filha é chamada por Robert Chenavier de “relação fusional” e o meio privilegiado de expressão dessa relação é o meio epistolar, uma tradição na família Weil:

A família de Saloméa [nome original de Selma] Reinherz trocava muitas cartas. Hermine, a avó, visitava com frequência os parentes em Paris ou Viena, e exigia dos que permaneciam em casa longas cartas diárias – quatro páginas por dia. Depois de casada, Selma manteve a tradição instituída por sua mãe. Os quatro Weil trocavam cartas constantemente. Selma era quase tão exigente quanto Hermine: mal recebia uma carta, já queria outra (CHENAVIER, 2012, p. 13)<sup>214</sup>.

---

<sup>214</sup> On s’écritait beaucoup dans la famille de Saloméa Reinherz. Hermine, la grand-mère, rendait visite régulièrement à sa parenté à Paris ou à Vienne, et elle exigeait de longues lettres – quatre pages par jour – de ceux qu’elle laissait à la maison. ‘Une fois mariée, Selma maintiendra la tradition instaurée par sa mère. Les quatre Weil

Diante desta obsessão missivista, Simone Weil expressa dissabor; atende a demanda materna, mas pouco descreve as reais dificuldades enfrentadas em suas viagens, como em situações de risco à saúde na Espanha, durante a Guerra Civil, e na Inglaterra, nas últimas semanas de sua vida. A relação “fusional” e a dependência de comunicação são mais observadas por parte da mãe, que comunica sua insatisfação quando não recebe notícias: “Que decepção! Já é sexta-feira e não tivemos notícias suas! [...] gostaríamos de saber como você está. Mais uma vez, estamos todos esperando dia após dia... Talvez um dia consigamos nos acostumar” (2012, p. 339)<sup>215</sup>. Nesta situação específica, Simone Weil estava em Bourges e não escrevia há dez dias, onde passou um período ensinando em um Liceu para meninas e em contato com a fábrica de Rosières. Um dia depois da carta materna, enviou sua resposta, na qual é possível identificar as preocupações maternas com a organização de sua vida cotidiana e doméstica:

Minha querida Mime<sup>216</sup>. Estive com dores de cabeça, por isso não escrevi. Agora estou melhor. A propósito, os comprimidos de *ascéine*<sup>217</sup> não me fazem efeito. Você enviou outros também? Gostaria que você enviasse novos filtros de café. Também chá (do bom) [muito importante]. O biombo não é muito importante; coloque-o na mudança se isso não aumentar significativamente os preços; caso contrário, não (2012, p. 181)<sup>218</sup>.

Essa carta é de 1935, logo após a primeira experiência de trabalho em fábrica de Simone, um período marcado por fadiga e agravamento de suas dores de cabeça. Dois anos mais tarde, em 1937, passou uma temporada na Suíça para tratamento dessas dores. No entanto, o que é importante destacar é o acompanhamento da família, mesmo à distância, das viagens de Simone Weil. Seja para qual destino seus planos a levassem, sua família criava uma estrutura de manutenção, da qual Simone Weil não se afastava, nem rejeitava.

Ainda, a partir das biografias, como a de Simone Pétrement, além da presença constante e obstinada da mãe, Simone Weil demonstrava um total desconhecimento da organização da vida doméstica e isso vinha à tona nas cartas quando estava em viagem. Conforme Pétrement

s'écriront constamment. Selma est presque aussi exigeante que l'était Hermine : à peine reçoit-elle une lettre qu'il lui en faut une autre.'

<sup>215</sup> Ma petite chérie. Quelle déception ! Nous voici vendredi, et aucune nouvelle de toi ! Faute de savoir quoi t'expédier, nous aurions voulu au coin en attendant savoir comment tu vas. Enfin, une fois de plus où l'on attend jour après jour... Peut-être un jour réussirait-on à s'habituer.

<sup>216</sup> Mime era como amigos e a família chamavam Selma.

<sup>217</sup> Aspirina.

<sup>218</sup> Ma chère Mime. J'ai été abrutie par des maux de tête, c'est pour ça que je n'ai pas écrit. Maintenant ça va mieux. À propos les cachets ascéine ne me font rien. En avais-tu apporté aussi d'autres ? Je voudrais que tu envoies des nouveaux papiers à café. Aussi du thé (le bon) [très important]. Le paravent n'a pas grande importance ; mets-le dans le déménagement si ça n'augmente pas sensiblement les prix ; sans ça non.

escreveu, neste mesmo período em Bourges, uma vez que Simone Weil dividia o apartamento com outra professora, ela teve que cozinhar, algo que não sabia fazer.

a Sra. Weil enviou à filha uma mala na qual havia não apenas livros e roupas de cama, mas também utensílios de cozinha; e as primeiras cartas que ela escreveu estavam repletas de conselhos sobre como preparar rapidamente certos pratos simples (1976, p. 249)<sup>219</sup>.

Nota-se que Simone Weil aceitava sem maiores problemas a vigilância materna, pois o cotidiano era uma realidade que exigia alguns conhecimentos que Simone não tinha, o que aparece nas trocas de cartas com a sua mãe. Simone Weil não sabia cozinhar, pois sua educação foi próxima à do irmão, ou seja, não teve uma educação tradicional do ponto de vista de uma feminilidade burguesa, como a educação *ménagère*. Mas, a relação não foi de simples aceitação, as tensões estiveram presentes, conforme se depreende da carta a seguir, na qual Simone, em tom de indignação, assim se expressou:

A insinuação imunda de que eu teria escrito apenas por umas moedas me leva, indignada, a uma resolução extrema: escreverei para vocês todos os dias até que me apresentem desculpas formais – roubando tempo do meu sono e tirando 10 moedas da minha comida. Entendido? (2012, p. 175)<sup>220</sup>.

A parte inicial da carta de Selma, à qual responde Simone, está cortada e o texto não apresenta a insinuação referida, por isso não podemos reproduzir aqui o que Selma teria escrito para despertar a indignação da sua filha, mas a passagem citada aponta as nuances da relação. Para viver seus propósitos, não questionados pelos pais, Simone Weil se impunha diante deles em momentos como esse ou em outros, quando escondia informações que poderiam preocupá-los. No entanto, ela dependia da estrutura familiar, seja pelos afetos, seja pelo apoio material para seguir sua trajetória intelectual e filosófica. Suas viagens dependem dessa relação familiar e da constância dos cuidados da mãe. Selma era a presença à distância que organizava o cotidiano e viabilizava a vida prática da filha onde ela estivesse, e ia ao seu resgate quando em estava em risco.

A ausência de referências práticas e comportamentais ao gênero por parte de Simone contou com a presença da mãe para a viabilidade de suas escolhas; uma mulher que exercia a maternidade e a prática tão associada com a feminilidade burguesa para executar ou auxiliar

<sup>219</sup> Mme. Weil sent her daughter a suitcase in which were packed not only books and linen but also kitchen utensils; and the first letters she wrote her were full of advice on how to prepare certain simple dishes quickly.

<sup>220</sup> L'insinuation immonde selon laquelle je n'aurais écrit que pour les rondelles me porte, dans mon indignation, à une résolution extrême : je vous écrirai *tous les jours* jusqu'à ce que vous m'ayez fait des excuses formelles – en prenant le temps sur mon sommeil et les 10 ronds sur ma nourriture. Compris ?

em tarefas do âmbito doméstico e organizacional de seu dia a dia e de suas viagens. Dessa forma, Selma estabeleceu uma relação de gênero com sua filha, simétrica à relação entre esposa e marido, entre mãe e filho, liberando a filha Simone sem gênero para a vida ativa no mundo.

Além disso, atentar para a maneira com que Simone Weil lidava com as minudências do cotidiano, isto é, conhecer as escolhas práticas do seu dia a dia e as condições materiais de vida e de deslocamento, revelam a ambiguidade das tentativas de ruptura com a sua classe social<sup>221</sup>, já que ela não ocorreu por completo. Manteve-se a presença da família provedora de segurança e algum conforto na vida dissidente de Simone Weil. Só podemos entrar no terreno da especulação ao pensar como seria a sua resistência sem o amparo da família, mas sem especulações, a documentação privada é reveladora das ambiguidades e de como Simone necessitou de sua família, mesmo que a contragosto, algumas vezes.

Destacamos o relato de André Weil sobre a influência de Selma na experiência de Simone, presente em seu livro de memórias e no de sua filha, Sylvie Weil. Em *The apprenticeship of a Mathematician*, de 1991, André teve como objetivo escrever a respeito de sua trajetória como matemático até o final da década de 1940. No entanto, relatou vários eventos de sua vida familiar, interligados às suas inquietações e ações como matemático, por isso, mesmo sem o objetivo de se concentrar na vida de sua irmã ou na relação entre irmãos, apresenta algumas das experiências compartilhadas. Ele escreveu que a mãe, “enérgica e apaixonada”, não media esforços em sua dedicação incondicional à família, “em torno da qual ela criou um círculo mágico (do qual, felizmente, consegui escapar antes que fosse tarde demais) (1992, p. 18)<sup>222</sup>.

Em outro momento, em conversa com o jornalista Malcolm Muggeridge, André lembra da postura de Simone diante da mãe, “exceto quando considerava que ia contra imperativos essenciais, esforçava-se por manter a mãe na ilusão de que era realmente sua propriedade” (2012, p. 16)<sup>223</sup>. Em *Chez les Weil* (Na casa dos Weil<sup>224</sup>), lembranças sobre a relação entre a

<sup>221</sup> Vale lembrar que em relatos como o de Simone de Beauvoir em suas *Memórias*, a perspectiva apresentada sobre Simone Weil é de certa estranheza diante de suas ações, mas reconhecendo-a como uma intelectual que abandonou seus privilégios de classe, inclusive, compartilhando seus ganhos com os operários (BEAUVOIR, 2010, p. 131). Essa conhecida imagem de Weil, bem difundida, desconhecia ou desconsiderava as nuances que se colocam neste ponto de nossa investigação, uma aproximação com o fazer cotidiano da sua vida intelectual e as ambiguidades na relação com a família, a classe e o gênero.

<sup>222</sup> Energetic, passionate even in the slightest of her impulses, and capable of unlimited devotion to her family, around whom she drew a magic circle (which, fortunately, I was able to escape before too long).

<sup>223</sup> Sauf lorsqu'elle estimait que ça allait à l'encontre d'impératifs essentiels, sa sœur s'efforçait d'entretenir sa mère dans l'illusion qu'elle était véritablement sa chose.

<sup>224</sup> Apesar do livro não ter edição em português, Leda Cartum traduziu o título do livro para *Na casa dos Weil* em sua matéria para a Revista Piauí, “Uma companhia incômoda”, de julho de 2025.

mãe e os filhos são evocadas, a partir da perspectiva de André, reelaboradas por Sylvie, sobrinha de Simone:

Bernard e Selma queriam me criar, ou pelo menos que meus pais me dividissem com eles. Meu pai achava, com ou sem razão, que sua mãe havia criado em Simone uma necessidade da mãe e que Simone havia morrido por causa disso. Ele se empenhou em cortar em mim essa “necessidade de Mime”, que ele temia como algo prejudicial (2009, p. 146)<sup>225</sup>.

Nesta interlocução das memórias de André e de Sylvie, não encontramos Selma, somente as interpretações com cunho psicanalítico do filho e literário da neta. A mãe está em silêncio, no entanto, as evidências demonstram que Mime exercia o que era considerado no início do século, seja pelos especialistas, seja pela imprensa e a literatura, “a mais nobre das carreiras”. Nas discussões sobre a maternidade, em especial durante a década de 1930, o *Syndicat Professional de la Femme au Foyer* (Sindicato Profissional das Donas de Casa), em suas demandas por salário para o trabalho doméstico, o discurso definia a maternidade como função social “que assegura o equilíbrio das famílias, a saúde dos filhos, a felicidade dos indivíduos e, portanto, a prosperidade da Nação” (SOHN, 2000, p. 131)<sup>226</sup>. Apesar do crescimento do número de mulheres mães assalariadas no século XX e das complexidades entre maternidade, cuidados e trabalho, especialmente pelas mulheres das classes trabalhadoras, predominava a imagem da mãe como sustentáculo moral e afetivo da família e, nos discursos políticos e religiosos, por extensão, como sustentáculo da nação. De acordo com Sylvie, Mime gostaria de continuar exercendo esta função até mesmo com os netos, algo barrado pelo seu pai, André, que responsabilizava a mãe pelo destino de Weil, mais uma vez, reforçando um olhar culpabilizador de André com a mãe<sup>227</sup>.

A aproximação com o contexto familiar de Simone Weil abre possibilidades de compreensão das complexidades de sua trajetória enquanto jovem mulher filósofa, militante e

<sup>225</sup> Bernard et Selma auraient voulu m'élever, ou du moins que mes parents me partagent avec eux. Mon père estimait à tort ou à raison que sa mère avait créé en Simone le besoin d'elle et que Simone en était morte. Il eut à cœur de couper en moi ce "besoin de Mime" qu'il redoutait comme néfaste.

<sup>226</sup> Función social que asegura el equilibrio de las familias, la salud de los hijos, la felicidad de los individuos y, por tanto, la prosperidad de la Nación

<sup>227</sup> Este é um tema a ser aprofundado e analisado de acordo com essas outras memórias, como a de André e de Sylvie (entendendo também as ambiguidades do gênero memorial em relação às possibilidades ficcionais da seleção, esquecimento e registro), no entanto, é interessante notar a possibilidade de André estar apontando uma “falsa” na maternidade de Selma, relacionando a morte da filha à mãe, uma falha de “natureza”, se formos pensar nos discursos que ligam a maternidade ao natural. Algo que vem de uma estereotipação de gênero, culpabilizando a mãe, *mulher responsável pelo cuidado e pela vigilância da família*, por algo que não estava no seu controle. Estudos como o de Elisabeth Badinter em *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1980) nos apresentam a perspectiva da ideia de “instinto materno” que liga a mulher à natureza como justificativa de funções sociais ainda hoje (1980, p. 21).

viajante. Destacar a relação dela com a mãe, em especial, e as reflexões sobre a maternidade pelo gênero, é fundamental para entender as ambiguidades que permitiram as escolhas de Simone como uma pessoa sem gênero. A imagem pública referendada pela memória histórica e política de Simone Weil, é de uma pensadora radical que rompeu com a sua classe e se lançou no mundo. Nesse sentido, a memória histórica de Weil se assemelha muito à memória histórica da biografia dos homens públicos, pensadores, políticos e cientistas. Homens “universais”, pois o gênero era uma experiência da alteridade feminina, de suas esposas, filhas ou secretárias e assistentes. Homens sem classe, embora a classe estivesse implícita em seus espaços, nas redes de sociabilidade e na *physique du rôle*. Destacamos a maternidade de Mime, mesmo sem a sua impressão, pois ela se expressa na atenção e nos cuidados à filha, porque é um terreno instável, seja para seus efeitos nas escolhas de Simone, seja para a memória histórica de uma pensadora radical. Se não demos atenção para a figura paterna é porque ele exerceu um papel secundário na formação e na manutenção dos filhos adultos. Nas correspondências de Bernard com Simone, as cartas eram menos extensas, com breves instruções, concordâncias com a esposa e passagens afetuosas.

Dessa forma, as relações entre Simone Weil e a família, em especial a relação com a mãe, não foram superficiais ou sem significado para a Simone que se lançou no mundo, muitas vezes correndo riscos de vida. Apresentá-las pela memória familiar registrada nas cartas que trocava com a mãe nos períodos de suas viagens, abre novas frentes de análise para a tão reconhecida autonomia e radicalidade de Simone. No entanto, a perspectiva de André a respeito da relação dos filhos e especialmente da sua irmã com a mãe, não implica aqui em tomá-la pela lente psicológica da “mãe castradora”, pois como ele mesmo escreveu, houve um distanciamento de sua parte por suas próprias motivações e desejos que não cabem nesta tese. Ao culpar a mãe e se envolver nos embates sobre o espólio de Simone Weil após a morte, vem à tona uma relação familiar complexa e muito nuançada, tornando-se, portanto, uma perspectiva que ainda requer um olhar mais diferenciado sobre sua trajetória. Trazer essas relações para a nossa análise, tem como objetivo adicionar camadas na compreensão da estrutura familiar e da memória de Simone Weil, tendo em vista que ela não escreveu sobre o tema, somente tangencialmente, como se depreende na leitura das cartas.

Em suas correspondências com a mãe, percebemos como Simone Weil tem dificuldade em lidar com o cotidiano, algo não abordado nos comentários sobre a filósofa, em especial sobre as viagens. Também identificamos seu desagrado quando se sentia encurralada pela

família, como quando exige que os pais peçam desculpas por insinuarem que ela escrevia em troca de dinheiro.

Se nas cartas Simone silenciava a respeito de circunstâncias perigosas das viagens ou sobre seu verdadeiro estado de saúde em situações adversas, outras camadas vêm à tona. A troca de cartas com a mãe revelou as condições inéditas e ordinárias de uma andarilha que não sabia cozinhar, que vivia com fortes dores de cabeça, que não sabia e não queria saber de assuntos relativos ao ordinário, como a organização da casa, por exemplo, ficando ao encargo de sua mãe, que tentava a todo custo exercer sua maternidade à distância, ou seja, o maternar do “gênio”<sup>228</sup> e da “santa”<sup>229</sup>.

A elaboração do discurso hagiográfico nas memórias da mãe<sup>230</sup>, repassadas para a família e nas biografias, como é o caso de Simone Pétrement<sup>231</sup>, são exemplos de uma representação perene da pensadora intocada pelo ordinário do cotidiano e sem as contingências do gênero e da classe social.

#### **4.2 A Alemanha espera num silêncio trágico**

*Para esta transgressão, é preciso uma vontade de fuga, um sofrimento, a recusa de um futuro insuportável, uma convicção, um espírito de descoberta ou de missão (PERROT, 2005, p. 302)*

O movimento está presente na trajetória de Simone Weil desde suas primeiras empregadas para conhecer o mundo. Nos capítulos anteriores tratamos de deslocamentos para abordar

<sup>228</sup> Em *Na casa dos Weil*, Sylvie escreveu: “– Vocês são filhas de um gênio, minha mãe não para de nos lembrar [...]. Sendo um gênio, meu pai obviamente não consegue se lembrar onde fica o açucareiro, os talheres ou a cafeteira, e nem mesmo as palavras que designam os objetos em questão. Quando precisa de uma faca ou de açúcar, André faz um grande gesto com a mão, uma espécie de movimento circular. Às vezes, ele agita as duas mãos” (2009, p. 45). Na versão da edição utilizada: “Vous êtes les filles d’un génie, ne cesse de nous rappeler ma mère [...] Étant un génie, mon père ne peut évidemment pas se souvenir de la place du sucrier, des couverts de table ou de la cafetière, et même pas des mots désignant les objets en question. Quand il lui faut un couteau ou du sucre, André fait un grand geste de la main, une sorte de moulinet. Parfois il agite les deux mains”.

<sup>229</sup> Em outro momento, para falar de Simone Weil, Sylvie escreveu: “Já havíamos transformado Simone em santa e Selma em mãe de santa” (2009, p. 148). Na versão da edição utilizada: “On avait déjà transformé Simone en sainte, Selma en mère de la sainte”.

<sup>230</sup> Ao destacar o caráter da filha como “não casável”, a narrativa sobre suas escolhas de vida dá espaço para uma perspectiva hagiográfica: “‘Senhor, se você tem uma filha, reze a Deus para que ela não seja uma santa’, suspirou Selma Weil na presença de Jean Tortel” (2012, p. 19). Na versão da edição utilizada: “‘Monsieur, si vous avez une fille, priez Dieu pour qu’elle ne soit pas une sainte’, soupire Selma Weil en présence de Jean Tortel (S. P., p. 554). Sans doute Selma et Bernard Weil avaient-ils compris très tôt que Simone était un ‘cas’, et ils sont accommodés de cette fille qui n’était ‘pas mariable’, selon un mot peu désabusé de Mme Weil”.

<sup>231</sup> Pétrement, na biografia, escreveu: “de repente resolvi dizer para os meus pais que ela era uma santa, e quando eu pensei sobre isso mais tarde eu percebi que era verdade” (1976, p. 43). Na versão da edição utilizada: “And one day it just popped into my head to say to them that she was a saint, and when I thought about it later I realized that it was true”.

diferentes perspectivas de nossa investigação. No período de sua formação, ainda na adolescência, quando no espaço do campo junto aos familiares e amigos, ou no período inicial do exílio durante a Segunda Guerra Mundial, o deslocamento faz parte de seu projeto, mesmo que não esteja nas suas reflexões, a produção de seus escritos tem uma íntima relação com os deslocamentos. Para Perrot, toda saída tem a ver com uma recusa (2005, p. 302), palavra que utilizamos em vários momentos para tentar expressar as fricções na elaboração do pensamento-vida de Simone Weil. Entre a recusa e a apropriação, fez sua máxima poesia.

Nos cadernos, percebe-se a visualização dessa criação de si enquanto obra de arte. Mais do que ver, Simone Weil força na ação inventiva da escrita de si, chegando à descrição, ao desapego e à necessidade. Por isso a fricção, pois no corriqueiro dos dias, a criação de si como uma máxima poesia demandou um deslocamento sucessivo, não somente entre cidades e países, mas por diferentes ambientes e espaços sociais. Oriunda de uma família bem estruturada financeiramente, tentou distanciar-se e estabelecer relações com trabalhadores de fábricas, sindicalistas e os comunistas dissidentes. No entanto, a ruptura não foi completa, na proximidade dos dias, outros componentes se colocaram, como a presença da família pelo cuidado e provimento.

O que a família de Simone Weil ofereceu, além da materialidade e dos afetos disponíveis, como o cuidado e a vigilância materna, é um sentido de vida do qual Simone se aproxima e se afasta, continuamente. Ela sai, transgride, recusa, mas retorna. O sentido encontrado em sua família enquanto estrutura é recusado por Weil, que cria novos sentidos para si na estrada, enraizando-se na impermanência, já que não podia ser nem a mulher burguesa, nem a mulher operária. Na impermanência decidiu servir as causas das pessoas comuns e exploradas a partir de sua escrita, de seu pensamento e de sua ação.

**FIGURA 15 – Passaporte de Simone Weil**



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

As viagens para Alemanha, Espanha e Itália ocorreram ao longo da década de 1930 e revelam muitas facetas de Simone Weil. A aventureira intrépida se expressa com liberdade, nova a cada movimento, e apesar de constar em seu passaporte a profissão de “professora”, isto é, uma profissão que retrata sua formação acadêmica, ela conseguiu, em diferentes momentos, credenciais para entrar em outros países como redatora, uma ocupação tão presente em sua vida como a docência. São vários os veículos nos quais publicou seus textos, entre eles destacam-se *Libres Propos*, *La Révolution prolétarienne*, *Critique sociale*, *Feuilles libres de la quinzaine*, *Les Cahiers de “Terre libre”*, *Nouveaux Cahiers*, *Cahiers du Sud*, *L’Effort*, *Le Populaire*, *La Tribune*, *La Tribune syndicaliste des mineurs de Saint-Etienne*, *L’École émancipée*, *Le Libertaire* e *Essais et combats*, revistas, em sua maioria, editadas por sindicatos, militantes comunistas ou intelectuais. Durante e após as suas viagens, publicava nas revistas as suas observações e análises políticas.

Simone Weil realizou viagens de ação, independente de atuar como redatora. Em suas cartas e em outros textos, nota-se que suas motivações ultrapassavam a vontade de conhecer outros lugares, ou mesmo o lazer, sendo para ela uma oportunidade de transformação de si mesma. A viagem para a Alemanha, em 1932, teve motivação política. Simone Weil quis observar os ânimos políticos no país pouco antes da ascensão de Hitler ao poder, em especial para

conhecer e ver a força do nazismo de perto (PÉTREMENT, 1976, p. 129)<sup>232</sup>. A princípio, Simone viajaria com Dr. Bercher, que também escrevia para *La Révolution Proletarienne*, no entanto, ele não conseguiu viajar e Weil acabou indo sozinha. Antes de ir, também conheceu o trotskista Raymond Molinier que, de acordo com Simone Pétrement, “implorou que ela entrasse em contato com o filho de Trotsky, Léon Sedov. Ele disse que Leon estava em grande perigo na Alemanha” (1976, p. 130)<sup>233</sup>. Em carta aos Thévenon, Simone deu indicativos de seus interesses na Alemanha:

Definitivamente irei para a Alemanha. Monatte me recomendou a um amigo em Zurique, B. Ele é membro do partido, embora não siga completamente a linha. [...] Talvez eu até ajude no trabalho ilegal. Você ficará feliz em saber que minha admiração por Monatte cresce a cada conversa que tenho com ele (1976, p. 129)<sup>234</sup>.

Pierre Monatte foi o fundador da Revista *La Révolution Proletarienne* e teve papel fundamental na ida de Simone Weil à Alemanha, a passagem anterior registra esta importância. Também, o seu artigo *A Alemanha à espera*, é publicado em outubro de 1932 pelo mesmo periódico e é destaque da edição, preenchendo a capa com um detalhe importante anterior ao texto “nossas pesquisas na Alemanha”<sup>235</sup>, isto é, Simone Weil foi como correspondente do veículo, conforme imagem abaixo.

---

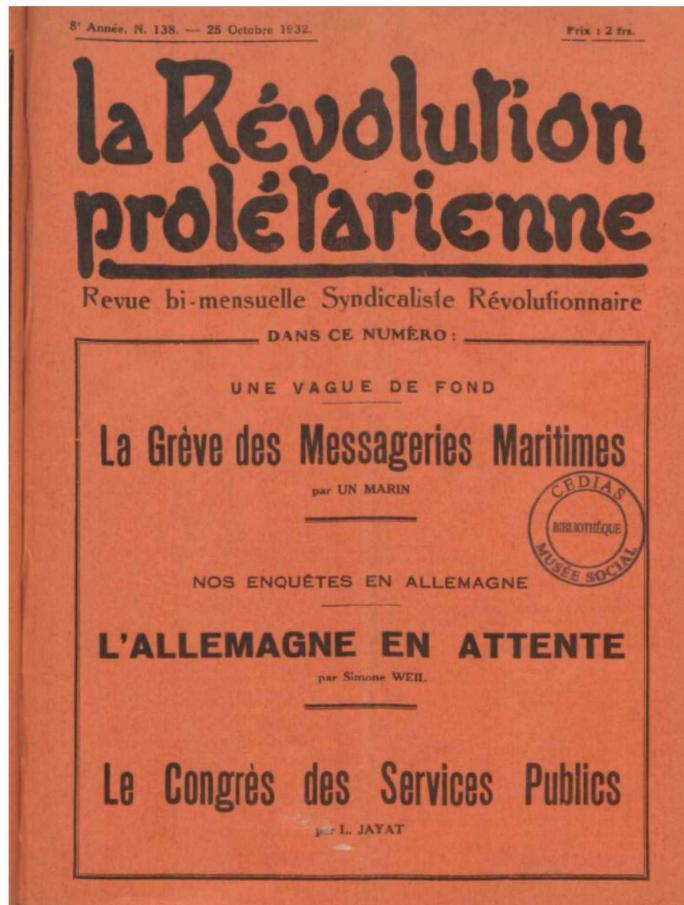
<sup>232</sup> She had decided to go to Germany to try to understand on what the strength of Nazism rested.

<sup>233</sup> He begged her to get into contact with Trotsky's son, Léon Sérov. He said Léon was in great danger in Berlin and needed help.

<sup>234</sup> I'm definitely going to Germany. Monatte has given me a recommendation to a pal in Zurich, B. He is a party member, although he doesn't completely follow the line. [...] I might even help with the illegal work. You will learn with pleasure that my admiration for Monatte grows with each of my talks with him.

<sup>235</sup> Nos enquêtes en Allemagne.

FIGURA 16 – Revista *La Révolution Proletarienne*



Fonte: Biblioteca Digital *Gallica* da Biblioteca Nacional da França.

Quando chegou na Alemanha, dia 30 de julho de 1932, Simone Weil se hospedou na casa de uma família de operários, indicada pelo amigo Nicolas Lazarevitch, um comunista dissidente do regime soviético. Na carta enviada aos pais escreveu sobre sua estadia, indicando dificuldades em ficar na moradia simples da família, pois não queria prejudicar o cotidiano da mãe e de seus três filhos com a sua presença na casa pequena. Por isso, aguardava que uma camarada francesa encontrasse um quarto para ela (2012, p. 126)<sup>236</sup>. Sobre a suas primeiras impressões da cidade é o que segue:

Quanto a Berlim, é atualmente a cidade mais tranquila do mundo. Todos estão em estado de expectativa [...]. Não há absolutamente nenhum sentimento anti-estrangeiro; todos (nas ferrovias, ruas, lojas, bondes, etc.) foram muito gentis comigo. Inspiro muita simpatia, especialmente nos funcionários dos bondes! Veem-se muito poucos hitlerianos de uniforme, e os que se veem mantêm-se tranquilos. Não se esqueça de me dar informações sobre esses famosos lugares

<sup>236</sup> Car il y a deux chambres et une cuisine, et trois gosses, et je dors dans la chambre des parents, de sorte que je craindrais de les déranger.

onde se come bem e barato em Berlim – e também me diga quais são os dois ou três museus mais bonitos (2012, p. 127)<sup>237</sup>.

Apesar de notícias sobre brigas nas ruas e assassinatos já serem comuns na imprensa berlinese da época (1976, p. 130)<sup>238</sup>, os relatos de Simone Weil aos pais mantêm esse teor em todas as cartas. Segundo Pétrement, ela encontrou Léon Séдов “tranquilo em um café” (1976, p. 135)<sup>239</sup>, o que lhe causou surpresa, já que estavam todos preocupados com a sua segurança na França. De acordo com Pétrement, Séarov pediu que Simone levasse uma mala com documentos e papéis para um mineiro, em Charleroi, na Bélgica, o que Weil fez e descreveu numa carta aos Thévenon após chegar em Auxerre, onde foi professora em um Liceu. Nesta mala “existia um caderno, no qual, para cada uma das principais cidades alemãs, ele havia escrito a lista de trotskistas que moravam lá, juntamente com seus endereços” (1976, p. 135)<sup>240</sup>. O trabalho ilegal, descrito por ela para o casal Thévenon antes da viagem, talvez venha exatamente deste encontro com o filho de Trotsky<sup>241</sup>.

No entanto, esta foi uma atividade isolada em sua viagem, já que vinha de um pedido do amigo Raymond Molinier. Nas outras semanas, deu sequência ao seu objetivo de acompanhar o que saía nos jornais alemães, os trabalhadores e militantes locais e entender o nazifascismo para, então, produzir seu trabalho a partir do que considerava mais importante: “pensar e escrever depois de uma experiência viva” (2012, p. 125)<sup>242</sup>. As cartas seguintes aos pais trazem novos detalhes do seu cotidiano e de suas observações, deixando evidente o seu desejo de registrar que não estava em perigo: “politicamente, tudo continua tranquilo”<sup>243</sup>; “não se discute política”<sup>244</sup>; “esses sentimentos antisemitas e nacionalistas não aparecem de forma alguma nas relações pessoais” (2012, p. 127-129)<sup>245</sup>.

---

<sup>237</sup> Quant à Berlin, c'est en ce moment la ville la plus calme du monde. Tout le monde est dans un état d'expectative [...]. Absolument aucun sentiment anti-étranger ; tout le monde (chemins de fer, rue, magazins (sic), trams, etc.) a été très gentil avec moi. J'inspire notamment beaucoup de sympathie aux types des tramways ! On voit fort peu d'hitlériens en uniforme, et ceux qu'on voit se tiennent tranquilles. N'oubliez pas de me donner des renseignements sur ces fameux petits endroits où on mange bien & pas cher à Berlin – & de me dire aussi quels sont les deux ou trois plus beaux musées

<sup>238</sup> Hitler was not yet in power, but it already seemed that he would be in power soon. In Germany there were often assassinations and street fights.

<sup>239</sup> Simone made an effort to get in touch with Leon Sedov. She found him calmly seated in a cafe, very surprised that people were anxious about his safety.

<sup>240</sup> It contained, among other things, a notebook in which, for each of the main German cities, he had written the list of Trotskyists who lived there, along with their addresses.

<sup>241</sup> Neste período, Trotsky estava exilado na Turquia.

<sup>242</sup> Penser et écrire d'après une expérience vécue.

<sup>243</sup> Politiquement, tout est toujours tranquille.

<sup>244</sup> On ne discute pas politique.

<sup>245</sup> Mais encore une fois ces sentiments, antisémites et nationalistes, n'apparaissent pas du tout dans les rapports personnels.

Selma e Bernard Weil pensaram que Simone teria a companhia do Dr. Bercher na viagem a Berlim, no entanto, quando perceberam que não era a realidade, decidiram que iriam encontrar-se com ela. Ao informarem a decisão, ela respondeu aos pais que estava muito ocupada na cidade, mas que se eles permanecessem em algum lugar próximo, não haveria problema (2012, p. 130)<sup>246</sup>. Eles se dirigiram para Hamburgo até que Selma se encontrou com Simone, pois Bernard teve que retornar a Paris. Para manter sua autonomia, Weil tentava dissuadir os pais a não lerem os jornais, pois acreditava que poderiam se alarmar frente à situação (2012, p. 130)<sup>247</sup>.

Entre as cartas e os artigos, em especial *A Alemanha à espera*<sup>248</sup>, Weil refletiu sobre a calma percebida em Berlim. Aos pais, escreveu o seguinte trecho: “nada diz que estamos em uma situação particular, senão esta calma, que é, em certo sentido, trágica” (2012, p. 127)<sup>249</sup>, reflexão que foi replicada no início do artigo, publicado em outubro de 1932:

Quem, neste momento, vem da França e chega à Alemanha, tem a sensação de que o trem o levou dum mundo a outro, ou antes, de um retiro separado do mundo para o verdadeiro mundo. Não que Berlim seja, de fato menos calma que Paris; mas a própria calma, aqui, tem algo de trágico (1932, p. 197)<sup>250</sup>.

A calma antes da tempestade é como Simone Weil descreve aqueles momentos na Alemanha, imprimindo um tom trágico em sua escrita autobiográfica e nos seus artigos. A troca de correspondências neste momento é um espaço de esboço para os seus pensamentos com os seus interlocutores mais próximos. O que apresenta a sua flexibilidade de articulação intelectual com os pais, embora escondesse possíveis dificuldades e perigos (como era comum em sua relação), não tinha problemas em expor suas opiniões e análises políticas, pois existia essa abertura para o compartilhar de ideias.

---

<sup>246</sup> Quant à ce que vous veniez à Berlin, je ne sais pas que vous dire... J'ai payé ma chambre ici pour jusqu'à la fin du mois. Et bien entendu je suis assez occupée, circuler à Berlin étant terriblement long. Mais si vous trouvez près de Berlin un endroit agréable, bien entendu ça me ferait plaisir de vous avoir à proximité.

<sup>247</sup> Je vous supplie, ne vous affolez pas à la lecture des journaux ! Quand je pense combien paraît (sic) ridicule ici les recommandations faites à Paris même par des types expérimentés ! Sincèrement, je me sens dans une complète sécurité.

<sup>248</sup> A tradução utilizada é de Therezinha Gomes Garcia Langlada, do livro *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*, organizado por Ecléa Bosi (1996). No entanto, nas notas estão os trechos da publicação de 1932, em francês.

<sup>249</sup> Rien ne dénote une situation particulière, sinon ce calme même, qui est, en un sens, tragique...

<sup>250</sup> Celui qui, ces temps-ci, venant de France, arrive d'Allemagne, a le sentiment que le train l'a amené d'un monde à un autre, ou plutôt d'une retraite séparée du monde dans le monde véritable. Non pas que Berlin soit en fait moins calme que Paris; mais le calme même a là-bas quelque chose de tragique. Tout est en attente.

Ter ido à Alemanha para pensar e escrever, fez toda a diferença na concepção de seu pensamento, pois o contato com os trabalhadores fez Simone Weil entender o impacto da vida subalternizada diante da ameaça fascista:

Essa vida de ociosidade e de miséria, que priva os operários de sua dignidade de produtores, que subtrai aos operários especializados sua habilidade, e aos outros toda oportunidade de se tornarem hábeis em qualquer setor, essa vida, na qual se cria, depois de dois, três, quatro anos, uma aflitiva habituação, não prepara ninguém para assumir todas as responsabilidades de uma nova economia (1996, p. 200)<sup>251</sup>.

Ao perceber o ânimo e as condições dos trabalhadores alemães, Simone Weil pouco crê na iminência da revolução, onde somente uma “consciência aguda de que não há outra saída possível” (WEIL, 1996, p. 200)<sup>252</sup> levaria ao abandono do fascismo. Na condição em que os trabalhadores se encontravam, não havia espaço para a organização política em sua perspectiva. A relação entre subalternização e a organização foi aprofundada em seu período de fábrica, quando deixa a posição de observadora para trabalhar na fábrica como operária por um período. Lá, compreendeu que o pensamento é afetado pela fadiga extrema do corpo, causada pelos movimentos repetitivos e pelas longas horas de trabalho, impedindo a criação e a manutenção da cultura política entre os operários.

Ainda que Weil não fosse uma militante comunista ligada ao partido, ela ficou ao lado dos dissidentes do bolchevismo soviético e, ainda mais, dos movimentos sindicais; sua posição antifascista é indiscutível. Simone Weil fez parte de uma geração que identificava em Hitler a guerra “e, após 1933, poucos julgavam possível evitá-la por muito tempo” (HOBSBAWM, 1987, p. 266). Neste mesmo artigo ela o associou ao massacre organizado, à supressão de toda liberdade e de toda cultura (WEIL, 1996, p. 214)<sup>253</sup>.

A chamada aliança antifascista europeia teve acentuada força política na década de trinta, reunindo movimentos não só de esquerda e comunistas, mas “qualquer pessoa, tendência, organização ou Estado que, por qualquer razão, estivesse disposto a resistir ao fascismo e às potências fascistas” (HOBSBAWM, 1987, p. 269). Portanto, apesar da dificuldade de enquadrá-la em partidos ou ideologias políticas, Simone Weil tinha um lado, o lado dos trabalhadores,

<sup>251</sup> Cette vie d'oisiveté et de misère, qui prive les ouvriers qualifiés leur dignité de producteurs, ôte aux ouvriers qualifiés leur habilité et aux autres toute chance de devenir habiles à quoi que ce soit, cette vie, à l'égard de laquelle il se produit, après deux, trois, quatre ans, une douloureuse accoutumance, ne prépare pas à assumer toutes les responsabilités d'une économie nouvelle.

<sup>252</sup> Seule peut donner la force de se résoudre à une telle tâche la conscience aiguë qu'il n'y a pas d'autre issue possible.

<sup>253</sup> Or Hitler signifie le massacre organisé, la suppression de toute liberté et de toute culture.

e esteve à sua disposição em conjunto, organizada e de forma autônoma. Uma atitude militante complexa, mas localizada no seu tempo e numa rede de sociabilidade antifascista. Na década de 1930, a sua atuação política junto aos sindicalistas, operários e dissidentes comunistas, a distanciou do pacifismo de sua formação com Alain, e essa reflexão tornou-se ainda mais evidente em sua viagem à Espanha.

No artigo publicado, fez uma crítica à intelectualidade francesa e suas discussões nos cafés, “onde cada um discute como se os problemas reais estivessem longe” (1996, p. 197)<sup>254</sup>. Portanto, quanto ao problema do fascismo na França em relação à Alemanha: primeiro destaca o alarmismo, já que não enfrentou problemas em sua viagem a Berlim – como resposta aos pais –, mas em seu artigo, se incomoda com uma postura distanciada do problema, algo que tenta a todo custo não replicar em sua ação militante, já que se coloca em diferentes situações e conflitos com objetivo de conhecer e escrever sobre. Neste período, os intelectuais de esquerda oriundos das classes privilegiadas, tentam encurtar a distância entre eles e a classe operária. No entanto, após a Segunda Guerra, essa aproximação vai definhando, pois muitos retornaram para uma atuação distanciada de intelectuais. Simone Weil não concordava com os valores burgueses e, para ela, o distanciamento era característico dessa posição no mundo, mas não sabemos como seguiria suas atuações após o fim do conflito.

Nesta e em outras viagens que fez na França para viver a experiência de fábrica, a ação militante foi o motor do deslocamento. O estímulo é sair de si, voltar-se às necessidades do mundo. Faz uma viagem em direção ao “povo”, como Michelle Perrot descreveu os deslocamentos de pesquisadoras e militantes oriundas das classes abastadas que se dirigiram aos “bairros pobres das cidades” e, primeiro, conheceram “o Povo, em seguida o Operário encarnando para muitas a figura do Outro” (2005, p. 302).

Simone Weil foi uma dessas pesquisadoras e andarilhas entre os espaços das classes sociais. Para conhecer o povo, pediu para viver na casa de famílias operárias e isso gerou incômodos<sup>255</sup>. Para conhecer o “operário”, ela se tornou um operário por um período. Este artigo masculino “um” não é casual, já que desde o século XIX a identidade operária era masculina, viril, negando a existência das trabalhadoras, que viveram o trabalho com grande precarização

<sup>254</sup> Le domaine des journaux, des élections, des réunions publiques, des discussions dans les cafés, et où les problèmes réels sont ailleurs pour chacun.

<sup>255</sup> É possível identificar nas ações de Weil certo voyeurismo diante das outras classes, chegando a incomodar certos operários por sua insistência em entrar em suas casas para ver e entender as condições em que viviam. De acordo com Robert Zaretsky, uma dessas famílias “ficou, com razão, incomodada pela insistência de Simone Weil em afirmar como a vida deles era injusta e infeliz” (2021, p. 77). No original: “They were rightly annoyed by Weil’s insistence on how unhappy and unrewarding their life was”.

(PERROT, 2005, p. 288). Desta forma, a encarnação da viajante rumo a Berlim, é também uma negação do gênero, uma insistência em negar qualquer sinal ou identificação com a feminilidade, sem lugar entre intelectuais, militantes sindicalistas e operários. Simone Weil esqueceu o gênero em suas reflexões políticas e em seu trabalho intelectual. Esta foi uma escolha política de Simone Weil. O seu silêncio sobre o gênero foi uma resposta e uma ação.

#### **4.3 “Está tudo calmo, não estamos matando ninguém”: de trem para Barcelona**

Seguindo a luta antifascista da década de 1930 e enredada numa sociabilidade intelectual e militante, Simone Weil experienciou a novidade desta década: “laços estreitos com o compromisso político da esquerda” (1987, p. 263). Independente da nacionalidade, no contexto europeu, militantes estavam conectados a uma cultura de esquerda e é por isso que conseguimos encontrar Simone Weil estabelecendo contatos pelas fronteiras, provenientes de suas amizades no movimento sindicalista e com dissidentes comunistas<sup>256</sup>. O chamado à ação, amplo e internacional, na Guerra Civil Espanhola, entusiasmou muitos desses militantes que se dirigiram à Espanha. Também neste momento, os pais de Simone Weil decidiram acompanhá-la, mesmo diante de suas súplicas para não se preocuparem. Segundo Pétrement, sindicalistas conhecidos de Weil, ao conversarem com seus pais, aconselharam que seguissem a filha, já que consideraram um erro<sup>257</sup> ela ter ido à Espanha sozinha (1997, p. 267)<sup>258</sup>.

Os riscos da viagem para as mulheres, ainda no início do século XX, são vários. A hostilidade e a desconfiança vêm de uma moralidade que não aceita que mulheres viagem sozinhas, antecipando que elas iriam cometer erros, dando a ver a desconfiança que as mulheres inspiravam. A passagem citada da biografia faz parte dos inúmeros relatos concedidos por Selma Weil à Simone Pétrement. Reconstruindo a trajetória da filha a partir de sua memória, fazer algo “bobó” faz parte de todo um estereótipo alimentado sobre a inadequação de Simone Weil, um traço presente em toda a biografia. Uma inadequação que a desconecta do mundo para elevá-la à santidade, como percebemos na organização da memória da filha pela mãe. Não obstante, a

<sup>256</sup> Um exemplo de fundamental importância foi sua amizade com Boris Souvarine, fundador da revista *La Critique sociale* e dissidente crítico da política bolchevique. Souvarine apresentou Weil a Auguste Detoeuf, o diretor da primeira fábrica onde trabalhou, a Alsthom. O laço com Souvarine, assim como o casal de sindicalistas Urban e Albertine Thévenon, se transformou numa fraterna amizade.

<sup>257</sup> Como esta biografia foi escrita também a partir de relatos da família, nesta passagem Simone Pétrement não aponta nenhuma fonte, apenas abre aspas para a fala. Possivelmente é uma lembrança de Selma e/ou Bernard Weil ali registrada. Portanto, é uma construção da memória já com as informações do que veio a acontecer, o acidente de Simone Weil na Espanha. Esta organização da narrativa não é tomada como verdadeira, mas como uma perspectiva de um relato pessoal.

<sup>258</sup> The trade unionists approved of their idea: “She will do something silly; you should follow her”.

relação com a santidade de Simone Weil é mencionada por outros familiares e esteve presente nos relatos de seus amigos.

Buscamos agora um outro caminho, o da afirmação de sua autonomia pela decisão de ir até a Espanha e à Guerra Civil. Associar este movimento a algo “bobó” tem uma forte conotação de gênero, pois a experiência da viagem e da militância já existiam, mas ir para um país em guerra civil não era algo que mulheres devessem fazer; guerra era algo da esfera dos homens e da virilidade. Ainda que Simone Weil se distanciasse do gênero, em relatos e na principal biografia sobre sua vida, um fantasma de inabilidade persiste de forma ambivalente, na maior parte das vezes como traço de sua inteligência e diferença das outras mulheres, mas também como um traço que a distanciava da condição humana. Um incômodo que também aparece como um fantasma nesta tese.

Mais uma vez, foi a ação que moveu Simone Weil a atuar junto aos republicanos espanhóis na guerra. Com uma credencial de jornalista, conseguiu entrar na Espanha. A preocupação de amigos e familiares cresceu diante de sua decisão, mas para Simone Weil – como para outros e outras militantes –, não havia outro caminho senão o do enfrentamento. Simone Weil escreveu uma carta a George Bernanos<sup>259</sup>, em 1938, sem conhecê-lo, após ler o livro *Les Grands Cimetières sous la lune* (1938), com objetivo de compartilhar sua experiência desse tempo na Espanha em conexão com o livro:

Quando percebi que, apesar dos meus esforços, não conseguia deixar de participar moralmente dessa guerra, ou seja, torcer todos os dias, todas as horas, pela vitória de uns e pela derrota de outros, disse a mim mesma que Paris era para mim a retaguarda e peguei o trem para Barcelona com a intenção de me alistar<sup>260</sup>.

A construção de sua memória sobre o momento de decisão está ligada às reflexões sobre a necessidade. Também, sobre uma incapacidade de permanecer imóvel diante dos acontecimentos do seu tempo. A organização de seu pensamento, seja na escrita epistolar, nos cadernos e até mesmo nos artigos, demonstra o interesse pelo deslocamento. Quando escreveu sobre a Alemanha no periódico *La Révolution*, falou de uma consciência aguda que não vê outra saída,

<sup>259</sup> Escritor católico e antimoderno, associado à emergência de uma neocristandade no início do século XX (LIG-NANI, 2020, p. 238).

<sup>260</sup> Quand j'ai compris que, malgré mes efforts, je ne pouvais m'empêcher de participer moralement à cette guerre, c'est-à-dire de souhaiter tous les jours, toutes les heures, la victoire des uns, la défaite des autres, je me suis dit que Paris était pour moi l'arrière, et j'ai pris le train pour Barcelone dans l'intention de m'engager. (Carta consultada no Fundo Simone Weil, na BnF).

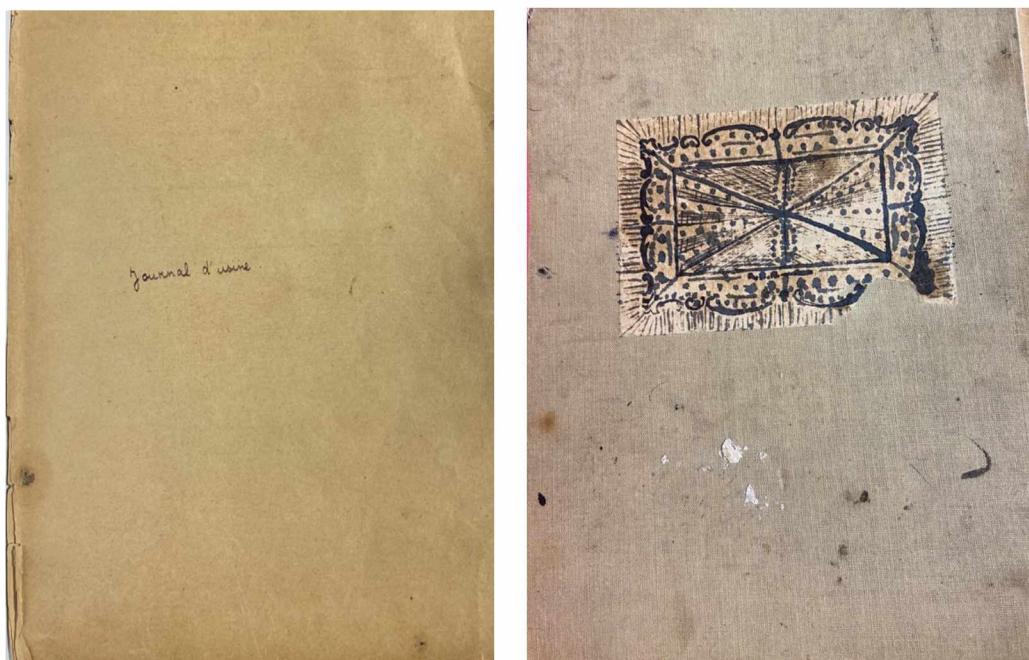
senão o movimento, o encontro com o que pulsa de mais urgente em seu tempo e espaço. Há uma perspectiva de mundo posta em jogo, como ela mesma expressou na passagem anterior: estava *moralmente* envolvida. A moralidade aqui é a da militante e revolucionária, que leva à ação, sendo a permanência e a paralização diante de uma necessidade algo secundário e a ser evitado. O que nos remete mais uma vez à vida enquanto escândalo da verdade, percebida na ética militante por Foucault (2011, p. 162-163). Apesar de não analisar cuidadosamente o século XX, em especial o período de Weil, Foucault nos auxilia a fazer esta conexão com o estilo de vida manifesto enquanto verdade da vida militante de Weil, sobretudo em sua disposição para se colocar no movimento dos conflitos de seu tempo como um corpo que escancara a necessidade de agir.

Ser vista como a mulher de uma vida trágica, como a “virgem vermelha” ou como a “santa” estranha ao mundo, corrobora com a ideia de um escândalo manifesto em vida. Como entendê-la senão criando significações ao deslocamento? No entanto, conforme Foucault em sua análise sobre o cinismo e suas continuidades em modos de vida, existe uma ética ordinária presente nos estilos de vida revolucionários. De alguma forma, percebemos uma ambivalência quando pensamos em Simone Weil e no seu tempo, pois houve muitos militantes, em especial das classes baixas, que não passaram por este processo de construção da memória de elevação moral pelo qual passou a nossa autora. O importante era fazer e estar em ação, segundo a reflexão de Weil sobre a notoriedade. No entanto, havia uma rede por trás de Simone Weil que, após a sua morte, não teve pretensão alguma de esquecê-la e deixá-la entre tantos militantes anônimos. Viver o escândalo de suas próprias verdades não era uma opção para aqueles que entendiam as urgências do seu tempo. Até mesmo por isso, não agir não era uma opção para Weil, que persistiu nessa decisão até seus últimos dias. Ou seja, mais uma vez podemos conectá-la a uma rede de ação.

Em seu período na Espanha, Simone Weil decidiu escrever um diário no formato clássico, marcando os dias, assim como fez durante o seu período de fábrica. O caderno do diário de fábrica é do mesmo modelo dos analisados no capítulo anterior, mas com essa inscrição na primeira página (*Journal d'usine*, diário de fábrica, conforme imagens abaixo). Por serem eventos diferentes, o material diarístico produzido nas duas situações, fábrica e Espanha, também é distinto. O objetivo era escrever o máximo que conseguisse sobre a experiência na Espanha, já que organizou um diário para isso, como fez anteriormente. Quando escrevia diários, dava importância ao impacto da experiência em si mesma. É o que identificamos no diário de fábrica e no diário da Espanha; passagens com uma tentativa de reintegrar os dias, acompanhar os

acontecimentos no tempo e anotar informações sobre si e sobre as outras pessoas. O que move a escrita desses diários é sua inserção nestes espaços e acontecimentos. Tinha consciência sobre a importância do diário, já que diferenciava e escolhia entre os gêneros e formas, conforme seus objetivos e momentos de vida. O diário como um espaço para anotar observações e para registrar informações.

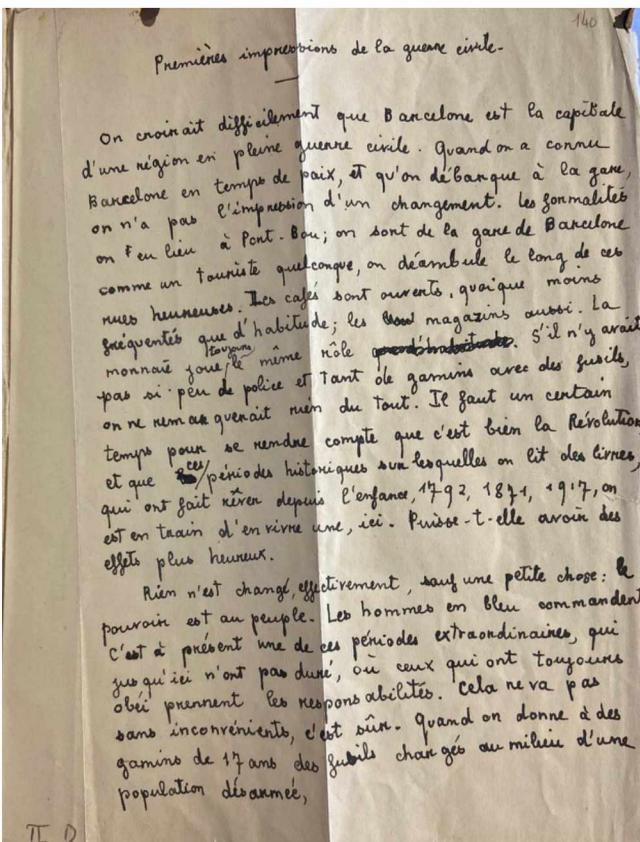
**FIGURAS 17 E 18 – Diário de fábrica, 1934-1935**



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

O diário da Espanha é curto porque Simone Weil teve breves momentos de escrita e ficou pouco tempo no país. Chegou em Barcelona dia 8 e no dia 20 de agosto sofreu um grave acidente, onde parte da perna esquerda foi queimada após cair accidentalmente num caldeirão de óleo fervendo. Portanto, são poucos os seus dias no *front*. A primeira página do caderno está fora do formato diário, no entanto, apresenta suas primeiras impressões da Guerra Civil.

FIGURA 19 – Diário da Espanha, 1936



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

A primeira frase de suas impressões é: “dificilmente se acreditaria que Barcelona é a capital de uma região em guerra civil” (1996, p. 179)<sup>261</sup><sup>262</sup>. A apresentação da cidade ocorreu da mesma forma nas três primeiras correspondências aos pais, com exceção da terceira e do detalhe que já evidenciava o contexto inédito de guerra: “Está tudo bem [...] Tempo magnífico. Está tudo tranquilo”<sup>263</sup>; “Perfeito – calma completa”<sup>264</sup>; “Tudo bem – Está tudo calmo – Não estamos matando ninguém”<sup>265</sup> (não sabemos exatamente o tom desta última frase, já que Simone Weil não contou aos pais seus verdadeiros planos de ir ao *front* nessas cartas) (2012, p. 192-193). No dia 10 de agosto, repete a fórmula utilizada em Berlim, de que estar no país em conflito era mais tranquilo do que permanecer em casa: “aqui estamos muito menos ansiosos (eu inclusa) do que estávamos em Paris. Este período já está me fazendo bem” (2012, p. 195)<sup>266</sup>.

<sup>261</sup> Tradução disponível na organização de Ecléa Bosi.

<sup>262</sup> On croirait difficilement que Barcelone est la capitale d'une région en pleine guerre civile.

<sup>263</sup> Tout va bien, sauf qu'il n'y a pas de correspondance pour Barcelone. Il faut attendre 2h – Temps magnifique. Tout est calme. *Salud!*

<sup>264</sup> Parfait – calme complet – Simone.

<sup>265</sup> Chère fam[ille]. Ça va – Tout est calme comme tout – On ne tue personne. Je n'ai pas encore d'adresse ferme. Je vais bien – Pas de maux de tête – Je vais passer quelques jours à étudier la production socialisée. *Salud!*

<sup>266</sup> On est infiniment moins angoissé ici (moi aussi) que je l'étais à Paris. Ce séjour me fait déjà du bien.

As correspondências dos pais não sobreviveram, mas Simone Weil já tentava convencê-los de não irem à Espanha:

É a mesma Barcelona que conhecemos. [...] Além disso, a passagem da fronteira vai ficar mais difícil — parece que não precisamos de médicos. Descansem na costa francesa e considerem-me como alguém que está se recuperando tranquilamente em um clima agradável. Continua sendo um país incrível. Mas deixo os detalhes para quando eu voltar. Se houver informações sensacionalistas na imprensa francesa, não acreditem nelas (2012, p. 194)<sup>267</sup>.

Os pais desconfiavam que Simone não se contentaria em ser uma “simples” observadora do conflito e até ofereceram o trabalho de Bernard como médico para poderem ficar juntos da filha. E estavam certos, pois enquanto enviava os breves telegramas e cartões postais com recados apaziguadores, Simone Weil tentava a autorização para entrada em zona de controle franquista. Conforme Pétrement (1987, p. 272) escreveu, primeiro ela tentou encontrar Julián Gorkin, líder socialista do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM)<sup>268</sup>, contato que iniciou através de Boris Souvarine. Quando encontrou Gorkin e contou seus planos – que incluíam procurar o cunhado de Boris Souvarine, Joaquín Maurin, que estava desaparecido – Gorkin não concordou. Mesmo com os argumentos de Simone Weil, não foi possível conseguir a sua ajuda, pois considerou a atitude um autossacrifício, ou como diria a sua mãe, um erro “bobo”. Depois da negativa, juntou-se aos jornalistas e foi até Pina de Ebro, em Saragoça, onde se encontrou com o Grupo Internacional da Coluna Durruti, composto majoritariamente de anarquistas, conseguindo, finalmente, a autorização para acompanhá-los. Portanto, a descrição de tranquilidade e redescoberta da cidade que fez aos pais, foi uma invenção para desencorajá-los a encontrá-la.

Como logo em seguida ela sofreu o acidente, as cartas escasseiam, contudo, a escrita diarística traz mais detalhes da guerra e do seu corpo nesta situação inédita. Em suas primeiras impressões ao andar por Barcelona, escreveu que “dificilmente se acreditaria que é [...] uma região em guerra”, caso não fosse a presença de “garotos com fuzis” (1996, p. 179)<sup>269</sup>. Sua primeira inscrição no diário é do dia 16 de agosto, domingo: “Durruti em Pina (Guarda civil – guardas de assalto – camponeses. Sevilhano. Discurso de Durruti<sup>270</sup> aos camponeses: ‘Sou um

<sup>267</sup> C'est ici la même Barcelone que nous avons connue. [...] À part ça, le passage de la frontière va devenir plus difficile – On n'a pas besoin de médecins, semble-t-il. Reposez-vous sur la côte française, et considérez-moi comme étant en train de me retaper paisiblement dans un beau climat. C'est toujours un pays épantant. Mais les détails, je les laisse pour mon retour. S'il y a des informations sensationnelles dans la presse française, n'y croyez pas.

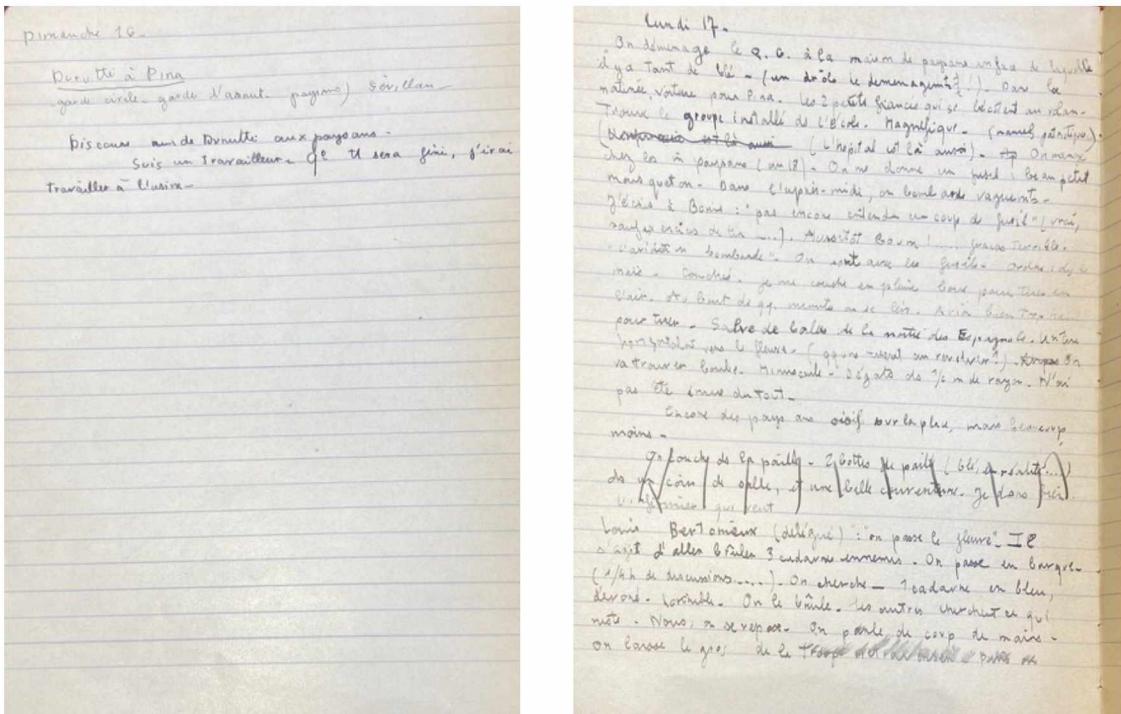
<sup>268</sup> Composto majoritariamente por dissidentes do partido comunista.

<sup>269</sup> Tant de gamins avec des fusils, on ne remarquerait rien du tout. (Diário consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>270</sup> Buenaventura Durruti (1896 – 1936) foi o principal líder dos sindicatos anarquistas catalães.

trabalhador. Quando tiver acabado, vou trabalhar na fábrica" (1996, p. 180). Foi após ouvir este discurso que pediu para juntar-se a eles.

**FIGURAS 20 E 21 – Diário da Espanha, 1936**



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Estas páginas são de dois dias seguidos. Às vezes conseguia escrever mais, outras vezes menos. Não houve regularidade, pois a rotina de ação, caminhando pelos arredores de Saragoça, acompanhada de resistentes já acostumados a carregarem fuzis e rifles, dificultava uma escrita periódica. Simone Pétrement, mais uma vez, retomou a descrição do jeito “desengonçado” de Simone Weil, que não se adaptava a essas situações. Os relatos coletados corroboram com essa visão. De toda forma, a situação de fato era atípica, Simone Weil nunca havia carregado armas ou treinado para usá-las em situação de conflito e, em sua moralidade formada a partir do pacifismo de Alain, sentiu-se impelida a pensar sobre o que isso significava em sua experiência. Mesmo movida pela urgência de seu tempo, como descreveu em cartas sobre este período na Espanha, seu diário dá a ver as questões morais envolvidas na possibilidade de atirar em alguém ou ser morta de repente:

Deitados, à sombra, com os fuzis (não armados). Esperamos. De vez em quando o alemão deixa escapar um suspiro. Ele, visivelmente, tem medo. Eu não. Mas, como tudo ao meu redor existe intensamente! Guerra sem prisioneiros. Se formos pegos, seremos fuzilados. [...] Reconhecimento aéreo. Atirar-se ao chão, Luís berra contra as imprudências. Estendo-me de costas, olho as

folhas, o céu azul. Dia muito bonito. Se me pegam, me matam... Mas é merecido. Os nossos derramam bastante sangue. Moralmente sou cúmplice. Calma completa. Nos reagrupamos – Depois recomeça (1996, p. 182)<sup>271</sup>.

Não podemos esquecer que o diário é uma ferramenta de organização de si, é uma forma de dar sentido aos dias e aos acontecimentos, também é uma fuga, uma maneira de projetar a realidade vivida na realidade escrita. Entre o vivido e o escrito, existe o espaço do inalcançável para quem lê, o espaço da seleção, da tentativa de coerência de si e do que viveu. Percebemos nessa escrita o tom vibrante de sua autoafirmação enquanto presença em conflitos, tão desejada por Simone Weil. Não sentir medo e ver tudo ao redor com toda a intensidade, é uma maneira de reafirmar a sua proposta de vida, a criação de pensamento e escrita a partir de sua ação. Suas frases curtas demonstram as contradições a respeito do conflito, da vida e da morte ali postos, como também o fluxo das ações rápidas e diretas, ou a espera: “esperamos”; “atirar-se ao chão”; “calma completa”. Dessa forma, transportou para a escrita muito do que lembrava, entre a seleção consciente e as escolhas que determinavam a sua subjetividade. Ao descrever o mundo existindo intensamente, reafirmou a sua escolha em estar ali.

Portanto, a sua escrita ganhou outro tom neste diário, é um fluxo corrente entre frases curtas e imediatas e, como se vê nas fotos, a caligrafia é apressada. Não há tempo para detalhes tão comuns em seu trato com as letras. Neste fluxo, seus escritos acompanham o ritmo corporal de quem está no conflito. Reflexões aprofundadas em artigos, ensaios ou mesmo em cartas surgem depois, quando teve mais tempo para pensar sobre a experiência vivida. Esta citação também revela o movimento, como se no momento da escrita, seu corpo ativasse a memória das sensações do acontecimento.

Em 17 de agosto, apenas três dias antes do acidente, escreveu uma reflexão mais longa. Ainda predominam frases curtas e objetivas, mas escreveu para tratar do desenrolar do dia. Anotou que no mesmo momento em que estava escrevendo uma carta a Boris Souvarine, contando que ainda não tinha escutado um tiro de fuzil, escutou o primeiro bombardeio. Não se sentiu comovida, nem com medo. No entanto, a tarefa a seguir foi queimar cadáveres que encontravam pelo caminho: “horrível”. Quando do encontro com uma casa pela estrada,

<sup>271</sup> On s'y couche, à l'ombre, avec les fusils (désarmé). D'attend. De temps à autre, l'Allemand laisse échapper un soupir. Il a peur, visiblement – Moi pas. Mais comme tout autour de moi, existe intensément ! Guerre sans prisonniers. Si on est pris, on est fusillé. Reconnaissance aérienne. Se planquer. Louis gueule contre les imprudences. Je m'étends sur le dos, je regarde les feuilles, le ciel bleu. Jour très beau. S'ils me prennent, ils me tueront.... Mais c'est mérité. Les nôtres ont versé assez de sang – Suis moralement complice – Calme complet. Os se regroupe. Puis ça recommence. (Diário consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

precisavam entrar para saber se alguém vivia ali ou se poderia oferecer perigo. Essa missão faz com que pela primeira vez, entre a angústia e a tensão, senta medo pela primeira e única vez<sup>272</sup>. A palavra “única” está sublinhada. Simone apresenta a oscilação, os sustos e a imprevisibilidade da experiência vivida, onde não há mais controle e o corpo reage ao acontecimento, independente do que seja. O espaço da liberdade burguesa que causava culpa tinha ficado bem para trás.

Simone Weil também anotava comandos para si mesma, “ordens” de como agir naquela situação, como não comer, nem dormir no espaço dos camponeses e obedecer ao técnico militar para evitar discussões violentas<sup>273</sup>. Ainda anotava as conversas que ouvia: “Conversa com os camponeses de Pina”. Em forma de texto, escreveu: “Como eles viviam? [Antes do início do confronto] trabalhavam dia e noite e comiam muito mal. A maioria não sabe ler. As crianças ficavam na praça. Uma menina de 14 anos trabalhava há dois anos lavando roupa. Eles riem muito ao contar tudo isso”<sup>274</sup>.

A sua apropriação da escrita diarística tem como objetivo documentar aqueles dias, mas ela o faz se aproximando, se colocando na escrita. Ela se recusa a ser apenas uma observadora, quer saber o que é estar ali, sentir a experiência da guerra do lado certo – ao passo que analisa e coleta informações sobre “eles”, os trabalhadores e camponeses.

O diário também recusa a impessoalidade. Entre as anotações sobre as outras pessoas, destacava a sua condição, como se sentia diante da exposição às bombas, à violência e à morte. Não recuava diante de sua decisão de estar ali, mas se defrontava com a “urgência”, permitindo que seu corpo e sua escrita fossem impactados por ela. No entanto, não é um diário comum, é um diário de viagem não apenas entre países, pois o diário para Simone Weil parece ser o lugar do deslocamento de sua própria subjetividade, se colocando em diferentes experiências e deixando-se (a)notar as consequências em si mesma. Além disso, tenta alcançar outras pessoas, registrando suas vozes a partir do que ouvia, como viviam e como se comportavam. A tentativa de aproximação deixa ver a distância.

<sup>272</sup> J'écris à Boris: “pas encore entendu au coup de fusil” (Vrai, sauf exercices de tir...) Aussitôt BOUM !... [...] terrible. [...] 1 cadavre en bleu [...] horrible. On le brûle. [...] Cette expédition est la première, la seule fois que j'aie eu peur pendant ce séjour à Pina. (Diário consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>273</sup> Ordres: ne pas manger ni coucher chez paysan. Obéir aux “Technicien militaire”. Discussion violente. [...] Paysan se plaint au type d'Oran (Marque) que les sentinelles s'endorment. (Diário consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>274</sup> Comment ils vivaient ? Travailler jour et nuit et manger très mal. La plupart ne savent pas lire. Les enfants vont en place. Une petite de 14 ans qui travaille depuis 2 ans, fait la lessive (Ils ont un bon rire en racontant tout ça). (Diário consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

**FIGURA 22 –** Simone Weil na Espanha após participação na Guerra Civil Espanhola



Fonte: PÉTREMENT, Simone. Vida de Simone Weil. Madrid: Editorial Trotta, S. A; 1997.

Estamos diante de mais uma viagem de ação, não só pelo cunho político e militante, mas pela própria impossibilidade de permanecer paralisada diante de um conflito ou necessidade. A viagem para a Espanha levou sua urgência ao extremo, ela seguiu ordens e fez breves expedições até que seu corpo sofreu um abalo imenso, encerrando sua participação no conflito<sup>275</sup>. O perigo da viagem era o perigo da guerra e, por isso, o perigo do imprevisível, da violência e do acidente.

---

<sup>275</sup> Em seu livro *A Luta de Classes: uma história política e filosófica*, Domenico Losurdo, de forma inesperada, retoma esse período da vida de Simone Weil e descreve o seu retorno da Espanha como um “desencanto” (2015, p. 333). Neste livro, uma das autoras criticadas é Simone Weil e sua apropriação da luta de classes, classificando-a como “populista”. O que se destaca é dizer que a saída da resistência ao lado dos republicanos foi um desencanto, algo distante do que aconteceu, já que foi afastada pelo acidente. Simone Weil não demonstrou ter sido encantada pelo conflito, chegando a se sentir “moralmente cúmplice” em situações de violência extrema, no entanto, a sua viagem de ação, a permanência e as circunstâncias de seu retorno à França são desconsideradas na passagem do autor.

O corpo em movimento foi uma constante, seja por condições extremas de guerra, seja em busca de trabalho, de descanso ou da descoberta criativa. Como veremos agora, mesmo em suas viagens de descanso, ela acionou a observação ativa, mesclando passeios e visitas a museus com seus interesses intelectuais e políticos. Nesse sentido, a possibilidade de viajar e a condição de viajante foram fundamentais para a experiência de Simone Weil. Em seu fazer filosófico, o deslocamento e a inserção em diferentes lugares, eventos e situações significou um campo de exercício físico, crítico, criativo e espiritual.

#### **4.4 A arte de viajar é apenas um ramo da arte de pensar<sup>276</sup>**

Em 1932, ao seguir de trem para Berlim e depois, para a Bélgica, Weil se envolveu na política operária e na resistência fascista. Não só observou os ânimos, como escreveu, esteve na casa de operários e estabeleceu alianças com trabalhadores e militantes. Também exerceu funções estratégicas de auxílio aos trotskistas naquele momento. A posição audaciosa, de buscar reunir pensamento e ação, se cristalizou na imagem que liga Simone Weil às militantes europeias do início do século XX. Embora não tenha refletido sobre suas viagens como necessárias para a sua ação militante, como fez Emma Goldman em seu livro *Vivendo minha vida* (1931), podemos relacionar essas duas autoras no que diz respeito à importância desses deslocamentos, pois suas vidas são ritmadas “pelas estradas e caminhos [...] para quem as pessoas e a palavra contam mais do que as paisagens” (PERROT, 2005, p. 303).

Em realidade, as paisagens que interessam Simone são outras, são aquelas que impõem um deslocamento de si mesma<sup>277</sup>. Essa perspectiva é evidente em sua viagem à Espanha, em seu desejo de estar no conflito atuando junto a uma rede de intelectuais e militantes de vários países. Apesar de soar distinta, com todos os estereótipos que povoam a sua memória, Simone Weil se situava contextualmente como militante da causa operária. Nesse sentido, além de

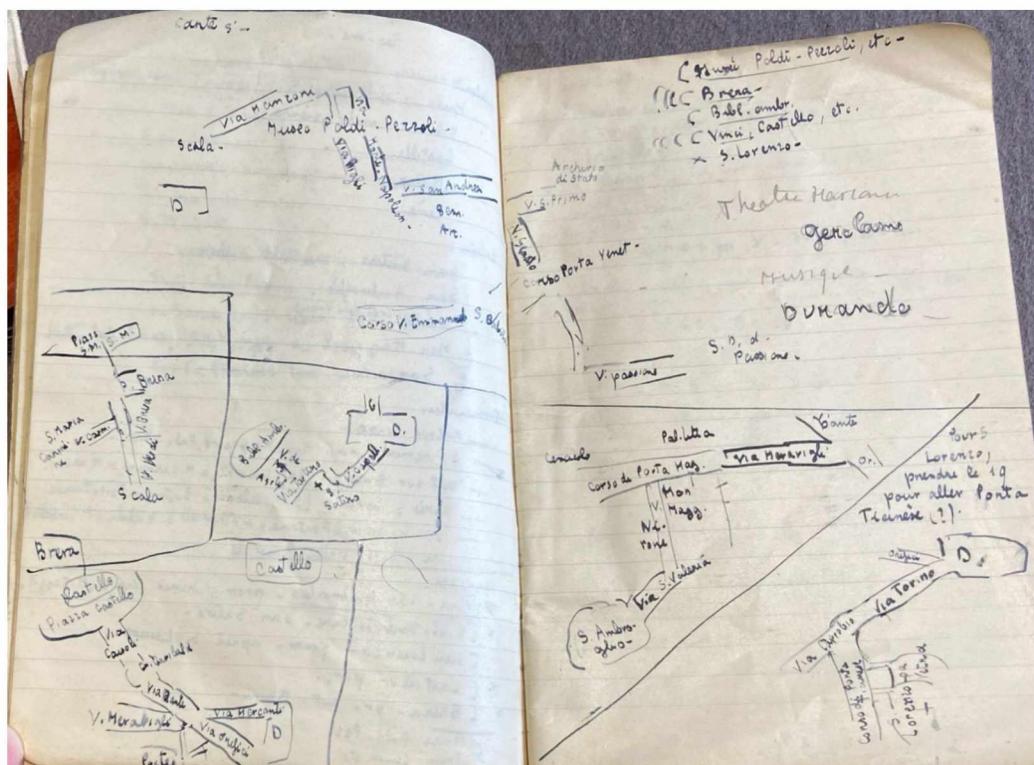
<sup>276</sup> Esta frase é comumente atribuída à Mary Wollstonecraft em suas *Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway and Denmark* (1796). No entanto, não há essa passagem nas cartas. A pesquisadora Mary A. Favret, atribui a frase a ela, mas em suas referências aparece o livro *Letters Concerning the Northern Coast of the Country of Antrim* (1790) de William Hamilton, onde também não encontramos a frase. No entanto, mesmo sem a certeza se Wollstonecraft escreveu a frase, a utilizamos, pois expressa a relação entre a criação de pensamento associada ao movimento da viagem também para Simone Weil.

<sup>277</sup> Vide seu exercício filosófico nos cadernos para retirar-se da paisagem, contemplar uma imagem sem desejar estar nela: “Ver uma paisagem como ela é quando eu não estou. Quando estou em algum lugar, eu maculo o silêncio do céu e da terra com a minha respiração e o batimento do meu coração”. Na versão da edição que utilizamos: “Ver un paisaje tal como es cuando no estoy allí. Cuando estoy en algún sitio, profano el silencio del cielo y de la tierra con mi respiración y los latidos de mi corazón” (2001, p. 631 – Caderno 8 de Marselha, de 1942). Ou retomando a carta aos pais, de 1929: “Você me conhece o suficiente para saber que o que me interessa em uma região não são as pedras antigas ou as belas paisagens” (2012, p. 85). No Francês: “Tu me connais assez pour savoir que ce qui m'intéresse dans un pays, ce ne sont pas de vieilles pierres ni de beaux paysages”.

construir novas perspectivas sobre e a partir das memórias de Simone Weil, procura-se destacar diferentes atuações como viajante. Mesmo em condições políticas, Alemanha e Espanha são viagens distintas, com práticas *in loco* de observação e escrita, de auxílio estratégico e de estabelecimento de alianças, contatos e companheirismos. As funções executadas nessas viagens são muitas. No entanto, Simone Weil fez ainda outros tipos de viagem.

Em 1937, ano seguinte à sua participação no conflito espanhol, Simone Weil seguiu para a Suíça para um tratamento de um mês para as suas dores de cabeça, orientado por seu pai e pelo doutor Eugène Ducray, na Clínica de Moubray. Segundo informações presentes nas cartas, o tratamento consistiu em auto-hemoterapia ( retirada do sangue da veia e reinjeção intramuscular), cocainização e alcoolização (utilizados em terapias para enxaqueca à época). Da clínica em Montana, Simone Weil se correspondeu com os pais e se preparava para a sua viagem à Itália. A primeira carta aos pais é de 26 de abril de 1937, quando estava a caminho de Milão. Este é um período em que se sentiu menos absorvida pelo clima político e social, então, foi uma viagem de prazer para a Itália, pois era uma admiradora das cidades e das artes italianas.

**FIGURA 23 – Caderneta da Itália, 1937**



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Além de seus cadernos e diários, carregava consigo cadernetas para anotações variadas: listas de compras, contatos, lugares para conhecer, rascunhos de poemas e mapas desenhados à mão, como o da imagem acima. Pela inscrição, conseguimos observar alguns de seus interesses em Milão, como o Museu Poldi Pezzoli. Com autonomia financeira e facilidade de deslocamento pelas vias ferroviárias, Simone Weil organizou e executou sua viagem sem grandes dificuldades. Já na Itália, a primeira impressão colocada em carta aos pais chama atenção, pois é lembrada de sua condição de viajante solitária ao ser convidada por uma professora para passar a noite em sua casa. É acolhida por esta família na noite anterior à viagem para Milão, em Stresa. Já em Milão, escreveu aos pais: “o que é delicioso aqui é essa mistura de vida”, pois são “lugares onde se poderia vaguear sem parar” (2012, p. 209)<sup>278</sup>. Nesta viagem, o escapar e o bater pernas de Virginia Woolf se conectam com a experiência de sua contemporânea francesa.

Em *Batendo pernas nas ruas: uma aventura em Londres*, Woolf desdobra-se sobre a abertura e a reinvenção causadas pela andança na subjetividade de mulheres. A separação entre o que significa o “bom cidadão” burguês do início do século XX e as experiências que rompem com esse modo de vida, apresenta características que podem se unir às experiências de Weil. Segundo Woolf: “o bom cidadão, quando abre a sua porta à noitinha, deve ser banqueiro, golfitista, marido, pai; não um nômade vagando pelo deserto, um místico contemplando o céu, um devasso nos antros sórdidos de San Francisco, um soldado à frente de uma revolução” (2014, p. 235-236). Quando cria essa oposição entre os estilos de vida, Woolf revela a heterotopia, outras possibilidades de viver são escritas/imaginadas por Woolf. Simone Weil passeia pelo espaço heterotópico dissidente e a viagem propicia reflexões sobre si somente porque está em deslocamento, batendo pernas sem objetivo aparente.

Escolhemos destacar sua viagem à Itália a partir de uma carta escrita aos pais sobre sua passagem por Assis. Simone Weil tinha uma genuína admiração pela trajetória de São Francisco de Assis, por isso, ao chegar na Itália, vai ao seu encontro: “Quando vi Perugia e Assis, todo o resto da Itália desapareceu para mim [...] Vocês quase me perderam para sempre” (2012, p. 218)<sup>279</sup>. Essa mesma impressão também foi expressa em cartas aos amigos, como Jean Posternak, para quem descreveu o mesmo encanto: “Fiquei deslumbrada com esses campos tão suaves, tão milagrosamente evangélicos e franciscanos, com esses oratórios tão comoventes”<sup>280</sup>.

<sup>278</sup> Ce qui est délicieux, ici, c'est ce mélange de vie.

<sup>279</sup> Quand j'ai vu Pérouse et Assise tout le reste de l'Italie s'est effacé pour moi [...] Vous avez bien failli me perdre pour toujours.

<sup>280</sup> J'ai été ébloui par ces campagnes si suaves, si miraculeusement, évangéliques et franciscaines, par ces oratoires si émouvants. (Carta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

Simone Weil, em seu flanar por Assis, encontrou na escrita epistolar um espaço de invenção sobre si, destacando vários dos seus interesses não só pelo mundo afora, mas pelo mundo desconhecido de dentro<sup>281</sup>.

A uma hora e um quarto de Assis, subindo a montanha, há um oratório, antigo eremitério de São Francisco, que um jovem franciscano, radiante de fé, nos fez visitar. Ao ver a impressão que esse lugar me causava, contou-me a história de uma mulher que, no século XV, havia subido até lá vestida de homem, conseguido ser admitida como franciscano e vivido ali por vinte anos; só depois de sua morte descobriram seu sexo, e a Igreja a beatificou. Se eu soubesse dessa história antes de subir, quem sabe se não a teria repetido? (2012, p. 218)<sup>282</sup>.

A criação sobre si expõe o espaço da subjetividade pela autonomia do pensamento, neste caso ocasionado pela viagem e pelos seus encontros. Repensou seus interesses, os projetos e sua proposta de vida até aquele momento, ligada às causas sociais, políticas e educacionais. Fundamental para nossa perspectiva, repensou seu gênero de forma criativa, e em troca epistolar com os pais, apresentou a ambivalência dessa relação. Encantada com o caminho de um percurso que lhe atraía muito, o de São Francisco, soube da história de uma mulher sem nome que se vestiu de homem e assim viveu para pertencer ao movimento religioso, para adentrar à vida dedicada aos ensinamentos cristãos de Francisco de Assis. Há uma adaptação ao modelo cristão de vida enquanto o gênero se transforma, transgredindo toda a norma aceita sobre os papéis de homens e mulheres. Não há um abandono do gênero, mas uma transformação para acessar novas experiências. Talvez, nessa rara reflexão de Simone Weil aos pais, ela tenha pensado sobre si como mulher e sobre a experiência feminina, vista como limitadora, pois exige a sua negação

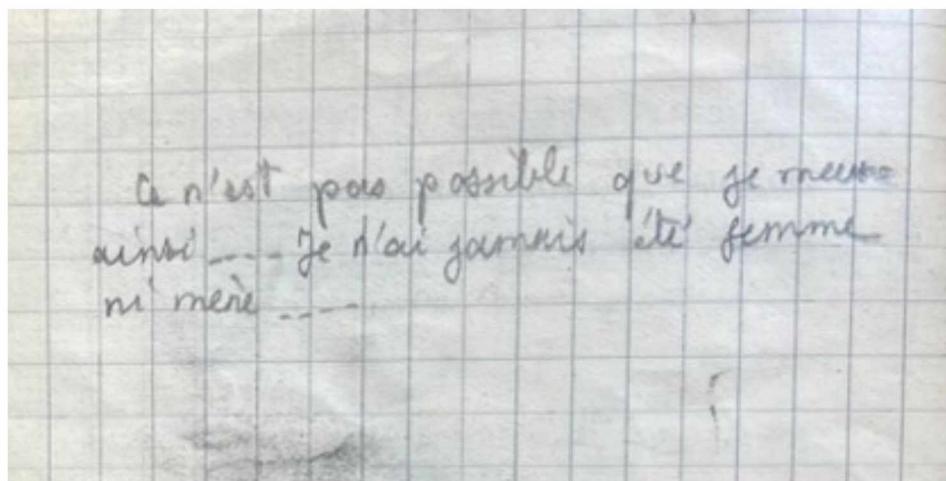
<sup>281</sup> Simone Weil descreveu três experiências místicas em sua vida. A primeira em Portugal, em Póvoa de Varzim, em 1935, logo após o período de fábrica, quando o canto de mulheres de pescadores em procissão a fez sentir com todo o seu corpo (em extrema fadiga) uma tristeza profunda que relacionou ao cristianismo. A segunda aconteceu em 1937, nesta viagem a Assis, não contada aos pais em cartas, quando sentiu pela primeira vez vontade de ajoelhar-se: “na pequena capela românica do século XII [...] alguma coisa mais forte do que eu me obrigou, pela primeira vez na vida, a me colocar de joelho”. A terceira experiência foi em 1938, em Solesme, na França, enquanto acompanhava os ofícios de oração da Páscoa. Ela conheceu um jovem católico que lhe apresentou o poema *Amor*, de George Herbert. Simone Weil decorou o poema e durante uma crise de dor de cabeça violenta recitou o poema com toda atenção e alma: “Eu acreditava estar recitando apenas um belo poema, mas sem meu conhecimento, essa recitação tinha o poder de uma oração. Foi durante uma dessas recitações que, como já escrevi, o próprio Cristo desceu e me tomou”. As duas passagens no original: “Là, étant seule, dans la petite chapelle romane du XIIe siècle [...] quelque chose plus fort que moi m'a obligé, pour la première fois de ma vie, à me mettre à genoux”; “Je croyais le réciter seulement comme un beau poème, mais à mon insu cette récitation avait la vertu d'une prière. C'est au cours d'une de ces récitations que, comme je vous l'ai écrit, le Christ lui-même est descendu et m'a prise”. (Carta ao Padre Perrin, intitulada de *Autobiografia espiritual*, de 1942, consultada no Acervo BnF).

<sup>282</sup> Il y a à 1h 1/4 au-dessus d'Assise un oratoire dans la montagne, ancien ermitage de Saint François, que fait visiter un jeune franciscain rayonnant de foi; quand il a vu l'impression que me faisait ce lieu, il m'a raconté l'histoire d'une femme qui au XVème siècle y était montée habillée en homme, s'était fait admettre comme franciscain, et y avait vécu 20 ans ; après sa mort seulement on a découvert son sexe et l'Église l'a béatifiée. Si j'avais su cette histoire avant de monter, qui sait si je ne l'aurais pas rééditée ?

ou transformação para viver uma nova vida. Algo compreensível, vide sua formação e como os papéis de gênero eram definidos em seu tempo.

No entanto, Simone Weil já corroborava com novas perspectivas sobre o ser mulher no início do século, assim como elaborava críticas sobre a identidade de gênero, seja pelo ser mulher, ou pelo ser homem. Em nossa investigação percebemos uma abertura sobre o próprio gênero, um espaço de indefinição colocado por Simone Weil em passagens breves, mas consistentes, de sua reflexão. Destacar a desgraça da criatura na binariedade de gênero é mais do que uma passagem simples de seu caderno, é um repensar o mundo dentro de si, como aconteceu nesta viagem à Itália. A subjetividade não se restringe à revolução ou somente à insubmissão às regras do seu tempo, ao contrário, o movimento e as oscilações estão presentes, como as dificuldades em ser e existir no mundo e como a busca filosófica pela temperança. Os mistérios de ser e existir se expressam na dúvida registrada numa anotação a lápis, esquecida em meio às pequenas cadernetas: “Não é possível que eu morra assim... Nunca fui mulher, nem mãe”<sup>283</sup>.

**FIGURA 24 – Caderneta**



Fonte: Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Essa frase não possui datação, está numa caderneta onde escreveu sobre vários temas. É visivelmente um rascunho. Foi escrito após 1935, talvez em sua segunda viagem à Itália, em 1938<sup>284</sup>, pois há versos de seu poema “Prometeu”, escrito logo após este período. Nos cadernos, nos diários ou nas cartas, não vemos passagens como essa ou articulações aprofundadas sobre

<sup>283</sup> Ce n'est pas possible que je meure ainsi.... Je n'ai jamais été femme ni mère. (Caderneta consultada no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>284</sup> O caderno no acervo está entre os “Cadernos da Itália”, na caixa “Agendas”.

o tema. Começamos a leitura do gênero em Simone Weil pelo seu silêncio, seguindo este espaço vazio e aos poucos encontramos breves vestígios de uma relação oscilante, sem determinações rígidas, com dúvidas que impõem sobre si a dolorosa e transformadora reflexão sobre ser no mundo.

Os estereótipos são superados quando nos aproximamos de uma escrita autobiográfica que revisita e reescreve aspectos de sua subjetividade. Nessa e em outras viagens, Simone Weil se acostuma com uma solidão e um silêncio liberadores, pois entendia as relações distante da dependência e do domínio, pelo menos é um objetivo em seus cadernos: “aprenda a ficar sozinha com serenidade e alegria”<sup>285</sup>. Sem a dependência, faria de si mesma sua principal companhia. Como consequência, a presença de outra pessoa seria verdadeiramente apreciada quando excluída sua necessidade<sup>286</sup>. Dessa forma, suas andanças e viagens são um movimento de solidão ativa<sup>287</sup> e criação de autonomia através da ação.

Na escrita das margens apertadas dos cadernos, nas cartas e diários, seguimos uma invenção sobre o mundo que acompanhou movimentos dissidentes e localizados na história, contudo, todos passam pela experiência do corpo. Nessa perspectiva de vida, a solidão não é depreciativa, estar sozinha, ser uma viajante ou uma intelectual como nas fotos de formação, não é um destino difícil, mas um vislumbre de novas possibilidades:

Enfrente apenas as dificuldades que você realmente encontrar. Não permita, em termos de sentimento, nada além do que corresponde às trocas efetivas ou que seja absorvido pelo pensamento como inspiração. Corte sem piedade tudo o que há de imaginário no sentimento<sup>288</sup>.

Em sua lista de quais tentações não cair está a tentação da vida interior, da abnegação, do domínio e da perversidade<sup>289</sup>. Todas envolvem maneiras de se relacionar com o outro, mas

<sup>285</sup> Apprends à l'être sereinement et joyeusement. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>286</sup> O que nos remete a fala de André sobre a “necessidade de Mime” visualizada na reflexão da mãe com a irmã. Algo que Simone Weil opõe-se, criando uma nova perspectiva sobre as relações.

<sup>287</sup> Norma Telles percebeu aspectos semelhantes em Mary Wollstonecraft, onde visualizou a solidão propiciada pelas viagens como um poder curador (2017, p. 162).

<sup>288</sup> N'entrer aux prises qu'avec les difficultés que tu rencontres effectivement. Ne te permettre, en fait de sentiment, que ce qui correspond aux échanges effectifs, ou bien, est absorbé par la pensée à titre d'inspiration. Couper sans pitié tout ce qu'il y a d'imaginaire dans le sentiment. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>289</sup> Liste des tentations! (à relire tous les matins):

Tentation de la paresse (la plus forte de beaucoup): Ne jamais être lâche devant l'écoulement du temps. Ne jamais [não identificada a palavra em francês, na edição em espanhol está “aplazar”] ce qu'on ce décidé de faire.

Tentation de la vie intérieure: N'entrer aux prises qu'avec les difficultés que tu rencontres effectivement. Ne te permettre, en fait de sentiment, que ce qui correspond aux échanges effectifs, au bien, est absorbé par la pensée à titre d'inspiration. Couper sans pitié tout ce qu'il y a d'imaginaire dans le sentiment.

igualmente importante, a partir delas, Simone Weil faz um convite à autonomia a si mesma ao repensar os sentimentos, tentando criar em si própria um espaço de segurança, ter no horizonte um motivo além da dependência, ações sobre si que envolvem a autoafirmação necessária para continuar o caminho de sua vocação. Não quer dominar e não quer ser dominada, não promete ao outro nada além do que exigirá de si mesma. Esse cuidado de si nos cadernos representa uma liberação dos limites identitários de gênero e das relações intersubjetivas. As condições materiais e a reflexão liberadora presentes em suas escritas de si e autobiografias são os movimentos de vida que Virginia Woolf desejou para as mulheres no seu ensaio *Um quarto só seu*. Os dois artigos que originaram o clássico feminista, apresentado em 1928, falava das condições para a escrita, um espaço só seu e independência econômica como condição material para a autonomia das mulheres. Diante de si mesma, Simone Weil escreveu sobre a alteração radical da experiência, cultivando o hábito da liberdade, com a coragem de escrever exatamente o que pensava, fugindo da sala de visitas, sem se ler pelas lentes limitadas da binariedade de gênero, viu em si mesma a oportunidade de uma realidade possível<sup>290</sup>.

---

Tentation du dévouement: Subordonner aux choses et aux être extérieurs tout ce qui est subjectif, mais jamais le sujet – i.e. le jugement. Ne jamais promettre, ne jamais donner à autrui plus que ce que tu exigerais de toi, si tu étais lui (?).

#### Tentation de la domination

Tentation de la perversité: Ne jamais répondre à un mal par les réactions propres à l'augmenter. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>290</sup> Trecho escrito a partir da seguinte passagem de *Um quarto só seu* de Virginia Woolf: “[s]e tivermos, cada uma de nós, quinhentas libras por ano e quartos só nossos; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que quisermos; se escaparmos um pouco da sala de estar comum e virmos seres humanos nem sempre em relação uns aos outros, mas em relação à realidade; e o céu também, e as árvores e o que quer que seja, por si mesmas; se olharmos para além do bicho-papão de Milton, pois nenhum ser humano deve fechar a janela para a paisagem; se encararmos o fato, pois é um fato, de que não existe um braço no qual se apoiar, mas que seguimos sozinhos e de que nossa relação é com o mundo da realidade e não com o mundo dos homens e das mulheres, então a oportunidade surgirá e a poeta morta que foi a irmã de Shakespeare irá vestir o corpo que já despiu tantas vezes. Extraíndo vida das vidas desconhecidas que vieram antes, como seu irmão fez, ela nascerá” (2020, s/n).

## Considerações finais

*Esta tese não se propõe às problematizações da ordem do universal, nem atemporal. Neste momento, está localizada numa tarde de terça-feira, do mês de junho, onde o corpo que escreve se depara com as dificuldades visíveis e distantes do colocar em palavras aquilo que se pretende dizer. A conclusão que começa agora, antes mesmo do encerramento do texto da tese de doutorado, se dá por uma linha que liga o corpo de quem escreve ao corpo de outras pessoas deste país. O motivo? Uma viajante brasileira de 26 anos passou alguns dias esperando resgate após ter caído a montanha do vulcão Rinjani, na Indonésia. Em pouco mais de 4 anos, muitos acontecimentos acompanharam a escrita deste texto, acontecimentos da ordem política governamental, da ordem da intimidade, da ordem da vida profissional... O corpo que escreve este texto viajou para escrever sobre outra viajante. Juliana, Jessica, Simone. Corpos socializados como mulheres que, mesmo antes de saber o que era isso, o nome mulher já estava dado. E com ele, a experiência no mundo significada – não definitiva, mas presente. Este texto não se propõe universal, nem atemporal, pois é localizado numa tarde de terça-feira, às 16h27, do dia 24 de junho, um dia que nunca mais vai se repetir, assim como esta frase nunca mais será escrita no mesmo tempo que passou. Não ser universal e atemporal não nega a possibilidade de ligação e o desejo impossível de ser e fazer parte – o desejo de não ser deixada para trás.*

A tese de doutorado *Fazer da vida a máxima poesia: escrita, pensamento e ação na trajetória de Simone Weil* não se fez a partir de uma intenção de resgate, ou de dar voz ou de iluminar um percurso. Deu-se a partir do desejo de encontro com o inesperado e da possibilidade de adicionar outra perspectiva à uma trajetória que não foi abandonada, nem esquecida, pelo contrário, que está viva em livros e pesquisas das áreas de filosofia, ciências da religião, psicologia social e estudos literários. Simone Weil não foi esquecida. Apesar de não ser tão editada no Brasil<sup>291</sup>, seus escritos foram traduzidos para diversos idiomas e países, como Estados Unidos, Japão, Itália, Espanha e Inglaterra. Logo após o seu falecimento, em 1943, a família de Simone encarregou-se de disseminar sua obra, possibilitando edições até os dias de hoje de sua obra completa, pela prestigiosa editora francesa Gallimard. A memória de Simone Weil não

---

<sup>291</sup> Há um número considerável de pesquisas de mestrado e doutorado sobre Simone Weil no Brasil nas áreas de Filosofia, Ciências da Religião e Psicologia Social, contando apenas com uma dissertação na área da História no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Acreditamos que nos últimos anos, Simone Weil tem ganhado mais espaço no ambiente acadêmico. Em 2024, no I Colóquio Mulheres que Filosofam, quatro trabalhos sobre ela foram apresentados, com exceção do nosso, “Uma relação não evidente: a descrição do gênero em Simone Weil”, todos eram na área da Filosofia e discutiam temas e conceitos de sua obra, não por uma perspectiva feminista. Ainda assim, nos parece que sua obra tem circulado mais entre pesquisadoras/es e por novas perspectivas.

era escassa, nem pouco acessível quando de nosso primeiro encontro, pois além do empenho familiar, acadêmico e editorial, se encontra Weil nas poesias, nos livros e até mesmo nos filmes<sup>292</sup>. Nesses anos de pesquisa, encontramos uma imensidão de citações e referências sobre ela.

De início, fomos em busca do que havia sobre Simone Weil no Brasil e além das edições para o português brasileiro, encontramos em três pesquisadores, guias para a nossa entrada de compreensão ao seu pensamento: Ecléa Bosi, Fernando Rey Puente e Maria Clara Bingemer. Em cada um, uma forma própria de lidar com Simone Weil, partindo de suas respectivas áreas do conhecimento, a psicologia social, a filosofia e a teologia. Análises competentes e de profundidade, nos abriram o caminho para os interesses de Simone Weil pela militância operária, a filosofia antiga e o cristianismo. Começamos a perceber a operação analítica dos recortes temáticos ao pensamento de Simone Weil através das edições de sua obra e as ausências de publicações de seus cadernos em português brasileiro, que se tornou a principal fonte documental de nossa pesquisa. O campo da recepção editorial de toda a obra de Weil continua em aberto para ser estudado, considerando que as edições mais atuais ainda se dão a partir dos recortes temáticos iniciados das primeiras publicações organizadas por Gustave Thibon e a família Weil. Portanto, há um caminho longo a ser percorrido para compreender as andanças de Weil na elaboração de seu pensamento, as apropriações editoriais e a recepção de sua obra pelo mundo.

Considerando a amplitude do pensamento de Weil – pesquisada, lida e editada em vários países – logo de início percebemos uma importante ausência. Não encontramos elaborações a respeito da biografia de Weil e de sua obra por uma perspectiva histórica, de gênero e feminista. As inúmeras páginas do Google Scholar, do Catálogo de Teses e Dissertações e os bancos de dados acadêmicos a respeito de seu nome nas mais diferentes áreas de pesquisa se dispersaram quando buscamos por gênero, *queer*, feminismo, mulher e Simone Weil. Por esse caminho não havia a circulação de seu nome da mesma forma que em outras áreas, como a filosofia. Simone Weil tem a sua memória viva entre muitos círculos, mas não pelos estudos de gênero. Isso se dá, primeiro, por não ter sido alguém que tenha se aproximado do feminismo do início do século passado e por sua obra não tratar diretamente das questões de gênero. Há também as escolhas editoriais desde as primeiras edições, que tiveram o objetivo de apresentar Simone Weil como pensadora religiosa e mística, como acontece em *O peso e a graça*. Dessa forma, torna-se um caminho óbvio de apropriação pelas áreas onde houve maior interesse e produção de pesquisas.

---

<sup>292</sup> Em *A filha perdida*, filme de 2021, da diretora Maggie Gyllenhaal, adaptação do livro homônimo de Elena Ferrante (2006), há a citação “a atenção é a forma mais rara e pura de generosidade” de Simone Weil.

Simone Weil foi uma filósofa, estudou e traduziu filósofos da Antiguidade. Também se relacionou fortemente com o mundo político e operário do início do século XX, assim como foi uma pensadora e estudiosa das religiões e da espiritualidade. Todos são temas presentes em seus escritos e, por isso, tão estudados.

No entanto, o silêncio sobre o gênero em sua obra nos causou incômodo, assim como a ausência de reflexões sobre a sua experiência como “mulher” no início do século XX, sua inserção no ambiente intelectual e sobre o seu fazer-se pensadora no contexto filosófico e intelectual francês. Nas leituras que tocavam em sua biografia apareciam alguns estereótipos: “marciana”, “virgem vermelha”, “belicosa”, “atrapalhada”, “sem jeito”, “gênio” e “santa”. Todos esses estereótipos erráticos demostravam a ausência de uma abordagem histórica de gênero. Importante ressaltar que esses estereótipos são parte do trabalho de elaboração da memória de Simone por sua família e amigos<sup>293</sup>, em especial a santidade de Simone Weil após a sua morte, sem lugar para o espaço do ordinário e do cotidiano numa criação filosófica autônoma, contraditória, singular e de uma mulher, ou de uma pessoa socializada como uma mulher ou, ainda, de uma pessoa *queer*. Nossa estranhamento diante do silêncio a respeito do gênero se fortaleceu frente ao estranhamento das pessoas contemporâneas a ela que não pareciam compreender como ela poderia querer ser tanto, como bem relatou Claude Lévi-Strauss: “ela me irritava. Era impossível. Era sempre totalmente segura de ter razão. [...] Era frágil fisicamente, mas de certo não intelectualmente! Era belicosa. Uma cerebral pura” (2009, p. 337).

Não foi simples nos aproximarmos de Simone Weil por um caminho inusual, pois constantemente nos deparamos com passagens como a de Lévi-Strauss, nos lembrando da excepcionalidade, da diferença daquela mulher tão cerebral, relegando a ela um espaço fora do ordinário, transcendental muitas vezes. Contudo, permanecia no horizonte uma passagem da carta de Ecléa Bosi ao poeta Moacyr Félix, na qual insiste na presença de Simone Weil no espaço editorial brasileiro por uma via distinta. Bosi apresentou a pessoa militante de Weil para somar forças aos nossos enfretamentos enquanto latinos e brasileiros, pois acreditava que a sua escrita e decisões corajosas como a viagem de Simone à Alemanha pouco antes da ascensão dos nazistas ao poder, sua participação na Guerra Civil Espanhola ao lado dos anarquistas e a experiência de fábrica seriam, conforme Ecléa Bosi, de útil conhecimento para a esquerda brasileira. Importante destacar que até então a recepção de Weil no Brasil era como uma pensadora

---

<sup>293</sup> Para lembrar as passagens de sua mãe, Selma Weil, e de sua amiga e biógrafa, Simone Pétrement, no decorrer de nossa pesquisa.

religiosa. A busca por outra Weil teve adeptos no Brasil. Alfredo Bosi<sup>294</sup>, ao escrever sobre Weil, aproximou seu pensamento ao de Antônio Gramsci, aprofundando suas críticas ao marxismo. Portanto, diante da excepcionalidade e do silêncio sobre o gênero, propomos uma tese com uma nova perspectiva, do falar e ficar *com* o problema.

As inquietações sobre o gênero foram se aprofundando quando percebemos que o silêncio era uma resposta e uma presença. O gênero não destacado na trajetória de Weil não era por acaso, mas uma maneira de se relacionar com a categoria, de forma destoante, dissidente e desafiada. Isso se tornou perceptível no contato com as fontes, de como Simone Weil respondia cartas, se vestia e se comportava a partir de um ideal masculino em sua trajetória desde a infância. Esse corpo em fricção com o gênero demandava contextualização, ser tensionado e escrito. Então, mesmo sem encontrarmos nenhuma pesquisa histórica de abordagem do gênero e do feminismo sobre Simone Weil no Brasil, ampliamos a busca para outros países e pesquisadoras espalhadas pelo mundo. Logo apareceram com novos ângulos, como a italiana Wanda Tommasi, o estadunidense Jacob Lau e a canadense Yoon Sook Cha, auxiliando na percepção sobre a trajetória de Weil e seu pensamento, onde o gênero não era um adendo secundário, mas uma possibilidade de investigação e uma abertura para conhecer Weil pelo silêncio, pelas notas, pelas brechas e pelas margens dos seus cadernos.

Apesar de reconhecermos a importância dos textos teóricos de Simone Weil, eles não foram as fontes para nossa abordagem, embora citados em alguns momentos desta tese. Primeiro conhecemos a versão espanhola de *Cuadernos* (2001)<sup>295</sup>, onde se identificou uma relação com a escrita de forma irregular e não linear. Apesar de sua presença em periódicos do início do século XX, com ensaios e reportagens assinados como Simone Weil ou com seus pseudônimos, Emile Novis e S. Galois, Weil não publicou obras em vida. Contudo, em nossa pesquisa percebemos a sua experiência de vida totalmente conectada com o ato da escrita. Sempre anava com cadernetas, cadernos e folhas. Preparava aulas, corrigia trabalhos, pensava artigos e conferências através da escrita. Mas, encontramos nos cadernos algo totalmente diferente do que esperávamos, distante dos diários clássicos e do ensaio teórico. Simone Weil elaborou uma escrita de si aos moldes antigos, onde explorava seus temas com meditações, reflexões de comportamento e ações sobre si e sobre o mundo. Além de cuidar e inventar a si mesma nos

---

<sup>294</sup> Ver em referências bibliográficas: *Simone Weil: a inteligência libertadora e suas formas* (2009).

<sup>295</sup> Agradecimento especial à pesquisadora e tradutora feminista, Emanuela Siqueira, por nos avisar da presença do livro em Curitiba, na Joaquim Livros & Discos, no início de nossa pesquisa.

cadernos, elaborava projetos de pesquisa, escrevia poesias, desenvolvia personagens e se relacionava com textos diversos reescrevendo-os, transcrevendo-os e traduzindo-os.

A imensidão dos cadernos e suas incontáveis referências, nos apresentaram uma teia de pensamentos diversos, complexos, contraditórios, mas não distanciados da realidade. Foram escritos dia após dia diante de uma vida em movimento, em exílio, em viagens e em contato com outras pessoas. O esforço para se chegar a novas questões, investigações e respostas a partir do seu pensamento está nos cadernos de forma pulsante, em elaboração e em execução. Nisso, percebemos o desejo e a vontade de narrar, escrever a si e o mundo por meio de perguntas, inquietações, planos e tentativas de existir num mundo entreguerras e em guerra. Simone Weil esteve e quis estar muito próxima dos conflitos, causando assombro por suas atitudes de audácia e coragem, colocando-se em risco. No entanto, não agiu somente diante dos conflitos externos, políticos e sociais, mas também os conflitos da ordem da reinvenção da sua subjetividade pelo gênero, como diante do gênio e do intelectual. Audácia, posicionamentos, escolhas desconcertantes e a intensa dedicação ao pensamento e à ação causaram a estranheza e, por isso, Simone Weil só poderia ser de outro mundo, uma “marciana” ou uma “virgem vermelha”.

À vista dessa “esquisitice”, foi necessário retomar a sua biografia para entender como o gênero operou em sua vida e como ela inventou a si mesma já na família e depois nos diferentes meios e contextos. Procuramos compreender a sua subjetividade em relação com a escrita, como expressou-se em linguagem filosófica, encontrando no fragmento e nas notas uma possibilidade de inscrever sua subjetividade dissidente, seus interesses e apropriações filosóficas e espirituais. Na rigidez de um modelo ético que estabeleceu para si – não de forma linear ou prescritiva – encontramos uma fluidez, um movimento, uma autonomia em conflito. Não criou um modelo a ser seguido por outras pessoas, pois os cadernos foram espaços de uma escrita meditativa e um espaço para treinar-se e conhecer-se. Não transcendeu as categorias sociais, mas as reinventou, como se deu com o gênero e com a classe, pois queria abdicar dos privilégios e viver a sua culpa branca<sup>296</sup>, lembrando-a a todo momento que tinha para onde voltar, caso fosse necessário; seu amparo materno-familiar-burguês continuava à sua espera.

---

<sup>296</sup> Não utilizamos esse termo por acaso. Apesar de ser comum em nossa contemporaneidade, a construção da branquitude europeia está presente na culpa burguesa de Simone Weil, refletida por ela em seus textos sobre o colonialismo: “Eu nunca vou esquecer o momento em que, pela primeira vez, senti e entendi a tragédia da colonização [...] sobre as condições de vida dos anamitas: a miséria, a escravidão, a insolência nunca punida dos brancos. [...] Desde aquele dia, não consigo encontrar um indochinês, um argelino ou um marroquino, sem ter vontade de pedir perdão. Perdão por todas as dores e todas as humilhações que fizemos o povo deles sofrer” (2019, p. 54-55). Passagem presente no projeto de artigo *Quem é culpado pelas iniciativas antifrancesas?*, de 1938, e publicado na edição brasileira de *Contra o colonialismo* (2018), da Bazar do Tempo, com tradução de Carolina Selvatici. O colonialismo e o anticolonialismo em seus textos é uma perspectiva em aberto para ser pesquisada, a começar pela

Simone Weil tinha uma base afetiva e material, construída e mantida por outra mulher, sua mãe, que permitiu a ela viver suas experiências de aventura e de conhecimento, de militância e de política, seguindo ideais masculinos sem necessariamente negar que era uma mulher, em conflito, em fricção, em movimento. Dessa forma, a conciliação entre transgressão e obediência foi um dos muitos desafios desta tese. Essas contradições ajudam a liberar a imagem de Simone do estereótipo, pois tornam-na mais humana, menos rígida, mais contraditória, incoerente e irregular. Como nos lembra Montaigne, “somos todos feitos de peças separadas, e num arranjo tão disforme e diverso que cada peça, a todo instante, faz seu próprio jogo” (2010, p. 210). Tentamos nesta tese seguir o desejo de Weil em enfrentar e escapar, apresentando as nuances dessas ações através de nossa perspectiva – também limitada diante de uma trajetória com tanta intensidade de uma vida tão curta.

Parte do seu tempo, não além dele, Simone Weil seguiu os anseios e movimentos de sua geração, voltando-se à formação intelectual acadêmica, mas tentando abandonar os privilégios burgueses ao se aproximar “dos sentimentos reais” e “dos homens reais”. Proletarizou-se, foi ao campo e às fábricas para se aproximar do que considerava verdadeiro. Esse desejo de “vida real” aparece logo no início da sua juventude. Suas escolhas acontecem em detrimento dos ideais burgueses do casamento e da maternidade, dessa forma, Simone Weil parece ter encontrado uma saída das negociações e conciliações de classe e de gênero escapando dos seus ambientes e compromissos de origem, construindo para si uma experiência de vida comprometida com o que chamou de vocação intelectual.

Além disso, identificamos em Simone Weil uma relação com o gênero destoante, estabelecendo-se diante da performance de gênero reiterada nas experiências, uma dissidência. Não se localizou ou se nomeou enquanto homem, mas em vários períodos viveu como um, teve atitudes viris para o período e abandonou a feminilidade, pairando nas zonas de abjeção levantadas por Butler. Em seu período, Simone Weil não estava enquadrada no binarismo de gênero e diante disso, pairou o silêncio e a naturalização. Mesmo sem conseguir nomeá-la, estabeleceremos um diálogo com essa experiência, conectando-a com o período e encontrando na descrição uma via para pensar o gênero. Simone Weil, no mesmo momento em que começa a escrever sobre a descrição, escreveu que a divisão em dois “sexos” era a desgraça da criatura. Então, apresenta a descrição enquanto um desfazer, um recriar de possibilidade de estar no mundo. Aproximamos, portanto, a sua palavra/ação de uma epistemologia feminista e *queer*, onde

---

presença da culpa e da responsabilização nos textos de Simone Weil. Também, a sua relação de estudo e apropriação de religiões não ocidentais pela via dos estudos pós-coloniais é uma via a ser discutida.

compreendemos que descrição em sua experiência escrita foi um movimento contraidentitário, ético e estético de vida.

Em nossa pesquisa, tivemos a possibilidade de não só olharmos para as edições em livros da obra de Weil, mas conhecer seu acervo, estudar por três meses os seus manuscritos na Biblioteca Nacional da França, em 2024. Em seus 34 anos, Simone Weil se utilizou da escrita das mais diversas formas, o material coletado e registrado abre possibilidades de compreensão da sua relação com a escrita em frentes como a literatura ficcional, a poesia e a teoria política. Apesar de já conhecermos grande parte dos seus cadernos pelas edições que detínhamos do espanhol, foi de fundamental importância visitar o acervo, ter a real compreensão da dimensão da sua escrita e ver como ocupou a materialidade daquelas folhas. Além de ter contato com outros tipos de fontes como cadernetas, folhas de rascunho, diários e cartas.

Em sua escrita de si identificamos a maior expressão de sua relação com o “eu”, im-pessoal, reinventado, fragmentário e interessado em agregar filosofia, espiritualidades, literatura e política na construção da vida como obra de arte. Simone Weil se questionou em diversos momentos: “como tornar a vida semelhante a uma obra musical perfeita ou a um poema?” (Caderno 2 de Marselha, de 1941)<sup>297</sup>. E afirmou: “fazer da própria vida a máxima poesia. Para isso é necessária uma técnica, tal como na pintura ou na música” (Caderno 8 de Marselha, de 1942)<sup>298</sup>.

Questionamentos e afirmações que levam o pensamento para o campo da reflexão e do esforço, do desejo e da ação e dos consequentes riscos. Ligar pensamento e ação, o que se acredita no que se faz é um movimento arriscado, difícil, audacioso – que nos lembra os cínicos e as ordens mendicantes trabalhadas por Foucault. Entre escrever e ser há o espaço do mistério, mas nos concentrarmos naquilo que a escrita mostra, de forma intrigante, o desejo. Simone Weil desejou ser uma poesia em vida de forma despojada e descriada, mas não destruída. O desejo estava registrado por caminhos não regulares, mas às margens e nas notas dos cadernos, tendo a escrita e a escritora como um meio dessa elaboração, o *metaxu* indispensável para essa experiência de vida chegar até os nossos dias.

Entre contradições, desejos, transgressões e obediências, Simone Weil encontrou no movimento entre espaços, leituras e categorias uma possibilidade de existência subjetiva

<sup>297</sup> Como hacer que la vida sea similar a una obra musical perfecta o a un poema? (2001, p. 121 – Caderno 2 de Marselha, de 1941).

<sup>298</sup> Faire de la vie elle-même la suprême poésie. Pour cela aussi il faut une technique, comme pour la peinture ou la musique. (Caderno 8, Inéditos, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

inventiva e autônoma. Não ficou presa na binariedade e nos limites de sua classe e gênero, exigiu de si e do mundo outra possibilidade de ser – descriar para ser algo além, sem forma, algo ainda em aberto.

Além da continuação do estudo sobre a construção de sua memória em contato com a família, pretendemos continuar a pesquisa a respeito dos sentimentos em Weil, como o amor e a amizade; sendo sinônimos, operam mais um descriar e desfazer das relações de gênero em sua obra, transgredindo as necessidades burguesas do casamento e da maternidade enquanto vias de autonomia de pensamento e relação intersubjetiva. Simone Weil pensou o amor em seus cadernos a partir da recusa ao poder e domínio sobre o outro: “não se apropriar do que se ama... Não mudar nada... Recusar o poder”<sup>299</sup>. O amor também tinha ligação com reflexões espirituais, mais um componente de sua visão holística da prática relacional com o mundo:

A plenitude do amor ao próximo é simplesmente ser capaz de perguntar-lhe “Qual é o teu tormento?” É saber que a desgraça existe, não como uma unidade de uma coleção, não como um exemplar da categoria social rotulada “infeliz”, mas como ser humano, exatamente semelhante a nós, que um dia foi golpeado e ferido pela desgraça com uma marca incomparável. Para isso é suficiente, mas indispensável, saber pousar sobre ele um determinado olhar. Esse olhar é, antes de tudo, um olhar atento<sup>300</sup>.

Simone Weil repetia nos cadernos a pergunta “qual o teu tormento?”, assim como a pergunta de Jesus Cristo na Cruz: “Pai, por que me abandonaste?”. Tinha como objetivo reescrever os enigmas como meditações. Relacionou essas perguntas ao que via de miséria e desgraça no mundo, não deslocando a sua atenção para um mundo além, mas para o seu próprio mundo, mobilizando a atenção como uma forma de olhar e ouvir atentamente a si e ao outro, uma forma de amar o mundo. Adrienne Rich parece perguntar à Weil em seus poemas: “qual o teu tormento?”, diante da pergunta, a contradição e a presença do silêncio, também tentando captar alguma imagem, algum *flash* e perspectiva sobre uma trajetória do passado que nos mantém atentas, inquietas, em escuta e em relação.

---

<sup>299</sup> Ne pas s'approprier ce qu'on aime... Ne rien y changer... Réfuser la puissance. (Caderno 1, de 1933-1934, consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

<sup>300</sup> La plénitude de l'amour du prochain, c'est simplement d'être capable de lui demander "quel est ton tourment ?" C'est savoir que le malheureux existe, non pas comme unité dans une collection, non pas comme un exemplaire de la catégorie sociale étiquetée "malheureux", mais en tant qu'homme, exactement semblable à nous, qui a été un jour frappé et marqué d'une marque inimitable par le malheur. Pour cela il est suffisant, mais indispensable, de savoir poser sur lui un certain regard. Ce regard est d'abord un regard attentif. (Manuscrito do ensaio *Réflexion sur le bon usage des études scolaires en vue de l'amour de Dieu* consultado no Fundo Simone Weil da BnF).

## REFERÊNCIAS

### Fontes

Fundo Simone Weil (Biblioteca Nacional da França):

Manuscrito de *A un jour*, 1938.

Manuscrito de *Quelques réflexion autour de la notion de valeur* (1941).

Manuscrito de duas versões de *Lettre aux Cahiers du Sud sur Les responsabilités de la littérature* (1941).

Manuscrito de *Littérature et morale* (1941).

Manuscrito de *Réflexion sur le bon usage des études scolaires en vue de l'amour de Dieu* (1942).

Caderno *Cahier d'écolier*, sem data.

Cópia de duas cartas de Alain, de 1927.

Cópia de cartas de Alain sobre Pierre, Léon e Michel Lettelier, sem data.

Manuscritos de *Philosophie avant-guerre*: notas de aulas e cursos sobre Epicuro, Platão e Diógenes, sem data.

Caderno de poesia, sem data.

Cadernetas (Caixa Agendas).

Diário de Fábrica, 1934-1935.

Diário da Espanha, 1936.

Carta para Joë Bousquet, 1942.

Carta para Joseph-Marie Perrin, 1942.

Carta para Jean Posternak, 1937.

Carta para Maurice Schumann, 1942.

Cartas para Gustave Thibon, 1941 e 1942.

Carta para estudantes, 1934-1935.

Carta a Guillaume Guindey, 1940.

Carta a George Bernanos, de 1938

Passaporte de Simone Weil.

Caderno 1, de 1933-1934.

Caderno 2, de Marselha, de 1941.

Caderno 3, de Marselha, de 1941.

Caderno 4 de Marselha, de 1941.

Caderno 5 de Marselha, de 1941.

Caderno 6 de Marselha, de 1941.

Caderno 7 de Marselha, de 1942.

Caderno 8 de Marselha, de 1942.

Caderno 9 de Marselha, de 1942.

Caderno 10 de Marselha, de 1942.

Caderno 8, Inédito.

Caderno 11, Inédito.

Caderno 14, Inédito.

Caderno 14 de Nova Iorque, de 1942.

Caderno 15 de Nova Iorque, de 1942.

Caderno de Londres, de 1943.

Caderno *Dieu dans Platon II*.

Caderno *Cours de Sévigné*.

Fundo Simone Pétrement (Biblioteca Nacional da França):

Carta de Selma Weil, 1945, São Paulo.

Acervo Moacyr Félix (Fundação Casa de Rui Barbosa):

Carta de Ecléa Bosi, 1979.

Edições:

WEIL, Simone. **Espera de Deus: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942.** Tradução de Karin Andrea Guise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

WEIL, Simone. **Cuadernos.** Traducción, comentarios y notas de Carlos Ortega. Madrid: Editorial Trotta, 2001.

WEIL, Simone. **La condition ouvrière.** Les Éditions Gallimard, 1951.

WEIL, Simone. **O peso e a graça.** Tradução de Leda Cartum. Belo Horizonte, MG: Chão de Feira, 2020.

WEIL, Simone. **Seventy Letters.** Translated and arranged by Richard Rees. London: Oxford University Press, 1965.

WEIL, Simone. **Œuvres complètes. Tome IV : Écrits de Marseille (1940–1942).** Volume 1. Édition de Robert Chenavier, avec collaboration de Monique Broc-Lapeyre et al. Paris: Gallimard, 2008.

WEIL, Simone. **Œuvres complètes. Tome VII: Correspondance.** Volume 1, Correspondance Familiale. Édition de Robert Chenavier et André A. Devaux, avec collaboration de Marie-Noelle Chenavier-Jullien, Annette Devaux e Olivier Rey. Paris: Gallimard, 2012.

## Referências de figuras

Figura 1 – Caderno de rascunho, página 37. Entre 1915 e 1918. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 2 - Simone Weil no Liceu Henri IV, em 1926. KLOPP, Gérard. *Le Lycée Henri-IV*. Paris: Collectif, 1996.

Figura 3 – Marie Curie durante a Conferência de Solvay sobre Mecânica Quântica, em 1927. Fotografia de Benjamin Couprie, direitos do International Solvay Institutes, Bélgica. Disponível em: [http://www.solvayinstitutes.be/html/photo\\_gallery\\_solvayconf\\_physics.html](http://www.solvayinstitutes.be/html/photo_gallery_solvayconf_physics.html). Acesso em agosto de 2025.

Figura 4 – Caderno de Poesia, Sem data. Na capa: *Brouillons de Vers* (Rascunhos de Versos). Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 5 – Caderno 10 de Marselha, de 1942. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figuras 6 e 7 – Caderneta Preta presente na Caixa “Agendas” e capa do Caderno 8 da Caixa de “Inéditos”. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 8 – Uma das folhas dos vários manuscritos do poema *A um dia* (apenas a primeira página). Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 9 – Caderno 1. A capa possui a descrição *Ne compte pas* (não conta) em uma etiqueta colada por Weil, de 1933-1934. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 10 – Caderno 1, 1933-1934. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 11 – Caderno 1, 1933-1934. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 12 – Caderno *Cours de Sévigné*, de 1922. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 13 – São Francisco de Assis por Giotto di Bondone (1266-1337). Afrescos de Giotto di Bondone na Basílica Maior de Assis, são 28 obras que retratam momentos importantes da vida de Francisco. Informação do site: franciscanos.org.br.

Figura 14 – Sobre Joana d’Arc Weil escreveu na primeira linha: “Ela era doce e bonita, um rosto gracioso”, em *Cahier d’écolier*. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 15 – Passaporte de Simone Weil. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 16 – *La Révolution prolétarienne: revue mensuelle syndicaliste communiste*. 10 de outubro de 1932. Disponível em: BnF Gallica <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k64652232?rk=321890;0>. Acesso em agosto de 2025.

Figuras 17 e 18 – Diário de fábrica, 1934-1935. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 19 – Diário da Espanha, de 1936. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figuras 20 e 21 – Diário da Espanha, de 1936. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 22 – Simone Weil na Espanha após participação na Guerra Civil Espanhola. PÉTREMENT, Simone. Vida de Simone Weil. Madrid: Editorial Trotta, S. A; 1997.

Figura 23 – Caderneta da Itália, de 1937. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

Figura 24 – Caderneta. Sem data. Fundo Simone Weil no Arquivo do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França.

## Referências bibliográficas

- ADELMAN, Miriam; SOUZA, Milena Costa. **Apontamentos sobre “queer” em Jagose**. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Organizadoras). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970 – 2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora UFSC, 2017.
- AGUIAR, Daniella; QUEIROZ, João. **Cubismo e o fluxo do pensamento em Gertrude Stein**. Revista Todas as Letras Z, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 51-69, maio/ago, 2015.
- AKHMÁTOVA, Anna. **Antologia poética**. Seleção, tradução, apresentação e notas de Lauro Machado Coelho. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.
- ALEGRE, Gabriela Wezka Porto. **Veneza Salva Poesia e dramaturgia em Simone Weil**. Porto Alegre: Class, 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. **Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana**. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Organizadoras). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970 – 2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora UFSC, 2017.
- ARAÚJO, Flora Morena Maria Martini de. **Práticas da escrita e criação de si: uma leitura das obras de Madame de Staël**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. Porto Alegre: Editora Globo S. A; 1984.
- ÁVILA, Eliana de Souza. **Esquisita(r) demais a escritora: notas sobre a teorização queer**. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Organizadoras). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970 – 2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora UFSC, 2017.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltenir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOZA, Breno Guimarães. **Nós, estranhes: estudos feministas da tradução e/m queer~cu~ir**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. E-book.
- BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Tradução de Sergio Milliet. 2<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BEZERRA, Isabella Giordano. **A vida após a morte de Sylvia Plath: mutilação de uma obra, censura de uma vida.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 31, n. 2, e86619, 2023.

BLANCHOT, Maurice. **The infinite conversation.** Translation and foreword by Susan Hanson. University of Minnesota Press, 1993.

BONA, Camila de; RIBEIRO, Pablo Nunes. **Sobre a produtividade e a semântica do prefixo des- no português brasileiro atual.** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 611-634, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/Tj9FgNNhkTLdZHhStPXRCst/?lang=pt>. Acesso em junho de 2025.

BOSI, Alfredo. **A inteligência libertadora e suas formas.** In: BINGEMER, Maria Clara de Lima Lima (org.). Simone Weil e o encontro entre as culturas. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Paulinas, 2009.

BOSI, Ecléa. **Simone Weil: a condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Tradução de Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”.** Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições e crocodilo edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CAMUS, Jean-Yves. **Intégrisme catholique et extrême droite en France: le parti de la contre-révolution (1945-1988).** Lignes, Paris, n. 4, p. 76-89, out. 1988.

CARSON, Anne. **Decreation: Poetry, Essays, Opera.** New York: Alfred A. Knopf, 2005.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Tradução Ingrid Müller Xavier. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHA, Yoon Sook. **Decreation and the Ethical Bind: Simone Weil and the Claim of the Other.** New York: Fordham University Press, 2017.

CITRO, Danilo. **Kant e o gênio na filosofia.** Revista Kínesis. V. 1 n. 02, 2009.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa (1975).** In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Organizadoras). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970 – 2010).** Florianópolis: EDUFAL; Editora UFSC, 2017.

COLLEL, Laia Aparicio. **Los cuadernos de Simone Weil: escritura en acto.** Revista Ápeiron. Estudios de Filosofía. N.º 5 – Octubre, 2016.

DAIGLE, Julie. **Lire la nécessité: Obéissance, liberté et décréation chez Simone Weil.** Tese (doutorado). Universidade de Ottawa, Escola de Estudos Políticos e Faculdade de Ciências Sociais, 2020.

D'INCÃO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: BASSANEZI, Carla; PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DOSSE, François. **La saga des intellectuels français**. II. L'avenir en miettes (1944-1989). Paris: Gallimard, 2018.

DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. Tradução de Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023. E-book.

ESTELRICH, Bartolomeu. **Filosofia como exercício espiritual: Simone Weil e Pierre Hadot**. In: BINGEMER, Maria Clara L. (Organizadora). **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio: Paulinas, 2009.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. Tradução de Marcello Lino. 2. ed. São Paulo: Intrínseca, 2021.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2015.

FAVRET, Mary A. **Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway, and Denmark: traveling with Mary Wollstonecraft**. In: JOHNSON, Claudia L. (ed.). **The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FRANCO, Stella Maris Scatena. **Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina**. Cadernos Pagu (50), 2017.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros**. Curso no College de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta e tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e poder**. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O que são as luzes?** (1984). In: Ditos e escritos VI: Repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GARCIA, Marília. **Pensar com as mãos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2025.

GIRARDET, Raoul. **L'héritage de l'“Action française”**. In: Revue française de science politique, Paris, v. 7, n°4, p. 765-792, 1957.

GUIMARÃES, Miguel Ângelo. **A metáfora do hóspede: a experiência mística e a recriação do “si mesmo”.** In: BINGEMER, Maria Clara L. (Organizadora). **Simone Weil e o encontro entre as culturas.** Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio: Paulinas, 2009.

GROSZ, Elizabeth. **Experimental desire: rethinking queer subjectivity.** In: COPJEC, Joan. *Supposing the subject.* England: Verso, 1994.

HIGONNET, Anne. **Las mujeres y las imágenes. Apariencia, tiempo libre y subsistencia.** In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dirección). **Historia de las mujeres El siglo XIX.** España: Taurus, 1991.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno.** Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna J. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Tradução de Mariza Corrêa. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p.7-41, 2009.

HOBSBAWM, Eric J. (org.). **O marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia. História do Marxismo**, vol. 9. Tradução de Carlos N. Coutinho, Luiz S. N. Henriques e Amélia C. Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JAGOSE, Annamarie. **Queer.** In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Cláudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Organizadoras). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970 – 2010).** Florianópolis: EDUFAL; Editora UFSC, 2017.

LAGRAVE, Rose-Marie. **Una emancipación bajo tutela. Educación y Trabajo de las mujeres en el siglo XX.** In. DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Historia de las mujeres en Occidente.** Traducción de Marco Aurelio Galmarini. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, S. A.; 2000.

LAU, Jacob R. **Transition as Decreation: A Transfeminist Phenomenology of Mixed/Queer Orientation.** Graduate Journal of Social Science Sept. 2018, Vol. 14, Issue 2, pp. 24–43 This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NoDerivs 3.0 Unported License. ISSN: 1572–3763.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis.** Tradução de Marcos de Castro. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LESBOS, Safo de. **Hino a Afrodite e outros poemas.** Tradução e organização de Giuliana Ragusa. São Paulo: Hedra, 2021.

LETERRE, Thierry. **Alain, le premier intellectuel.** Paris: Stock, 2006.

LIGNANI, Cássio Oliveira. **Bernanos: Católico e Antimoderno.** Teoliteraria – Revista de Literaturas e Teologias, 10(22), 238-255, 2020.

LIMA, Ana Cecília Acioli. **Monique Wittig e a ficção da natureza.** In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Cláudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Organizadoras).

**Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970 – 2010).** Florianópolis: EDUFAL; Editora UFSC, 2017.

LOSURDO, Domenico. **A luta de classes: uma história política e filosófica.** Tradução de Silvia de Bernardinis. São Paulo: Boitempo, 2015. E-book.

LUZ, José Luís Brandão. **Simone Weil e a grandeza da infelicidade humana.** In: Razão e liberdade. Homenagem a Manuel José do Carmo Ferreira. CFUL, Lisboa, 2009.

MARCHETTI, Adriano. **Simone Weil. Poetica atenta.** Napoli: Liguori, 2010.

MARINO, Mariana. **não sei quem colocará as mãos em mim.** Curitiba: Kotter Editorial, 2022.

MARIZ, Débora. **O corpo e o trabalho na obra de Simone Weil.** Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.

MATTOS, Thiago. **Os Cahiers de Simone Weil no Brasil: uma presença por vir.** FlorAção, Revista de Crítica Textual do Labec-UFF. v. 1 n. 1. 2021.

**Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade (1982).** Verve, 5: 2060-277, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sentido y sinsentido.** Traducción de Narcís Comadira. Edicions 62 s/a: Provenza, Barcelona, 1977.

MYRRHA, Vânia de Paula e Silva. **Alain e a arquitetura: uma contribuição para a história das relações entre arte e arquitetura.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2011.

NASCIMENTO, Julia Raiz do. **Que tipo de witness comitude seria essa? Traduzindo os ensaios de Anne Carson.** Tese (Doutorado em Estudos Literários), Universidade Federal do Paraná, Setor Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba, 2022.

NASH, Mary. **Mujeres en España y en Hispanoamérica contemporánea.** In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Historia de las mujeres en Occidente.** Traducción de Marco Aurelio Galmarini. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, S. A; 2000.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Aniquilamento e descrição: uma aproximação entre Marguerite Porete e Simone Weil.** Trans/Form/Ação, Marília, v. 42, p. 193-216, 2019.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PÉTREMENT, Simone. **A Life of Simone Weil.** Translated by Raymond Rosenthal. New York: Pantheon Books, 1976.

PÉTREMENT, Simone. **Vida de Simone Weil.** Madrid: Editorial Trotta, S. A; 1997.

PIRUCCELLO, Ann. **Force or fragility? Simone Weil and two faces of Joan of Arc.** In: ASTELL, Ann W; WHEELER, Bonnie. **Joan of Arc and Spirituality.** Palgrave MacMillan, 2003.

PLATÃO. **O Banquete.** Tradução, introdução e notas de Anderson de Paula Bortes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PLATÃO. **Alcibiades I.** Tradução, apresentação, guia de leitura e notas de Celso Vieira; introdução de Julia Annas. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Penguin-Companhia, 2022.

PLOTINO. **Enéadas I e II.** Introdução, tradução e notas de Juvino A. Maia. João Peddoa: Ideia, 2021.

PRINS, Baukje; MEJER, Irene Costera. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler.** Entrevistada: Judith Butler. Revista Estudos Feministas, 10(1), 155, 2002. Entrevista.

PUENTE, Fernando Rey. **A matemática como ‘metaxu’ entre a Grécia e o cristianismo.** In: Maria Clara Bingemer. (Org.). **Simone Weil e o encontro entre as culturas.** São Paulo/Rio de Janeiro: Paulinas/Editora PUC Rio, 2009.

PUENTE, Fernando Rey. **Exercícios de atenção: Simone Weil leitora dos gregos.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PUENTE, Rey Fernando. **Simone Weil e a filosofia como transformação de si.** In: IPI-RANGA JÚNIOR, Pedro; GARRAFFONI, Renata Senna; BRANDÃO, Bernardo. **Modos de vida: crenças, afetividades, figurações de si e do outro.** Belo Horizonte: Crisálida, 2017.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

ROUGEMONT Denis de. **Penser avec les mains.** In: *Cahiers de la saison*, Genève, janvier 1946.

RICH, Adrienne. **Collected poems: 1950–2012.** Edited by Claudia Rankine and Honor Moore. New York: W. W. Norton & Company, 2016.

RICH, Adrienne. **Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão.** In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Organizadoras). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970 – 2010).** Florianópolis: EDUFAL; Editora UFSC, 2017.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. E-book.

SALES, Erinaldo. **O conceito de gênio na filosofia.** Revista Cadernos Paranoá. v. 2. n. 2, 2006.

SANTOS, Carolina Fernanda Antunes dos. “**Eu sempre agradeci a Deus por não ser uma mulher**”: Gertrude Stein, uma escritora queer no início do século XX. Dissertação

(Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2023.

SCOTT, Joan W. **Experiência**. Tradução de Ana Cecília Adoli Lima. In: **Falas de Gênero: Teorias, análises e leituras**. Organização de Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. Disponível em: [https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan\\_Scoot-Experiencia.pdf](https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scoot-Experiencia.pdf). Acesso em junho de 2025.

SIQUEIRA, Emanuela Carla. **Traduzir como forma de ensaiar desaparecimentos: poemas e fragmentos de Elise Cowen**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Letras, 2024.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: **Por uma história política**. RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SIRINELLI, Jean-François. **Génération intellectuelle: khâgneux et normaliens dans l'entre-deux-guerres**. Paris: Fayard, 1988.

SOHN, Anne-Marie. **Los roles sexuales en Francia y en Inglaterra: una transición suave**. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Historia de las mujeres en Occidente**. Traducción de Marco Aurelio Galmarini. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, S. A; 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação: e outros ensaios**. tradução Denise Bottman. 1<sup>a</sup>ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SONTAG, Susan. **Diários II: (1964 – 1980)**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. E-book.

TIRKAWI, Tasnîm. **La psychè sur la page: l'expérience du carnet chez Simone Weil**. Mémoire (Mestrado em Artes e Literatura Comparada). Université de Montréal, Faculté des Arts et des Sciences, Département de littératures et de langues du monde, 2020.

TELLES, Norma. **Mulheres viajantes: sete jornadas insólitas**. São Paulo: Annablume, 2017.

THÉBAUD, Françoise. **La Primera Guerra Mundial: ?la era de la mujer o el triunfo de la diferencia sexual?** In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Historia de las mujeres en Occidente**. Traducción de Marco Aurelio Galmarini. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, S. A; 2000.

TOMMASI, Wanda. **Cosmos: la experiencia del cuerpo femenino en Simone Weil**. Traducción de María-Milagros Rivera. Duoda Revista d'Estudis Feministes, n. 5, 1993.

VENAYRE, Sylvain. **Rêves d'aventures: 1800-1940**. Paris: Éditions de La Martinière, 2006.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine: memória de mulheres**. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

VIEIRA, Priscila Piazzentini. **A coragem da verdade e a ética do intelectual em Michel Foucault.** Campinas, SP, 2013.

WALLACE, Cynthia R. **The literary afterlives of Simone Weil: feminism, justice, and the challenge of religion.** New York: Columbia University Press, 2024.

WEBER, Eugen. **Action Française: royalism and reaction in Twentieth-century France.** Stanford, California: Stanford University Press, 1962.

WEIL, André. **The apprenticeship of mathematician.** Translated from the French by Jennifer Gage. Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1992.

WEIL, Simone. **Contra o colonialismo.** Tradução de Carolina Selvatici. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

WEIL, Sylvie. **Chez les Weil: André et Simone.** Paris : Buchet/Chastel, un département de Meta-Éditions, 2009.

WEININGER, Otto. **Sexo e Caráter.** Tradução Independente de Ladislau Löb do original no alemão, 1903.

WITTIG, Monique. **O pensamento straight.** Tradução de Ana Cecília Acioli Lima. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Organizadoras). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970 – 2010).** Florianópolis: EDUFAL; Editora UFSC, 2017.

WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios.** Tradução e organização Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WOOLF, Virginia. **Um quarto só seu: & três ensaios sobre as grandes escritoras inglesas: Jane Austen, George Eliot, Charlotte e Emily Brontë.** Tradução e seleção de textos de Julia Romeu. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. E-book.

WORMS, Frédéric. **Qual “Crise do espírito”, de 1914 até hoje.** Tradução de Paulo Neves. Artepensamento IMS, 2015. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/qual-crise-do-espírito-de-1914-ate-hoje/>. Acesso em maio de 2025.

ZARETSKY, Robert. **The subversive Simone Weil: a life in five ideas.** Chicago: The University of Chicago Press, 2021.

